UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**Recrutamento em movimentos de alto risco:
o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua**

Maria Mercedes Salgado de Azevedo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Política

Orientadora: Profa. Dra. Angela Alonso

Assinatura:

São Paulo
2016

Nome: SALGADO, Maria Mercedes

Título: **Recrutamento em movimentos de alto risco: o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em: 16 de março de 2016

Banca Examinadora

Profa. Dra. Angela Maria Alonso
Julgamento: Aprovado

Instituição: FFLCH - USP
Assinatura:

Prof. Dr. Brasília João Sallum Junior
Julgamento: Aprovado

Instituição: FFLCH - USP
Assinatura:

Prof. Dr. Breno Marqués Bringel
Julgamento: Aprovado

Instituição: UERJ
Assinatura:

Às pessoas que morreram na luta pela liberdade da Nicarágua

A meus filhos Ana Isabel e Gabriel Eduardo

AGRADECIMENTOS

Em 1969, conheci a Sociologia por influência de um sociólogo norte-americano, o padre Arthur Nichols, que cumprindo missão religiosa, encontrava-se em uma comunidade indígena da Guatemala, Cabricán, aonde cheguei para servir como voluntária. A inspiração foi tanta, que ao voltar à Nicarágua, procurei por todos os meios uma universidade, de preferência pública, em que pudesse cursar a carreira de Sociologia.

Duas vezes tentei concluir meus estudos de Sociologia, em 1970, na Universidade Paul Valéry, Montpellier, França, e 1973, na Universidade de São Paulo, sem sucesso. Outras escolhas que considerei mais urgentes me levaram por outros caminhos. Finalmente, em 2008, consegui terminar a graduação e, em 2016, estou depositando minha dissertação de mestrado.

Nessa longa caminhada, agradeço ao à minha mãe, Gioconda (*in memoriam*) e ao meu pai, Manuel Antonio, que sempre apoiaram minhas decisões e projetos, incentivando-me a realizá-los. Aos meus irmãos e irmãs que, durante o mestrado, ouviram com atenção minhas descobertas e dúvidas.

À família Azevedo, pela amizade que nos une há mais de 40 anos, especialmente a Alceu Fernando, pai dos meus filhos, pelo apoio e torcida.

Meu profundo agradecimento à professora Angela Alonso pela orientação clara, precisa e profissional. Sua assistência e dedicação foram de incalculável valor para minha iniciação no ofício acadêmico.

À professora Débora Alves Maciel, pelos comentários na banca de qualificação e nos seminários, e pelos sábios conselhos nas conversas informais. Ao professor Brasília Sallum Junior, por sua contribuição na banca de qualificação e permanente torcida.

A Catalina González, Rafaela Pannain, Gabriela Martins, Rafael de Souza, Carlos Dias e Isaias Alves, pela ótima convivência e pelas críticas e observações que muito apreciei.

A Sara Tufano, pela ousadia e confiança. A Ivany Maluf, Fernanda Coelho, Ana Muller e Samuel Aarão Reis, pela amizade e estímulo.

À comandante guerrilheira Mónica Baltodano, por sua obra, construída com paciência e dedicação, que serviu de material empírico para esta pesquisa.

À Ligia Rodrigues, cuja doação de um lote de livros sobre a Revolução Popular Sandinista, editados nos anos 1980, foi muito valiosa para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Laura Gianecchini, que revisou esta dissertação com seu olhar treinado, melhorando a compreensão do texto para o leitor.

Ao Gustavo Mascarenhas, secretário do Programa de Pós-graduação em Sociologia, pela presteza com que sempre atendeu meus requerimentos e esclareceu minhas dúvidas.

Ao governo democrático brasileiro, que determinou a aplicação da Lei de Anistia, permitindo meu retorno ao curso de Sociologia da Universidade de São Paulo.

ANDRÉS

*Andrés
Tu piedra es mi esperanza.
Ha pasado un siglo y ya lo ves,
todo lo mismo.
Pudo más el oro que la sangre.
Toda tu tierra, Andrés.
Desde los lagos al Coco,
desde el Cabo hasta el San Juan.
Es una sola lágrima donde la Patria llora.
Lanza la piedra.
¡Lánzala!
A un siglo de distancia, el enemigo,
es el mismo.*

FERNANDO GORDILLO

RESUMO

SALGADO, Maria Mercedes. **Recrutamento em movimentos de alto risco: o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua.** 2016. 189 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O objetivo dessa pesquisa é explicar quais os motivos que levaram os ativistas da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua a se engajarem em um movimento de alto risco. Argumenta-se que o recrutamento ocorreu nas diferentes fases do movimento e, para explicá-lo, foram reconstruídas as oportunidades políticas para o surgimento da Frente Sandinista; as razões da escolha do repertório de confronto violento; a combinação desse repertório com outro não violento; o processo de constituição da liderança de Carlos Fonseca e seu papel angular na construção dos enquadramentos interpretativos sandinistas que atraíram os ativistas para a mobilização. A dissertação analisa também o perfil sociopolítico de ativistas de alto risco atuantes no caso estudado, aferindo suas semelhanças e diferenças em comparação com participantes de outros movimentos revolucionários latino-americanos. Procura-se identificar fatores individuais e estruturais que levaram esses ativistas a se decidirem por tal tipo de engajamento. Foram utilizadas técnicas de pesquisa quantitativa e qualitativa para analisar 121 entrevistas em profundidade das e dos ativistas da Frente Sandinista. Os resultados aprofundam que os motivos para engajamento no ativismo de alto risco foram: uma profunda identificação com o antissomozismo propalado pelo movimento, facilitada pela disponibilidade biográfica dos ativistas e por seus laços sociais, prévios ao seu engajamento, em particular vínculos organizacionais, com os movimentos estudantil e religioso, e vínculos pessoais, via amigos e familiares.

Palavras-chave: Revolução nicaraguense; movimentos sociais; Ativismo; Nicarágua.

ABSTRACT

SALGADO, Maria Mercedes. **Recruitment in high-risk movement: the case of the Sandinista National Liberation Front (FSLN) of Nicaragua**. 2016. 189p. Dissertation (Masters' Degree) - Post Graduate Program in Sociology, Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences, University of São Paulo, São Paulo, 2016.

The objective of this research is to explain the motives that led the activists of the Sandinista National Liberation Front (FSLN) of Nicaragua to engage in a high-risk movement. As recruitment occurred in different phases of the movement, it was rebuilt the political opportunities for the emergence of the Sandinista Front; the reasons for the choice of violent confrontation repertoire; the combination of this repertoire with a nonviolent repertoire; the leadership of Carlos Fonseca and its angular role in the construction of the Sandinistas interpretive frameworks that attracted activists to mobilize. Once rebuilt the movement's bases, analyzed the overall profile and high risk of activists, assessing their similarities and differences compared to participants from other Latin American revolutionary movements; and individual and structural factors that led these activists decided on this type of engagement. Quantitative and qualitative research techniques were used to analyze 121 in-depth interviews of activists and the Sandinista Front. The results bail that the reasons for engaging in high-risk activism were a deep identification with the anti-somozismo movement, facilitated by biographical availability of activists and their social ties, organizational and individual, prior to their engagement. Ties with the student movement and religious prevail between (the) recruited (them), as well as strong ties with friends and family.

Keywords: Nicaraguan revolution; social movement; Activism; Nicaragua.

RESUMEN

SALGADO, María Mercedes. **Reclutamiento en movimientos de alto riesgo: el caso del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) de Nicaragua**. 2016. 189p. Disertación (Maestría) - Programa de Post-Grado en Sociología, Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2015.

El objetivo de esta investigación es explicar qué motivó a los activistas del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) de Nicaragua a participar en un movimiento de alto riesgo. Se argumenta que el reclutamiento se llevó a cabo en diferentes fases del movimiento y para explicarlo, se reconstruyeron las oportunidades políticas para el surgimiento del Frente Sandinista; las razones de la elección del repertorio de confrontación violento; la combinación de este repertorio con uno no violento; el proceso de constitución del liderazgo de Carlos Fonseca y su papel angular en la construcción de los marcos interpretativos sandinistas que atrajeron a los activistas a movilizarse. La disertación también analiza el perfil sociopolítico de los activistas de alto riesgo que actúan en el caso estudiado, evaluando sus semejanzas y diferencias en comparación con los participantes en otros movimientos revolucionarios de América Latina. Se trata de identificar los factores que llevaron a estos activistas a decidirse por este tipo de compromiso. Técnicas de investigación cuantitativa y cualitativa se utilizaron para analizar 121 entrevistas en profundidad de activistas del Frente Sandinista. Los resultados confirman que las razones para participar en el activismo de alto riesgo fueron: una profunda identificación con el anti-somozismo del movimiento, facilitado por la disponibilidad biográfica de sus activistas y sus vínculos sociales anteriores a su compromiso, en particular, vínculos organizativos con los movimientos estudiantiles y religiosos, y lazos personales, a través de amigos y familiares.

Palabras clave: Revolución nicaragüense; movimientos sociales; activismo; Nicaragua.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária e sexo da(o) entrevistado(a), em 1979, ano da Revolução Sandinista.....	100
Tabela 2 - Nível de escolaridade da(o) da(o) entrevistada(o) filiado à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	106
Tabela 3 - Faixa etária da(o) entrevistada(o) no momento de sua filiação à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	118
Tabela 4 - Flexibilidade de tempo da(o) entrevistada(o) filiada(o) à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	120
Tabela 5 - Laços organizacionais prévios à filiação na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	125
Tabela 6 - Laços interpessoais prévios à filiação na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	131
Tabela 7 - Filiação da(o) entrevistada(o) à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua.....	133

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 ANTECEDENTES POLÍTICOS E OPORTUNIDADES PARA O ATIVISMO DE ALTO RISCO.....	17
1.1 ANTECEDENTES DO CONFLITO.....	18
1.1.1 As relações do governo norte-americano com as elites nicaraguenses	18
1.1.2 Sandino e o nacionalismo anti-imperialista.....	21
1.1.3 A saga dos Somoza: 43 longos anos de dominação patrimonialista.....	25
1.2 CRIANDO OPORTUNIDADES POLÍTICAS PARA O ATIVISMO DE ALTO RISCO.....	29
1.3 A DIFUSÃO DO REPERTÓRIO CUBANO E A OPÇÃO PELA GUERRILHA.....	35
1.4 A RESISTÊNCIA CIVIL.....	42
1.5 MUDANÇAS NAS OPORTUNIDADES POLÍTICAS E DESMOBILIZAÇÃO.....	46
1.6 A FSLN E A ESCOLHA DO REPERTÓRIO DE CONFRONTO VIOLENTO.....	48
1.6.1 As guerrilhas na montanha.....	54
1.6.2 As <i>performances</i> violentas nas cidades.....	57
1.7 CONCLUSÕES.....	61
2 A LIDERANÇA E OS ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS DO SANDINISMO	64
2.1 A CARREIRA POLÍTICA DE UM LÍDER: CARLOS FONSECA	65
2.2 DIFUSÃO DOS ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS.....	75
2.2.1 Difusão do enquadramento nacionalismo anti-imperialista de Sandino.....	76
2.2.2 Difusão do enquadramento marxismo revolucionário da Revolução Cubana.....	80
2.3 A CONSTRUÇÃO DO ENQUADRAMENTO SANDINISMO.....	84
2.4 O ENQUADRAMENTO CRISTÃO REVOLUCIONÁRIO.....	89
2.5 CONCLUSÕES.....	96
3 PERFIL E RECRUTAMENTO DAS(OS) ATIVISTAS DA FSLN.....	98
3.1 PERFIL DAS(OS) ENTREVISTADAS(OS).....	98
3.2 O MODELO DE RECRUTAMENTO NOS MOVIMENTOS DE ALTO RISCO E OS MOTIVOS PARA O ENGAJAMENTO.....	110
3.3 LAÇOS SOCIAIS E CONTEXTOS DE RECRUTAMENTO.....	122
3.4 OS CONTEXTOS DE RECRUTAMENTO E A CONJUNTURA POLÍTICA.....	133
3.5 CONCLUSÕES.....	155
4 CONCLUSÃO.....	160
REFERÊNCIAS.....	170

INTRODUÇÃO

Em julho de 1979, rios de jovens chegavam a Manágua, na Nicarágua, vestidos com uniformes militares, levantando seus fuzis em sinal de vitória, e contentes de terem participado em um evento daquela importância. Depositavam muitas esperanças no futuro; mas, ao mesmo tempo, sentiam-se tristes ao lembrar-se dos companheiros e companheiras que não tiveram a mesma sorte e ficaram no caminho. Eram militantes do conflito armado que ficou conhecido na Nicarágua como a Guerra de Libertação, e resultou na morte de cerca de 35 mil nicaraguenses, deixando outras 110 mil pessoas feridas e 40 mil crianças órfãs.

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) foi protagonista de uma das revoluções ocorridas na segunda metade do século XX, na América Latina, a Revolução Popular Sandinista, que derrubou uma das ditaduras mais longas e sangrentas do continente, a dinastia da família Somoza.

A ditadura somozista não foi a única a provocar sofrimentos aos nicaraguenses. Dois anos depois do triunfo da revolução, quando a FSLN tentava se equilibrar para pôr em prática as mudanças sociais prometidas, outra guerra tomou conta da Nicarágua e da região Centro-Americana. Dessa vez, o acerto de contas tinha como protagonista o governo norte-americano, na pessoa do presidente Ronald Reagan.

Na campanha presidencial de 1980, nos Estados Unidos, o tema da Nicarágua foi amplamente debatido. Reagan recriminava o ex-presidente Jimmy Carter por ter retirado o apoio da Guarda Nacional (GN) de Somoza Debayle e por ter permitido que a Nicarágua caísse na influência da União Soviética. O Pentágono e o Departamento de Estado dos Estados Unidos asseguravam que essa "queda" arrastaria El Salvador e a Guatemala – países onde os movimentos guerrilheiros haviam recomeçado suas atividades, incendiados pelos resultados da revolução nicaraguense.

Reagan ganhou as eleições com a promessa de restabelecer a hegemonia norte-americana no mundo. E assim começou a guerra da "contra" ou dos "contras"¹, que deixou um saldo de mais de 30 mil vidas humanas decepadas e mais de 31 mil pessoas feridas ou mutiladas. O governo sandinista terminou perdendo o poder nas eleições de 1990 – as segundas eleições livres da história da Nicarágua –, sufocado pela guerra e pelos desafios que exigiam mudanças nas estruturas econômicas, políticas e sociais.

¹ Em referência à Contrarrevolução, nome dado aos grupos insurgentes financiados pelo governo Reagan para derrubar o governo sandinista.

A FSLN, como movimento de alto risco e alto custo, anterior à derrubada da ditadura somozista, é o objeto desta dissertação.

A Revolução Popular Sandinista na literatura acadêmica

A academia norte-americana interessou-se pela Revolução Popular Sandinista e produziu uma vasta literatura, justificada, em parte, pelo envolvimento direto da política exterior dos Estados Unidos na América Central. As abordagens teóricas são variadas: estruturalistas, culturalistas, as que privilegiam a ação política, ou ainda, uma tentativa de conciliação dos dois últimos enfoques. Também a literatura se interessou pelas iniciativas impulsionadas pelas associações de direitos humanos e grupos religiosos norte-americanos, que se mobilizaram em apoio ao governo nicaraguense, aos refugiados salvadorenhos e guatemaltecos, e contra a política exterior de seu país.

Do lado latino-americano, a produção foi menos abundante. Destacam-se três autores, cujos livros serviram de subsídios para esta pesquisa: Edelberto Torres-Rivas (2015), Carlos M. Vilas (1985) e Lucrecia Lozano (1985). Já a produção bibliográfica brasileira está composta por algumas dissertações de mestrado que versam sobre o sandinismo, a revolução nacional e democrática, a participação dos cristãos no período revolucionário e a institucionalização do Exército Popular Sandinista.

Em linhas gerais, todas as correntes destacam, em primeiro lugar, a massiva participação popular na insurreição final de 1979 e o isolamento nacional e internacional do regime repressivo somozista. Em segundo, abordam a perda progressiva da hegemonia da oposição moderada e a falta de habilidade política para negociar uma solução pacífica para o conflito, mesmo com o apoio do governo norte-americano. Em terceiro, mencionam a rápida ascensão da Frente Sandinista para liderar a derrubada do regime, à frente de uma aliança multiclassista (TORRES-RIVAS, 2015; I PUIG, 2002; GOODWIN, 2001; MISAGH PARSA, 2000; RYAN, 2000; FORAN; GOODWIN, 1993; WICKHAM-CROWLEY, 1992; VILAS, 1985; LOZANO, 1985).

As teorias da Revolução centradas no Estado (institucionalistas) argumentam que a possibilidade da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) tomar o poder do Estado na Nicarágua surgiu porque ela organizou um amplo movimento de oposição multiclassista

contra uma ditadura neopatrimonialista ou "sultânica", que ficou isolada internacionalmente. Os movimentos revolucionários de El Salvador e Guatemala, ao contrário, foram menos bem-sucedidos porque enfrentaram regimes autoritários mais burocráticos, que empreenderam aberturas políticas limitadas, de caráter centrista, num contexto internacional menos propício para os revolucionários (GOODWIN, 1993). Em resumo, o tipo de Estado nicaraguense facilitou as condições para a sua derrubada.

Na mesma linha, Wickam-Crowley (1992) explica os paralelos entre as duas revoluções latino-americanas da segunda metade do século XX: a Revolução Cubana e a Revolução Sandinista. Aponta que ambos os sistemas políticos tinham, no longo prazo, uma fragilidade histórica em duas instituições básicas: os partidos políticos e as forças armadas profissionais. Com a instalação das ditaduras nesses países, na década de 1930, houve a criação ou aprofundamento da corrupção generalizada e o Estado passou a servir cada vez menos à sociedade civil e cada vez mais a ser fonte de enriquecimento dos ditadores patrimonialistas.

Tal como em Cuba, essas fragilidades políticas na Nicarágua têm relação com as fragilidades da sociedade civil, como a falta de coerência das classes superiores e a ausência, até a década de 1960, de um movimento de classe média que propusesse reformas políticas. Esses regimes patrimonialistas pretorianos² mostraram-se extremamente vulneráveis, já que não tinham apoio de uma sociedade civil que, por sua vez, tendia a se alinhar em uma ativa oposição multiclassista ao governo. Em contraste, regimes militares profissionais, em aliança com as classes altas, têm-se mostrado consistentemente capazes de suprimir os revolucionários, ainda que estes contem com o apoio dos camponeses e com o poder de fogo militar, como nos casos de El Salvador e Guatemala.

Misagh Parsa (2000) compara as revoluções iraniana, nicaraguense e filipina, aproximando as abordagens estruturalistas com a Teoria do Confronto Político. Identifica, por um lado, os fatores estruturais facilitadores das revoluções, caracterizando os Estados como mais ou menos excludentes, e mais ou menos interventores (na economia), além da forma que tratam o conflito de classes, que pode ser mais ou menos polarizado. Por outro lado, examina os fatores que incidem na dinâmica da ação política, argumentando que uma vez que o conflito é deslanchado, as lógicas da situação fogem às condições que o produziram.

Assim, Parsa afirma que o resultado político do conflito na Nicarágua foi inesperado. Apesar da oposição moderada inicialmente contar com o apoio de grandes setores da população na luta contra Somoza, falhou em preservar sua hegemonia. Considera a vitória da FSLN

² Conjunto de força armada e especializada que protege um político ou governante.

surpreendente porque, apesar de ter lutado para derrubar os Somoza desde início da década 1960, e de ter ganhado o apoio de setores camponeses, nunca conseguiu ter o controle sobre nenhum território, nem o apoio das classes urbanas nos centros onde aconteceram as insurreições revolucionárias.

A análise de Vilas (1985) perpassa o sistema econômico da Nicarágua, antes e durante a revolução. Sua obra tem muito valor pela análise dos dados socioeconômicos e pelo delineamento do perfil dos participantes da insurreição de 1979. Posiciona-se contra das afirmações do âmbito acadêmico centradas no Estado. Discorda que Somoza tenha sido o “inimigo ideal” da FSLN para explicar o vertiginoso ascenso revolucionário de 1977 a 1979. Esclarece que a rejeição da exploração social e a opressão política não implicam automaticamente na incorporação das massas à luta revolucionária. Também não basta o desenvolvimento de uma crise econômica ou o exercício da repressão, pois abandonadas a seus impulsos, as pessoas podem produzir revoltas, irrupções dramáticas, mas não produzem resultados. Considera que foi a articulação das massas com uma organização política revolucionária que abriu a possibilidade de uma luta eficaz, e não o caráter corrupto e crescentemente repressivo do regime somozista, isolado do conjunto da sociedade e de uma parte da comunidade internacional.

Lucrecia Lozano (1985), por sua vez, contribui com uma cronologia completa e um levantamento bem documentado sobre os acontecimentos políticos da situação pré-revolucionária, de 1977, e a situação revolucionária, de 1978 a 1979. O prólogo de seu livro, de Sergio Bagú, recupera peculiaridades da Revolução Sandinista apresentadas por Lozano ao longo da obra: a extrema juventude dos participantes; o envolvimento dos cristãos e dos não cristãos; a intensa atividade das e dos sandinistas no campo internacional com o objetivo de denunciar a agressão norte-americana como parte da defesa da revolução; e o sucesso da inserção de uma tática guerrilheira numa proposta política mais ampla. Finalmente, destaca que, nos processos políticos de Cuba e da Nicarágua – duas guerrilhas triunfantes –, o inesperado foi a rapidez com que os guerrilheiros adquiriram sabedoria política (LOZANO, 1985, p. 13).

A literatura que coloca a ênfase nas condições estruturais ou nos fatores culturais não consegue explicar os processos pelos quais situações revolucionárias culminam em resultados revolucionários. Nem as condições estruturais, nem a agência dos atores são suficientes para capturar os mecanismos e processos em que opositores a um regime se tornam candidatos viáveis para disputar o poder do Estado. Tampouco ajudam a compreender como ocorre o deslocamento dos antigos donos do poder – ou como o controle do novo Estado – resulta numa revolução social.

Há uma terceira perspectiva que tratou da revolução nicaraguense e que parece mais adequada para explicar tais dimensões. Trata-se de uma abordagem inspirada na Teoria do Confronto Político. De acordo com essa teoria, uma situação revolucionária implica: a presença de competidores ou de uma coalizão de competidores que concorrem pelo controle do Estado; o compromisso de um segmento significativo da população com esses competidores; e a incapacidade das autoridades de acabar com os competidores e com o compromisso da população que os apoia.

Na trajetória da revolução nicaraguense, três mecanismos chave foram identificados por McAdam *et al.* (2001), os quais resultaram na defecção do regime somozista: a) a violação dos interesses das elites; b) a ocorrência de acontecimentos singulares que mobilizaram a oposição porque produziram um misto de alarme e ultraje; e c) a *decertification*, um processo de perda de legitimidade do regime somozista no âmbito internacional.

McAdam *et al.* (2001) afirmam que regimes duradouros estão enraizados em coalizões amplas das elites, aliança sustentada pelo mútuo reconhecimento e apoio de uns aos interesses dos outros. Essa situação, afirmam, foi quebrada, no caso da Nicarágua, pelos acontecimentos posteriores ao terremoto que atingiu a capital, Manágua, em 1972.

Nessa ocasião, o ditador Somoza impôs um controle monopolista de modo que os negócios relacionados à demolição de edifícios, construção de estradas, casas e edifícios comerciais fossem realizados apenas pelas empresas de sua família. Como consequência, duas organizações de empresários das elites imediatamente assumiram posições políticas de oposição ao regime somozista. No entanto, elas não estavam preparadas para chamar uma revolução, nem viam na FSLN um aliado.

Depois de três anos de acintes praticados por Somoza contra as elites – incluindo o aumento de impostos, a imposição do estado de sítio, a lei marcial³ e a censura à imprensa – condições que, em outras circunstâncias, não teriam produzido nenhum mal-estar –, existia um abismo entre Somoza e as elites. Mas, foi o assassinato do editor do jornal *La Prensa*, Pedro Joaquín Chamorro, em 1978, que marcou um ponto sem retorno para a burguesia, tornando-se a gota d'água para o ingresso massivo de ativistas e para o desfecho do conflito.

Eventos singulares podem dramatizar e elevar a relevância política de um tema particular, afirmam McAdam *et al.* (2001). Além da violação dos interesses das elites, Somoza e seus agentes eram responsáveis por uma série de atrocidades, que serviam para dramatizar e

³ Sistema de leis que tem efeito quando uma autoridade toma o controle da administração ordinária da justiça e de todo o Estado.

tornar mais relevante a opressão e a arbitrariedade. Nenhum desses eventos foi tão relevante para unir a oposição popular e das elites como o assassinato de Chamorro. Após a morte do jornalista, o povo respondeu com manifestações de aproximadamente 50 mil pessoas na frente de sua casa. Dois dias depois, em seu funeral, apareceram 30 mil pessoas que, além do mais, queimaram algumas empresas de Somoza.

O terceiro mecanismo, a chamada *decertification*, é definido como "a retirada da validação [do governo de Somoza] por parte de agentes certificadores chave" (MCADAM *et al.*, 2001, p. 204). Os regimes ditatoriais estão incorporados numa estrutura secundária de validação no sistema internacional dos Estados-nação, via relações com outros regimes e organismos internacionais. A falta de financiamento militar de Estados importantes, a imposição de sanções econômicas e a ajuda militar aos insurgentes até a intervenção têm efeitos diretos e indiretos na estabilidade de um regime. No caso da Nicarágua, cinco países desestabilizaram e removeram a validação do regime somozista: Costa Rica, Venezuela, Panamá, México e, especialmente, os Estados Unidos.

Somoza foi obrigado a suspender o estado de sítio por exigências do governo norte-americano de Jimmy Carter. O Panamá, por sua vez, permitiu a recepção de armas de Cuba em seu território para os sandinistas. A Costa Rica deixou livre o trânsito na fronteira com a Nicarágua, por onde podiam circular pessoas e petrechos militares. O México e a Venezuela foram os mais ativos oponentes a Somoza na Organização dos Estados Americanos (OEA) e convenceram os países andinos a cortar relações com o regime somozista. O México ainda pressionou o Fundo Monetário Internacional (FMI) e outras instituições financeiras a suspenderem o crédito à Nicarágua. A rixa crescente entre os Estados Unidos e Somoza encorajou os sandinistas.

Esta será, em linhas gerais, a perspectiva adotada nesta dissertação. Contudo, alguns ajustes e acréscimos serão necessários, como se verá na sessão a seguir.

A Frente Sandinista como movimento de alto risco e alto custo

Se bem a Revolução Sandinista e seus principais atores tenham sido objetos de estudo dessas correntes teóricas, a lente utilizada pouco se fixou no interior da Frente Sandinista como movimento social de alto risco e alto custo. Em um país com altos níveis de repressão,

instituições políticas fragilizadas e movimentos sociais insignificantes, como a Nicarágua, como a Frente Sandinista conseguiu construir uma identidade nova e relevante? De que forma ocorreu o engajamento de tantos jovens, que arriscaram suas vidas numa carreira perigosa e custosa, muitas vezes sem retorno? Como lidaram com a escolha de um repertório violento?

Três perguntas específicas nortearam esta dissertação: o que motivou as pessoas a se engajarem na Frente Sandinista? Qual o perfil delas? Como, quando e onde foram recrutadas? Para respondê-las, foi necessário ir às origens do movimento, reconstruir as circunstâncias em que ele emergiu, entender como os líderes construíram os enquadramentos interpretativos sandinistas, quais foram as principais formas de organização, em que setores sociais foram desenvolvidas as principais redes de ativistas e como se deu a combinação de um repertório de ação violento com outro não violento.

Essas perguntas foram abordadas com base na Teoria do Confronto Político, cujos principais conceitos são expostos a seguir. Essa teoria analisa as revoluções como eventos que fazem parte de um conjunto de formas de confronto – movimentos sociais, greves, nacionalismo, democratização, entre outras.

Para Charles Tilly, Sidney Tarrow e Doug McAdam, representantes mais significativos dessa teoria, o foco da análise deve ser a interação dinâmica entre os contendores, e a palavra-chave é mobilização política: "o confronto político tem início quando, de forma coletiva, as pessoas fazem reivindicações a outras pessoas, cujos interesses seriam afetados se elas fossem atendidas" (MCADAM *et al.*, 2009, p. 11-12). Súplicas, petições, manifestações, ataques violentos, palavras de ordem e manifestos fazem parte das formas de ação. Na linguagem dessa teoria, "desafiantes" entram em confronto com os "detentores do poder", que controlam os principais meios de coerção num determinado território.

Os desafiantes aproveitam as oportunidades para a mobilização ou são barrados pelas restrições políticas. O confronto está relacionado à mudança dos padrões de *oportunidades e restrições políticas*. Oportunidades são dimensões consistentes na luta política, que encorajam o engajamento no confronto, enquanto que restrições políticas são fatores que colocam barreiras sólidas aos insurgentes e desencorajam o confronto (TARROW, 2009).

Geralmente, os Estados autoritários reprimem os movimentos sociais e desencorajam as iniciativas populares, ao passo que os Estados representativos as facilitam. No entanto, com a repressão sistemática de confronto e a ausência de canais regulares de expressão, mesmo dissidentes moderados transformam-se em opositores, forçando-os a colocar o problema em termos de derrubada do governo como condição para as reformas (TARROW, 2009).

As oportunidades e as ameaças políticas não são apenas categorias objetivas; dependem do tipo de atribuição que os atores dão a elas, segundo o enquadramento dos objetivos do movimento. Assim, nenhuma oportunidade que se abre objetivamente à mobilização é percebida como uma oportunidade se não é visível para os potenciais desafiantes (MCADAM *et al.*, 2001).

As ações políticas de confronto não são iguais em todos os momentos; há períodos em que elas são particularmente intensas. Um *ciclo de confronto* é definido por Tarrow (2009, p. 182) como "uma fase de conflito acentuado, que atravessa um sistema social", no qual há uma "rápida difusão da ação coletiva", um "ritmo rápido de inovação nas formas de confronto", novos "enquadramentos interpretativos", participação organizada e não organizada e intensa interação entre desafiantes e autoridades.

Algumas interações entre desafiantes e detentores do poder nos ciclos de confronto sustentam-se, outras não. "Um movimento social é uma interação sustentada entre pessoas poderosas e outras que não têm poder" (McADAM *et al.*, 2005, p. 21), e que afirmam representar uma população que está sendo injustamente prejudicada ou ameaçada. Geralmente sustentam-se quando: as lutas se dão em torno de grandes divisões da sociedade; reúnem pessoas em torno de símbolos culturais herdados; ampliam ou constroem densas redes sociais e estruturas conectivas (TARROW, 2009).

Uma vez constituídos e em ação, os movimentos criam oportunidades para outros movimentos, partidos e elites, por meio da difusão da ação coletiva, da sinalização da possibilidade de se organizar em coalizões, da criação de espaços políticos para movimentos e contramovimentos, provocando a reação das elites e de outros partidos (TARROW, 2009).

Desafiantes demonstram sua insatisfação de diversas formas no espaço público. Tilly (2003) convida a pensar nesses confrontos como *performances* interativas, isto é, como se fossem trupes de teatro que seguem um *script* pouco definido, ensaiando petições, passeatas, levantes urbanos, sequestros de reféns e outras formas de confronto. Essas *performances* ocorrem entre grandes conjuntos de pares de atores: os que reivindicam e os que são objeto de reivindicações; os desafiantes, que tentam mobilizar a população a seu favor, e os agentes do governo. Em qualquer tipo de regime, esses pares de atores têm, afirma Tilly, um número limitado de *performances* à sua disposição, o que ele chama de *repertório de confronto*.

Os movimentos estão continuamente fazendo campanhas de recrutamento e competindo com outros movimentos pela adesão dos ativistas. O conceito de enquadramento interpretativo (*framing*) é peça fundamental para a mobilização política. "Enquadramentos inter-

pretativos da ação coletiva' são conjuntos de crenças e significados orientados para a ação, que inspiram e legitimam as atividades e campanhas na organização de um movimento social" (SNOW & BENFORD, 2000, p. 614). A tarefa fundamental do enquadramento interpretativo é produzir o diagnóstico de enquadramento, ou seja, a identificação do problema e atribuição de culpa ou causalidade; o prognóstico de enquadramento, ou a proposta não só de soluções para o problema diagnosticado, mas também de identificação de estratégias, táticas e metas; e o enquadramento motivacional, a elaboração da chamada às armas ou ao racional, que permite o engajamento, no sentido de a ação melhorar o problema, o que inclui a construção de um vocabulário apropriado de motivos (SNOW & BENFORD, 1988).

De posse dos enquadramentos interpretativos, o movimento lança-se ao recrutamento dos ativistas. A Teoria do Confronto Político prestou atenção no recrutamento nos *movimentos de baixo risco e baixo custo* e nos *movimentos de alto risco e alto custo*. Segundo McAdam (1986), os fatores motivacionais de engajamento nos movimentos sociais de alto risco e alto custo são de duas ordens: estruturais e individuais. Os fatores individuais seriam uma forte *identificação ideológica* com os valores do movimento e a *disponibilidade biográfica* – pessoas livres de compromissos familiares e responsabilidades de emprego –, que predisporiam o indivíduo à participação. Já um passado de ativismo e integração em redes de apoio operaria como um fator motivacional estrutural, empurrando os indivíduos a se engajar.

McAdam e Paulsen (1993) chegaram à conclusão de que os laços organizacionais e interpessoais prévios ao engajamento não bastam para prever o ativismo. Uma forte *identificação subjetiva com uma identidade particular*, reforçada por *laços organizacionais ou individuais*, é especialmente susceptível para encorajar a participação.

Essa perspectiva será a base interpretativa para esta dissertação. Será testada particularmente a explicação sobre recrutamento em movimentos de alto risco e alto custo, conforme o modelo de McAdam (1986), para explicar as formas de engajamento dos ativistas da FSLN.

Metodologia e material empírico

Com base na perspectiva teórica mencionada, procedeu-se ao recorte empírico. Esta pesquisa faz uma sistematização quantitativa dos dados presentes em entrevistas em profundidade realizadas por Mónica Baltodano (2010; 2012) com ativistas da Frente Sandinista de

Libertação Nacional, no programa radial nicaraguense *Entre todos*. O material empírico utilizado nesta pesquisa é sua trilogia *Memórias da Luta Sandinista*, publicada na Nicarágua em 2010. O livro condensa, em 2,4 mil páginas, os depoimentos coletados pela autora, que foi também comandante guerrilheira da Frente Sandinista.

O objetivo da entrevistadora em sua empreitada foi preservar a memória do confronto revolucionário contra a ditadura somozista e destacar que a Revolução Sandinista constituiu uma obra coletiva de milhares de pessoas, que participaram de diversas formas. Seu programa diário *Entre todos* tinha uma duração de duas horas e permaneceu no ar por mais de três anos, de 1999 a 2002. Nele foram entrevistadas pessoas que relataram ao vivo seus motivos para o engajamento na FSLN, assim como os grandes momentos de sua participação, os sofrimentos, as alegrias, os obstáculos e as adversidades que enfrentaram para sobreviver e vencer. Nas palavras da autora, "Este empenho pela recuperação da memória histórica, se propôs a dar a palavra a intrépidos sujeitos representativos daquele feito histórico nacional. Suas vozes têm a força inquestionável dos protagonistas diretos" (BALDODANO, 2012, Tomo 4, p. 11).

O programa foi finalizado com aproximadamente 150 entrevistas, mais de 200 pessoas entrevistadas e mais de 100 horas de gravação. As narrativas têm como data limite o dia 19 de julho de 1979, dia da vitória da revolução. Baldodano teve a ideia de transcrever as entrevistas e agrupá-las em um livro. Isso significou iniciar um longo processo de revisão dos depoimentos, consultando a bibliografia disponível em espanhol sobre a história da luta sandinista: livros, jornais, revistas, documentos privados, fotografias, áudios. Em alguns casos, ela teve que refazer entrevistas para verificar as narrativas, revisar os áudios da rádio, e passar pelo crivo das técnicas da história oral.

Ela escreve no prólogo de seu livro (BALDODANO, 2010, Tomo 1, p. 13) "[...] sabia que 'a memória não é a história'... Estava consciente de que tinham se passado muitos anos dos acontecimentos evocados no presente e que os entrevistados os evocavam com paixão". Esse trabalho de consulta e de revisão tomou-lhe quase 12 anos. Além da trilogia, foi publicado um tomo a mais, em 2012, com as narrativas dos atores da região de Carazo, que não tinha sido contemplada anteriormente no programa de rádio, por problemas de tempo e espaço.

De um total de 145 depoimentos, foram selecionados 121. Esse total subdivide-se em 102 militantes e 19 colaboradoras(es). A maioria dos depoimentos descartados não foi utilizada porque os ativistas não falavam sobre si próprios e seu recrutamento e participação no movimento, mas sobre líderes assassinados, como Carlos Fonseca, Ricardo Morales, Augusto C.

Sandino e Germán Pomares. Em outros casos, porque eram depoimentos de ativistas de outros movimentos ou partidos, cuja contribuição foi importante para a revolução, mas que não desenvolveram suas trajetórias na FSLN. Algumas pessoas foram entrevistadas mais de uma vez para abordar temáticas diferentes, evidentemente contabilizadas como uma única pessoa entrevistada.

O grupo de informantes reunido por Baltodano é constituído de militantes e colaboradores que se destacaram na FSLN. Como a autora pretendia frisar que a revolução foi uma obra coletiva, há uma variedade imensa de relatos, perfis e trajetórias. Guerrilheiros na montanha, ativistas urbanos com passagens pelo movimento estudantil, associações profissionais e movimentos religiosos. Em termos de ocupação, são estudantes, jornalistas, religiosos, músicos, escritores, um piloto, camponeses, operários, empresários, que deram suporte à FSLN nos momentos mais difíceis, arriscando as próprias vidas e as de suas famílias.

No período revolucionário, a Frente Sandinista reconheceu os ativistas que tinham dado contribuições fundamentais na guerra pela tomada do poder político. Assim, concedeu os títulos honoríficos de *Comandante da Revolução* a nove homens, *Comandante Guerrilheira* a três mulheres e *Comandante Guerrilheiro* a 34 homens. Dos nove primeiros, cinco foram entrevistados por Baltodano. As três comandantes guerrilheiras e 15 dos 34 comandantes guerrilheiros também deram seus depoimentos. Do total das 102 entrevistas realizadas com os militantes, 22,5% referem-se a pessoas que integraram a alta liderança da revolução.

É possível afirmar que a seleção dos ativistas é representativa do universo da FSLN? Em uma consulta feita diretamente a três líderes da FSLN, na Nicarágua, durante a realização desta dissertação, pôde-se chegar a uma resposta afirmativa. Como o interesse de Baltodano era mostrar uma obra coletiva, ela selecionou uma ampla gama de homens e mulheres de diferentes gerações, ocupações e credos, incluindo pessoas das três tendências políticas em que a FSLN se dividiu antes da derrubada da ditadura⁴. Por outro lado, as pessoas desempenharam diferentes tarefas na guerrilha rural e urbana, no movimento estudantil, sindical, de mulheres, de bairros, no movimento cristão (tanto católico como batista), nas prisões e no exílio. É importante ressaltar, no entanto, que as pessoas entrevistadas tinham um perfil de militantes e colaboradores muito comprometidos com a FSLN. A maioria não fez parte das pessoas que se engajaram nos últimos dois anos que antecederam a revolução (1978-1979).

Como material de apoio, também foram consultados para a elaboração desta dissertação, depoimentos de destacados líderes sandinistas coletados por Pilar Árias (1980), assim

⁴ Sobre essa divisão, ver primeiro capítulo.

como de mulheres guerrilheiras (1982) e membros do movimento cristão revolucionário (1983) recolhidos por Margaret Randall. Destacam-se também a utilização de livros que revelam as experiências pessoais do comandante da revolução Tomás Borge, do comandante da revolução Humberto Ortega, dos comandantes guerrilheiros Omar Cabezas, Hugo Torres e Francisco Rivera, e do militante, escritor e ex-vice-presidente da Nicarágua, Sergio Ramírez.

Cabe notar, contudo, as limitações desse material empírico. Dada a dificuldade de coletar dados de ativistas dos movimentos clandestinos, por razões óbvias, não existe uma base de dados dos ativistas da FSLN à época dos recrutamentos, menos ainda daqueles que se tentou recrutar e não aceitaram ou desistiram de participar.

Os estudos que servem de subsídio analítico a esta pesquisa, como o de McAdam (1986) e McAdam e Paulsen (1993) sobre a campanha *1964 Mississippi Freedom Summer*, de Nepstad e Smith (1999) sobre o *Nicaragua Exchange*, de della Porta (1998; 2013) sobre as organizações clandestinas da Europa, e de Viterna (2006) sobre a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), de El Salvador, são parte de programas de estudo financiados por instituições acadêmicas, e conseguiram realizar entrevistas com ativistas e não ativistas. Este estudo não contou com essa alternativa, tendo que se valer de um material empírico que apenas inclui ativistas. As conclusões são, portanto, limitadas ao tipo de material analisado.

Como consequência dessa opção, nem sempre foram encontrados dados sobre estado civil, paternidade ou maternidade e renda das e dos entrevistados, importantes para medir a disponibilidade para o ativismo. O material empírico de Baltodano (2010; 2012), entretanto, oferece vasta informação sobre os motivos para sua participação na FSLN, bem como os laços sociais que mantinham com organizações e pessoas antes de seu engajamento na FSLN, além de detalhes sobre quando e como foi feito seu recrutamento e informações sobre as carreiras das e dos ativistas (atividades executadas, prisão, exílio, clandestinidade, participação na insurreição). Também aparecem dados sociodemográficos, como data de nascimento, sexo e ocupação no momento do recrutamento de quase todas as pessoas entrevistadas, de forma que foi possível elaborar um perfil mais ou menos preciso das e dos ativistas e colaboradores.

Outro problema que poderia ser levantado é que, no período da realização das entrevistas de Baltodano, a FSLN passava por momentos de profunda crise e divisão em suas fileiras; esses problemas poderiam ter contaminado os depoimentos. À época, uma boa parte dos líderes da luta pela derrubada da dinastia dos Somoza, que permaneceram à frente do governo durante os dez anos de revolução, haviam sido desligados do Partido Sandinista – entre eles a própria Baltodano, que se tornou uma das grandes opositoras ao governo.

Nas entrevistas, no entanto, não há menções à conjuntura daquele momento. Entre as pessoas entrevistadas há partidárias e opositoras ao então governo da FSLN. Além disso, tendo sido realizadas durante um programa de rádio, no qual a audiência podia participar, muitas vezes as entrevistas rumaram no sentido de tecer comentários sobre os fatos candentes daqueles anos. Como a autora escreve no prólogo, ela descartou as referências que não fossem sobre o período estudado, com exceção da mensagem final das pessoas entrevistadas à audiência. Algumas vezes, aparecem nesse momento críticas ao governo do período; em outros casos, não. Em decorrência, foi possível aproveitar as narrativas para os objetivos desta pesquisa.

Tal material foi analisado de modo a, por um lado, descrever as características socio-demográficas da unidade de análise "ativistas da FSLN" e traçar um perfil do grupo. Por outro lado, aplicar o modelo de recrutamento de McAdam (1986) aos recrutados da Frente Sandinista, e observar se os fatores de engajamento levantados dão conta do recrutamento ocorrido nesse movimento.

Baltodano (2010, Tomo 1, p. 184) esclarece que "as normas para pertencer à Frente nunca foram nitidamente estabelecidas, e as exigências para ser militante foram sendo modificadas pelos contextos da luta. A data do ingresso dos militantes muitas vezes não pôde ser estabelecida com precisão". Mesmo assim, a autora elaborou uma ficha biográfica, que antecede as entrevistas, na qual aparece a data do engajamento da ou do ativista nas organizações chamadas intermediárias, como a Frente Estudantil Revolucionária (FER), ou diretamente na FSLN, assim como o contexto em que a pessoa foi recrutada. Nas narrativas, aparece o nome do recrutador(a) e, nos poucos casos em que esses dados não ficam explícitos, o critério utilizado foi procurar nas narrativas a disponibilidade do ativista para cumprir qualquer tarefa, política ou militar, em qualquer lugar do território nacional ou no exterior.

O período do engajamento da FSLN estendeu-se de julho de 1961 a setembro de 1978, data em que a entrada no ativismo tornou-se massiva. Ficou definido pelo Diretório da FSLN que seriam militantes as pessoas que se engajassem até essa data limite⁵. Com base nesse discernimento foram encontrados nas entrevistas 102 militantes e 19 colaboradoras(es).

Como foi dito, de acordo com o modelo de recrutamento elaborado por McAdam (1986) e McAdam e Paulsen (1993), o engajamento das(os) ativistas dos movimentos de alto risco e alto custo ocorre graças a fatores individuais e estruturais. Para aplicar o modelo, foram criadas variáveis para cada um desses fatores – identificação com os valores e crenças do

⁵ Entrevista realizada diretamente com Mónica Baltodano, em 20/02/2014.

movimento, disponibilidade biográfica, laços organizacionais e individuais com outros ativistas –, além de outros dados úteis, que podem servir a estudos adicionais.

Assim, para a análise desta dissertação, montou-se um banco de dados em Excel com as seguintes variáveis das e dos entrevistados:

1. Idade no momento do engajamento;
2. Idade no pico de embate contra a ditadura;
3. Sexo;
4. Nível de escolaridade;
5. Ocupação;
6. Estado civil;
7. Número de filhos;
8. Motivos para o engajamento, agrupados por: a) antissomozismo/derrubar a ditadura/opressão/injustiça/repressão; b) viver de acordo com valores cristãos/compromisso social/opção pelos pobres/seguir o exemplo dos que morreram/sacrifício/causa justa/democracia;
9. Laços organizacionais anteriores ao engajamento e contextos de recrutamento: participação em movimento estudantil, movimento religioso, partidos/movimentos políticos/armados, movimento sindical, nenhum laço organizacional;
10. Laços relacionais com a FSLN: recrutador/a (amigos, parentes), desconhecidos, aproximou-se por conta própria;
11. Carreiras das e dos ativistas: atividades políticas e militares em que participaram;
12. Prisão;
13. Exílio;
14. Reconhecimentos.

A partir dessas variáveis, foram organizadas sete tabelas, exibidas no terceiro capítulo, duas para o perfil sociodemográfico e cinco para o modelo de recrutamento.

Recrutamento e engajamento são duas caras da mesma moeda. Se o levantamento quantitativo ajudou a mensurar a quantidade de recrutados, datas do recrutamento, sexo, idade, nível de escolaridade e ocupação, a análise qualitativa auxiliou no aprofundamento dos porquês do engajamento, dos laços interpessoais com amigas(os) recrutadoras(es), dos laços familiares que facilitaram a participação, e dos *contextos de recrutamento* (McAdam e Paul-

sen, 1993), isto é, das comunidades/identidades em que as pessoas entrevistadas se familiarizaram com o ativismo.

Conteúdo dos capítulos

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) como um movimento de alto risco, que emergiu graças a duas dinâmicas específicas: os antecedentes do conflito, isto é, a tradição política de confronto imediatamente anterior à eclosão da mobilização; e a reconstrução das oportunidades políticas que o tornaram possível.

A tradição política do confronto armado na Nicarágua está explicada na primeira parte do capítulo. Na segunda, são reconstruídas as oportunidades políticas para a emergência de um ciclo de confronto, no qual se difundiram repertórios violentos, em âmbito nacional e internacional. Dessa conjuntura surgiu a Frente Sandinista, único movimento que sobreviveu e que congregou ativistas remanescentes das ações armadas e da resistência civil, escolhendo um repertório violento para enfrentar a ditadura somozista.

O segundo capítulo trata de duas dimensões cruciais para o nascimento do ativismo de alto risco: a configuração de uma liderança e de *frames* orientadores da mobilização. Argumenta-se que o líder Carlos Fonseca reunia os atributos de líder de ação (*task-oriented*) e líder carismático (*people-oriented*) (AMINZADE *et al*, 2001). Sua contribuição foi fundamental como organizador dos recursos para a ação, assim como para construir os enquadramentos interpretativos necessários para o recrutamento dos ativistas. Na segunda parte do capítulo, são reconstruídos os mecanismos de difusão de dois enquadramentos máster dos quais Fonseca se serviu para construir o enquadramento *sandinista*: o nacionalismo anti-imperialista de Sandino e o marxismo revolucionário da Revolução Cubana. Um terceiro enquadramento aparece posteriormente: o cristianismo revolucionário, filiado à Teologia da Libertação.

O terceiro capítulo apresenta o perfil, o recrutamento e os motivos para o engajamento das e dos ativistas na Frente Sandinista. Na primeira parte do capítulo, com base em uma análise quantitativa dos dados das entrevistas e dos entrevistados, traça-se o perfil sociodemográfico dos ativistas. O perfil é comparado a perfis de ativistas de movimentos revolucionários.

rios de outros países latino-americanos, notadamente, idade, sexo e nível de escolaridade. Na segunda parte do capítulo, o levantamento quantitativo é combinado com a análise qualitativa das entrevistas para, com base no modelo de recrutamento em movimentos de alto risco de McAdam (1986), reconstruir as formas, fases e *contextos de recrutamento* da FSLN. Dessa forma, são analisados os motivos do engajamento, disponibilidade biográfica das e dos ativistas, laços sociais prévios ao recrutamento e sua função de socialização nos enquadramentos sandinistas.

Em conjunto, a dissertação visa demonstrar que os ativistas da Frente Sandinista identificaram-se com o antissomozismo que a FSLN promovia. Mediante laços pessoais fortes com familiares e amigos, assim como laços organizacionais com movimentos e partidos políticos prévios, as e os militantes foram sendo socializados nos enquadramentos sandinistas que facilitaram seu engajamento.

1 ANTECEDENTES POLÍTICOS E OPORTUNIDADES PARA O ATIVISMO DE ALTO RISCO

A Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) constitui um gênero de ativismo de alto risco, que emergiu graças a duas dinâmicas específicas: os antecedentes do conflito, isto é, a tradição política de confronto que se configurou imediatamente antes da eclosão da mobilização; e as oportunidades políticas que se abriram no período para torná-la possível.

Na primeira parte deste capítulo são apresentados os antecedentes do conflito. Mostra-se a tradição política da Nicarágua, caracterizada pela resolução violenta de conflitos entre as elites. Os dois principais partidos em disputa costumavam chamar os Estados Unidos para mediar os conflitos, e esse país atendia, apoiando um ou outro partido, de acordo com a conveniência de seus interesses. Essa dinâmica produziu a ocupação militar do país entre 1912 e 1934, e provocou uma mobilização de operários e camponeses liderados por Augusto C. Sandino. Nesse momento, os Estados Unidos abandonaram o país, deixando à frente do governo Anastacio Somoza García, que inaugurou a dinastia da família Somoza. O objetivo da análise é mostrar como essa tradição política de conflito e violência fundou as bases de todo o processo político subsequente na Nicarágua.

A segunda parte do capítulo trata da conjuntura política imediatamente anterior à emergência do ativismo de alto risco, que também ajuda a entender seu surgimento: são reconstruídas as oportunidades políticas criadas pelos ativistas que assassinaram Somoza García. A intensa repressão desencadeada em seguida afetou a percepção dos opositores do regime com relação às oportunidades políticas existentes. Os ativistas antissomozistas no exílio viram esse processo como uma ocasião propícia à mobilização baseada em um repertório violento e de resistência civil. Assim, inicia-se um ciclo de confronto, que dura de 1958 a 1963.

A terceira parte do capítulo aborda o repertório ao qual os ativistas recorreram ao delinear seu ativismo violento. Trata-se de apontar o processo e os mecanismos por meio dos quais se deu a apropriação nicaraguense do repertório violento do Movimento 26 de Julho de Cuba (M-26-7), que derrubara a ditadura cubana de Fulgêncio Batista em 1959.

Finalmente, a última parte do capítulo explica as razões da escolha desse repertório violento de confronto por parte da FSLN. Em razão de circunstâncias descritas, o movimento optou pela guerrilha rural e algumas ações violentas nas cidades. A resposta do governo a essa ação foi a repressão, que quase aniquilou as fileiras do movimento, levando seus líderes a repensar sua estratégia.

De modo geral, o capítulo trata, portanto, de apresentar os antecedentes do fenômeno a ser estudado, isto é, a maneira pela qual ele foi condicionado pela história política da Nicarágua. Em primeiro lugar, destaca-se a relação entre o governo e as elites nicaraguenses ao longo dos primeiros decênios do século XX. Em segundo lugar, a partir dessa relação, evidencia-se como e por que surge a figura de Augusto C. Sandino, que lidera, nos anos 1930, uma guerra de guerrilhas contra a ocupação norte-americana da Nicarágua, no período 1912-1933. Finalmente, são apontadas as origens da dinastia iniciada pelo governo de Anastacio Somoza García e suas características principais.

1.1 ANTECEDENTES DO CONFLITO

1.1.1 As relações do governo norte-americano com as elites nicaraguenses

O aparecimento de Augusto C. Sandino como herói nacional da Nicarágua, de quem a Frente Sandinista toma o nome e o legado, está relacionado com sua luta contra a ocupação norte-americana nos primeiros anos do século XX.

A influência dos Estados Unidos na região centro-americana começou no final do século XIX, após a guerra norte-americana contra a Espanha, que resultou na conquista de Cuba, Porto Rico, Filipinas e Guam. A ocupação de Cuba e a posse de Porto Rico levaram os Estados Unidos a voltar seus olhos para a América Central, e a firmar um acordo com o Reino Unido, por meio do qual esse país aceitava reduzir sua presença na região, deixando o caminho livre para o governo estadunidense iniciar a construção de um canal interoceânico no Panamá, que havia acabado de se tornar independente da Colômbia, com a ajuda do presidente Theodor Roosevelt.

A expansão imperial dos Estados Unidos tem seus alicerces na doutrina Monroe, proclamada em 1823, após a independência dos países latino-americanos da Espanha. O presidente Monroe reafirmava assim a posição dos Estados Unidos contra o colonialismo europeu, que pode ser resumida na frase: “América para os americanos”.

Em 1904, T. Roosevelt aprovou uma emenda à doutrina Monroe, que adicionava a essa posição a consideração da hegemonia absoluta dos Estados Unidos para estabelecer rela-

ções comerciais com os países da América Latina e o Caribe, além de deixar claro que, se algum desses países colocasse em perigo os direitos ou propriedades das e dos cidadãos ou empresas estadunidenses, o governo dos Estados Unidos estaria obrigado a intervir em seus assuntos internos para restabelecer a ordem anterior. Esse colorário da Doutrina Monroe é conhecido como a política do “Grande Porrete”, e foi utilizado como justificativa legal para as ocupações militares da Nicarágua (1912-1933), Haiti (1914-1924) e República Dominicana (1916-1924).

Por outro lado, o secretário de Estado Philander C. Knox, com o consentimento do presidente William Howard Taft, adicionou outro componente às considerações estratégicas de Roosevelt, formulando a política, que ficou conhecida como a “Diplomacia do Dólar”. Essa política obrigava aos países da América Latina e o Caribe a contratar empréstimos dos banqueiros norte-americanos, recebendo em garantia, do Departamento de Estado, a supervisão direta das obras de linhas ferroviárias, telégrafos e alfândegas. Caso surgisse qualquer problema, também recebiam proteção militar (SELSER, 2003). A partir do início do século XX, a política interna dos países centro-americanos ficou condicionada às determinações do “Grande Vizinho”.

O modelo de expansão dos Estados Unidos na Nicarágua foi mais de dominação política e diplomática do que econômica (TORRES-RIVAS, 2007). Além do Panamá, a Nicarágua atraiu a atenção dos Estados Unidos. Foi o primeiro ponto geográfico de interesse para a construção de um canal interoceânico. O Congresso norte-americano foi convencido pelo presidente Roosevelt a decidir pela rota do Panamá, em 1903, mas esse projeto permaneceu na agenda política por muitos anos (CUMMINS, 1983).

A primeira intervenção em grande escala dos Estados Unidos na Nicarágua teve início em 1912 e prolongou-se até 1925. Está relacionada com a derrubada do governo de José Santos Zelaya, chefe do Partido Liberal⁶ (1909), e à imposição de Adolfo Diaz, do Partido Conservador⁷, como presidente. O ditador Zelaya tinha conseguido implementar algumas medidas de progresso e consolidação nacional, que não agradaram o secretário de Estado dos Estados Unidos, Philander C. Knox, quem o pressionou para obter a concessão da rota do

⁶ O Partido Liberal surgiu na segunda metade do século XIX, e consolidou-se como tal no governo do general Zelaya (1893-1909). Foi liderado por latifundiários ligados à produção de café, especialmente no Departamento de León. A base social liberal era fundamentalmente urbana: setores da pequena burguesia, artesãos e comerciantes.

⁷ O Partido Conservador é o mais antigo da Nicarágua, formado durante os 30 anos de consecutivos governos conservadores, na segunda metade do século XIX. Foi liderado por agricultores e comerciantes - civis e militares - especialmente da cidade de Granada. Sua base social foi formando-se em torno das fazendas de gado e sempre foi mais rural do que urbana.

canal e a construção de uma base naval na Nicarágua. Zelaya negou-se a aceitar o acordo, o que irritou profundamente o governo estadunidense (SELSER, 2003).

Knox, então, alçou o conservador Adolfo Díaz – contador chefe de uma empresa mineira norte-americana – à presidência, sob algumas condições, entre elas: a contratação exclusiva de créditos com banqueiros norte-americanos para “salvar as finanças do país”; nenhuma concessão (incluindo a do canal) a outras potências; e orientações legais para a organização do novo governo. Aceitas as condições e reconhecido o governo, as companhias financeiras *Brown Brothers, J. & W. Seligman* e *U.S. Mortgage Trust Company* dividiram o país entre si. Assim, tomaram como garantia a renda das ferrovias e das alfândegas, do tabaco e da aguardente, apossaram-se dos bancos e das empresas de minérios (RAMÍREZ, 1981).

Como o que conferia riqueza à Nicarágua era sua posição estratégica no mar do Caribe, em 1914, o governo Díaz firmou com o governo norte-americano um tratado que concedia ao governo estadunidense o direito de construir um canal interoceânico. Os Estados Unidos teriam a soberania sobre o território nicaraguense que abrigaria o canal, além de serem responsáveis pela construção de duas bases navais. O governo nicaraguense receberia, em troca, três milhões de dólares. Na verdade, não se tratava de uma concessão para construir um canal, mas de um acordo para que nenhum outro país pudesse construí-lo. O prazo do tratado era de 99 anos, com a opção de renovação por outros 99 anos (RAMÍREZ, 1981).

Os *marines*⁸ norte-americanos deixaram a Nicarágua em agosto de 1926, após a eleição e a posse de uma plataforma liberal-conservadora, por eles supervisionada. Dois meses depois, um general conservador, Emiliano Chamorro, liderou um levante armado contra esse governo, forçando a renúncia do presidente, Carlos Solórzano, e fazendo o Congresso nomeá-lo ao cargo máximo da nação. As forças liberais iniciaram um levante armado contra o general, reclamando a entrega do governo ao sucessor previsto em lei, Juan Bautista Sacasa. Tem início, então, a Guerra Constitucionalista e os *marines* voltam, a pedido do governo de Adolfo Díaz, a ocupar a Nicarágua em 1926, permanecendo no país até 1933 para restabelecer a paz interna, sob a proteção dos interesses norte-americanos.

Os termos políticos “conservador” e “liberal” não tiveram, na prática, uma diferenciação conceitual, apenas uma conotação geográfica e social. Os conservadores, agricultores e comerciantes, dominavam o Sul do país. Os liberais, artesãos e profissionais, agrupavam-se ao Norte. Por outro lado, as oligarquias conservadora e liberal tinham uma longa tradição de resolução dos conflitos a partir do uso da violência, sendo muito comum a ocorrência de guer-

⁸ Fuzileiros navais.

ras civis, além dos chamados de auxílio militar contra os opositores políticos, feitos por um ou outro partido, ao governo norte-americano.

A dominação do governo norte-americano contou ao longo do século XX com a concordância e colaboração dos governos e das oligarquias nicaraguenses que, “estéreis em sua existência de classe e inaptas estrategicamente para edificar uma base interna de poder” (RODRIGUES, 1991, p. 13), se beneficiavam com a pilhagem do Estado, não se importando com o destino político do país. No andar de baixo, uma massa de camponeses sobrevivia numa economia de subsistência, com quem a oligarquia mantinha uma relação de dominação patrimonialista.

1.1.2 Sandino e o nacionalismo anti-imperialista

O fenômeno político mais importante na Nicarágua dos anos 1930 foi o recrudescimento da guerra contra os Estados Unidos, liderada por Augusto C. Sandino (TORRES-RIVAS, 2007). Filho ilegítimo de pai fazendeiro e mãe camponesa, nascido no meio de privações num pequeno povoado da Nicarágua, Sandino deixou seu país de origem aos 21 anos à procura de uma vida melhor. Empregou-se no México, como mecânico nos campos petrolíferos do Estado de Veracruz.

As experiências vividas por Sandino nesse país – as ideias da Revolução Mexicana, o zapatismo, o anti-ianquismo, o socialismo e o anarquismo – causaram um profundo impacto em seu pensamento político. O relato a seguir mostra os motivos que o levaram a entrar na vida política ativa, em 1926 (SELSER, 2003, p.165):

Essa mesma intervenção [norte-americana] tem sido a causa do ódio contra os nicaraguenses por parte dos outros povos da América Central e do México... Sentia-me profundamente ferido quando me chamavam de "*vendepatria*", "traidor sem vergonha". No início, respondia a essas frases dizendo que, não sendo eu homem de Estado, considerava que não merecia esses adjetivos aviltantes. Mas depois refleti e compreendi que eles tinham razão porque, como nicaraguense, eu tinha direito ao protesto. Soube, então, que, na Nicarágua, havia surgido um movimento revolucionário [a Guerra Constitucionalista]. [...] Tomei três mil dólares das minhas economias e parti para Manágua...

A vergonha de ser considerado um traidor da pátria e o convencimento de que tinha um dever patriótico funcionaram como os motivos do engajamento de Sandino em uma guerra contra a violação dos princípios constitucionais e a ocupação norte-americana.

Ao voltar à Nicarágua, Sandino empregou-se na Mina de São Albino, de propriedade estadunidense. Sua convicção anti-imperialista adquirida ao longo de suas viagens, leituras e experiências pessoais, ajudaram-no a tornar-se o líder dos mineiros (SELSER, 2003). Falava com eles sobre a história da Nicarágua, o Tratado do Canal Interoceânico, as forças estrangeiras que derrubavam presidentes eleitos.

Durante os meses que aí trabalhou, conseguiu reunir 29 homens que se dispuseram a segui-lo. Dinamitaram a mina e enfrentaram as tropas conservadoras pela primeira vez em novembro de 1926. O grupo juntou-se às forças liberais com algumas armas compradas em Honduras, a partir de 300 dólares que integravam as economias de Sandino.

Em fevereiro de 1927, já haviam desembarcado 5,4 mil *marines* na Nicarágua (SELSER, 2003, p.166). As forças liberais, lideradas pelo general José María Moncada, ganharam a guerra e instalaram, na Costa Atlântica, um governo provisório.

Na iminência de uma derrota dos conservadores pelo avanço das tropas liberais em direção à capital, o Departamento de Estado dos Estados Unidos enviou, em missão especial, o coronel Henry Stimson, um dos mais implacáveis defensores do corolário de Roosevelt, com a missão de conseguir a paz na Nicarágua. Entre 7 de abril e 12 de maio, Stimson cumpriu seu objetivo, selando um acordo de paz entre os rivais, em troca da promessa de realização de novas eleições em 1928, sob a supervisão dos Estados Unidos e a ameaça de Stimson de utilizar a força militar para desarmar os liberais, caso não o fizessem pela sua própria vontade (SELSER, 2003).

Para os Estados Unidos terem base legal na supervisão das anunciadas eleições, Stimson sugeriu colocar em prática um antigo projeto de constituição de uma força militar, aprovado pelo Congresso nicaraguense, em 1925. O coronel Robert Rhea, da Marinha norte-americana, iniciou, então, a criação da *Constabularia*, a Guarda Nacional⁹ (GN), uma espécie de corpo policial local, com funções militares. Os Estados Unidos implementaram esse tipo de exército nos países que ocuparam militarmente no século XX, com o objetivo de pacificar os grupos nacionais em conflito e proteger seus interesses econômicos e políticos. Dessa forma, evitaram seu desprestígio, perante a opinião pública internacional e nacional, de manter a infantaria da marinha nos países ocupados.

⁹ A Guarda Nacional detinha o monopólio oficial da força, servindo como força armada, força aérea, polícia, agentes de alfândega e de trânsito, entre outras funções.

O acordo de paz rezava que os cidadãos e as cidadãs deveriam entregar suas armas aos *marines*, independentemente da filiação política. Em troca, recebiam um dólar. Todos os generais liberais aceitaram o pacto Stimson-Moncada, exceto Sandino, que também não aceitou o cargo de chefe político da região das Segovias, oferecido por Moncada, nem os dez dólares ao dia que os Estados Unidos pagavam aos generais pelo tempo que tinham chefiado a guerra. Com seu grupo de oficiais liberais dissidentes, revoltou-se, dando início a uma guerra contra a ocupação norte-americana, que duraria seis anos.

Sandino relata que “decidiu atender o chamado ao protesto contra a traição da pátria e os ideais nicaraguenses” convencido de “que as balas seriam as únicas que poderiam defender a soberania da Nicarágua porque não havia razão para que os Estados Unidos se intrometessem em assuntos de família” (SELSER, 2003, p. 229-230). Estava constituído o núcleo do *Exército Defensor da Soberania Nacional*, liderado por Sandino, lançando seu primeiro *Manifiesto Político de la Mina de São Albino*, em 1º de julho de 1927. O documento proclama (RAMÍREZ, 1981, p. 144), em um de seus trechos:

Os grandes dirão que sou muito pequeno para a obra que estou empreendendo, mas minha insignificância será sobrepujada pela altivez do meu coração de patriota. Assim juro, frente à pátria e frente à história, que minha espada defenderá o decoro nacional, que será redenção para os oprimidos. Aceito o convite à luta, e eu mesmo a provoco. Diante do desafio do invasor covarde e dos traidores da Pátria, respondo com meu grito de combate. Meu peito e os dos meus soldados formarão muralhas onde baterão as legiões dos inimigos da Nicarágua. Poderá morrer o último de meus soldados, que são os soldados da liberdade da Nicarágua, mas antes, mais de um batalhão dos vossos, invasor louro, terá mordido o pó das minhas rústicas montanhas.

A guerrilha de Sandino teve grandes repercussões na América Latina, e tornou-se o principal legado para a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), na década de 1960. Os livros mais importantes escritos sobre Sandino (SELSER 2003; BELAUSTEGUIGOITIA, 1985; TORRES ESPINOZA, 1985; CUMMINS, 1983; ROMÁN, 1979; RAMÍREZ, 1981) são unânimes em destacar o assombro do mundo quando aquele diminuto movimento declarou guerra ao exército mais bem equipado e treinado do mundo. Também é destaque nas referências bibliográficas a boa organização do exército sandinista, que chegou a ter entre dois mil e seis mil soldados, e adotou a guerra de guerrilhas como repertório de confronto.

Entre 1931 e 1932, as colunas de Sandino espalharam-se por uma área de aproximadamente 80 mil quilômetros quadrados, sendo que o território da Nicarágua era de 140 mil quilômetros quadrados (ROMÁN, 1979). As tropas norte-americanas utilizaram largamente a aviação para combater a guerrilha sandinista e bombardearam e destruíram povoados inteiros.

Um dos fatores que ajudaram o movimento a se tornar conhecido foi a excelente divulgação que Sandino fez de seu pensamento político nacionalista, latino-americanista e anti-imperialista, assim como o passo a passo da guerra. Expressou-se através de cartas, telegramas, manifestos, boletins, partes de guerra, relatos autobiográficos e entrevistas à imprensa. Criou símbolos que identificavam o movimento, como o carimbo estampado nos documentos com as palavras *Patria y Libertad*, e a cor rubro-negra da bandeira, simbolizando a liberdade ou a morte.

Apesar de conhecido, Sandino nunca conseguiu apoio material, seja nacional ou internacional, de qualquer partido ou movimento político. "Durante os anos de luta, Sandino permaneceu internacionalmente isolado, aturdido por um coro de louvores e exaltações líricas, de apoios retóricos, com os quais não conseguia comprar uma munição" (RAMÍREZ, 1981, p. LVI).

Em janeiro de 1933, um dia após o liberal Juan Bautista Sacasa tomar posse na presidência da Nicarágua, eleito no pleito eleitoral supervisionado pelos *marines*, as tropas norte-americanas deixaram os portos nicaraguenses. O Departamento de Estado tinha negociado com os partidos Liberal e Conservador algumas condições antes de deixar o país, entre elas, a nomeação de Anastacio Somoza García, homem de confiança dos Estados Unidos, como diretor chefe da Guarda Nacional.

Em fevereiro de 1933, após a saída das tropas norte-americanas, Sandino propôs um acordo de paz ao novo governo liberal, que contemplava o desarmamento parcial do exército sandinista, o respeito ao princípio da não intervenção estrangeira nos assuntos internos do país e a reserva de uma parte do território para a inserção de suas tropas nas atividades produtivas agrícolas. Um ano mais tarde, depois de ser discutido como implantar os acordos de paz, após de um jantar na Casa Presidencial com o presidente Sacasa, Sandino foi preso e assassinado pela Guarda Nacional no Campo de Marte, em Manágua, com dois generais de seu Estado Maior, Francisco Estrada e Juan Pablo Umanzor, por ordens de Anastacio Somoza García.

No dia seguinte à sua morte, foram destruídos os acampamentos sandinistas nas Segovias e a figura de Sandino foi banida da história nicaraguense por 50 anos. Somoza García admitiria, dois meses mais tarde, num discurso pronunciado na cidade de Granada, durante um banquete em que participavam conservadores e liberais, que tinha mandado matar Sandino “pelo bem da Nicarágua” (RAMÍREZ, 1981: LIV).

1.1.3 A saga dos Somoza: 43 longos anos de dominação patrimonialista

Dois anos depois do assassinato de Sandino, em 1936, Somoza García derrubou o governo de J. B. Sacasa (seu tio e também liberal), com um golpe de Estado. Somoza foi eleito presidente nesse mesmo ano, tomando posse em 1937, e dando início ao que Torres-Rivas chama de a saga familiar de poder, riquezas, ódios e entregas, que terminaria em 1979, com a Revolução Popular Sandinista. Torres-Rivas (1997, p. 3) caracteriza assim o governo do general Somoza García:

O Somoza foi algo menos que uma ditadura militar e mais que um regime personalizado no carisma do Somoza, "O Velho". Apoia-se no Partido Liberal, antiga formação política que data do século XIX, e na Guarda Nacional, criatura da intervenção norte-americana, que se estendeu até 1933. Ambos, Exército e Partido, tornam-se uma organização de clientelismo, de favores e corrupção. Ao estabelecer um forte sistema de prebendas, o general assegurou uma íntima lealdade porque, como acontece nesses casos, distribui pequenos e grandes privilégios para todos terem a sensação de poder.

Acresce que a dominação de Somoza García não foi estática; configurou uma estrutura de poder que combinou momentos de abertura, oposição tolerada, expressões populistas e momentos de intensa repressão. A lealdade era premiada com vantagens, mas ao mesmo tempo havia o medo da delação – dimensões que só são possíveis em uma sociedade pequena, agrária, atrasada e pobre. Com o Partido e o Exército, logo veio a terceira dimensão do poder: o capital. Somoza e sua família formaram o mais importante grupo empresarial da América Central. Quando a revolução sandinista expropriou os bens da família, em 1979, aproximadamente 35% do PIB eram produzidos nas propriedades do Grupo Somoza (TORRES-RIVAS, 1997).

Bacchetta (1986) resume a relação de Somoza com a Guarda Nacional: desde cedo, ele utilizou a GN para conseguir fortuna pessoal, por meio da pilhagem e do saque direto. Somoza apropriou-se das terras agrícolas, dos impostos das alfândegas, dos empréstimos dos bancos. O sistema de pilhagem foi reproduzido em todos os níveis da Guarda Nacional (GN). Os coronéis apropriaram-se dos impostos regionais, assim como os cabos, dos impostos dos bordéis e bares das pequenas cidades. Dessa forma, a vinculação orgânica que Somoza estabeleceu com a GN, foi reproduzida em todos os seus níveis, criando vínculos paternalistas e de mancomunação com os subordinados, através de favores e da solução de problemas.

Por outro lado, continua Bacchetta (1986), o exército não se esgotava nos quadros efetivos da GN, mas era complementado com um amplo contingente paramilitar. Eles “eram recrutados pelo partido de Somoza, o Liberal, e eram reconhecidos oficialmente sob o nome de Reserva Civil, sendo utilizados para cumprir tarefas de vigilância e repressão” (p. 7). A Reserva Civil e os “voluntários” que esse partido incorporava entravam e saíam facilmente dos quartéis, onde recebiam armas, que podiam guardar em suas casas. Os ex-membros da GN obrigatoriamente pertenciam à Reserva Civil.

Concordando com Torres-Rivas (1997), Bacchetta (1986) aponta que o somozismo não foi estritamente uma ditadura militar, na qual o exército governava anulando as instituições civis. Tampouco foi uma ditadura pessoal exclusiva, aparte dos interesses de uma classe e das formas de consenso social e político mais amplo. Somoza sempre se preocupou com a legitimidade institucional e política de seu governo, usando formas da democracia burguesa tradicional (sistema de três poderes; funcionamento dos partidos políticos; e eleições periódicas) – mesmo que restringindo sua capacidade real de questionar o somozismo. Também foi minucioso na criação de leis e regulamentos que conferiam forma jurídica a seu regime.

Bacchetta (1986) ainda considera que toda a construção jurídica do regime não estava apenas a serviço dos interesses pessoais de Somoza, mas contemplava também pactos entre liberais e conservadores, que foram renovados desde 1927 até 1971, e refletiram o acordo do conjunto da burguesia nicaraguense com o somozismo, dando uma aparência de ordem institucional. O apoio dos Estados Unidos e os pactos com a burguesia opositora eram aspectos indissociáveis para estruturar a legitimidade política e institucional do somozismo, que permitiu ao regime sobreviver por tanto tempo.

Rodrigues (1991) salienta que as oligarquias nicaraguenses abdicaram de estabelecer os alicerces políticos da nação nicaraguense e tornaram-se meros segmentos regionais do império norte-americano, perdendo a oportunidade de serem representantes do interesse geral da sociedade. A ditadura somozista conseguiu acomodar as disputas entre os grupos oligárquicos rivais e consolidar uma unidade política que conferiu uma aparência de legitimidade ao regime. Aos olhos das elites nativas, o governo somozista era o meio mais seguro para preservar sua inserção no mercado capitalista nacional e mundial, e garantir o alto grau de exploração dos trabalhadores. Mas esses setores de fato participavam da vida parlamentar de maneira formal, dispondo de espaços políticos mínimos, com chances quase nulas de ocupar postos-chave no Executivo.

Para ilustrar seu argumento, Rodrigues cita uma entrevista do ex-deputado do governo Somoza García, o intelectual José Coronel Urtecho, em que declara que, no Congresso, não havia nada a fazer além de cumprir as ordens de cima, o que valia tanto para os deputados somozistas quanto para os da oposição. “Somoza tinha ocupado esse lugar em grande parte por nossa culpa” (RODRIGUES, 1991, p. 18).

Tomando como referência a Teoria Weberiana da Dominação, Torres-Rivas (1997, p. 3) caracteriza assim os governos da família Somoza:

Uma república dinástica? Nos 43 anos de poder, os três membros da família Somoza e os governantes de fachada que serviram para cobrir períodos eventuais [de ausência de membros da família] (Arguello, Schick, o Triunvirato de 1970) foram todos eleitos, prova confiável da distância entre legalidade e legitimidade. Weber distingue na dominação tradicional, aquela que é exercida como um poder pessoal autônomo e que opera primariamente com discricionariedade, chamada sultanato. Aqui, os funcionários são recrutados com base nas lealdades pessoais, que não decorrem tanto do carisma do líder, mas de sua habilidade para conceder e retirar. Somoza I foi assim. A autoridade tradicional respeita as normas e os costumes. O sultanato, não. A família Somoza era mais parecida a esse último que ao primeiro, pois o país era administrado como uma grande propriedade, numa confusão circular entre o público e o privado.

Da mesma forma, Goodwin (2001), a partir do conceito weberiano de ditadura neopatrimonialista ou sultânica, desenvolvido depois por Linz (1975)¹⁰ e outros autores, estabelece uma diferenciação entre os governos ditatoriais da América Central. Os governos da dinastia Somoza são caracterizados pelo autor como neopatrimonialistas, e os governos de El Salvador e da Guatemala dos anos 1980 como ditaduras institucionais, isto é, formas de autoritarismo em que o regime não é dominado por um único governante ou por um pequeno grupo de pessoas, mas pelas forças armadas como instituição, por um partido político dominante, ou por outra entidade coletiva, como uma rede de parentes ampliada. Nos governos neopatrimonialistas há uma dominação personalista, com base na coerção e nas ameaças do exército do ditador ou da guarda pretoriana, por um lado, e uma distribuição de patrocínios e favores a “clientes” em troca de sua lealdade política, por outro.

A ditadura neopatrimonialista produz e reproduz alguns fenômenos sociais, como massas despolitizadas e desmobilizadas, e elites econômicas fracas e dependentes do Estado. As elites são cooptadas e desorganizadas pela ditadura, mediante práticas distributivas. Como resultado, há uma tendência de que esses atores tenham pouca influência política, não tenham

¹⁰ LINZ, Juan. Totalitarian and Authoritarian Regimes. In: **Handbook of Political Science**, v. 3, 1975.

habilidade para liderar, mobilizar e controlar, de forma sustentada, grupos que se mobilizam em situações de revoltas, sublevações e mudanças, ou são incapazes de forjar alianças com outras elites. Como os contratos do Estado são concedidos na base da lealdade e da afinidade com o ditador, eles tendem a ser a base de futuros e intensos conflitos, devido à falta de conexões políticas e sociais entre as elites e o regime.

Por outro lado, Goodwin (2001) afirma que o ditador neopatrimonialista exerce o controle pessoal na sua administração e nas "suas" forças armadas, criando áreas concorrentes em que as responsabilidades são mal definidas e as cadeias de comando sobrepostas. A lealdade pessoal ao ditador dificulta também o aparecimento de uma efetiva oposição política dentro do aparelho do Estado, pois o ditador tende a rotar ou tirar os funcionários dos postos-chave, justamente para não cristalizar a formação de facções. Os oficiais militares e o corpo administrativo estão mais isolados das correntes políticas e dos intelectuais da sociedade civil do que nas ditaduras institucionais, e qualquer tentativa de oposição é prontamente segregada e punida. Finalmente, o ditador neopatrimonialista emprega os funcionários, distribuindo ganhos econômicos privados. A contratação de obras e serviços do Estado é feita com base na lealdade e da afinidade, e a corrupção é um importante mecanismo de controle de funcionários e elites.

Com efeito, as elites nicaraguenses agrupadas nas chamadas "paralelas históricas" (partidos Liberal e Conservador) foram cooptadas por Anastacio Somoza García e seus sucessores, tornando-se politicamente fracas, acomodadas e sem capacidade de liderança. No interior da Guarda Nacional, houve várias tentativas isoladas de rebelião contra Somoza, que foram sufocadas e punidas severamente. Em algumas ocasiões, militares desgarrados da Guarda Nacional juntaram-se às forças remanescentes do sandinismo da década de 1930 para derrubar os Somoza, sendo igualmente sufocados.

A população permaneceu desmobilizada e despolitizada por longos períodos, sendo a juventude universitária o setor que se mobilizou contra a ditadura em três períodos: a Geração de 44 (1944), a Geração 23 de Julho (1959) e a Geração de 70 (1970) (BLANDÓN, 1980). O nascimento e desenvolvimento da FSLN tem íntima relação com as duas últimas gerações.

1.2 CRIANDO OPORTUNIDADES POLÍTICAS PARA O ATIVISMO DE ALTO RISCO

A Teoria do Confronto Político argumenta que o confronto está muito relacionado à mudança dos padrões de *oportunidades* e *restrições políticas*. Oportunidades são dimensões consistentes da luta política, que encorajam o engajamento no confronto; restrições políticas são fatores que colocam barreiras sólidas aos insurgentes e desencorajam o confronto (TARROW, 2009).

Após reformar a Constituição, em 1955, a fim de ser nomeado oficialmente candidato do Partido Liberal Nacionalista (PLN)¹¹ e concorrer ao seu terceiro mandato, Anastacio Somoza García iniciou sua campanha política, em 1956. Diante dessa possibilidade, formou-se na Universidade de León um comitê contra a reeleição de Somoza, cujos líderes eram os estudantes de Direito, Tomás Borge e Edwin Castro, entre outros.

E. Castro viajava constantemente a El Salvador para visitar seu pai¹², exilado desde 1948. Por meio da rede de exilados nicaraguenses em El Salvador, que incluía antigos militares expulsos da Guarda Nacional (GN) por atividades antissomozistas, ele conheceu Rigoberto López Pérez, um poeta e colaborador de jornais de 26 anos, membro do Partido Liberal Independente (PLI)¹³.

Naquele tempo, os movimentos organizavam-se nos países vizinhos, onde se concentravam os líderes contrários à ditadura. Somoza García expulsava-os da Nicarágua porque temia que o assassinato deles gerasse levantes populares. O resultado desse processo foi a formação de redes de exilados que continuavam conspirando a partir do exterior.

Após analisar a conjuntura nicaraguense, López e E. Castro, entre outros, concluíram que não havia meios de evitar a reeleição de Somoza García, e decidiram por sua execução, que representaria "um símbolo de repúdio da maioria dos nicaraguenses à ditadura, e uma forma de despertar as forças progressistas e revolucionárias do longo letargo em que estavam submersas" (BALDODANO, Tomo 1, 2010, p. 116-7).

O grupo explorou várias possibilidades para realizar o plano, acompanhando em detalhe a agenda do presidente. Finalmente, resolveu que o evento seria no dia 21 de setembro

¹¹ O antigo Partido Liberal tornou-se Partido Liberal Nacionalista em 1928. Foi o partido em que se apoiou a família Somoza para permanecer no poder.

¹² General Carlos Castro Wassmer, um dos fundadores do Partido Liberal Independente (PLI). Perseguido e humilhado por Somoza, seu apoio a López Pérez foi vital, convencendo os membros de seu partido a mostrar sua solidariedade para a ação que estava sendo preparada (BLANDÓN, 2007).

¹³ Divisão do Partido Liberal Nacionalista, ocorrida em 1944 por causa da fraude eleitoral e reeleição de Somoza. Sofreu um processo de radicalização, inclinando-se, em alguns momentos, pela opção armada. (BLANDÓN, 2007).

de 1956, em uma festa na Casa do Operário, na cidade de León, onde Somoza García comemoraria a indicação de seu partido à reeleição.

López ofereceu-se voluntariamente para cumprir sua parte do plano: disparar contra Somoza García. E foi treinado para essa tarefa por militares exilados. O plano do assassinato contemplava também um levante dos jovens oficiais da GN, que finalmente não ocorreu.

A retaguarda de López estava formada por E. Castro e dois ativistas mais, que desligariam a central elétrica da cidade em um determinado horário combinado, e garantiriam um veículo para que o autor dos disparos tivesse a chance de escapar do local. Como Somoza resolveu sair da festa antes do previsto, López tomou a decisão de atirar, mesmo sem a possibilidade de sair vivo, e acertou o general. Crivado de balas pela GN, López foi arrastado fora do local e levado à capital, Manágua, de onde seu corpo desapareceu para sempre. Na carta-testamento escrita meses antes, endereçada à mãe, e confiada a uma amiga, López (LOZANO, 1985, p. 49-50) escreveu:

[...] apesar de a senhora nunca ter sabido, participei de tudo quanto foi ataque ao regime funesto da nossa pátria. Em vista de que todos os esforços resultaram inúteis para conseguir que a Nicarágua voltasse a ser (ou fosse pela primeira vez) uma pátria livre, sem afrontas e sem máculas, decidi, mesmo que meus amigos não quisessem aceitar, tentar ser eu quem inicie o começo do fim dessa tirania. [...] Espero que tome as coisas com calma e pense que o que eu estou fazendo é um dever que todo nicaraguense que ama de verdade sua pátria, deveria ter feito há muito tempo.

Na ação descrita acima, fica claro que os desafidores do governo pretendiam abrir oportunidades políticas para outros grupos desafetos do governo, tanto é que López qualificou seu ato como "o começo do fim dessa tirania". Além disso, em correspondência à sua família, quando estava na prisão, E. Castro afirma que o plano tinha nascido de uma longa e fria meditação e que, desde o momento em que aceitou dirigir o movimento, sabia que sua vida não valeria nada – e, naquele momento, valia menos ainda porque estava às portas da morte (BALDODANO, Tomo 1, 2010). Também foi esse o entendimento dos que se mobilizaram mais tarde, como o líder da FSLN, Carlos Fonseca (1985, p. 393), que conecta o assassinato de Somoza à fundação da FSLN.

Só dois anos depois de 1956, empunharam de novo o fuzil guerrilheiro veteranos do exército de Sandino, liderados pelo sinhozinho Ramón Raudales. [...] Cinco anos mais tarde a ação de 21 de setembro, é formada a força revolucionária denominada Frente Sandinista de Libertação Nacional, FSLN, que está conquistando com as armas a vanguarda do combate popular na Nicarágua. Rigoberto López Pérez, herói e poeta, torna-se o grande precursor e iniciador de um movimento cultural revolucionário que posteriormente tem progredido.

Por outro lado, há muitas semelhanças entre os motivos de Sandino e López para iniciarem o confronto com os detentores do poder. Ambos sentiam-se impelidos a cumprir um dever em nome da pátria que ambicionavam livre e envergonhavam-se dos governos que oprimiam os nicaraguenses. Em outra parte da carta, López escreveu que cumprir um dever com a pátria não era um sacrifício, mas a maior satisfação que um homem de bem deve sentir (FONSECA, 1985). A interpretação de Fonseca (1985, p. 392) sobre esse fato revela que deveres patrióticos e sacrifícios pessoais são comuns a todos eles.

No país não existe nem organização, nem direção, nem consciência revolucionárias. Insistimos em dizer que está intacta a consequência da catástrofe desatada por mais de um século de intervenções armadas norte-americanas. Em 1956, a lucidez que dá a vergonha permite a Rigoberto prestar atenção ao fato mais notório: Anastacio Somoza sobreviveu por mais de vinte anos, assassinando, saqueando, traficando a soberania. Afirmamos que Rigoberto é um digno descendente de Sandino. [...] Ele, com seu revólver 38, desafiou um poder apoiado por milhares de fuzis, metralhadoras, tanques, canhões, aviões, e sustentado finalmente pelo mais poderoso império capitalista.

Fonseca conclui que, se a valentia de López foi grande, maior ainda foi seu afã de cumprir seu dever. Ele é "um gigante ético; é o homem justo, que cumpre seu dever. [...] 'Dever' é a palavra central do testamento, o caráter e a obra de Rigoberto López Pérez" (FONSECA, 1985, p. 401).

Durante o ataque na Casa do Operário, protagonizado por López, Somoza García foi gravemente ferido e levado às pressas a um hospital da Zona do Canal do Panamá, onde recebeu atenção dos médicos estadunidenses enviados especialmente pelo presidente Dwight David "Ike" Eisenhower. Entretanto, terminou morrendo depois de uma semana.

Após duas décadas de sua assunção ao poder e de ditadura militar nascia, naquele momento, com a sucessão consanguínea preparada, uma dinastia. O filho mais velho, Luis Somoza Debayle, presidente do Congresso Nacional, implantou o estado de sítio e assumiu provisoriamente a presidência. O filho mais novo, Anastacio Somoza Debayle, foi nomeado diretor chefe da GN, cargo que o pai acumulava com o de presidente da nação.

O jovem poeta, intelectual e militante sandinista, Fernando Gordillo, amigo de Fonseca, escreveria anos mais tarde o enigma:

*Dos muertos:
uno, a la vista de todos
en el corazón de nadie.
Otro, a la vista de nadie
en el corazón de todos.*

Centenas de cidadãos e cidadãs desafetos e de outros que não ofereciam resistência ao regime foram encarcerados. Preso, Borge (1989) menciona que encontrou no cárcere a mãe, a irmã e o irmão de López, amarrados pelos pés e mãos, assim como o padrasto e até o professor que ensinou a López as primeiras letras. Homens de todas as idades – entre eles aqueles que nunca tinham tido atividade política – entravam e saíam das celas.

Além de Borge, foi aprisionado Carlos Fonseca, líderes estudantis afiliados ao Partido Socialista Nicaraguense (PSN)¹⁴, assim como Pedro Joaquín Chamorro, jovem jornalista de família tradicional do Partido Conservador e o opositor mais acirrado à ditadura somozista, que agia a partir de seu posto de editor do jornal *La Prensa*¹⁵.

Fonseca permaneceu sete semanas na prisão, Borge foi condenado a nove anos, e Chamorro foi confinado numa prisão na Costa Atlântica. Ele relembra¹⁶ (apud BERGE, 1989) que os prisioneiros dividiam, no jardim da Casa Presidencial, uma jaula com dois leões e uma pantera, separados por barras finas. E Borge (1989, p. 98) completa: "frente às feras e aos homens enjaulados passeavam, de manhã e de tarde, Luis, Anastacio e o resto da família Somoza, esses *modernos Bórgias*. As sessões de tortura começavam ao entardecer", no famoso quarto de costura da família.

E. Castro e os demais ativistas foram presos, cruelmente torturados e condenados a dez anos prisão. As torturas mais violentas tinham sido inauguradas alguns anos antes pelo diretor chefe da GN, Anastacio, quem, "em algumas ocasiões, as executava pessoalmente" (BALDODANO, Tomo 1, 2010, p.123).

Os prisioneiros não chegaram a cumprir suas condenações, pois foram abatidos quatro anos mais tarde, com mais de 50 tiros cada um, numa execução por ele liderada. Oficialmente, o governo explicou que os prisioneiros haviam tentado fugir, colocando em prática o que se convencionou em chamar a lei de fuga¹⁷.

Apesar de os Estados Unidos de John F. Kennedy, depois do triunfo da Revolução Cubana, terem estimulado um processo de abertura e de pressão às ditaduras da América Central e o Caribe para soltar os presos políticos, para o diretor chefe da GN, isso era inaceitável no caso desses ativistas. Suas autópsias, realizadas pela Universidade de León, acompanhadas pela população através da mídia, comprovaram as torturas e a execução. Os enterros dos assassinados tornaram-se uma grande manifestação de repúdio à dinastia somozista.

¹⁴ Partido Comunista fundado em 1944 no contexto de importantes mobilizações estudantis.

¹⁵ Jornal matutino fundado em 1926, propriedade da família de Pedro Joaquín Chamorro.

¹⁶ CHAMORRO, Pedro Joaquín. **Estirpe sangrienta: Los Somoza**. México, Ed. Diógenes, 1980, p. 87.

¹⁷ Execução do prisioneiro simulando sua evasão, uma técnica muito utilizada pelo governos somozistas.

Antes de sua morte, E. Castro (BALTODANO, Tomo 1, 2010, p. 129) escreveu, no cárcere, uma de suas mais belas poesias, dedicada ao filho mais novo, nascido poucos meses depois de ser preso, cuja primeira e última estrofe dizem:

*Mañana, hijo mío, todo será distinto
Se marchará la angustia por la puerta del fondo
que han de cerrar, por siempre, las manos de hombres nuevos.*

*Mañana, hijo mío, todo será distinto:
sin látigos, ni cárcel, ni bala de fusil que repriman la idea.
Caminarás por las calles de todas las ciudades,
en tus manos, las manos de tus hijos,
como yo no lo puedo hacer contigo.
No encerrará la cárcel tus años juveniles
como encierra los míos:
ni morirás en el exilio, temblorosos los ojos,
anhelando el paisaje de la patria,
como murió mi padre.
¡Mañana, hijo mío, todo será distinto!*

Segundo McAdam, Tarrow e Tilly (2001), as oportunidades e as ameaças políticas não são apenas categorias objetivas, mas dependem do tipo de atribuição que os atores dão a elas, de acordo com o "enquadramento" dos objetivos do movimento. Nenhuma oportunidade que se abre objetivamente convida à mobilização se não é visível para os potenciais desafiadore e percebida como uma oportunidade. Elas podem variar e modelar o fluxo das atividades dos movimentos.

O assassinato de Somoza García é a ação dos opositores que cria oportunidades políticas para outros oponentes iniciarem seus movimentos. A intensa repressão desencadeada pelos filhos de Somoza em resposta ao assassinato e à ascensão à presidência do filho mais velho, Luis Somoza, foram os eventos que facultaram as primeiras ações armadas e a resistência civil de veteranos ativistas sandinistas, ex-oficiais da Guarda Nacional (GN), bem como de ativistas do movimento estudantil e dos partidos políticos. Os movimentos difundiram-se com muita velocidade até alcançar o ápice, em 1959, esgotando-se em 1963, com a eleição do presidente René Schick, governante fiel à família Somoza, que acenou com benevolência aos opositores, concedendo uma anistia política.

No cenário internacional, em 1959, foi derrubado o ditador cubano Fulgencio Batista, e o Movimento 26 de Julho (M-26-7), de Fidel Castro e Che Guevara, tomava o poder, inaugurando a Revolução Cubana. O fulcro do repertório de confronto dos cubanos foi a luta armada, que se difundiu do caso cubano ao nicaraguense e a outros movimentos latino-americanos. O mesmo repertório havia sido utilizado por Augusto C. Sandino e seu Exército

de Defesa da Soberania Nacional da Nicarágua (EDSN) na guerra contra a ocupação norte-americana (1927-1933).

Os movimentos sociais – interações entre pessoas poderosas e outras sem poder - que resultam desses episódios de confronto se sustentam quando: a) essas lutas se dão em torno de grandes divisões da sociedade; b) reúnem pessoas em torno de símbolos culturais herdados; c) ampliam ou constroem densas redes sociais e estruturas conectivas (TARROW, 2009).

A ação coletiva dos movimentos sociais difunde-se criando oportunidades para a mobilização de outros movimentos e partidos, possibilitando a formação de coalizões e contramovimentos (TARROW, 2009).

O surgimento de movimentos sociais da mesma família que conformam um ciclo de confronto na Nicarágua está relacionado à mudança de padrões das oportunidades políticas criadas por um grupo de opositores que interpretaram o lançamento da candidatura de Anastacio Somoza García a seu terceiro mandato como uma restrição às liberdades democráticas, o que só poderia ser interrompido mediante sua execução.

A repressão sistemática de confronto e a ausência de canais regulares de expressão transformam dissidentes moderados em opositores que são forçados a colocar o problema em termos de derrubada do governo como condição para as reformas (TARROW, 2009).

A farsa eleitoral montada por Luis Somoza, em 1957, com a ajuda do Partido Conservador Nacionalista¹⁸ elevou-o à presidência por seis anos. A repressão, que desatou o assassinato de seu pai, e a frustração, que provocou a continuidade do regime somozista e suas práticas, desencadeou uma série de ações conspiratórias contra seu governo, que configuram um ciclo de confronto. As ações políticas de confronto não são iguais em todos os momentos, havendo períodos em que elas são particularmente intensas. Um ciclo de confronto é definido por Tarrow (2009, p. 182) como

[...] uma fase de conflito acentuado que atravessa um sistema social: com uma rápida difusão da ação coletiva de setores mais mobilizados para outros menos mobilizados; com um ritmo rápido de inovação nas formas do confronto; com a criação de enquadramentos interpretativos de ação coletiva, novos ou transformados; com uma combinação de participação organizada e não organizada; e com sequências de fluxos intensificados de informação e de interação entre os desafiantes e as autoridades.

¹⁸ Divisão do Partido Conservador que se prestou a concorrer às eleições dos Somoza ou assinou acordos com eles em troca de prebendas e postos públicos. Popularmente são conhecidos como "*zancudos*" (mosquitos).

O assassinato de Somoza García abriu oportunidades políticas para as mobilizações do ciclo de confronto e para um tipo específico de ação política: a guerrilha.

1.3 A DIFUSÃO DO REPERTÓRIO CUBANO E A OPÇÃO PELA GUERRILHA

A opção da FSLN pela guerrilha não foi fortuita. Teve a ver com a proximidade geográfica e política com Cuba, que já praticava a estratégia. Os ciclos de confronto não estão necessariamente restritos aos limites de um país. O fenômeno da difusão dos movimentos sociais durante os ciclos de confronto, através das fronteiras internacionais, também tem sido estudada pela literatura do confronto. A turbulência política na França, em 1848, por exemplo, é resultado da difusão da guerra civil na Suíça, e o movimento estudantil alemão dos anos 1960, do ciclo de confronto norte-americano (MCADAM, 1995).

Aos primeiros movimentos que surgem no ciclo de confronto McAdam dá-se o nome de "*initiator*", ou "primeiro movimento", e aqueles da mesma família que brotam mais tarde, resultado da difusão do primeiro, são chamados de "*spin-off*" ou "movimentos subsequentes", sendo que o "ímpeto para esse processo parece ser cognitivo e cultural ao invés de estritamente político" (MCADAM, 1995, p. 226).

A luta armada, e especificamente a guerra de guerrilhas, como repertório de confronto, voltava aos países da América Latina com as sucessivas vitórias de Fidel Castro na *Sierra Maestra*, tema de muito interesse entre os exilados nicaraguenses (BLANDÓN, 1980).

Com efeito, os exilados, o setor mais mobilizado contra a ditadura congregado nos países vizinhos, foram os primeiros a perceber as oportunidades criadas pelo assassinato de Somoza García e o triunfo da Revolução Cubana.

O general Ramón Raudales, veterano do Exército Defensor da Soberania Nacional (EDSN), e outros ativistas¹⁹, que já haviam se mobilizado no passado com as armas, constituíram a chefatura militar da nova guerrilha. Também se alistaram no movimento vários estudantes procedentes de Honduras, El Salvador, Guatemala e México – aproximadamente 25 homens ao todo.

¹⁹ O coronel Heriberto Reyes, também veterano do EDSN, e o ex-comandante da GN Julio Alonso Leclair, líder de uma rebelião militar contra Somoza, em 1954, e membro da *Legião do Caribe*, que coordenava líderes políticos liberais e revolucionários da América Central e o Caribe (1945-1947), com o objetivo de acabar com as ditaduras na região e estabelecer a democracia.

O ativista Bayardo Altamirano (BALTODANO, 2010, Tomo I), no México desde 1956, explicou que, quando estudante, se dedicou com outros ativistas a organizar o movimento estudantil nicaraguense, mesmo fora do país, formando círculos de estudo de 15 a 20 estudantes em diferentes cidades mexicanas. Entre as atividades dos estudantes e exilados era importante o estudo da história de Sandino e a comemoração do aniversário de seu assassinato, assim como o conhecimento da Teoria Marxista. Um grupo preparava-se inclusive participando de treinamentos militares porque estava convencido de que tinha que derrubar Somoza com as armas. Assim, foi sendo formada uma rede patriótica mais ampla, de diferentes tendências ideológicas²⁰.

A notícia do assassinato de Somoza García provocou muitos debates entre os que eram a favor e os que eram contra a luta violenta. "O importante é que, nesse processo, todos nós fomos consolidando a convicção de que tínhamos que lutar mais decididamente" (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 131).

Altamirano viajou a Honduras para alistar-se na guerrilha do general Ramón Raudales, acompanhado de outros estudantes, mas o comandante ordenou que ele voltasse ao México para ampliar o número de combatentes. Naquele momento, Raudales dava preferência aos ativistas que tinham experiência militar. Altamirano menciona (BALTODANO, 2010, Tomo 1) que os exilados tinham uma rede de comunicação que partia do México, passava pela Guatemala e El Salvador, e ia até Honduras, incluindo pontos "cegos" fronteiriços para que as(os) ativistas pudessem entrar na Nicarágua sem serem detectados²¹. Graças a essa rede, eles conseguiram viajar com passaportes hondurenhos que os membros da rede arranjavam. Havia grupos de diferentes tendências políticas, liberais independentes e conservadores, ex-militares da GN e pilotos da Força Aérea Nicaraguense (FAN). "Honduras era um enxame de antissomozistas porque o governo de (Ramón) Villeda Morales, que havia derrubado a ditadura de Tiburcio Carías Andino, simpatizava com os opositores nicaraguenses" (BALTODANO, 2010, Tomo I, p. 134)²².

O programa político do movimento de Raudales pautava a urgência de instalar na Nicarágua um governo de conciliação nacional, a reorganização da GN, a reforma agrária, a

²⁰ Os membros da rede do México eram: Bayardo Altamirano, Edén Pastora, Armando Amador, Edelberto Torres, Conchita Palacios, Humberto Jerez, José F. Córdoba, Carlos J. Rodríguez, Ramón Romero, Virgilio Godoy, Lisandro Chavez, Róger Estrada, Clarence Silva.

²¹ Na Guatemala: a família Escobar; em Honduras: a família Tijerino, Lorenzo Zelaya, Guillermo Suárez R., Carmen Rivera, José M. Palacios, Ardón, Heriberto Rodríguez e Ramón Raudales Jr.; em El Salvador: capitán Alfaro, Alí Salomão, Carlos Ulloa.

²² Rede de veteranos sandinistas em Honduras: general Ramón Raudales, coronéis Heriberto Reyes, Lázaro Salinas, Simeón González, Santos López, capitão Santiago Dietrich.

nacionalização das minas estrangeiras e a expropriação dos bens roubados pelo governo. Os recursos materiais do movimento eram pobres: um lote de metralhadoras que estava destinado inicialmente à guerrilha cubana foi cedido ao grupo, o resto dos combatentes utilizou armas de caça. Nem todos tinham uniformes, e os mantimentos eram escassos.

Como se vê, houve uma difusão de repertórios entre movimentos, que ajuda a entender a opção pela guerrilha como forma de ação política na Nicarágua. De acordo com Wickam-Crowley (1992), a guerra de guerrilhas é uma das mais antigas formas de guerra, e tem sido mais bem definida em termos estritamente militares do que em termos sociais ou políticos. Frequentemente aparece quando uma nação ou um povo é atacado por forças superiores em número ou tecnologia. A inovação da guerra de guerrilhas no século XX, na opinião do autor, é a transferência dessa tática às guerras internas, não ficando restrita às guerras contra um invasor estrangeiro ou poderes coloniais. Na maioria dos casos, a guerrilha moderna, incluindo a insurgência – exatamente o tipo de guerrilha analisado aqui – é, ou tenta tornar-se, uma guerra civil em que a população, com o tempo, terá que (ou será forçada a) tomar partido, seja dos guerrilheiros ou do governo.

Em 1958, a guerrilha do general Ramón Raudales, inaugurou o ciclo de confronto da FSLN. A repressão desatada pelos filhos de Somoza García havia formado na América Central uma numerosa rede de exilados que conspiravam contra o governo da Nicarágua. Aflorou, um ano depois da instalação de Luis Somoza no poder, o primeiro movimento armado para derrubar o governo, liderado justamente por esse general septuagenário, veterano da guerrilha de Sandino.

Os líderes do movimento estavam convencidos de que a guerrilha obteria rapidamente vitórias militares contra a GN e ganharia o apoio da população rural, como estava ocorrendo em Cuba, subestimando a capacidade econômica, política e militar do governo.

O general Raudales, antes da partida de Honduras para a Nicarágua, tomou o juramento dos futuros combatentes, como tinha aprendido com Sandino, para "exaltar a decisão heroica, a disposição ao sacrifício, preparando-os para enfrentar com estoicismo as duras provas da guerra". Pelo juramento, os combatentes comprometiam-se a lutar pela liberdade, dando seu sangue, e prometiam não aceitar a rendição jamais porque "a pátria é para nós a nossa mãe, nossa esposa, nosso bem maior. E lutar por ela [...] é nossa alegria maior..." (BLANDÓN, 1980, p. 70-1).

A expedição durou um pouco mais de um mês, e a falta de uma organização política que os apoiasse deixou o grupo isolado, sem armas, perdidos e em péssimas condições físicas.

O exército retomou a iniciativa dominando o terreno e, a essa altura, a solução do problema para a GN era uma questão de tempo. Em um dos enfrentamentos com as forças do governo, Raudales foi morto e seus companheiros de guerra foram obrigados a fugir para Honduras.

A derrota de Raudales, em outubro de 1958, não desanimou os desafiantes do governo. Contudo, foi o triunfo do Movimento 26 de Julho (M-26-7), em Cuba, e a inauguração da Revolução Cubana, que favoreceu a disposição de combate à ditadura somozista. "O ano de 1959 foi o mais violento da era somozista, antes de 1978" (BLANDÓN, 1980, p. 82). Invasões do Sul e do Norte, agitação estudantil e protestos generalizados ocorreram esse ano. O descontentamento político já vinha se manifestando a partir da pretensão de Somoza García de concorrer à reeleição. Depois de sua morte, a continuidade dinástica, promovida pela farsa eleitoral de 1957, que foi realizada praticamente em situação de estado de sítio (já que este foi suspenso no dia anterior às eleições), frustrou as aspirações democráticas dos opositores (BLANDÓN, 1980).

De acordo com Zimmermann (2012), o jornal *La Prensa* noticiou, nos dias 3, 7, 8 e 10 de janeiro de 1959, que a vitória da Revolução Cubana havia despertado alegria geral em todo o país, principalmente em Manágua, onde foram disparados fogos e rojões. Grupos juvenis do PCN, PLI e Partido Social-Cristão Nicaraguense (PSCN)²³ haviam organizado, no dia 1º de janeiro, uma manifestação dando vivas à Revolução Cubana, que foi dissolvida pela GN. O jornal também mencionava que alguns políticos opositores haviam sido detidos por pouco tempo quando participavam de outra manifestação. Nas cidades do interior, ainda foram registradas comemorações, sem se especificar o tamanho da adesão às manifestações.

A influência da Revolução Cubana foi determinante no processo de retomada do processo político nicaraguense, enfatizou Fonseca (1985). No documento *Nicaragua Hora Zero*, de 1969, ele afirma que, no período que começou com o assassinato de Sandino, em 1934, e foi até o triunfo da Revolução Cubana, em 1959, a luta armada foi interrompida como tática sistemática de combate ao regime, com o domínio quase total do setor conservador na oposição. Ele julgava que um golpe armado frustrado contra Somoza, de autoria conservadora, em 1954, e o assassinato de Somoza García, em 1956, foram os fatos precursores da etapa insurrecional, que se desenvolveu a partir de 1958, e que "a rebelião do povo cubano influenciou mesmo antes de culminar vitoriosamente" (FONSECA, 1985, p. 159) a guerrilha de Raudales e todas as outras que aconteceram até o final da década de 1960. Borge (1982, p. 22) também declarou que "a vitória da luta armada em Cuba mais do que uma alegria, foi a aber-

²³ Partido de centro esquerda fundado em 1959, em oposição aos Somoza.

tura de incontáveis cortinas, o *flash* que iluminou muito além dos dogmas ingênuos e chatos de então. [...] Fidel foi para nós a ressurreição de Sandino, a resposta a nossas dúvidas [...]".

Os primeiros movimentos são *clusters* de novos produtos culturais – novos enquadramentos cognitivos, rotinas comportamentais, formas organizacionais, repertórios táticos – e estão sujeitos aos mesmos mecanismos de disseminação de outras inovações, isto é, através das estruturas de redes que funcionam no dia a dia da vida social (MCADAM, 1995). O processo é assim descrito por McAdam (2005): a ação coletiva localizada é disseminada quando a informação da ação inicial alcança um grupo distante geograficamente ou institucionalmente (seja pela difusão ou pelo *brokerage*). Esse grupo, com base na informação recebida, define-se como suficientemente próximo do grupo inicial de protestos (atribuição de similaridade) para provocar uma emulação, conduzindo à coordenação da ação entre os dois locais.

A *difusão* do repertório de confronto cubano – a luta armada – ganhou, em 1959, seu momento. As semelhanças entre os governos de Somoza e Batista são várias. Ambos foram regimes inconstitucionais, nascidos de golpes militares contra seus aliados, sustentados pela incondicional ajuda dos Estados Unidos e hábeis para esmagar quaisquer tentativas de rebelião de seus respectivos cidadãos. Por isso os ativistas e exilados opositores ao governo de Somoza acreditaram que as condições para levar adiante os movimentos insurrecionais eram ótimas, e que deviam aceitar o convite do governo cubano a participar nessa empreitada. Uma heterogênea colônia de nicaraguenses apresentou-se em Havana, vinda da Nicarágua e de vários países da América Central (BLANDÓN, 1980). Borge (1989, p. 124-5) narra a corrida à Havana de nicaraguenses de todas as tendências e condições:

Aventureiros, adolescentes, idosos surpresos, reacionários com passaportes falsos e suspeitas ideológicas autênticas, antissomozistas profissionais, líderes socialistas que chegaram a dizer que era impossível a vitória popular pela luta armada, jovens que ansiavam, sobre todas as coisas, ser a reprodução de Fidel Castro, revolucionários de vocação desejosos de entender como a revolução cubana tinha varrido todos os bispos [peças do xadrez], desacreditando, com tanta alegria, receitas e manuais.

A difusão do ciclo de confronto cubano para o ciclo nicaraguense aconteceu através das redes de ativistas que se apresentaram em Havana sem ter laços prévios com o movimento cubano, e que chegaram de vários países da América Central onde se encontravam fugindo da repressão do regime somozista. A partir daí, os movimentos armados multiplicaram-se na Nicarágua. Alguns receberam o apoio direto de Che Guevara, especialmente, a guerrilha do El Chaparral, a Coluna 15 de Setembro e a Frente Revolucionária Sandino (BALODANO, 2010, Tomo 1).

Todos os movimentos, com exceção da guerrilha de Chale Haslam, tiveram a mesma forma organizacional: a preparação em Honduras, na fronteira Norte do país, onde adquiriam armas e equipamentos militares, internando-se depois em território nicaraguense. A guerrilha de Haslam, ao contrário, foi organizada a partir do interior do país e contou com apoio camponês, não obstante seus seguidores mostravam uma lealdade pessoal a seu líder, tanto é que, quando ele foi morto, o movimento se dispersou.

Da Costa Rica, fronteira Sul, partiu outro grupo que desembarcou de avião nos locais conhecidos como Olama e Mollejones, cuja figura mais visível foi P. J. Chamorro. Os integrantes desse movimento pertenciam à juventude conservadora. A outra tentativa dos conservadores não seguiu o padrão guerrilheiro rural; o projeto do Movimento 11 de Novembro era atacar os quartéis da GN, os *cuartelazos*, das principais capitais dos departamentos²⁴, reduzindo-se a ação à ocupação de dois quartéis durante algumas horas.

O Quadro 1 mostra os principais movimentos armados do ciclo de confronto e a adesão de cada movimento. Os ativistas sobreviviam a um movimento que foi derrotado e rapidamente engajavam-se em outro que estava começando.

Quadro 1. Movimentos armados no ciclo de confronto

MOVIMENTOS ARMADOS	DATA	ATIVISTAS ²⁵
Guerrilha do general Ramón Raudales	Setembro/outubro 1958	41 ativistas
Desembarque Olama e Mollejones	Maio/junho 1959	65 ativistas
Guerrilha do El Chaparral	Junho 1959	55 ativistas
Guerrilha de Chale Haslam	Junho/novembro 1959	Apoio camponês; não há informação sobre o tamanho da adesão
Coluna A. C. Sandino	Julho/agosto 1959	22 ativistas
Frente Revolucionária Sandino	Novembro 1959/ dezembro 1960	Não há informação sobre o tamanho da adesão
Guerrilha H. Reyes	Dezembro 1959	25 ativistas
Coluna 15 de setembro	Setembro/dezembro 1960	50 ativistas
Ataques a quartéis da GN <i>cuartelazos</i>	Novembro 1960	Adesão dos membros de Juventude

²⁴ A divisão política da Nicarágua compreendia, na época, 16 departamentos.

²⁵ Ativistas que participaram nos movimentos armados e passaram às filas da FSLN: Carlos Fonseca, Silvio Mayorga, Aldo Díaz Lacayo, Heriberto Rodríguez, Bayardo Altamirano, Ramón Altamirano, Edén Pastora, Herty Lewites, Lila Aguilar, D. García "Wiwili", P.P. Ríos "El Indio", Faustino Ruiz "El Cuje", Ramón Raudales Jr., Octavio Caldera.

MOVIMENTOS ARMADOS	DATA	ATIVISTAS ²⁵
zoz - Movimento 11 de Novembro		de Patriótica e sobreviventes de Olama e Mollejones - aprox. 40 ativistas
Guerrilha Raití-Bocay - Frente de Libertação Nacional (FLN)	Julho 1963	Adesão dos membros de Juventude Patriótica e sobreviventes de Olama e Mollejones - aprox. 40 ativistas

De acordo com Blandón (1980), nas reuniões de Havana, as forças opositoras tinham ficado polarizadas: as da esquerda invadiram a Nicarágua pelo Norte e os setores conservadores pelo Sul. Não foi fácil para Che Guevara lidar com os conflitos políticos existentes entre os vários grupos e com as disputas pela liderança. Fonseca também foi a Havana, mas ainda não era um líder destacado e não teve a oportunidade de se reunir com as autoridades (ZIMMERMANN, 2012).

Che nomeou um ex-oficial da GN no exílio, Rafael Somarriba, como chefe militar da guerrilha do El Chaparral. Fonseca alistou-se nessa guerrilha, no entanto, não foi facilmente aceito na Coluna Rigoberto López Pérez, especialmente por sua magreza e avançada miopia, que o obrigava a usar óculos de alto grau.

Vários fatores convergiram para o fracasso da guerrilha, sendo os mais importantes a falta de controle do exército hondurenho pelo presidente Villeda e a falta de cautela com a informação sobre o movimento, que chegou aos ouvidos do exército nicaraguense via exército hondurenho. A expedição foi surpreendida pelos dois exércitos, ainda em território hondurenho, e foi um verdadeiro massacre: oito mortos, entre eles dois cubanos, e 12 feridos de um total de 55 participantes.

Fonseca ficou gravemente ferido com uma bala no pulmão e, segundo relatos dos participantes, escapou de ser eliminado pelos militares porque eles acreditavam que ele estava morto. O militante foi transportado a um hospital da capital hondurenha, e depois a Cuba para receber tratamento.

Difundida pela Revolução Cubana, a guerrilha foi escolhida como *performance* política principal dos exilados antissomozistas durante o ciclo de confronto. Mas, também ocorreram mobilizações de resistência civil, principalmente entre os estudantes.

1.4. A RESISTÊNCIA CIVIL

Enquanto isso acontecia no campo, os estudantes da Universidade de León, única instituição de estudos superiores no país, comemoravam a vitória do movimento pela autonomia da instituição, concedida mediante um decreto de março de 1958, do governo Luis Somoza, após vários anos de reivindicações das autoridades universitárias²⁶ e dos estudantes, passando a chamar-se Universidade Nacional Autônoma da Nicarágua (UNAN).

Carlos Fonseca pronunciou, em nome dos estudantes, o discurso de abertura do ano letivo de 1958, destacando que, com quarenta anos de atraso, era comemorada a autonomia da UNAN, fazendo referência ao modelo que a Universidade de Córdoba, na Argentina, tinha iniciado em 1910, e que foi adotado por várias universidades latino-americanas.

A intervenção dos governos dos Somoza nos assuntos internos da UNAN, como o favorecimento na matrícula dos filhos dos oficiais da GN e a nomeação de professores favoráveis ao governo, entre outros, tinha motivado a demanda. Como aponta Borge (1989, p. 89), os opositores eram tratados duramente:

Os estudantes antissomozistas levavam a pior. Tínhamos que estudar muito para não reprovar e, às vezes, éramos reprovados mesmo assim. Além disso, éramos presos. [...] A cada visita do presidente eu ia parar na *pequena*, uma cela diminuta da prisão, conhecida como a "21".

A autonomia universitária representou uma conquista muito importante para o incipiente movimento estudantil. Depois da autonomia, a GN não conseguia penetrar no campus universitário para reprimir, e os estudantes se refugiavam muitas vezes nesse local, fugindo da repressão.

Em outubro de 1958, ocorreu a primeira greve nacional dos estudantes na história da Nicarágua, que exigia a libertação de Borge, encarcerado desde o assassinato de Somoza García. Fonseca impulsionou o movimento grevista, sendo reconhecido como representante dos estudantes para negociar as reivindicações com o presidente Luis Somoza. A participação dos estudantes secundaristas na greve levou à fundação de uma associação nacional dos estudantes secundaristas, empreendimento em que Fonseca desempenhou um papel crucial, como será mostrado no segundo capítulo. Ele insistirá, ao longo de sua vida, na importância de mobilizar esse setor dos estudantes (ZIMMERMANN, 2012).

²⁶ O grande destaque do movimento pela autonomia foi o reitor Mariano Fiallos Gil. A geração dos estudantes que conquistou a autonomia ficou conhecida como "Geração da Autonomia" ou "Geração 23 de Julho".

Em 1959, depois do massacre de El Chaparral, espalhou-se a notícia da morte de Fonseca pela UNAN. Os líderes do movimento estudantil resolveram transformar o tradicional desfile de calouros em uma passeata de protesto contra a repressão ao movimento.

Na tarde do dia 23 de julho de 1959, os estudantes saíram às ruas de León com rose-tas pretas e bandeiras da UNAN e da Nicarágua, e depois dos discursos, quando chegaram à praça central da cidade, deram de cara com um batalhão de Somoza. A passeata voltou à universidade e estava dissolvendo-se quando um dos líderes anunciou que alguns estudantes haviam sido presos, chamando os ativistas para ir ao quartel da GN reclamar sua liberdade. De volta à praça, a GN lançou bombas lacrimogêneas e abriu fogo contra a multidão, ferindo centenas de pessoas e matando quatro estudantes. Os líderes dessas manifestações ficaram conhecidos como a Geração do 23 de Julho. Era a primeira tentativa de resistência civil protagonizada pelo movimento estudantil.

Um pouco antes, em março de 1959, Fonseca e Silvio Mayorga haviam fundado a Juventude Democrática Nicaraguense (JDN), primeiro esforço dos jovens – estudantes e de outros grupos – para serem politicamente independentes das iniciativas dos conservadores. Lideravam passeatas, pintavam *slogans* contra a ditadura e apontavam as limitações da recém-fundada União Nacional Opositora (UNO), liderada pelo Partido Conservador. A JDN foi reprimida violentamente, sendo Fonseca preso e deportado à Guatemala, de onde partiu para depois, como foi dito, se engajar na guerrilha do El Chaparral.

Em novembro do mesmo ano, exilado na Costa Rica, Borge e alguns amigos organizaram a Juventude Revolucionária Nicaraguense (JRN), que fazia proselitismo entre os trabalhadores nicaraguenses que ali moravam, e publicava um jornalzinho semanal.

Em janeiro de 1960, um grupo de jovens, alguns da chamada Geração do 23 de Julho, tomou a iniciativa de constituir a Juventude Patriótica Nicaraguense (JPN), que deslançou atividades opositoras, identificando-se com o anti-imperialismo de Sandino, a Revolução Cubana e um programa de liberdades democráticas. Também esse movimento foi desarticulado com a "política do pau e da cenoura"²⁷: prisão para alguns, bolsas para outros" (BORGE, 1989, p. 120). O líder estudantil e membro da JPN, Ajax Delgado, foi preso e assassinado pela GN com a aplicação da lei de fugas.

Ainda em 1960, a Frente Unitária Nicaraguense (FUN), constituída por exilados nicaraguenses no exterior, celebrou seu primeiro congresso, na Venezuela, país em que havia sido derrubada a ditadura de Pérez Jiménez. Fonseca e Mayorga participaram do congresso

²⁷ Do inglês "carrot and stick", ou seja, métodos mais violentos e compensações.

como líderes do movimento estudantil, e quando o primeiro deixava o país, foi preso no aeroporto de Maiquetía e enviado ao México, retornando mais tarde clandestino à Nicarágua.

Em julho de 1961, Fonseca e outros ativistas fundaram o Movimento Nova Nicarágua (MNN), que destacava sua independência das organizações da direita, assim como a pretensão de ultrapassar as limitações da esquerda tradicional. O movimento adotou as premissas programáticas de Sandino como bandeira: a independência nacional; o combate à exploração da oligarquia; a unidade nacional; e a união dos povos latino-americanos. Tinha a luta armada como repertório de confronto, chegando a criar sua escola político-militar. Em suas primeiras atividades de propaganda, publicou, pela primeira vez, o *Ideário de Sandino*, preparado por Fonseca e distribuído de forma clandestina. Por outro lado, denunciou o apoio do governo somozista à expedição mercenária à Baía dos Porcos para derrubar o governo cubano. Tratava-se da segunda vez que os governos somozistas cediam o território nicaraguense para atividades de intervenção em países da região – a primeira havia sido contra o governo de Jacobo Arbenz, na Guatemala (LOZANO, 1985).

O Quadro 2 mostra um resumo das iniciativas de resistência civil ao governo de Somoza. Vários ativistas tinham passagem tanto por grupos de resistência civil, como pelas iniciativas guerrilheiras²⁸. Por outro lado, alguns dos participantes da resistência civil engajaram-se na FSLN²⁹. O mesmo aconteceu com grupos da oposição moderada, como a União Nacional Opositora (UNO), que protagonizaram os movimentos armados de Olama e Mollejones e 11 de Novembro.

Quadro 2. A resistência civil no ciclo de confronto

RESISTÊNCIA CIVIL	DATA
Geração 23 de Julho	1959
União Nacional Opositora (UNO): coalizão dos partidos PLI, PSCN, Partido Renovação Nacional e Partido Mobilização Republicana, liderada pelo Partido Conservador.	1959
Juventude Democrática Nicaraguense (JDN)	1959
Frente Revolucionária Nicaraguense (FRN)	1959
Frente Unitária Nicaraguense (FUN)	1960
Juventude Patriótica Nicaraguense (JPN)	1960

²⁸ Carlos Fonseca, Silvio Mayorga, Tomás Borge, José Benito Escobar, Rigoberto Cruz, Germán Pomares.

²⁹ Ativistas que participaram da resistência civil e passaram à FSLN: Fernando Gordillo, Sergio Ramírez, Luis Felipe Pérez, Francisco Buitrago, Carlos Fonseca, Silvio Mayorga, Tomás Borge, Bayardo Altamirano, R. Romero, Noel Guerrero, José Benito Escobar, Germán Pomares, Joaquín Solís, Rigoberto Cruz, Manuel Espinoza, Rigo Sampson, M. Barahona, Oscar Danilo Rosales, Casimiro Sotelo.

RESISTÊNCIA CIVIL	DATA
Movimento Nova Nicarágua (MNN)	1961
Frente Estudantil Revolucionário (FER)	1962

Blandón (1980) aponta que a novidade, em 1959, foi ter aparecido movimentos localizados mais à esquerda no espectro político. "A luta antissomozista que havia sido liderada pelos setores conservadores começou a tomar um rumo independente esse ano, com uma inclinação à esquerda e evocando cada vez mais frequentemente o feito de Sandino" (BLANDÓN, 1980, p. 82-3). Ele destaca ainda que as mobilizações antissomozistas, anteriores a 1959, contavam com a hegemonia do Partido Conservador, que ficou reduzida com a entrada em cena do movimento de Raudales e com o triunfo da Revolução Cubana, que "produziu um tremendo impacto no movimento opositor da Nicarágua, polarizando as forças, e deixando claras as diferenças entre os movimentos progressistas e os partidos tradicionais" (BLANDÓN, 1980, p. 83). Nesse sentido, Zimmermann (2012, p. 120) assinala que, "em função da vitória cubana, Fonseca e seus amigos estudantes experimentaram várias formas diferentes de organização até conseguirem delinear aquela que poderia ser a base de um movimento clandestino revolucionário".

Em 1962, depois do II Congresso dos Estudantes Revolucionários, fundou-se a Frente Estudantil Revolucionária (FER), a organização estudantil que, como se verá no terceiro capítulo, foi a que mais se destacou no recrutamento de estudantes universitários e secundaristas para a FSLN. A iniciativa da fundação da FER não foi da FSLN, de acordo com um de seus fundadores, o jornalista Manuel Espinoza (BALDODANO, Tomo 1, 2010), mas de um grupo de estudantes da Geração do 23 de julho. À época, os democrata-cristãos, a juventude liberal, conservadora e socialista já estavam organizados no movimento estudantil, mas não havia organização da esquerda revolucionária, conta Espinoza. Ao congresso de fundação da FER chegou um comunicado de Carlos Fonseca, aplaudindo a iniciativa.

Ao lado da repressão, o governo de Luis Somoza tentou apaziguar a radicalização da universidade pública de León, apoiando a fundação de uma universidade privada, gerenciada pelos jesuítas, em Manágua. Luis Somoza adotava uma tática usada por seu pai na década de 1940, quando afastou, com sucesso, a influência comunista do movimento operário. Mas a iniciativa de fundar a Universidade Centro-Americana (UCA) foi um fracasso porque, em poucos anos, seus estudantes se uniram ao ativismo dos estudantes da UNAN (ZIMMERMANN, 2012).

Apesar das derrotas e da morte de grande parte dos líderes dos movimentos armados, para Fonseca e demais ativistas, esses anos proporcionaram uma ampla arena para as atividades políticas e para o recrutamento de partidários (Zimmermann, 2012). O MNN desapareceu entre o final de 1962 e início de 1963, dando lugar à Frente de Libertação Nacional (FLN), que juntou os opositores dos anos anteriores. Incluía combatentes de Raudales, do El Chaparral e da Frente Revolucionária Sandino, afirma o comandante da revolução, Víctor Tirado, ativista da FSLN que chegou à Nicarágua esse ano (BALODANO, 2010, Tomo 1).

De acordo com Zimmermann, Fonseca insistirá em acrescentar a esse movimento o nome sandinista, o que acontecerá, finalmente, em 1963. Para isso acontecer, foi necessária a confluência de três processos que se desenvolveram entre 1961 e 1962: "o estudo organizado da vida e das ideias de Sandino; o compromisso crescente com a ideia de realizar uma revolução de caráter genuinamente nicaraguense; e a emergência de Carlos Fonseca como indiscutível dirigente central do movimento" (ZIMMERMANN, 2012, p. 127).

1.5 MUDANÇAS NAS OPORTUNIDADES POLÍTICAS E DESMOBILIZAÇÃO

No início de 1963, o ciclo de confronto começou a declinar, por causa das decisões de Luis Somoza de não concorrer à reeleição e de lançar seu Ministro de Educação, René Schick, como candidato do Partido Liberal à presidência. A não eleição de um Somoza desde 1936 produziu a esperança na oposição de uma mudança democrática pela via eleitoral e causou o consequente declínio do ativismo político mais radical.

A oposição congregada na UNO resolveu pedir a supervisão das eleições pela Organização dos Estados Americanos (OEA), pedido que foi rejeitado por Luis Somoza. Diante da negativa, o Partido Conservador decidiu fazer boicote aos comícios e retirou o seu candidato. Tal como seu pai havia feito no passado, Luis Somoza reviveu o Partido Conservador Nacionalista (PCN) e armou a farsa eleitoral, elegendo Schick para o período 1963-1967 (LOZANO, 1985). Anastacio Somoza Debayle continuou como diretor chefe da Guarda Nacional.

Borge (1989) interpreta que o governo de Schick fez, em sentido estrito, uma gestão de caráter administrativa, pois as decisões substantivas estavam reservadas aos irmãos Luis e Anastacio Somoza, que dirigiam o Partido Liberal e a Guarda Nacional, respectivamente.

Contudo, graças a uma anistia política concedida por Schick, os guerrilheiros que permaneceram no exterior conseguiram voltar à ativa na Nicarágua.

Os movimentos armados e as tentativas de organização política mencionados ocorreram entre 1958 e 1961 e são os "antecedentes mais visíveis da FSLN" (BORGE, 1989, p. 130). Seus fundadores tinham variadas ocupações³⁰ e por isso a fundação da FSLN levou vários anos e envolveu muitas discussões no interior e exterior da Nicarágua.

De acordo com Zimmermann (2012), a FSLN não contou com um programa político, nem com uma forma de organização determinada até 1969. Nasceu a partir de sua própria ação, de suas tentativas e erros, fundada no consenso acerca de determinados princípios fundamentais: o exemplo de Cuba; a independência dos partidos tradicionais Conservador, Liberal e Comunista; e, depois de superar os desacordos, a identificação com a luta de Augusto C. Sandino. Tirado (1986, p. 37-8) sintetiza:

A Frente Sandinista não nasceu de uma assembleia ou de um congresso, nem lançou um manifesto anunciando sua criação. Também não apresentou um programa. Na Frente, primeiro foi a ação. E, com base nas suas primeiras experiências, foi formulando e reformulando seu programa, sua estratégia e sua tática, pois sempre teve um grande sentido autocrítico.

Por que só a Frente Sandinista sobreviveu? A ideia que prevalecia entre os movimentos armados era que bastava organizar uma ação armada para insurrecionar o povo e derrubar a ditadura. Entretanto, depois da primeira experiência guerrilheira, a FSLN entendeu que o processo de derrubada da ditadura seria prolongado e difícil, que o regime somozista tinha consolidado seu poder ao longo de vinte anos e só poderia ser destruído por uma insurreição popular (TIRADO, 1986, p. 40-2). Era necessário, portanto,

[...] constituir uma organização política com um programa, uma tática e estratégia próprias, que fosse capaz de dar continuidade à luta armada e trabalhar em todas as situações: na clandestinidade, na semiclandestinidade ou abertamente; [...] que mostrasse e provasse que a luta armada era a principal via para derrubar a ditadura e transformar radicalmente a Nicarágua. [...] Mas não a única porque se, nos dedicássemos única e exclusivamente a preparar ações armadas e descuidássemos as outras formas de luta, corríamos o perigo de ficarmos isolados, de não conseguirmos aliados. Corríamos o risco de tornar-nos uma seita.

³⁰ Carlos Fonseca, Silvio Mayorga, Tomás Borge, Jorge Navarro, Francisco Buitrago e Modesto Duarte, Bayardo Altamirano e Víctor Tirado eram estudantes; Noel Guerrero, advogado; José Benito Escobar, Inocente Escobar, Rigoberto Cruz e Germán Pomares, operários; e Faustino Ruiz, Heriberto Rodríguez e o coronel Santos López, veteranos do Exército Defensor da Soberania Nacional e camponeses.

A FSLN, que se autoproclamava antissomozista, anti-imperialista e revolucionária, e cujo "centro gerador estava formado por Carlos Fonseca, Santos López, Tomás Borge, Silvio Mayorga e Jorge Navarro" (WHEELLOCK, 1986, p. 18), tinha uma figura singular, cuja contribuição foi basilar para pôr de pé e sustentar o movimento (BORGE, 1989, p. 137-8).

Nossa vanguarda – a FSLN –, [...] cercada de escuridão, precisava de um visionário, de um guia, um místico, de um homem generoso, de um líder engrandecido pelo esquecimento de si mesmo e pela habilidade com que combinava a crítica enérgica com uma fraternidade que estava em cada célula de sua singular estatura. Carlos Fonseca foi o principal fundador de nossos sonhos, o chefe, de uma vez e para sempre, da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

Tirado lembra que os antissomozistas eram guiados pelo pensamento de Sandino, mas, como comentava Fonseca, mencionavam seu nome em sussurros, em silêncio, para que as forças políticas do somozismo não os escutassem. Já existia a Frente Revolucionária Sandino, e Fonseca percebeu que o nome, longe de restringir a participação, como se argumentava, a ampliava. Também percebeu que os cubanos tinham triunfado com um amplo movimento antibatistiano, e dizia: "nós vamos triunfar com um grande movimento antissomozista. Enquanto Somoza existir, há possibilidades de organizar o movimento armado e um amplo movimento político também" (BALODANO, 2010, Tomo 1, p. 191).

1.6 A FSLN E A ESCOLHA DO REPERTÓRIO DE CONFRONTO VIOLENTO

De acordo com Tilly (2003), a organização da vida política num determinado país modela o caráter da violência coletiva, assim como a forma em que as ações violentas e não violentas interagem na vida política. Um regime político é definido como o conjunto de interações entre atores políticos, e entre atores políticos e o governo. Esses atores são: agentes do governo; membros da política (atores políticos constituídos que têm acesso a agentes do governo e recursos); desafiadores (atores políticos constituídos que não têm acesso habitual aos agentes do governo e recursos); sujeitos (pessoas e grupos que nesse momento não estão organizados e constituídos em atores políticos); e atores políticos externos, incluindo outros governos.

Para Tilly (2003), os regimes políticos variam de duas formas, em termos de “capacidade de governo” e de grau de “democracia”. A capacidade de governo refere-se ao grau em que os agentes de um determinado governo controlam os recursos, atividades e populações em seu território. A democracia diz respeito a em que medida os membros de uma população sob a jurisdição de um governo mantêm relações amplas e de igualdade com os agentes do governo, têm controle sobre esses agentes e recursos, e gozam de proteção contra qualquer investida arbitrária desses agentes.

A capacidade de governo e a democracia variam em grau, de menor a maior controle, de menos a mais democracia. A combinação dessas duas dimensões gera diferentes espaços, sendo um deles a zona de autoritarismo, na qual se combina a alta capacidade de governo com a pouca democracia ou democracia inexistente.

Os governos da dinastia Somoza podem ser incluídos na zona de autoritarismo pela alta capacidade de governo e por serem antidemocráticos. Os sucessivos governos somozistas foram aumentando progressivamente o controle sobre os recursos militares, políticos, econômicos, assim como sobre a população no território.

Em 1932, o embaixador norte-americano em Manágua pressionou o presidente Sacasa a aceitar a nomeação de Anastacio Somoza García como diretor chefe da Guarda Nacional. A partir de 1936, ele acumulou os cargos de presidente da nação e diretor chefe da GN. Em 1956, quando foi assassinado, sucedeu-lhe na presidência seu filho mais velho, Luis Somoza. Seu filho mais novo, Anastacio, assumiu como diretor chefe da GN. A partir de 1967, Anastacio passou a acumular os dois cargos, até ser derrubado em 1979.

O importante aqui é considerar como essas dimensões – controle dos recursos e ausência de democracia – modelam a violência coletiva.

Os atores políticos estão frequentemente em interação. No entanto, na maioria das vezes essas interações não resultam em confrontos. Quando essas interações tentam infligir danos a pessoas ou propriedades aparecem os confrontos políticos. Para Tilly (2003) esses confrontos são *performances* (petições, passeatas, levantes urbanos, sequestros de reféns e outras formas de confronto) interativas praticadas por pares de atores, os que reivindicam e os que são objeto de reivindicações, os que tentam mobilizar a população em seu favor e agentes do governo. Em qualquer tipo de regime, esses pares de atores têm, afirma Tilly, um número limitado de *performances* à sua disposição, que ele chama de repertório de confronto.

Os governos reagem diferentemente às *performances* dos desafiadores, permitindo umas, tolerando e proibindo outras. O argumento é que há "uma relação entre a reação dos

regimes e o confronto político, em função da variação da capacidade de governo e do grau de democracia" (TILLY, 2003, p. 47).

Os regimes com alta *capacidade de governo e antidemocráticos* "prescrevem uma excepcionalmente ampla gama de *performances* de protesto, deixando apenas uma estreita faixa de *performances* toleradas. E proíbem muitas, senão a maioria, das tecnicamente possíveis" (TILLY, 2003, p. 50). O resultado do extensivo controle e repressão é a diminuição do escopo do confronto político, sendo puxado para as *performances* proibidas. As poucas *performances* toleradas são utilizadas extensivamente, correndo o risco dos desafidores sofrerem interdição.

Os opositores aos governos somozistas encontraram pouco espaço para a participação nos pleitos eleitorais ou para organizar seu ativismo contra a ditadura em *performances* não violentas. Nos pleitos eleitorais, os governos somozistas utilizaram estratégias, como reviver grupos políticos que aceitavam participar de um simulacro de pleito legítimo, em troca de postos no novo governo.

Em várias ocasiões, o moderado Partido Conservador retirou-se da contenda, e seus membros e os do Partido Liberal Independente organizaram movimentos armados. A resistência civil durante o ciclo de confronto foi intensamente reprimida, puxando os ativistas para as *performances* violentas, como se mencionou acima. A partir dessas experiências recentes, os líderes da FSLN não duvidaram em escolher a luta armada como o centro de suas ações. Fonseca (1985, p. 112-3) explica que:

A insurreição popular armada é o núcleo da luta contra a ditadura. A luta, de acordo com as condições geográficas de nosso país e da grande força material do exército da ditadura, terá que ser do tipo guerrilheiro, tipo que tantas vitórias deram ao general Augusto Cesar Sandino, quando ele lutou nas Segovias contra os fuzileiros navais dos Estados Unidos. A luta sandinista provou, em última análise, que nosso povo pode livrar batalhas vitoriosas contra inimigos muito poderosos materialmente.

A forma de ação luta armada é a *performance* principal deste grande repertório de confronto, enquanto que a luta guerrilheira é uma das *performances* desse repertório de confronto. Respondendo às críticas dos socialistas tradicionais, que achavam a luta armada da FSLN um empreendimento aventureiro, Borge (1989, p. 339) explicou, em 1973, que:

O que se coloca são duas formas fundamentais de luta: pacífica ou armada. A luta armada não nega, pelo contrário, supõe outros métodos de enfrentamento. Falar de parlamentarismo na Nicarágua é ridículo. Quanto ao termo guerra de guerrilhas ou guerra de posições, eles [os socialistas] ignoram que

constituem momentos diferentes da luta revolucionária. Nas condições de nossos países, a luta inicia-se com a guerra de guerrilhas e é concluída com algo parecido a uma guerra de posições, isto é, com insurreições urbanas, apoiadas por guerrilheiros rurais, organizados em colunas agressivas que já não mais batem e fogem, mas que atacam e avançam em plena ofensiva estratégica [...].

Borge (1989) apontava também que seria muito difícil desenhar *a priori* os diferentes momentos desse processo e que a guerra do povo (a insurreição) poderia começar de maneira imprevista e ir adquirindo novas modalidades, dependendo de cada conjuntura no país. Os elementos que não poderiam faltar nesse processo seriam: sua característica popular e uma direção revolucionária.

A luta armada, especificamente a guerra de guerrilhas, formava parte do *repertório de confronto* que permanecia disponível para os jovens ativistas da FSLN, depois de seu uso por parte de Sandino e dos revolucionários cubanos. Ao mesmo tempo, a violência, como meio de resolução de conflitos políticos, estava entranhada na cultura política nicaraguense – e as intervenções inglesa e norte-americana no país só tinham aprofundado esse fenômeno.

Após a independência (1821) e durante a formação do Estado nacional (até o final do século XIX), "a rivalidade entre as elites de León e Granada [liberal e conservadora] seria um grave obstáculo para a paz na província [Nicarágua]" (KINLOCH TIJERINO, 2005, p. 143). Ramírez (1974, p. X- XI) salienta que:

Um dos países desmembrados da federação [centro-americana], que mais sofreu guerras civis foi a Nicarágua. As duas cidades, pouco comunicadas entre si [Granada e León], organizaram sua vida econômica de forma autônoma, [...] e exerceram o controle político independente sobre suas regiões rurais, cuja agricultura lhes pertencia, criando-se assim, uma divisão, ao mesmo tempo, rural e política. Ambas as cidades apareciam como substitutas de um Estado nacional inexistente. [...] Os fazendeiros e comerciantes arrastavam os camponeses ao turbilhão das guerras civis, levando-os à morte inutilmente sob suas bandeiras senhoriais.

As querelas entre as elites – a de Granada, do Partido Conservador, e a de León, do Partido Liberal –, não cessaram nas primeiras décadas do século XX. Como liberal, Sandino engajou-se na Guerra Constitucionalista em defesa do cumprimento da Constituição, que dava o direito aos liberais de governar, o que havia sido usurpado pelos conservadores, com o apoio dos Estados Unidos.

Sandino nunca tinha sido treinado na arte da guerra. Com seus próprios recursos, comprou armas e fez proselitismo entre os mineiros da Mina de São Albino, obtendo a adesão

de 29 homens para apoiar os liberais. De novembro de 1926 a março de 1927 saiu vitorioso de quatro batalhas, e não concordou com a rendição dos liberais, nem com o acordo feito com os conservadores e mediado pelos Estados Unidos para celebrar eleições no ano seguinte sob a supervisão dos fuzileiros navais.

Percebendo a enorme desigualdade entre os recursos de que dispunha e os do inimigo, resolveu treinar 150 seguidores no manuseio das armas e táticas de guerrilha, utilizando sua intuição e os conhecimentos de homem do campo. "Embora os homens fossem poucos, as armas eram menos ainda. A perspicácia devia substituir a técnica, e a tática primitiva, a estratégia militar" (SELSER, 2004, p. 245). Sandino ensinou os novos soldados a apreciar a posição do sol, a velocidade e direção dos ventos e a arte de camuflar. Também a utilizar os galhos das árvores como estilingue, o colchão de folhas como cilada, e a desviar o curso das águas com diques de pedras e rochas para confundir o inimigo e levá-lo até locais convenientes para o ataque (SELSER, 2004).

Ao mesmo tempo, adaptou a experiência militar aprendida na guerra civil à guerra contra o interventor estrangeiro. As palavras do jornalista anglo-saxão, William Krehm³¹, revelam a dimensão desse enfrentamento:

Durante quase sete anos, praticamente sem ajuda de ninguém, lutando com rifles capturados do inimigo e granadas de mão fabricadas com latas de sardinhas cheias de pedras, [Sandino] resistiu à aviação e aos equipamentos modernos da marinha norte-americana e da Guarda Nacional. Seus inimigos mais ferozes renderam homenagem à sua fantasticamente bem organizada espionagem, sinal seguro de que tinha o apoio da população. [...] Em toda América Latina, Sandino tornou-se um Davi lendário, sem a menor esperança de decapitar o grande, o louro Golias, mas de lhe dar um puxão de orelhas.

Em entrevista concedida em São José, Costa Rica, onde se encontrava preso, em 1970, Fonseca (1985, p. 292) insistia em que, nas condições peculiares da realidade nicaraguense, na qual imperava um regime "de força e não de lei", não havia possibilidade nenhuma de uma vitória do povo, a não ser pela luta armada, e que a resolução das questões de poder entre as elites tinha um histórico de violência:

Na Nicarágua, não é preciso pensar muito para se convencer de que o caminho armado é o único viável. Naquele momento [da fundação da FSLN] já podíamos observar que, na história de nosso país, nem sequer os dois bandos oligárquicos que surgiram após da independência da Espanha conseguiram

³¹ KREHM, William. **Democracia e tiranías en el Caribe**. Buenos Aires: Ed, Parnaso, 1957.

se revezar no poder de forma pacífica. Sempre utilizaram a força das armas. Então, que esperança poderia ter um movimento revolucionário numa mudança pacífica? Por outro lado, a Guarda Nacional [...] é o poder total na Nicarágua: o comandante militar de um departamento é o dono do departamento; as autoridades civis são decorativas na Nicarágua.

Víctor Tirado (1986, p. 44), engajado na FSLN desde seus primórdios, escreveu:

Na Nicarágua sempre faltou tradição democrática. Aqui nunca houve qualquer diálogo, tolerância, negociação social, reformas importantes. Aqui houve fraudes eleitorais e disputas armadas pelo poder entre as diferentes facções. E se acrescentarmos que Somoza, empoleirado no poder, segurou-o pela força, que acumulou sua riqueza mediante saques e violência, e que o imperialismo ianque atizou essa violência dando apoio econômico, político e militar à ditadura, dessa forma foi se acumulando um grande material inflamável na Nicarágua, que finalmente estourou.

A luta armada foi a *performance* do repertório violento escolhida e mantida pela FSLN até o triunfo da Revolução Sandinista. A guerrilha na montanha foi a forma de ação violenta mais utilizada, de 1963 a 1977. Daí em diante, o cenário principal da violência foram as cidades, com a insurreição final.

As *recuperaciones* (assaltos a bancos e empresas para obter recursos financeiros) foram praticadas em poucas ocasiões. Os *ajusticiamientos*³² (execuções) de membros da Guarda Nacional, juízes *de mesta*³³ e *orejas* (informantes) ocorreram mais frequentemente nos últimos tempos da guerrilha rural e na etapa insurrecional. Em três ocasiões, ativistas da FSLN praticaram sequestros de aviões para libertar presos políticos. As *tomas* (ocupações) de edifícios privados ou públicos, com o objetivo de sequestrar reféns em troca da publicação de proclamas e manifestos na mídia, além da obtenção de resgates em dinheiro e da libertação de presos políticos, por sua vez, aconteceram em duas ocasiões: em 1974 e 1978 com grande repercussão nacional e internacional.

³² No Brasil, justiça era uma prática de julgamento e eliminação de pessoas consideradas traidoras nos movimentos revolucionários durante a época da ditadura militar.

³³ Cidadãos que eram nomeados autoridades no campo para auxiliar a GN, com funções policiais e de passar informações, escolhidos por meio de um sistema clientelista muito desenvolvido.

1.6.1 As guerrilhas na montanha

A guerrilha na montanha foi a principal *performance* do repertório violento da FSLN entre 1963 e 1977. Na primeira guerrilha, a FSLN seguiu as linhas esboçadas por Che Guevara no manual A guerra de guerrilhas (ZIMMERMANN, 2012), que sintetiza as contribuições da Revolução Cubana aos movimentos revolucionários da América Latina, a saber: 1) as forças populares podem ganhar uma guerra contra uma força armada regular quando o governo é inconstitucional e o povo reconhece a impossibilidade de defender seus direitos pelos canais legais; 2) a ação pode começar sem que as todas as condições de uma revolução estejam presentes, já que o foco insurrecional pode criá-las; 3) na América Latina subdesenvolvida, o terreno mais propício para a luta armada deve ser o campo (GUEVARA, 1961).

A guerrilha de Raití-Bocay aconteceu de maio a agosto de 1963, ainda como Frente de Libertação Nacional (FLN), e contou com o apoio financeiro de Cuba. Tentou replicar o *foco* guerrilheiro cubano, que indicava que os grupos revolucionários deviam se engajar em "uma guerra de guerrilhas rural", estabelecer "um acampamento de base na montanha" que, com o "apoio camponês, desembocaria rapidamente em uma insurreição em escala nacional para derrotar o exército do ditador" (ZIMMERMANN, 2012, p. 134).

Dessa vez, os 63 participantes reuniram-se na Nicarágua. A maioria dos ativistas não tinha experiência prévia de combate no país, apesar de alguns terem recebido treinamento militar em Cuba. Antes da chegada deles à região escolhida não houve nenhuma aproximação com a população indígena local. Os guerrilheiros caminharam pela montanha frequentemente perdidos, famintos, cansados, molhados e com frio. Os combates com a GN foram praticamente inexistentes até agosto, quando se armou uma emboscada, que acabou por prender e matar vários guerrilheiros. "A grande maioria reafirmou sua fé na via armada, mas ela não poderia continuar sem armas, sem comunicações, sem base social, com homens desnudos, famintos e crucificados pela ulceração nos pés e pela leishmaniose" (BORGE, 1989, p.165).

Entre 1964 e 1966, já sob a liderança de Fonseca, e em coalizão com o PSN, a FSLN se engajou em atividades estritamente políticas, tentando organizar os moradores das comunidades e dos sindicatos, e publicando um jornal semanal. Conforme Zimmermann (2012), a FSLN concorria com o PSN pelos mesmos ativistas opositores, não podendo oferecer os mesmos incentivos que esse partido proporcionava por ser um partido mais antigo e consolidado, com bases na classe operária, que divulgava um jornal e concedia bolsas de estudo na

União Soviética. O único terreno em que ambos podiam concorrer era no movimento estudantil com a Frente Estudantil Revolucionária (FER), mas ela havia perdido força para os opositores mais moderados.

Dois eventos contribuíram para o abandono do interlúdio legal da FSLN. No cenário internacional, destaca-se a Conferência Tricontinental de Havana, em janeiro de 1966, quando Fidel atacou a política conservadora dos partidos comunistas latino-americanos e foi lida a mensagem de Che, que convocava a criação de “muitos Vietnã”. No cenário nacional, enfatiza-se, após a morte repentina do presidente René Schick, o anúncio da candidatura de Anastacio Somoza Debayle à presidência, o terceiro membro da família.

A nova conjuntura deixou evidente "a diferença de cores" (BORGE, 1989, p. 184) e as contradições no interior da coalizão Mobilização Republicana, levando o PSN a apoiar a campanha do candidato da União Nacional Opositora (UNO), Fernando Agüero, e a FSLN a optar pela luta armada, ratificada no comunicado do Diretório Nacional: *¡Sandino sí, Somoza no; revolución sí, farsa electoral no!*

Depois desse intervalo, a FSLN voltou ao repertório violento, convencida de que não havia outro caminho a seguir. As ações aconteceram de maio a agosto de 1967. Como o empreendimento guerrilheiro exigia mobilização de recursos, Borge (1989, p. 229) relata que esse ano foram realizados dois assaltos a bancos e um assalto a uma empresa, esse último desastroso. A soma obtida nas duas operações chegou a 315 mil córdobas (aproximadamente 45 mil dólares ao câmbio daquele ano), considerada bastante expressiva para manter cerca de 40 guerrilheiros que Carlos Fonseca tinha reunido em Pancasán, região de montanhas.

Nessa nova guerrilha, os 43 combatentes estavam mais bem preparados politicamente e, graças ao trabalho de dois anos do ativista Rigoberto Cruz, conhecido como Pablo Úbeda, que se ocultava sob a cobertura de vendedor de remédios, a FSLN pôde contar com uma pequena força de camponeses dispersa (BORGE, 1989). Do ponto de vista militar, as duas guerrilhas da década de 1960 tiveram pouca diferença. O governo somozista concentrou 400 soldados contrainsurgentes no local (ZIMMERMANN, 2012) e, num choque com a GN, a FSLN perdeu uma coluna inteira de 11 ativistas, entre eles, dois membros do Diretório Nacional, Silvio Mayorga e Pablo Úbeda.

Uma terceira tentativa aconteceu entre 1969 e 1970, mas, dessa vez, por iniciativa dos camponeses remanescentes da guerrilha de Pancasán. A eles juntaram-se guerrilheiros da FSLN em Zinica-El Bijao. A repressão tomou conta do território, incendiando as moradias de todas as famílias consideradas suspeitas. A situação de repressão dos camponeses foi denun-

ciada pela poesia do sacerdote Ernesto Cardenal, musicada por Carlos Mejía Godoy, *Las mujeres del Cuá*. Um grupo de 19 mulheres e seus filhos, chefiadas por Maria Venancia Aguilar, de 90 anos, fugiu para o acampamento guerrilheiro de Zinica, depois de ter suas casas queimadas pela GN. Descobertas, foram presas, torturadas, humilhadas, algumas estupradas (BALODANO, 2010, Tomo 1). Os versos da música comparam a situação da camponesa com Somoza:

*La cipota [menina] campesina
fue mancillada [maculada] ay nomás [no ato],
y Tacho[Somoza Debayle] desde un afiche,
reía en el taquezal [no muro].*

*¡Ay! ¡Ay! La patria llorando está.
Parecen gritos de parto,
los que se oyen por allá.*

O último impulso guerrilheiro iniciou-se em 1971 na montanha, durante o período de acumulação de forças em silêncio, opção assumida pelo movimento com base na intensa repressão somozista. A diretriz era não oferecer combate, a não ser em casos de extrema necessidade, e o objetivo era realizar um trabalho político-organizativo, preparando as redes de camponeses para os embates posteriores a essa etapa. A guerrilha teve três pequenos acampamentos, recrutou um escasso número de camponeses e deu início aos treinamentos militares sob a direção do comandante da revolução, Henry Ruiz, codinome Modesto.

Entre 1971 e 1974, foram desenvolvidas redes e contatos, organizadas escolas de treinamento e, no último ano, iniciaram-se ações de "limpeza" dos juízes *de mesta*. Também foi organizado o assalto a um banco e ataques a quartéis, mas a polêmica sobre a tática a seguir na montanha já havia sido instalada entre seus dirigentes³⁴. Isso coincidiu com um feroz plano de ataque contrainsurgente em toda a montanha e, fundamentalmente, contra as bases da guerrilha.

Em 1977, depois dos golpes sucessivos, abriu-se um processo de desarticulação das colunas guerrilheiras vinculadas ao núcleo central da Brigada Pablo Úbeda, e alguns ativistas deixaram a montanha, aí permanecendo um grupo muito reduzido. As esquadras em que os guerrilheiros foram divididos iniciaram um êxodo de meses, tentando sair da floresta em farapos e se alimentando de quase nada porque caçar poderia denunciar sua presença. Pequenos grupos de três a sete guerrilheiros completamente sem comunicação conseguiram chegar a

³⁴ Víctor Tirado, Edgard Munguía e Henry Ruiz.

Honduras; outros à Costa Atlântica da Nicarágua, ou ainda a outros departamentos, ficando Modesto e alguns guerrilheiros cercados no lugar mais alto da montanha.

Outras três unidades guerrilheiras Bonifacio Montoya, General Pedro Altamirano e Cesar Augusto Salinas Pinell, que haviam sido iniciadas em 1975, continuaram operando em locais mais próximos às cidades do Norte (BALODANO, 2010, Tomo 1).

1.6.2 As *performances* violentas nas cidades

A FSLN nunca teve uma guerrilha urbana, apenas realizava *recuperaciones* financeiras de apoio à guerrilha na montanha. Entre a derrota de Pancasán e a construção do núcleo central da Brigada Pablo Úbeda, em 1971, continuou executando algumas ações violentas nas cidades, entre elas, o *ajusticiamiento* (execução) de Gonzalo Lacayo, um dos mais odiados torturadores do regime somozista.

Essas *performances*, como reconhece Zimmermann (2006, p. 52), estavam destinadas "a provocar medo e admiração. Foi durante esse período que a FSLN passou a adquirir a reputação – deliberadamente perseguida – de ser um grupo disposto a arriscar tudo, inclusive a própria vida para derrubar Somoza". Como declarou Doris Tijerino, fazendo referência à morte de Lacayo, "isso era como uma ação de justiça, que moralizava e enviava a mensagem 'Não, não nos destruíram em Pancasán'" (BALODANO, 2010, p. 247).

Vários eventos contribuíram para essa reputação. Um deles foi o assassinato de Julio Buitrago, membro do Diretório Nacional da Frente Sandinista. Ele havia se juntado à FSLN, em 1964, recebendo treinamento em Cuba e viajando a vários países em representação do movimento. À idade de 21 anos, foi nomeado chefe da resistência urbana clandestina, tornando-se, junto com Carlos Fonseca, um dos ativistas mais procurados do país. Em 15 de julho de 1969, a GN descobriu o aparelho em ele que se encontrava, e enviou para lá mais de cem soldados, tanques e helicópteros.

O cerco teve cobertura de rádio e televisão, que difundiam a notícia de que havia dezenas de terroristas no local. O tiroteio durou duas horas. A GN disparava e quebrava os vidros, paredes, telhado da casa, e J. Buitrago continuava respondendo, e ferindo guardas. No final, caiu abatido, cantando o hino nacional. O comandante guerrilheiro Omar Cabezas (1985, p. 33), líder estudantil da FER à época, escreveu:

Julio enfrentou a Guarda. Morreu sozinho, depois de horas de resistência naquela casa. É um dos grandes entre os grandes que a FSLN já teve. Ele foi um dos que teceram no povo a grande lenda da invencibilidade da Frente Sandinista, ou melhor, a [lenda] que o povo teceu sobre a Frente Sandinista.

Doris Tijerino, clandestina como Buitrago, também estava no aparelho. Presa, torturada e violentada pela GN, aproveitou para fazer a denúncia de seu estupro no tribunal. O representante do Ministério Público aproximou-se para lhe oferecer uma bolsa de estudos na França ou em qualquer outro país que ela quisesse ir com sua família, em troca da retirada da acusação. Tijerino não aceitou (PÉREZ VALLE, 2014). O caso teve muita repercussão nacional e os setores estudantis e cristãos engajaram-se numa campanha por sua libertação. O comentário de *Novedades*, o jornal de Somoza, dizia que Tijerino, para manter em primeiro plano a Frente Terrorista da Escravidão (era esse o nome com que esse jornal se referia à FSLN), não teve escrúpulos em expor sua intimidade, denunciando um estupro que se comprovou falso (ZIMMERMANN, 2006).

No mesmo dia em que J. Buitrago foi massacrado, em outro aparelho de Manágua, eram assassinados mais três ativistas. Fonseca (1985, p. 328) distribuiu, em folha mimeografada, um manifesto de louvor à resistência, outorgando a maior honra póstuma a esses militantes, a de heróis sandinistas.

Um evento muito parecido ao ataque ao aparelho de Buitrago e Tijerino foi repetido seis meses mais tarde com Leonel Rugama e outros dois ativistas. Dessa vez, eles enfrentaram 300 guardas. Rugama, 20 anos, ex-seminarista e poeta, ficou famoso pela frase pronunciada pouco antes de morrer, quando não dispunha mais de munições: ao grito de um guarda exigindo a rendição, Rugama respondeu: *¡que se rinda tu madre!* (aqui ninguém se entrega, que o faça sua mãe!). Ele construiu um enquadramento que foi repetido milhares de vezes pelos combatentes durante a insurreição.

Entre 1967 e 1970, a FSLN perdeu, além dos 11 ativistas de Pancasán, aproximadamente mais vinte nas cidades. Os que restaram foram obrigados a passar à clandestinidade ou ir ao exílio. Outros dez, aproximadamente, foram presos. Conforme Zimmermann (2012, p. 171), em 1969, "a FSLN tinha pouco menos de cem membros, mas sua propaganda não tinha relação com seu tamanho, sua influência política ou seus êxitos militares".

O período de *acumulação de forças em silêncio* foi rompido em dezembro de 1974, com uma *performance* executada sob o comando sandinista Juan José Quezada, integrado por três mulheres e dez homens³⁵, que ficou conhecida como o assalto à casa de Chema Castillo.

O ministro de Somoza, José María Castillo, dava uma festa aos ministros, deputados, senadores e membros do corpo diplomático. Durante quase 72 horas, o país acompanhou as negociações dos membros do comando com Somoza, intermediadas pelo bispo de Manágua, Miguel Obando e Bravo. Os ativistas exigiam a divulgação de dois comunicados políticos, evocando as razões da miséria e desventura do povo nicaraguense, denunciando a desapareição dos camponeses, e explicando que usavam a violência em resposta à política repressiva do regime. Pediam o resgate de um milhão de dólares e a libertação dos presos políticos da FSLN³⁶.

Antes de completar 72 horas, todas as exigências foram cumpridas por Somoza e a FSLN conseguiu seu principal objetivo: dizer à população nicaraguense e ao mundo que o movimento estava vivo e melhor preparado para derrubar a ditadura. Membros do comando, presos políticos libertados e mediadores viajaram a Cuba. Muitas pessoas aglutinadas ao longo do caminho ao aeroporto saudavam efusivamente o comboio dando vivas. O bispo Obando e Bravo comentou no ônibus: "dá para ver que vocês têm povo" (TORRES, 2005, p. 143).

Torres aponta que, durante mais de quarenta anos, tendo como arma a repressão sistemática, a família Somoza estimulou o medo na população, o que lhe permitiu se sustentar no poder. Sua vulnerabilidade ficou em evidência pela primeira vez com o assalto de 1974, e posteriormente com a ofensiva militar de 1977, e com o assalto ao Palácio Nacional de 1978.

Entre fevereiro de 1975 e novembro de 1976, imediatamente depois de executada essa *performance*, afloraram as contradições no interior da FSLN e cristalizou-se a divisão do movimento em três tendências: Guerra Popular Prolongada (FSLN-GPP); Tendência Proletária (FSLN-TP) e Tendência Terceirista ou Insurrecionalista (FSLN-TT). A divisão já vinha sendo gestada como uma luta pela hegemonia do poder entre os dirigentes que estavam fora do país e os que estavam dentro. Em função da ação da casa de Chema Castillo, a tese de alguns ativistas que estavam vivendo no exterior, baseada na necessidade de impulsionar a insurreição, contrapôs-se à tese defendida pela maioria dos que estavam dentro do país, e que reafirmavam a necessidade de continuar a estratégia de guerra popular prolongada no campo. No meio disso, os proletários – os primeiros a dissentirem – acreditavam na aproximação com

³⁵ Alberto Ríos, Eduardo Contreras, Eleonora Rocha, Félix Pedro Picado, Germán Pomares, Javier Carrión, Joaquín Cuadra, Hilario Sánchez, Hugo Torres, Leticia Herrera, Olga Avilés, Omar Halleslevens e Róger Deshon. Herrera e Torres foram entrevistados por Baltodano.

³⁶ Os presos libertados foram: Alí Rivas, Carlos Guadamuz, Daniel Ortega, Jacinto Suárez, José B. Escobar, Julián Roque, Lenín Cerna, Oscar Benavides. Suárez foi entrevistado por Baltodano.

o movimento dos trabalhadores, por meio da formação de sindicatos e associações populares e de um partido marxista-leninista antes de entrar na insurreição.

A divisão da FSLN provocou a volta de Fonseca de Cuba, em 1975. Depois de ele ficar alguns meses na cidade, tomando ciência da situação, inexplicavelmente, resolveu subir à montanha, para reunir o Diretório Nacional, com o objetivo de superar as contradições. Nos documentos que escreveu nesse período, alinhou-se à Tendência Guerra Popular Prolongada (GPP), mas enfatizou a importância da unidade sandinista e do tratamento respeitoso entre os irmãos sandinistas. Fonseca (FONSECA, 1985, p. 183) escreveu:

Seria frutífero parar para refletir sobre como a unidade tem contribuído para o avanço da Frente Sandinista. [...] Esta afirmação não pretende ocultar a necessária discussão interna, que acompanhou nossa atividade, e que, ao contrário de outras experiências, não degenerou em cisões estereis. É necessário cuidar da continuidade e do desenvolvimento dessa tradição unitária, que é motivo de orgulho dos combatentes sandinistas.

De acordo com o comandante da revolução, Luis Carrión (BALODANO, 2010, Tomo 3), o alinhamento com a GPP ocorreu, em parte, por fatores políticos, porque Fonseca se sentia apoiado por essa tendência, já que Eduardo Contreras, chefe do comando sandinista do ataque à casa de Chema Castillo havia ameaçado sua liderança e seu cargo de secretário geral, e também porque a guerrilha rural estava mais próxima de seu pensamento tradicional.

Já o comandante da revolução, Victor Tirado (BALODANO, 2010, Tomo 1), considera que Carlos Fonseca é o autor da tese insurrecional, presente nos seus escritos até fim dos anos 1970³⁷. A reunião do Diretório Nacional finalmente acabou não acontecendo, e Fonseca foi morto em combate com as forças da GN, em novembro de 1976.

Em 1978, quando a divisão estava cristalizada e cada uma das tendências tinha vida própria, a TT- FSLN organizou uma *performance* nos moldes da ação de 1974, mas de dimensões superiores. O comando sandinista Rigoberto López Pérez, integrado por 18 homens e uma mulher³⁸, ocupou o edifício do Palácio Nacional, sede do Congresso Nacional, que também abrigava as dependências do Ministério da Fazenda, às dez horas da manhã, em pleno expediente.

³⁷ Sobre a divisão e a unidade da FSLN, as entrevistas dos comandantes da Revolução Luis Carrión e Víctor Tirado, da FSLN-TP e FSLN-Tercerista, respectivamente, e membros do Diretório Nacional conjunto, fornecem detalhes (BALODANO, 2010, Tomo 3, p. 397-438). Ver também *La Epopeya de la insurrección* (2010), de Humberto Ortega, p. 347-364.

³⁸ Edén Pastora *Cero*, Hugo Torres *Uno*, Dora María Téllez *Dos*, entrevistados por Baltodano. Walter Ferreti, Emilio Mena, José H. Hernandez, Israel Ramírez, José S. Pupiro, Salvador Monge, Porfirio Jalima, Eddy Olivas, Eddy Chavarría, Iván Bendaña, Lorenzo Hernández, Carlos J. Salgado, Belli Ramírez, Rutilio Miranda, José Méndez, Donald Herrera (BALODANO, 2010, Tomo 3, p. 344).

Entre 2 mil e 2,5 mil pessoas estavam no local, de acordo com o Comandante Zero (BALTODANO, 2010, Tomo 2), chefe do comando. Uma vez controlada a situação de pânico inicial, as(os)guerrilheiras(os) tiraram seus lenços rubro-negros que as(os) identificavam como membros da FSLN e Torres gritou "¡Viva Monimbó!" (TORRES, 2005, p. 412), deixando explícito o apoio à insurreição da comunidade de Monimbó, que havia se insurgido no início daquele ano. As(os) funcionárias(os) do Palácio rapidamente entenderam que o problema não era com elas(es), mas com os senadores e deputados, e colaboraram com o comando naquilo que podiam.

Entre os reféns, estavam vários parentes de Somoza. As negociações foram mediadas novamente pelo bispo Obando e Bravo e pelos embaixadores do Panamá e da Costa Rica, e duraram 48 horas. Os manifestos "Operação morte ao somozismo Carlos Fonseca Amador" e os *partes de guerra*³⁹ foram lidos nas rádios e publicados na imprensa escrita. Cinquenta e dois ativistas presos foram libertados, e o comando recebeu meio milhão de dólares.

Antes de sair do Palácio o grupo fez uma cerimônia, presentes os reféns e uma parte dos funcionários que ainda não tinham sido soltos, na qual convidou os presentes a se unirem à FSLN, explicando que a língua das armas era a única que Somoza entendia. Tomaram a bandeira azul e branca da Nicarágua, comprometendo-se a devolvê-la quando a Nicarágua fosse livre e o Congresso estivesse ocupado por verdadeiros representantes do povo. As pessoas aplaudiam estrondosamente, de acordo com os relatos dos membros do comando (TORRES, 2005, p. 438).

De novo, foram saudados por milhares de cidadãos, que se aglomeravam no caminho ao aeroporto, agitando bandeiras da FSLN, e nas próprias instalações do aeroporto, onde se apertavam umas 2 mil pessoas (TORRES, 2005, p. 442).

1.7. CONCLUSÕES

O presente capítulo procurou apresentar os antecedentes políticos do ativismo de alto risco nicaraguense. As oportunidades políticas que se abriram em 1958, foram criadas por um grupo de opositores, que executou o assassinato do presidente Somoza García, dando início a um ciclo de confronto. A partir daí, a reação do Estado, com a repressão indiscriminada de-

³⁹ Relatórios que contam os avanços das colunas na guerra.

sencadeada por seus filhos e a continuidade da família Somoza à frente do governo, produziu uma conjuntura facilitadora de certo tipo de mobilização: o movimento armado, que se difundiu rapidamente.

Os ativistas que estavam mais bem posicionados – os opositores exilados que o regime somozista tinha se encarregado de juntar nos países vizinhos – emprestaram do repertório de confronto cubano a guerrilha. E assim formaram o primeiro movimento dirigido por antigos membros do EDSN de Sandino, da GN e de partidos opositores (que estavam sempre conspirando contra a dinastia somozista e ficaram animados com as vitórias de Fidel Castro e Che Guevara na *Sierra Maestra* cubana).

A derrota do primeiro movimento armado não desarmou a mobilização. Valendo-se do mesmo repertório de confronto, outros ativistas juntaram-se nos países vizinhos – alguns com o apoio financeiro e militar do M-26-7, já no poder –, e incursionaram no território nacional. A meta comum a todos era a derrubada violenta do governo somozista. Mas eles não contavam com um programa que os guiasse caso conseguissem seu objetivo; apenas a guerrilha de Raudales esboçou alguns pontos de um programa muito geral. Sua organização, redes de apoio e recursos eram muito pobres para enfrentar um regime com grande capacidade de governo, que detinha o controle dos recursos, das atividades e das pessoas dentro do território.

Nessa conjuntura, constituiu-se como relevante outro ator coletivo. O movimento estudantil, que vinha fazendo suas primeiras batalhas contra a dinastia da família Somoza. Com a conquista da autonomia da única universidade pública e a vitória do M-26-7, o movimento estudantil animou-se e indignou-se com a repressão aos movimentos guerrilheiros, enfrentando a GN em manifestações de rua. Nasceram aqui e acolá, no interior e no exterior do país, movimentos de jovens estudantes e alguns trabalhadores contra a ditadura e pelas liberdades democráticas que, como as guerrilhas, foram reprimidos até desaparecerem. O repertório político das autoridades para apaziguar a oposição radical nunca incluiu a negociação e o diálogo; a repressão foi a única resposta.

Também surgiu nessa nova configuração de oportunidades e ameaças um novo tipo de oposição. Ainda que a oposição moderada ao regime somozista na Nicarágua, integrada pelos partidos PLI, PSN e PC, sob a liderança deste último, não tenha perdido a hegemonia, na fase de conflito e difusão, começou a se perfilar um novo tipo de oposição, de uma geração mais jovem, mais radical, que se identificava com a Revolução Cubana, com a campanha nacionalista e anti-imperialista de Sandino e com um programa de liberdades democráticas.

Durante o ciclo de confronto, as velhas organizações adotaram as táticas radicais de seus competidores e ajustaram seu discurso a uma postura pública mais agressiva. Na fase de desmobilização, no entanto, voltaram às táticas mais conservadoras, como é o caso dos partidos mencionados.

Alguns membros dos partidos Conservador e Liberal Independente envolveram-se nos movimentos armados que incursionaram pelo Norte e Sul – lembrando que a cultura política nicaraguense aceitava a violência como meio de resolução de conflitos políticos. O PSN apoiou a guerrilha do El Chaparral, tirando a conclusão de que a derrota da guerrilha não autorizava a luta armada como repertório de confronto. Já Carlos Fonseca, líder da FSLN, tirou a conclusão contrária: a luta armada era o caminho, mas era necessário organização, líderes, redes de apoio, recursos e uma nova identidade, cravada na tradição nacional de luta.

Nessa mudança geracional do perfil dos mobilizados constituiu-se também uma nova liderança. Os jovens ativistas mobilizados no ciclo de confronto encontraram em Carlos Fonseca um líder observador e estudioso da experiência nacional e da luta de outros povos contra regimes opressores, audaz, persistente e convicto da vitória. Fonseca, com "paciente impaciência" (BORGE, 1989) foi guiando o grupo na construção do movimento *sandinista*, cujas influências mais substantivas foram o EDSN de Sandino e o M-26-7.

A *performance* política do repertório de confronto – a luta armada, que Sandino e o M-26-7 utilizaram durante suas campanhas vitoriosas – foi escolhida pela FSLN como sua estratégia principal diante de um contexto de mais ameaças que oportunidades para a ação política pública. No entanto, as derrotas das guerrilhas dos anos 1960 e o quase aniquilamento do movimento levaram os líderes da FSLN a compreender que apenas com o uso de um repertório violento poderiam ganhar essa guerra. Esta configuração política gerou as condições para a emergência de um ativismo de alto risco, secundado por um ativismo de *performances* não violentas.

2 LIDERANÇA E ENQUADRAMENTOS INTEPRETATIVOS DO SANDINISMO

Para que o ativismo de alto risco se constitua, são necessárias, para além das oportunidades políticas para a ação, duas outras dimensões, que serão focalizadas neste capítulo. De um lado, o aparecimento de uma liderança capaz de amealhar recursos e adeptos para esse tipo de *performance* política. De outro, a difusão, entre ativistas e simpatizantes, de uma crença na relevância e pertinência dessa forma de ação ao contexto em que vivem.

No que diz respeito à liderança, o capítulo apresenta, em sua primeira parte, a carreira política do líder da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Carlos Fonseca. Como se argumentará, esse líder reunia os estilos e atributos *task-oriented* e *people-oriented*. Nesse sentido, seu papel foi fundamental como organizador dos recursos do movimento e para a execução das ações visando determinados objetivos, o que lhe rendeu admiração e respeito, e motivou muitos ativistas a comprometerem-se com a causa. Sua contribuição foi particularmente essencial para a sobrevivência e consolidação da FSLN na virada de sua estratégia, no final da década de 1960, depois do fracasso das primeiras guerrilhas, criando condições para a adesão de novos ativistas à causa sandinista. Na elaboração dessa nova estratégia, Fonseca percebeu que o fracasso do movimento estava relacionado ao isolamento total da guerrilha, que não tinha conseguido a adesão dos camponeses, como era esperado. A solução foi motivar o movimento estudantil – tanto universitário como secundarista –, que ele julgava ser o setor mais esclarecido da população, para cumprir seus deveres revolucionários e se preparar para alimentar o esforço guerrilheiro. Além disso, Fonseca foi o relator do programa e dos estatutos do movimento.

Fonseca foi também relevante na configuração de outro fator crucial para emergência do ativismo de alto risco: a configuração de uma crença coletiva em sua validade. Foi ele figura importante na construção de um enquadramento interpretativo, o sandinismo, o que permitiu ao movimento ir edificando sua identidade e obter a adesão popular, que culminou na Revolução Popular Sandinista. Como se verá, o enquadramento interpretativo sandinismo veio da junção de dois enquadramentos: o marxismo revolucionário da Revolução Cubana e o combate de Sandino à ocupação norte-americana. Com muita dedicação e estudo, Fonseca encontrou na luta de Sandino a inspiração para motivar as novas gerações para a derrubada da ditadura somozista.

2.1 A CARREIRA POLÍTICA DE UM LÍDER: CARLOS FONSECA

Diversas perspectivas sociológicas têm abordado a questão das lideranças nos movimentos sociais, relegando-as ao *status* de variável dependente ou indireta (AMINZADE *et al* 2001), isto é, dizendo que elas ficam atreladas ao sucesso ou fracasso do movimento ou que sua participação é minimizada, o que rouba muito de sua agência. Em parte isso é compreensível, afirmam os defensores da ideia, porque muito do que os líderes fazem de melhor é perceber e aproveitar as oportunidades, articular temas culturais e manusear recursos para a ação.

A análise exclusiva dos movimentos e revoluções vitoriosos, no entanto, inevitavelmente confunde as ações individuais dos líderes com as generalidades das teorias do confronto estruturalistas, culturalistas e racionalistas, na quais os protagonistas tendem a desaparecer atrás dos movimentos. É somente prestando atenção analítica no curso das ações dos líderes, observando seus exemplos de sucesso e fracasso nos movimentos sociais e revoluções, e mostrando como resultados particulares surgem do que não foi alcançado, que se pode avaliar sua importância.

Todos os líderes compartilham uma devoção incomum a suas causas, vivem para elas, são capazes de morrer por elas e inspiram outros a fazer o mesmo. Convencem as pessoas de que estão trabalhando pela coisa pública e podem combinar uma diversidade de estilos e atributos. Depreendem-se da Teoria dos Movimentos Sociais dois tipos de lideranças: o *task-oriented* e o *people-oriented*. Essas duas dimensões são importantes para os movimentos e algumas lideranças conseguem unir estilos e atributos dos dois tipos. O conceito de líderes *task-oriented* – ou líderes de ação, pragmáticos ou "racionalizados", na linguagem weberiana – está relacionado a "reunir recursos e executar ações para alcançar um determinado objetivo". Já os líderes *people-oriented* – ou "carismáticos", na terminologia de Weber – estão relacionados à noção "de evocar um particular estado emocional no povo, a saber, um estado de motivação e compromisso, muitas vezes identificação, com o líder ou com seu movimento ou objetivo" (AMINZADE *et al* 2001, p. 129-30).

Fonseca pode ser considerado, ao mesmo tempo, um líder de ação e um líder carismático. Como líder de ação, suas qualidades são confirmadas por Zimmermann (2012, p. 8):

Por cerca de 20 anos, Fonseca foi a figura ideológica central e o líder estratégico do movimento revolucionário na Nicarágua. Os escritos que definiam a ideologia política da Frente Sandinista - documentos pragmáticos, análises histórico-sociais, discursos importantes e manifestos - eram, quase sem ex-

ceção, obra sua. Até sua morte, Carlos Fonseca desempenhou também, mesmo na prisão ou no exílio, um papel crucial na organização do trabalho diário da FSLN, recrutando quadros, expandindo a influência política e planejando suas operações militares.

Como líder carismático, "Carlos Fonseca, embora já não estivesse vivo, era o herói popular da revolução nicaraguense de 1979. Era muito mais conhecido pelo cidadão comum do que qualquer das pessoas que formavam o novo governo revolucionário" (ZIMMERMANN, 2012, p. 8). Ao longo de sua liderança na FSLN, os ativistas e o povo da Nicarágua atribuíram-lhe qualidades sobre-humanas de invencibilidade, heroísmo, onipresença, ao mesmo tempo em que lhe destinavam os atributos humanos de fraternidade, humildade, paciência, integridade, dedicação.

Os versos da música do compositor, Luis Enrique Mejía, cantada por milhares de pessoas emocionadas, durante os atos públicos no período revolucionário, rendiam homenagem ao líder:

*Cuando apareciste llegaste a nosotros
con tus ojos miopes, azules, intensos,
fuiste desde entonces el hermano
terco, indeclinable, sempiterno.
Fuiste mecanógrafo, hormiga, martillo
y al día siguiente de nuestro encuentro
vimos tus letreros subversivos
en todos los muros de nuestro pueblo.*

*Comandante Carlos, Carlos Fonseca,
tayacán [maestro, guía, mentor] vencedor de la muerte
novio de la patria rojinegra
Nicaragua entera te grita: ¡presente!*

A letra da música ressalta a dedicação, a obstinação e a paciência próprias dos líderes, seu trabalho de construção cumprindo diferentes tarefas, além de seu posto de guia, condutor, professor e regente de uma orquestra.

Zimmermann (2012) observa que os estudos sobre a Revolução Sandinista tomaram como referência a FSLN que estava prestes a tomar o poder – ou que ficou no poder durante os dez anos de revolução. Essa perspectiva permitiu mostrar a complexidade da ideologia sandinista, mas não deu conta de explicar o seu desenvolvimento, o "processo de aprendizagem, das idas e vindas, dos debates e da rejeição de estratégias falhas", e o "papel desempenhado por Carlos Fonseca em momentos-chave". Ela alerta seus leitores que "poderão ficar

surpresos com a força e a estabilidade do regime dos Somoza durante os anos 1960 e princípio dos anos 1970, a debilidade militar e numérica da FSLN e seu papel periférico no interior do movimento de oposição [...]" (ZIMMERMANN, 2012, p. 15), e indica que foram muitos os momentos em que a FSLN poderia ter sido aniquilada ou ter abandonado o objetivo da revolução.

O jornalista uruguaio, Ernesto González Bermejo (FONSECA, 1985, p. 288), entrevistou Fonseca em Havana, em 1970, e escreveu:

Era um homem alto, magro, de cabelo revolto e óculos frágeis, ar de eterno estudante, voz e expressão de iluminado, um desses românticos da revolução que, contra toda evidência, terminam tendo razão. Depois de um itinerário guerrilheiro cheio de tropeços, quedas e morte [...], Fonseca me injetava um otimismo então inexplicável sobre o futuro da luta revolucionária.

Quem era Carlos Fonseca? E como ele iniciou e desenvolveu sua carreira política? Nasceu em Matagalpa, em 1936. Filho ilegítimo de uma empregada doméstica, Agustina Fonseca, e de um membro da abastada e poderosa família, Fausto Amador. Fonseca morava em um cômodo com sua mãe e seus quatro irmãos, no quintal da casa de uma tia. Sua mãe criou os quatro filhos sem a ajuda dos pais. Ao mesmo tempo, seu pai casou-se com uma filha de cafeicultores e também teve quatro filhos. Ironia do destino, Fausto Amador tornar-se-ia o administrador geral dos bens da família Somoza.

Na infância de humilhações e pobreza, Fonseca foi vendedor de jornais e doces, carteiro e cobrador, para ajudar a mãe. Aluno brilhante nos ensinamentos fundamental e médio, ganhou a Estrela de Ouro do Instituto Nacional do Norte (INN) como o melhor aluno dessa instituição pública, a única que oferecia ensino médio na cidade, e onde era bolsista. Nenhum de seus irmãos por parte da mãe conseguiu concluir o ensino fundamental. Também ganhou prêmio de primeiro lugar em Língua Francesa, idioma que aprendeu para ler *O Manifesto Comunista*.

Em 1950, com apenas 14 anos, Fonseca já havia frequentado um grupo da Juventude Conservadora, mas posteriormente declarou que suas inquietações democráticas não haviam sido satisfeitas. Fonseca foi iniciado no marxismo por Ramón Gutiérrez, jovem que havia se familiarizado com essa teoria na Guatemala, quando acompanhava os governos nacionalistas de Juan José Arévalo (1945-1951) e Jacobo Arbenz (1951-1954).

Em 1953, Gutiérrez voltou à Nicarágua e encontrou muitos jovens talentosos no INN, entre eles, Fonseca, de quem disse: "[...] Carlos era quem tinha condições ótimas para ser um bom revolucionário porque era estudioso, com um coeficiente de inteligência superior

ao dos outros e, principalmente, era um autêntico proletário. O marxismo era a camisa que há muito tempo estava esperando para vestir" (BLANDÓN, 1980, p. 184-5).

Com dois colegas, Fonseca organizou, no último ano do ensino médio, o Centro Cultural do INN, que publicou 12 números da revista cultural *Segovia*, financiada com anúncios comerciais que eles mesmos vendiam. Como editor da revista, escreveu 12 artigos relacionados a dois temas centrais: o papel-chave da juventude e a estreita relação entre a educação e a nação. A revista publicava poesia, sátira, contos, notícias esportivas, artigos históricos e reportagens sobre temas escolares, e ficou conhecida nacionalmente, ao obter a colaboração de notórios poetas. Os editores abstinham-se de criticar abertamente o governo, sabendo que poderiam perder suas bolsas de estudo no INN.

Fonseca sempre se interessou por poesia e cultura, e se relacionava com escritores e poetas. Acreditava que os intelectuais tinham um dever iniludível: lutar contra a ditadura somozista. Na revista *Segovia*, apresentou um dos maiores poetas nicaraguenses, José Coronel Urtecho:

Os nornicaraguanos somos os nicaraguenses do norte, que sabemos muito de café e gado, e agora de poesia. Apresentar José Coronel Urtecho é um dever literário de *Segovia*. Não é nenhum militar, é Coronel, mas de sobrenome. [...] Com os vastos conhecimentos adquiridos e seu talento criador, conseguiu orientar a geração [...] Movimento de Vanguarda [...].

Como o poeta havia sido deputado do Congresso Nacional da Nicarágua, anos mais tarde, Fonseca, já político maduro, o encontrou, por intermédio de um amigo, e espetou aquela frase: "O senhor é o maior culpado, depois de Somoza, da desgraça deste país [...]". Coronel Urtecho confessaria, depois do triunfo da Revolução Sandinista, que seu silêncio poético de mais de uma década teve a ver com o fato de ele sentir-se moralmente esmagado pelo sentimento de culpa que "padecia grande parte do país, com exceção do povo explorado e oprimido e da juventude, especialmente, a Frente Sandinista, que redimiu o país e o livrou da ignomínia [...]" e que, com a vitória, "sentia de novo o impulso não contido de escrever poesia" (BORGE, 1989, p. 280-1).

Um dos colegas de Fonseca, Francisco Buitrago, tornou-se chefe de redação dos últimos números da revista, quando Fonseca concluiu seus estudos. Num artigo de *Segovia*, ele escreveu: "[...] Lutamos e estudamos para que, num dia não muito longínquo, [...] os estudantes segovianos [da região norte] saibamos, pletóricos de honra, ocupar, com a testa erguida, [...] o lugar do soldado, atento ao chamado da pátria e desejoso de empunhar as armas do pen-

samento [...]" (BLANDÓN, 1980, p. 187). Fonseca contou ao jornalista uruguaio, González Bermejo, na entrevista em Havana em 1970, (FONSECA, 1985) que, com Buitrago e demais colegas do INN, compartilharam a tristeza da derrubada pelo imperialismo do governo democrático de Jacobo Arbenz, na Guatemala. Naquele momento, confessou, afloraram nele as primeiras noções de consciência revolucionária. Buitrago foi assassinado na guerrilha de Raití-Bocay, em 1963.

Fonseca afiliou-se ao Partido Comunista (PSN), em 1954 (ZIMMERMANN, 2012), ainda em Matagalpa. Comparecia às reuniões, votava, pagava a contribuição partidária, e foi formalmente transferido a Manágua, e depois a León, como militante desse partido, quando migrou para continuar seus estudos. Em Manágua, residiu na casa do pai até convencer o diretor do Instituto Ramírez Goyena, o poeta Rothschuh Tablada, a contratá-lo para organizar a biblioteca. No Goyena, prestigiada escola pública da capital, Fonseca participava das conversas que frequentemente aconteciam no pátio do colégio, e chegou a ser líder de um numeroso grupo, cujos membros eram jornalistas e poetas. O diretor, Rothschuh Tablada, lembraria, em seu livro em homenagem a Fonseca⁴⁰, que ele fundou, nesse local, sua própria escola de recrutamento. Fonseca estimulava os estudantes a estudar a história da Nicarágua, emprestava livros aos trabalhadores sindicalizados, vendia a revista *Segovia* e o jornal *Orientação Popular*, do PSN, e reunia-se com os moradores do miserável Bairro dos Pescadores.

Jorge Navarro, frequentemente comparado com Fonseca por sua seriedade e compromisso, foi recrutado no Goyena. A eles, juntar-se-ia, mais tarde, Buitrago, da revista *Segovia*. Os três seriam parte do grupo fundador da FSLN. Navarro realizou como militante da FSLN o primeiro assalto a um banco para financiar a primeira guerrilha. Comenta-se que, depois da ação, andou a pé quilômetros para não pagar o ônibus, mesmo tendo em seu poder 50 mil córdobas (mais de sete mil dólares) provenientes do assalto, pois não queria mexer no dinheiro do movimento (ZIMMERMANN, 2012).

Fonseca mudou-se para León em 1956, e inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade Nacional da Nicarágua (UNAN). Assim que chegou, foi nomeado pelo Centro Universitário editor-chefe do jornal *O Universitário*, e formou, com Tomás Borge e Silvio Mayorga, a primeira célula do PSN na universidade, mais por iniciativa própria do que do partido. Percebia que o partido não tinha nenhum interesse no movimento estudantil. Foi pre-

⁴⁰ ROTHSCUH TABLADA. **Los Guerrilleros vencen a los generales Homenaje a Carlos Fonseca Amador**. Manágua, Nicarágua: Ediciones Distribuidora Cultural (Impresso em São José, Costa Rica), março de 1983 – 3ª edição ampliada e corrigida.

so pela primeira vez depois do assassinato de Somoza García, nesse mesmo ano, sem ter conexão com o fato, como centenas de pessoas.

Em 1957, esteve na União Soviética, como delegado do PSN, no Sexto Congresso Mundial dos Estudantes e da Juventude pela Paz e a Amizade. Não foi exatamente selecionado para a viagem; acidentalmente encontrou um amigo poeta, Manolo Cuadra, na Costa Rica, que lhe ofereceu a oportunidade. Na volta, foi preso pela segunda vez, antes de escrever, em formato jornalístico, *Un nicaragüense en Moscú*, visão encantada da União Soviética.

Em 1958, organizou nova mobilização dos estudantes, em âmbito nacional, com greve de fome, para exigir a liberdade dos que ainda estavam na prisão depois do *ajusticiamiento* de Somoza. Foi preso de novo em sua cidade natal, "sem razão conhecida".

A vitória da Revolução Cubana mudou completamente o pensamento de Fonseca. "Essa influência foi determinante. O exemplo do povo, da juventude e dos guerrilheiros cubanos exerceu um papel determinante no início da maturação do processo político na Nicarágua, que tinha sofrido uma interrupção brutal em 1934" (FONSECA, 1985, p. 291). De acordo com Zimmerman (2012), depois da guerrilha do El Chaparral, Fonseca escreveu que tinha aprendido mais lições que com mil livros e cem professores, principalmente sobre as qualidades dos líderes de um movimento armado. Opinava que o movimento nicaraguense era muito atrasado, e que os jovens desconheciam a história de seu país, o que os impedia de cumprir seus deveres revolucionários. Apesar de o PSN ter apoiado a guerrilha do El Chaparral, a derrota serviu como confirmação para seus membros de que a luta armada não era o caminho para a derrubada da dinastia somozista. Para Fonseca, significou uma virada na direção oposta: "a revolução era possível e era necessária uma nova organização para conduzi-la" (ZIMMERMANN, 2012, p. 99).

Conforme comentado no primeiro capítulo, Fonseca preparou as condições para a instalação da guerrilha de Raití-Bocay, mas dela não participou. Desentendimentos com o líder da guerrilha, Noel Guerrero, obrigaram-no a deixar o grupo. Em declarações publicadas em 1964 (ZIMMERMANN, 2012, p. 138), Fonseca confessava sua preocupação de o movimento transformar-se em uma "aventura incerta, porque não apenas a frente interna estava mal coberta, mas também havia um problema de indisciplina e falta de seriedade", além do exagerado otimismo de que aquela guerrilha poderia gerar uma insurreição no país. Confiava, sim, no espírito de sacrifício e na elevada moral dos ativistas, no entanto, considerava que isso não era suficiente, era necessária a experiência, o que eles não tinham.

Do ponto de vista político, Fonseca estava envolvido em uma disputa com Guerrero, que parecia se tratar de "transgressões organizacionais" e "maus hábitos pacifistas", sem que ficasse muito claro seu conteúdo (ZIMMERMANN, 2012, p. 138-9). Segundo Borge (1989, p. 141), "Guerrero separou-se para sempre da Frente, após ser acusado de dispor, de forma indevida, dos recursos financeiros da organização, o que nunca foi comprovado". Por outro lado, Guerrero opunha-se a chamar o movimento de sandinista. Fonseca argumentava, por sua vez, que deveria ser formada "uma organização que aglutinasse os revolucionários nicaraguenses e que a palavra sandinista daria um selo revolucionário à organização, sem que fosse uma palavra sectária" (BORGE, 1989, p. 141-2).

Em 1964, Fonseca voltou como clandestino à Nicarágua e foi preso em Manágua, junto com o mexicano Víctor Tirado, ativista da FSLN, em 20 de junho de 1964. Os jornais noticiaram as prisões, o movimento estudantil mobilizou-se com greves, e os partidos políticos de oposição escreveram aos jornais, advogando pela vida dos presos.

O comunicado do governo e a publicação do jornal *La Prensa* referiam-se a Fonseca com um jovem terrorista, agente do comunismo internacional, e alertavam para que os pais cuidassem de seus filhos, a fim de não enveredarem pelo mesmo caminho (ZIMMERMANN, 2012). Lia-se num editorial assinado por Pedro Joaquín Chamorro "que o réu era um jovem pobre, sem recursos, a quem a justiça tinha-o tornado um ressentido social. [...] O melhor que o governo poderia fazer era lhe conceder uma bolsa para que voltasse a estudar, em vez de mantê-lo na prisão" (BLANDÓN, 1980, p. 216).

Dez dias depois, por ordem do presidente René Schick, os prisioneiros foram enviados ao juiz, e condenados a seis meses de prisão. Fonseca aproveitou "uma oportunidade única para Frente Sandinista acumular prestígio e autoridade" (BORGE, 1989, p. 189), escrevendo, em sua própria defesa, o texto *De la cárcel, acuso a la dictadura*. Jornalistas, advogados e aprendizes do direito ouviram surpresos, num julgamento aberto, a alegação de quem acusava a ditadura. Fonseca era acusado de atentar contra a vida de Somoza e de participar do assalto a um banco. Negava as acusações afirmando que, pelo contrário, era ele, Fonseca, quem acusava o ex-presidente Luis Somoza, sua família, e os políticos e militares cúmplices de "assassinar, de forma sistemática, patriotas e pessoas dignas" (BORGE, 1989, p. 192). E citava uma longa lista de assassinatos, iniciada com o de Augusto C. Sandino.

Também acusava o governo somozista e seus cúmplices de "assaltar, ao longo de trinta anos, o sofrido povo da Nicarágua, para acumular, não a ridícula soma de 50 mil córdobas [moeda da Nicarágua], mas quantidades fabulosas que somavam vários bilhões de córdobas

bas [...]". Perguntava: "Como [os Somoza] obtiveram os navios da 'Mamenic Line' [empresa da família]? Assaltando o povo!". E repetia a pergunta e a resposta para uma longa lista de propriedades, que incluía uma companhia aérea, engenhos de açúcar, fazendas, indústrias, contas na Suíça e nos Estados Unidos, etc. "Mesmo no caso de que eu fosse culpado pelo assalto ao Banco da América, não creio que teria o governo somozista, governo de assaltantes, autoridade para me acusar" (BORGE, 1989, p. 194-5).

Além das denúncias, Fonseca levantava questões relevantes, como o papel da insurreição, da guerrilha, das amplas alianças antissomozistas. Sua defesa cumpria o papel de sinalizador para as autoridades, ativistas da FSLN e sociedade em geral. Conforme afirma Tirado, em sua entrevista a Baltodano (BALODANO, Tomo I, p. 194), "esse texto é muito importante, não é um folheto escrito de qualquer jeito, sem pensar, pois ele coloca coisas que vinte anos depois a história lhe daria a razão". Também salienta que, nesse episódio, Fonseca começou a se perfilar como um líder sandinista.

Denúncias dos crimes do regime autoritário fizeram parte do repertório político de confronto da FSLN. Como o discurso de Fidel Castro, em 1953, e o de Mandela, em 1963, o texto de Fonseca, em 1964, passou a fazer parte da literatura do movimento. Além disso, foi publicado na íntegra pelo jornal *La Prensa*. Zimmermann (2012, p. 144) aponta que os sandinistas "buscavam reverter o infortúnio accidental da prisão contra seus carcereiros e contra o governo somozista, usando o julgamento ou a corte militar como tribuna para narrar a história do ponto de vista da FSLN", e que essa seria uma *performance* muito utilizada pelos sandinistas.

Dois meses depois, ainda na prisão, Fonseca lançou o manifesto *Esta es la verdad*, rebatendo um comunicado de Somoza em que acusava a FLSN de planejar atos de terrorismo, como o assassinato de membros da oposição e o incêndio de jornais conservadores. Fonseca rebateu, dizendo que estava orgulhoso de ter combatido com armas na mão o regime somozista, mas que sua intenção não foi praticar terrorismo ou atentados pessoais, senão combater a ditadura de forma limpa – e que essa mentira tinha o propósito de dividir as filas da oposição. O treinamento da FSLN, ele afirmava, era no dia a dia, "não perdendo de vista nenhuma injustiça, reivindicando a liberdade, venerando Sandino e demais heróis nacionais, sofrendo opressão, exploração e tortura" (1985, p. 314). Depois de cumprir pena, ambos, Fonseca e Tirado, foram deportados. Era a oitava prisão e a terceira deportação de Fonseca.

Como foi dito no primeiro capítulo, Fonseca organizou e participou da segunda guerrilha da FSLN: Pancasán. Não foi um empreendimento bem-sucedido. Muito pelo contrário, a

FSLN foi quase aniquilada e perdeu vários de seus melhores quadros. A análise crítica dos eventos impunha-se, e Fonseca percebeu que estava na hora de mudar a estratégia.

A FSLN abriu uma discussão sobre o que havia dado errado em Pancasán⁴¹. As interpretações no interior da FSLN eram muito diferentes. Conforme Zimmermann (2012), alguns queriam manter a guerrilha rural, outros abandonar a luta armada e concentrar-se no trabalho político no interior do movimento estudantil e nos bairros. Fonseca, por sua vez, tentava encontrar um ponto de equilíbrio, ao mesmo tempo em que enfrentava o desespero – e mesmo o pânico – que tinha se apoderado do movimento.

Em contraste com o período posterior à guerrilha de Raití-Bocay, a FSLN passou à ofensiva política. Curtos manifestos mimeografados foram escritos por Fonseca para recrutar novos membros e mobilizar manifestações de protesto, sejam no aniversário da morte de Sandino, na celebração do 1º de Maio, no Dia das Mães, contra a visita do presidente dos Estados Unidos, Lyndon B. Johnson, à América Central ou no aniversário do assassinato de militantes sandinistas.

É aos estudantes que Fonseca se dirige após a derrota de Pancasán. Em seu *Mensaje a los estudiantes revolucionarios*, em 1968, apontava para a responsabilidade do setor estudantil, que por contar com uma experiência política rica e ter um nível de escolaridade maior, estava obrigado a participar no combate popular. "O caminho da vitória tem que passar pelo fortalecimento paralelo da luta de massas e da luta do fuzil" (FONSECA, 1985, p.144). Os estudantes não podiam se limitar a ganhar posições nos diretórios estudantis; deviam participar das demandas revolucionárias, unir-se ao povo. Insistia que, na Nicarágua, o centro da ação da guerra revolucionária era o campo. Contudo, argumentava que o papel do setor estudantil, do operariado e da pequena burguesia das cidades, na primeira etapa da guerra, era de fundamental importância, já que os ativistas das cidades tinham consciência política mais desenvolvida e, conseqüentemente, estavam mais preparados para suportar as privações da guerrilha e para organizar a luta no campo.

Apesar de a FSLN ter um Diretório Nacional, era Fonseca, como secretário-geral, quem continuava a desenhar a estratégia do movimento. O Diretório Nacional reuniu-se na Costa Rica para analisar os eventos acontecidos. Fonseca apresentou aos membros do Diretório um programa de 15 pontos, os estatutos, e *Nicarágua Hora Zero*, documento em que analisava a situação econômica, a histórica agressão ianque, a tradição de rebeldia dos nicaraguenses, o surgimento da FSLN, a guerrilha de Pancasán e a estratégia a seguir.

⁴¹ Coincidentemente, outros grupos guerrilheiros eram esmagados na América Latina: a prisão e morte de Che Guevara na Bolívia, além de líderes guerrilheiros no Peru e na Guatemala.

Fonseca (2005) reconhecia que, ainda que a FSLN tivesse feito algum progresso ao criar uma base de apoio camponesa à guerrilha de Pancasán, não tinha apresentado um avanço sério em termos de tática política e militar, se comparada à guerrilha de Raití-Bocay. Além da impossibilidade de recrutar os camponeses, que rapidamente se desmoralizavam e abandonavam as filas do combate, o fracasso era atribuído à falta de vinculação entre as bases guerrilheiras e a luta mais geral. Outras formas de luta foram abandonadas, como o trabalho organizado no setor estudantil, camponês e operário. Fonseca opinava que a FSLN estava a caminho de adquirir uma fisionomia e por isso era necessário deixar claro que seu grande objetivo era a revolução socialista, a derrota do imperialismo ianque e de seus agentes locais, os falsos opositores e os falsos revolucionários – leia-se, Somoza, o Partido Conservador da Nicarágua, Partido Social Cristão da Nicarágua, Partido Liberal Independente e o Partido Socialista da Nicarágua.

No programa histórico da FSLN, de 1969, Fonseca (LOZANO, 1985, p. 65) afiança que:

A FSLN é uma organização político-militar, cujo objetivo estratégico é a tomada do poder político, mediante a destruição do aparelho militar e burocrático da ditadura e do estabelecimento de um governo revolucionário, baseado na aliança operário-camponesa e na cooperação de todas as forças patrióticas anti-imperialistas e antioligárquicas do país.

Em agosto de 1969, logo depois de ter se reunido na Costa Rica com os membros do Diretório e de ter apresentado o programa histórico da FSLN, Fonseca foi preso nesse país, sob as acusações de ter entrado ilegalmente, porte de armas e participação num assalto a um banco costarriquenho. O jornal *La Prensa* publicou, em 4 de setembro de 1969, uma entrevista concedida por ele (FONSECA, 1985), em cujo prólogo o repórter de *La Prensa* comentava que, na democrática Costa Rica, 12 homens armados cuidavam da cela de Fonseca, que tinha dois por dois metros, e que todo o arsenal desse país estava a 15 metros de distância da prisão. Após essa publicação, entraram em cena as conexões internacionais com intelectuais franceses, encabeçados por Jean Paul Sartre e Simone de Beauvoir, pedindo ao governo da Costa Rica garantia de vida para Fonseca e sua libertação imediata.

Em dezembro desse ano, um comando formado por quatro sandinistas⁴² resgatou Fonseca da prisão por algumas horas. Então, ele voltou a ser preso por 55 carros da polícia costarriquenha. Sua esposa, María Haydée Terán, com quem ele tinha dois filhos pequenos, também foi presa, e Humberto Ortega, ativista da FSLN, sofreu ferimentos graves.

⁴² Germán Pomares, Rufo Marín, Julián Roque e Humberto Ortega.

Dez meses mais tarde, em outubro de 1970, outro comando chefiado por Carlos Aguero, ativista da FSLN, sequestrou um avião costarriquenho e tomou como reféns quatro cidadãos norte-americanos, funcionários da *United Fruit Company*, que foram trocados por Fonseca e demais prisioneiros. Fonseca foi para Cuba, onde permaneceu por cinco longos anos, dedicado à construção do enquadramento sandinismo, além de atender às tarefas corriqueiras do movimento.

2.2 DIFUSÃO DOS ENQUADRAMENTOS INTERPRETATIVOS

No primeiro capítulo, fez-se referência à difusão do repertório de confronto da luta armada e da guerra de guerrilhas que o Movimento 26 de Julho (M-26-7), de Fidel Castro e Ernesto "Che" Guevara, utilizou para derrubar a ditadura de Batista, em 1959. Décadas antes, Sandino e seu exército de camponeses e operários tinham se valido da guerra de guerrilhas para combater vitoriosamente a ocupação da Nicarágua pelos Estados Unidos, conscientes da disparidade militar no confronto com os fuzileiros navais norte-americanos e com a Guarda Nacional.

Neste subitem, o objetivo é explicar a difusão dos enquadramentos interpretativos criados por ambos os movimentos durante seus ciclos de confronto, e os elementos culturais que a Frente Sandinista tomou para produzir seu próprio enquadramento: o sandinismo.

O surgimento de um movimento social depende da existência de um grupo de atores que consegue construir uma identidade, uma solidariedade e uma interpretação coletivas e compartilhadas, que permitem gerar uma mobilização em resposta a um conflito determinado – no qual há adversários disputando suas concepções. Duas percepções construídas e compartilhadas socialmente produzem o que McAdam (1995, p. 228) chama de *libertação cognitiva*: a) que algum aspecto da vida é ilegítimo; b) que esse aspecto deve ser mudado.

Para desenvolver a libertação cognitiva, os atores dos movimentos sociais engajam-se na produção de significados para seus colegas, antagonistas, apoiadores e observadores⁴³.

⁴³ Esse trabalho de construção de sentidos foi chamado por Snow & Benford (2000) de "*framing*" ou "enquadramento interpretativo", conceito que tomaram da sociologia interativa de Goffman. Portanto, "enquadramentos interpretativos da ação coletiva" são conjuntos de crenças e significados orientados para a ação, que inspiram e legitimam as atividades e campanhas na organização de um movimento social" (SNOW & BENFORD, 2000, p. 614).

A tarefa fundamental do enquadramento interpretativo é produzir: o "diagnóstico de enquadramento", ou seja, a identificação do problema e atribuição de culpa ou causalidade; o "prognóstico de enquadramento", ou a proposta não só de soluções para o problema diagnosticado, mas também de identificação de estratégias, táticas e metas; e o "enquadramento motivacional", a elaboração da chamada às armas ou ao *racional*, que permite o engajamento, no sentido de a ação melhorar o problema, o que inclui a construção de um vocabulário apropriado de motivos (SNOW & BENFORD, 1988).

Para Gamson (1992), os enquadramentos interpretativos para a ação são "enquadramentos de injustiça". As iniquidades da vida, quando são percebidas provocam diversos sentimentos como cinismo, ironia e resignação. Mas a injustiça provoca uma ira justa, "é uma 'cognição quente' [*hot cognition*], não apenas um julgamento intelectual abstrato sobre o que é iniquidade" (GAMSON, 1992, p. 32). Quando há forças impessoais responsáveis por causar sofrimento, as pessoas são levadas a aceitar que a situação não pode ser mudada, mas quando são identificadas pessoas ou grupos que agiram mal, o componente emocional do enquadramento da injustiça certamente está presente.

Esta análise considera que, tanto no confronto contra a ocupação norte-americana na Nicarágua (1927-1933), quanto no ciclo de confronto que culminou na Revolução Cubana (1955-1959), os líderes de ambos os movimentos construíram *master frames*, ou enquadramentos máster⁴⁴. Os dois enquadramentos difundidos durante o ciclo de confronto nicaraguense são o nacionalismo anti-imperialista de Sandino e marxismo revolucionário da Revolução Cubana.

2.1.1 Difusão do enquadramento nacionalismo anti-imperialista de Sandino

Sob a influência da Revolução Cubana, Carlos Fonseca percebeu que, para fazer uma revolução vitoriosa, era necessário algo mais do que o modelo-padrão da teoria e da estratégia marxista-leninista. Sem raízes nacionais e uma ideologia popular, o marxismo estava fadado a tornar-se uma seita política. Assim sendo, Fonseca colocou-se a tarefa de reinterpretar o pen-

⁴⁴ Definidos por Snow & Benford (1992) como enquadramentos genéricos que surgem nos ciclos de confronto e que são adaptados e reinterpretados por vários movimentos, esses enquadramentos máster funcionam de forma análoga aos códigos linguísticos, que conectam modelos e acontecimentos no mundo.

samento de Sandino para que fosse o veículo do marxismo-leninismo na Nicarágua (HODGES, 1986).

Segundo Girardi (1986), Sandino orientava-se por uma visão profética ou utópica, que continha três elementos: a soberania nacional, o latino-americanismo e o internacionalismo. Estimulado por essa utopia, aproximou-se da realidade, desenvolvendo uma análise objetiva e uma estratégia eficaz para transformá-la. Sua intuição era que não se podia contar com as oligarquias nacionais na conquista da soberania nacional, mas sim com os operários e camponeses. Assim, as classes populares foram as protagonistas principais desse projeto. No entanto, defendia que podiam aderir ao movimento todos os que defendessem a soberania nacional. A utopia tornava-se realidade, ao adotar a estratégia da luta armada como o único caminho concreto de combate popular.

Girardi (1986) acrescenta que Sandino não buscava nas contradições objetivas do sistema capitalista o fundamento da certeza do triunfo, como fez o marxismo. É a justiça da causa da libertação dos oprimidos pelo imperialismo e a capacidade do povo de se doar a ela que proporcionam essa certeza. Essa causa está "no centro da luta histórica entre o bem e o mal, o amor e o ódio, a justiça e a injustiça" (GIRARDI, 1986, p. 37). A visão de Sandino está carregada de forte emoção ética e política. A libertação nacional apresenta-se como um dever que exige dele e dos demais o sacrifício total, mas também como uma paixão, que mobiliza o homem em todas as suas dimensões. "O dever e a paixão unem-se num amor profundo por seus irmãos, seu povo, seu país, pela América Latina, pelo mundo" (GIRARDI, 1986, p. 27).

Fonseca foi o sucessor mais influente, mas não o único a transmitir o legado de Sandino. O coronel cubano Alberto Bayo, com ampla trajetória militar em vários países da África, Europa e América Latina, tinha começado sua carreira revolucionária, em 1948, como conselheiro militar dos grupos liberais e revolucionários radicais conhecidos como a *Legião do Caribe*, que se juntavam para derrubar as ditaduras da República Dominicana, Nicarágua, Venezuela, entre outras.

Hodges (1986, p. 167-8) lembra que Fidel Castro, antes da guerrilha da *Sierra Maestra*, foi bater à porta de Bayo, exilado na cidade do México, para solicitar treinamento militar para os ativistas do M-26-7,

A estratégia político-militar de Sandino sobreviveu de 1934 até 1958, graças aos esforços do coronel Alberto Bayo, que a gravou no Movimento 26 de Julho, de Fidel Castro. [...] Foi Bayo quem transmitiu [...] as histórias contadas pelos sobreviventes do Exército Defensor da Soberania Nacional. [...] O que Bayo aprendeu dos exilados nicaraguenses [...] foi incorporado a seu manual sobre as guerrilhas, *150 Questions for a Guerrilla*. Tornou-se o manual para

os futuros *legionários* e para os exilados cubanos de Fidel Castro treinados por Bayo no México, em 1956. [...] O revolucionário argentino [Che Guevara] tornou-se a conexão entre Bayo e Fonseca, entre a bem-sucedida Revolução Cubana e a segunda edição revisada na Nicarágua.

As narrativas sobre a estratégia político-militar de Sandino chegaram ao coronel Bayo por meio dos exilados nicaraguenses, general Ramón Raudales e coronel Heriberto Reyes, mencionados no primeiro capítulo como os primeiros ativistas do ciclo de confronto nicaraguense, e por ele foram transmitidas a Fidel Castro e Che Guevara. Guevara estava na Guatemala em 1954, onde conheceu a peruana Hilda Gadea, líder da Aliança Popular Revolucionária Americana (APRA), que o apresentou à rede de exilados latino-americanos apoiadora do governo de Jacobo Arbenz contra o golpe patrocinado pelos Estados Unidos. Também nessa ocasião, conheceu o internacionalista nicaraguense, Rodolfo Romero, que havia se engajado na brigada juvenil Augusto César Sandino, em defesa do governo de Arbenz. A ele recorrerá Che, depois do triunfo da Revolução Cubana, para iniciar a guerrilha na Nicarágua. Após a queda de Arbenz, Che e Hilda viajaram ao México, onde ela o apresentou aos irmãos Fidel e Raúl Castro, do M-26-7, terminando por se engajar nesse movimento.

Foi também nesse momento que Fonseca passou a se dedicar ao resgate da experiência de Sandino. Começou lendo o livro do autor apócrifo Somoza García, *El calvario de las Segovias*, único documento sobre Sandino disponível nas livrarias e bibliotecas da Nicarágua na época, cujo objetivo era destruir sua imagem, argumentando que ele era um bandido. Contudo, o livro tinha uma vantagem: divulgava cartas e manifestos escritos por Sandino, e foi aí que Fonseca descobriu sua importância. Depois disso, mergulhou na leitura de outros livros sobre Sandino⁴⁵.

Borge (1982, p. 18) relembra a dedicação de Fonseca: "Com rigor e constância, selecionava frases das variadas e ricas epístolas de Sandino. Nessas anotações, foi gestada a cartilha com os primeiros conceitos do *Ideário sandinista*, que circulou entre a militância da FSLN".

Então, o líder da FSLN começou a escrever sobre um tema recorrente: o papel histórico da FSLN de cumprir as tarefas que Sandino não havia concluído. Para Fonseca, o movimento de Sandino estava inscrito numa longa tradição de resistência das massas exploradas da Nicarágua, que o herói – com seus sucessos militares e seu embrionário programa de mudanças sociais – havia conseguido elevar a outro patamar (HODGES, 1986; ZIMMERMANN,

⁴⁵ *Sandino, o la tragedia de un pueblo*, de Sofonías Salvatierra; *Con Sandino en Nicaragua*, do jornalista espanhol Ramón de Belausteguigoitia; *Últimos días de Sandino*, de Salvador Calderón Ramírez; e *Sandino, General de hombres libres*, do argentino Gregorio Selser.

2012). O novo movimento sandinista deveria, portanto, liderar trabalhadoras(es) e camponesas(es) nicaraguenses para uma vitória contra o imperialismo e seus representantes locais, e impulsionar um programa de profundas mudanças sociais.

Além de pesquisar minuciosamente os livros sobre Sandino, Fonseca procurou um veterano da guerrilha exilado em Honduras, o coronel Santos López, que havia escapado ferido do ataque da Guarda Nacional a casa em que Sandino se hospedara em Manágua no dia do seu fuzilamento. O veterano aceitou participar na nova guerrilha que a FLN estava organizando, e com Carlos Fonseca, vasculhou o rio Patuca à procura do melhor local. Sobre o encontro das duas gerações, Borge (1982, p. 27) escreveu:

As primeiras incursões no rio Patuca, onde foi treinada a coluna guerrilheira, foram feitas por Carlos Fonseca e o coronel Santos López. Juntam-se, assim, duas gerações de nicaraguenses, marcados pela presença histórica do pensamento sandinista. [...] A relação entre Carlos e o coronel Santos López não se deu por acaso. As velhas e novas gerações sandinistas foram à procura uma da outra, no meio da escuridão, até se encontrarem no momento político e econômico certo. Os velhos sandinistas nos transmitiram suas experiências, que caíram num terreno faminto de sementes e novas perspectivas. Na verdade, o que ocorreu foi um deslocamento do conhecimento escrito sobre a luta de Sandino para a carne, os ossos e as palavras dos veteranos sobreviventes.

Apesar de seus quase 50 anos, López ensinou à nova geração as lições da Coluna Segoviana de Sandino durante a guerrilha de Raití-Bocay, e chegou a ser membro do Diretório da FSLN. Ele era um dos mais experientes combatentes do Exército Defensor da Soberania Nacional (EDSN), pois nele havia se engajado com a idade de 12 anos. Aí, fez parte do Coro dos Anjos, um grupo de crianças que, durante as emboscadas e assaltos às tropas norte-americanas e à GN, davam gritos e vivas, fazendo todo tipo de algazarras para simular que o número de soldados era maior, ou que estavam chegando reforços. Convencido da importância de sua experiência para as novas gerações, o coronel López foi o vínculo entre Sandino e Fonseca.

Trata-se aqui, pois, de um processo de difusão do enquadramento nacionalismo anti-imperialista de Sandino, condensado nas palavras de ordem *PATRIA Y LIBERTAD*, mediante relações interpessoais, por uma relação de confiança, intimidade e comunicação regular. As lições do confronto de Sandino e de seu exército com os fuzileiros navais norte-americanos foram transmitidas pelos veteranos sandinistas ao coronel Bayo, que as compartilhou com os membros do M-26-7. Che Guevara, por sua vez, encarregou-se de ser o comunicador para os membros da FSLN. Ao mesmo tempo, Fonseca, incentivado pelo triunfo cubano, dedicou-se a

conhecer a experiência de Sandino através dos livros e da procura de veteranos sandinistas. Os enquadramentos interpretativos de Sandino circularam através das redes de exilados nicaraguenses e cubanos espalhados pelo México e América Central, sendo finalmente recebidos diretamente pela FSLN no encontro das duas gerações, de Santos López e Carlos Fonseca.

2.1.2 Difusão do enquadramento marxismo revolucionário da Revolução Cubana

Houve ainda o impacto da difusão de um segundo tipo de enquadramento interpretativo da Revolução Cubana: o marxismo revolucionário.

O processo revolucionário cubano significou três rupturas na história política da região (I PUIG, 2002, p. 3, apud CASTAÑEDA)⁴⁶:

[...] era a primeira vez que um regime radical e revolucionário conseguia tomar o poder, se manter e se consolidar. O sistema autoproclamou-se marxista-leninista, alinhando-se geopoliticamente ao bloco soviético e proclamando ser o principal adversário dos Estados Unidos no hemisfério. Finalmente, essa experiência nasceu com aspirações latino-americanas, pois, de fato, o regime revolucionário brandiu e proclamou, sem pudor, a intenção de incentivar o fogo revolucionário em todo o continente.

De acordo com Wickam-Crowley (1992), os movimentos guerrilheiros apareceram na América Latina após 1961, sob o impacto da Revolução Cubana sobre intelectuais e partidos de esquerda e centro na região. O enquadramento marxismo revolucionário difundiu-se diretamente por meio de um grande número de latino-americanos que visitaram Havana, a qual prontamente tornou-se, de acordo com Wickam-Crowley (1992, p. 31),

[...] a Meca revolucionária onde potenciais guerrilhas poderiam ser espiritualmente preparadas – e muitas vezes treinadas – para o confronto revolucionário. O impacto dessas viagens foi especialmente forte quando essa coorte de pessoas que visitaram ou foram treinadas juntas, em Cuba, retornaram como grupos que iriam seguir 'A Rota Cubana'.

Propagou-se também indiretamente, por meio dos escritos de Guevara, que encontraram aderentes em quase todos os países da América Latina. Todos os movimentos guerrilhei-

⁴⁶ CASTAÑEDA, Jorge. **La casa por la ventana: México y América Latina después de la Guerra Fría**, 1993, p. 68. Castañeda foi político, intelectual e comentarista mexicano, e ocupou o cargo de Secretário de Relaciones Exteriores do México, de 2000 a 2003.

ros após essa fase foram dominados pelo marxismo, passando pelo mesmo processo de transformação na forma de ver o mundo. "Adicionando a guerra de guerrilhas a seu repertório cultural, a esquerda latino-americana não só não expandiu seu repertório anterior, mas o encolheu, levando à cisão de uma nova ala esquerda da esquerda [...]" (WICKAM-CROWLEY, 1992, p. 33). Com efeito, a juventude revolucionária latino-americana rompeu, sob a influência cubana, com os tradicionais partidos comunistas alinhados com a União Soviética.

A influência dos cubanos foi além. Zwerman, Steinhoff e della Porta (2000) apontam que, antes de ir à clandestinidade, grupos radicais da Itália, Estados Unidos, Japão e Alemanha haviam sido atraídos e fortemente influenciados por uma ideologia anti-imperialista, que valorizava a ação direta de grupos de elite, sintetizada nos escritos de Che Guevara e Mao Tse Tung. Em contraste com a Teoria Marxista Clássica, que enfatizava a necessidade da construção de uma base de apoio na classe operária para a revolução, Guevara tinha inventado um atalho, a Teoria do *Foco*. O "enquadramento ideológico" dos movimentos da Nova Esquerda, entre 1967 e 1969, e sua decisão de ir à clandestinidade, partem de elementos chave como: 1) adesão a "uma guerra" dos movimentos de resistência unidos entre si contra os interesses comuns das potências imperialistas; 2) deferência a uma vanguarda do Terceiro Mundo, que praticava atividades de guerrilha rural e urbanas bem-sucedidas ou ações dramáticas simbólicas; 3) a crença de que a violência sob a forma da "luta armada" era a peça central necessária para um movimento revolucionário sério (ZWERMAN, STEINHOFF e DELLA PORTA, 2000, p. 86). Os ativistas justificavam a violência pela crença generalizada de que o Estado havia quebrado as regras do jogo democrático e que a violência revolucionária era a única maneira de se opor ao crescente autoritarismo.

Fonseca, como militante do PSN, tinha assimilado o marxismo-leninismo tradicional dos partidos comunistas alinhados com a União Soviética. Foi expulso ou saiu, pouco importa, após a guerrilha do El Chaparral porque recusou-se a voltar à Nicarágua, como o partido havia decidido. Escolheu o novo marxismo-leninismo que os cubanos haviam desenvolvido, tornando-se Sandino e Che Guevara as duas mais importantes influências em seu pensamento (FONSECA, 1985).

Hodges (1987) ressalva que o novo marxismo-leninismo de Che Guevara e Fidel Castro invertia a lógica tradicional existente, que partia da premissa de que, sem teoria revolucionária, não existiria movimento revolucionário. Para os líderes cubanos, ao contrário, fazer a revolução era um *imperativo moral* de todo revolucionário. O melhor caminho para converter ativistas em marxistas não era estudar a teoria, mas fazer a revolução, e só se a-

prendia a fazer a revolução fazendo uma. Em suma, Che e Fidel ressaltavam a importância da ação revolucionária, e depois vinha a teoria. As condições objetivas para ativar o conflito estavam dadas pela fome do povo e a repressão ao longo dos séculos. O que faltava na América Latina eram as condições subjetivas, isto é, a consciência de que era possível vencer o Estado, iniciando um conflito armado.

Os cubanos também deslocaram o eixo dos princípios do socialismo científico para os sentimentos e atitudes revolucionárias (HODGES, 1987). Guevara, citando Fidel Castro, defendia o caráter subjetivo do novo marxismo: um marxista não tem que renunciar aos sentimentos humanos, à camaradagem, ao amor pelos irmãos. Pelo contrário, é esse amor pelo homem que engendrou o marxismo, é por amor à humanidade que o revolucionário decide combater a miséria, a injustiça, as aflições e a exploração do proletariado.

Essa dimensão ideológica do novo marxismo foi a base para a construção da doutrina do "novo homem" de Guevara (HODGES, 1987). Para triunfar, os guerrilheiros deviam tornar-se o modelo do novo homem, exibindo uma conduta moral inatacável, praticando o autocontrole e a abnegação, mesmo nas piores circunstâncias, e sendo ascetas. Para construir a sociedade comunista após a tomada do poder, traços de caráter similares eram requeridos.

Hodges (1987) acrescenta que Fidel Castro tinha a convicção de que os princípios do socialismo científico não eram suficientes para levar o povo ao sacrifício e que era necessário salientar a importância dos sentimentos. Ciência e ideologia não eram incompatíveis. O erro dos partidos comunistas havia sido reduzir a dimensão moral a um papel menor. O sentido do dever era necessário para dar vitalidade à Teoria Marxista. "Na verdade, a maioria dos militantes da FSLN e do M-26-7 era motivada ideologicamente, tendo se aproximado da Teoria Marxista pelo caminho da luta revolucionária" (HODGES, 1987, p. 177).

Saddi (2009, p. 14), tentando compreender o sentido subjetivo da ação dos revolucionários cubanos do M-26-7, durante o período da luta insurrecional, confirma:

A ação revolucionária implicava profundos sentimentos de dever e honra, de sacrifício e coerência. O empunhar das armas contra a tirania era tomado por grande parte dos rebeldes como uma obrigação moral com a pátria, um dever cujo esquecimento era tido como traição. A ação revolucionária, dessa forma, antes de buscar os caminhos mais fáceis e rápidos, deveria encarnar os nobres ideais de um homem nacionalista, visando não a simples eficácia, mas a coerência.

Michel Lowy (2001), um dos maiores estudiosos do pensamento de Che, assinala que é bastante provável que o revolucionário argentino tenha lido o texto do fundador do marxismo latino-americano, José Carlos Mariátegui (1895-1930), em que afirma: "Não queremos

certamente que o socialismo seja na América decalque e cópia. Deverá ser criação heroica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, na nossa própria linguagem, ao socialismo indo-americano. Eis aqui uma missão digna de uma nova geração" (MARIÁTEGUI apud LOWY, 2001, p. 247)⁴⁷. De qualquer forma, deve se considerar que Che dedicou grande parte de sua reflexão e prática política à tentativa de sair do impasse que significava a imitação do modelo soviético ou a criação de algo novo.

O que faltava ao marxismo, de acordo com Mariátegui, "era o sentido do dever revolucionário, combinado com um épico e heroico sentido da vida, necessário para inspirar o povo e encorajá-lo ao sacrifício por uma grande causa". Em segundo lugar, os trabalhadores também precisavam de um "mito revolucionário", "a crença numa luta final que redimirá a humanidade" (HODGES, 1987, p. 180), como os primeiros cristãos, que não desfaleceram porque estavam convictos de que sua causa era justa e iria prevalecer. Em terceiro lugar, o desenvolvimento da moral revolucionária. Assim como a vanguarda de Lênin estava formada pelos melhores espíritos e cabeças da nova geração, Mariátegui acreditava que os líderes da luta deveriam ser carismáticos, sensíveis, capazes de transformar sentimentos em ação.

Esse novo marxismo também se inscreveu na tradição marxista gramsciana, que resalta a importância da filosofia da *práxis*. De acordo com Hodges (1987), a interpretação gramsciana do marxismo estava imbuída de um forte voluntarismo e ativismo, voltados para a conquista dos corações e mentes dos trabalhadores. A filosofia da *práxis* de Gramsci ajudava a legitimar o novo marxismo, enfatizando a unidade entre a teoria e prática, e elevando a luta ideológica ao status que tinham no marxismo as lutas política e econômica. "É comum aos dois intelectuais [Mariátegui e Gramsci] a ênfase na ação revolucionária, na importância dos fatores subjetivos para fazer uma revolução e no papel da ideologia e da teoria para motivar as massas" (HODGES, 1987, p. 177).

Fonseca bebeu da fonte do novo marxismo de Che Guevara e Fidel Castro (FONSECA, 1985, p. 362):

Adivinho [...] uma nova época para as Américas. O movimento glorioso do povo cubano, liderado por Fidel Castro e Ernesto Che Guevara, iluminou o caminho de todos. E com sua luz surgiu de novo na Nicarágua o esforço que retomava a tentativa dos anos 1930: a Frente Sandinista de Libertação Nacional tinha nascido como fiel expressão da decisão combativa das novas gerações nicaraguenses. Desta vez, contudo, não era só um movimento patriótico sem perfis ideológicos contemporâneos: empunhava as armas sob a guia das mais avançadas ideias revolucionárias.

⁴⁷ MARIÁTEGUI, J.C. (1971). Aniversario y Balance. In: **Ideologia y Política**. Lima: Biblioteca Amauta, 1971, p. 247.

A difusão do enquadramento interpretativo marxismo revolucionário, condensado em *¡PATRIA O MUERTE VENCEREMOS!*, difundiu-se por meio de relações interpessoais, por uma relação de confiança, intimidade e comunicação regular das redes de ativistas com os revolucionários cubanos, nas visitas a Havana. Indiretamente, também por meio dos escritos de Che Guevara e dos longos discursos de Fidel Castro, que eram ouvidos com extrema atenção: "Não paravam os arrepios, escutando o discurso pedagógico, fascinante de Fidel Castro. [...] Carlos foi dos primeiros a chegar a Cuba e aquele magro sedento perseguia a presença do dirigente cubano para não perder uma única palavra [dos discursos]" (BORGE, 1989, p. 125).

2.3 A CONSTRUÇÃO DO ENQUADRAMENTO SANDINISMO

De acordo com Hodges (1987), somente na Nicarágua o enquadramento denominado aqui de *novo marxismo* enraizou-se em um movimento nacional capaz de levar a uma revolução bem-sucedida. "O sandinismo contemporâneo é a fusão do pensamento marxista revolucionário com a herança intelectual de Sandino" (HODGES, 1987, p. 173).

Os escritos de Carlos Fonseca sobre Sandino foram recopilados no livro *Viva Sandino* e publicados em 1985. A maioria deles foi escrita em seu longo exílio de cinco anos, em Cuba, de 1970 a 1974. Fonseca já vinha estudando a guerra de Sandino havia uma década, quando persuadiu seus colegas a colocar o nome *sandinista* na Frente de Libertação Nacional. O *Ideário político do general Sandino* começou a circular por volta de 1961, e foi revisto por Fonseca no início dos anos 1970 (ZIMMERMANN, 2012). Jaime Wheelock (FONSECA, 1985, p. 14), comandante da revolução, escreveu no prólogo de *Viva Sandino*:

Carlos resolveu primeiro [trabalhar] no ideário de Sandino justamente porque a nova geração de combatentes sandinistas [...] – consciente fundamentalmente da deprimente situação econômica e política da Nicarágua e da necessidade de levantar as armas contra a ditadura – precisava primeiro das lições de moral, dignidade, patriotismo, em uma palavra: da ideologia prática, renascida das raízes da luta pela defesa da soberania nacional.

Viva Sandino começa e termina mencionando a Revolução Cubana como o evento que despertou nos nicaraguenses a recuperação de sua própria identidade. Zimmermann (2012, p. 233) faz um resumo dos temas tratados nos escritos de Fonseca, que esboçavam as lições políticas e os paralelos importantes entre a luta de Sandino e a dos sandinistas da FSLN:

Concentrou-se em seis temas principais: Sandino como símbolo nacional e anti-imperialista; a base operário-camponesa do movimento; a estatura moral do general guerrilheiro; a bancarrota dos dois partidos burgueses; o internacionalismo de Sandino e suas relações com o movimento comunista mundial; e as razões da desintegração do movimento de Sandino depois de seu assassinato.

Na breve biografia *Sandino, guerrilheiro proletário*, escrita por Fonseca entre 1970 e 1975, o autor acentua o caráter proletário e revolucionário da guerra de Sandino, destacando sua característica de trabalhador qualificado nas companhias de petróleo de Veracruz, México, e a composição proletária de sua guerrilha, com o recrutamento e participação dos mineiros de São Albino.

Sua origem trabalhadora, de acordo com Fonseca, modelou o caráter proletário de seu programa. A guerrilha de Sandino buscou o apoio dos camponeses para sobreviver na região, e essa aliança entre proletários e camponeses é conectada por Fonseca ao marxismo de Lênin, Castro, Guevara e Ho Chi Minh (HODGES, 1987).

Zimmermann (2012) frisa que a importância de Sandino para Fonseca decorria, fundamentalmente, da guerra contra a ocupação dos fuzileiros navais dos Estados Unidos. No pensamento do líder da FSLN, o imperialismo dominava seu país e uma genuína independência só poderia ser alcançada pela derrubada de Somoza. Apesar de que nos anos 1970, continua Zimmermann, nenhum fuzileiro naval dos Estados Unidos ocupava a Nicarágua, a FSLN combatia a Guarda Nacional como um instrumento da dominação dos Estados Unidos. Os verdadeiros patriotas eram aqueles que combatiam a dominação estrangeira com as armas nas mãos, e aqueles que, como Somoza García e Somoza Debayle, reverenciavam o imperialismo, nem poderiam ser considerados nicaraguenses.

A autora aponta que Fonseca esperava, por meio das descrições da guerra do Exército Defensor da Soberania Nacional (EDSN), convencer seus contemporâneos de que uma guerra contra o imperialismo não era nem impossível nem loucura, e que poderiam vencer sempre que, como fez Sandino, obtivessem o apoio popular e uma liderança disposta a combater. O mais importante para Fonseca era a ação guerrilheira de Sandino, mesmo que seu programa político apresentasse limitações. Sua humanidade, humildade, honestidade, incorruptibilidade e respeito aos mártires do movimento eram os valores mais destacados.

Hodges (1987, p. 167), por outro lado, interpreta que Fonseca e a FSLN "recuperaram do pensamento de Sandino apenas os aspectos que consideravam úteis para incentivar ideologicamente um movimento de libertação nacional com o nome de Sandino", e que a imagem de Sandino transmitida ficou distorcida. O autor destaca que foram aproveitados espe-

cificamente seus valores patrióticos, deixando-se de lado seu misticismo religioso. Zimmermann (2012, p. 231) rebate o argumento e destaca que Fonseca "não concebia que sua tarefa fosse descrever integralmente a filosofia eclética de Sandino, com todas suas contradições, e sim selecionar o que era útil para sua própria geração e, em consequência, descrevê-la com veracidade".

Certamente, Sandino conhecera a Escola Magnético-Espiritual da Comuna Universal de Buenos Aires durante sua estadia no México, e de acordo com Hodges (1987, p. 256), ele "montou um sistema de crenças que predicava uma guerra contínua entre as forças do bem e do mal, o holocausto final e a vitória da justiça divina". Girardi (1986) aponta que Sandino se afastou do cristianismo por considerar que era a religião dos conquistadores e, portanto, foi usada para justificar a opressão, e que a teosofia, que tem uma característica espiritualista e moralista, está longe das lutas de classes e dos povos oprimidos. Como Sandino, pergunta-se Girardi, polarizado por seu compromisso de libertação, conseguiu viver uma experiência religiosa estranha a ele?

A resposta encontrada é que ele "reinterpretou a visão religiosa do mundo, a partir de uma nova experiência, militante e militar, desde uma práxis libertadora" (GIRARDI, 1986, p. 48). "A luta entre o bem e o mal [...] traduz-se, aqui, na luta dos povos oprimidos contra o imperialismo. O juízo final, com o triunfo da justiça, significa [...] a liberação dos povos oprimidos e a queda do imperialismo. O Deus-Amor de Sandino [...] está presente na luta, ao lado dos oprimidos [...]" (GIRARDI, 1986, p. 48).

López Bernal (2009) aponta que a relação entre nacionalismo, anti-imperialismo e teosofia perpassava o pensamento de muitos intelectuais latino-americanos na década de 1920 e que, apesar de Sandino não ser um intelectual, suas viagens e leituras lhe deram bagagem suficiente para entender a situação da Nicarágua e a influência dos Estados Unidos no país. "O nacionalismo tinha muito do espiritualismo que ficou na moda nesses anos e ultrapassou as fronteiras nacionais" (LÓPEZ BERNAL, 2009, p. 92). Afirma também que deve ser considerado o fato de que Sandino fez uma guerra com poucos recursos. "Essa inferioridade material conseguiu ser compensada graças à convicção de que a causa era justa e de que um poder superior estava do seu lado" (LÓPEZ BERNAL, 2009, p. 103).

Sandino foi construindo o enquadramento máster do nacionalismo anti-imperialista durante as batalhas contra os fuzileiros navais norte-americanos. Em 1º de Julio de 1927, ele lançou seu primeiro manifesto político, que trazia, abaixo de sua assinatura, o slogan *PATRIA Y LIBERTAD*. Essas palavras, a partir de então, continuaram a ser incluídas em todas as cartas

endereçadas a governantes, políticos, colaboradores no exterior, representantes, jornais, amigos, ou como resposta a intimações de rendição de parte de comandantes militares norte-americanos e políticos nicaraguenses, assim como nos manifestos e proclamas, comunicados, boletins e relatórios de guerra.

O símbolo adotado por Sandino foi a bandeira rubro-negra, dividida no sentido horizontal com a inscrição *LIBERTAD O MUERTE*, cores do emblema dos movimentos anarcosindicalistas internacionais que conhecera no México. Adotou mais tarde também o lenço das mesmas cores, amarrado no pescoço.

Durante a permanência do Exército Rebelde cubano em *Sierra Maestra*, os líderes do M-26-7 foram construindo uma teoria e uma doutrina revolucionária (GUEVARA, 1959). O enquadramento máster marxismo revolucionário está condensado na palavra de ordem criada por Fidel Castro, em março de 1960, depois do atentado da Central de Inteligência Americana (CIA) ao navio francês "La Coubre", ancorado em Havana, no qual morreram mais de cem pessoas: *¡PATRIA O MUERTE VENCEREMOS!*

Os líderes cubanos impulsionaram o anti-imperialismo, o anticolonialismo e o anti-neocolonialismo com muita força. Delegados dos movimentos revolucionários da Ásia, África e América Latina reuniram-se várias vezes em Havana, em franco desafio a esses poderes. A famosa mensagem de Che Guevara à *Tricontinental*, escrita em 1966, quando estava deixando Cuba para lutar no Congo e depois na Bolívia, foi dada a conhecer na reunião de 1967: *¡CREAR DOS, TRES... MUCHOS VIETNAM ES LA CONSIGNA!* A ideia era tornar a vida do governo norte-americano muito difícil, como os vietnamitas estavam fazendo. Daí o estímulo ao Terceiro Mundo para criar focos guerrilheiros que minassem a hegemonia dos Estados Unidos. Fonseca (1985, p. 21) escreveu em *Viva Sandino*:

Augusto César Sandino é o herói nicaraguense cuja imagem representou a rebeldia patriótica dos povos da América Latina no pódio da histórica I Conferência de Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina convocada em Havana, em janeiro de 1966. Nguyen Van Troi pela Ásia, Patrice Lumumba pela África, Augusto César Sandino pela América Latina.

Os enquadramentos máster acima condensam valores de patriotismo, anti-imperialismo, libertação nacional, defesa da soberania nacional, que a FSLN condensou na palavra de ordem *¡PATRIA LIBRE O MORIR!*, com o chamado a desafiar a ditadura somozista e o imperialismo norte-americano. Era dever dos membros da FSLN libertar a pátria, mesmo que encontrassem a morte no caminho e não vissem o triunfo da revolução, como de fato aconteceu com muitos. Essa palavra de ordem foi extraída por Fonseca das palavras de res-

posta de Sandino a G. D. Hatfield, oficial comandante do Corpo da Marinha dos Estados Unidos na Nicarágua, que exigia sua rendição.

Sandino (RAMÍREZ, 1981, p. 149) respondeu-lhe em julho de 1927:

Recebi sua comunicação ontem e estou ciente dela. Não vou me entregar e aqui aguardo vocês. Eu quero pátria livre ou morrer. Não tenho medo; tenho o ardor do patriotismo dos que me acompanham. Pátria e Liberdade - A. C. Sandino.

A bandeira rubro-negra com a inscrição FLSN e os lenços das mesmas cores amarrados no pescoço – ou no rosto, para ocultar a identidade dos combatentes sandinistas – foram a marca registrada das ações de propaganda armada da FLSN, da insurreição popular de 1978-1979, dos 10 anos de revolução, e sobrevivem até hoje.

Além da palavra de ordem acima, o enquadramento *sandinista* apareceu no uso de trechos extraídos dos manifestos e cartas de Sandino. Eles também foram criados pelos ativistas da FSLN e ficaram visíveis nos muros das cidades, nos *banners* e nos gritos dos combatentes que levantavam as barricadas e atacavam os comboios da GN, assim como durante a Revolução Sandinista, quando a "contra" atacava:

¡LA MARCHA HACIA LA VITORIA NO SE DETIENE!

¡PATRIA O MUERTE VENCEREMOS!

¡SANDINO VIVE, LA LUCHA SIGUE!

¡SANDINO SÍ, SOMOZA NO!

¡AQUÍ NADIE SE RINDE!

¡HAGA PATRIA, MATE UN GUARDIA!

¡CADA CASA, UN CUARTEL SANDINISTA!

¡EL PUEBLO UNIDO, JAMÁS SERÁ VENCIDO!

¡BASTA YA DE REPRESIÓN!

¡TODOS A LA INSURRECCIÓN POPULAR SANDINISTA!

¡EN LA MONTAÑA ENTERRAREMOS EL CORAZÓN DEL ENEMIGO!

¡LA SOBERANÍA NO SE DISCUTE, SE DEFIENDE CON LAS ARMAS EN LA MANO!

¡MUERA SOMOZA!

Nos enquadramentos de ação social acima, Carlos Fonseca e a FSLN condensaram um diagnóstico, um prognóstico e uma chamada à ação inspirados pelo pensamento e ação de

Sandino e seu "pequeno exército louco"⁴⁸, e pela proeza da Revolução Cubana. A dinastia somozista e o apoio que recebeu dos Estados Unidos ao longo de mais de 40 anos provocaram uma situação de injustiça caracterizada pelo enriquecimento ilícito e a corrupção dos agentes do governo e as elites próximas, pela repressão e falta de liberdades democráticas, a miséria e analfabetismo da grande maioria do povo nicaraguense. O caminho era a adesão à FSLN e à luta armada para derrubar a ditadura.

2.4 O ENQUADRAMENTO CRISTÃO REVOLUCIONÁRIO

Um terceiro enquadramento foi incluído, por volta de 1972, quando os ativistas do movimento cristão revolucionário se engajaram na FSLN, a partir de um compromisso ligado à Teologia da Libertação. Sua difusão foi facilitada pelas pontes construídas com o marxismo e o sandinismo. Os valores morais do cristianismo e da Teologia da Libertação tinham muito em comum com os valores cultivados pela FSLN, a partir do legado de Sandino e do novo marxismo de Castro e Guevara.

Dussel⁴⁹ destaca que o "núcleo duro" das ideias da Teologia da Libertação, assim chamada a partir de 1968, poderia ser resumido na seguinte tese: "trata-se de uma teologia que parte do discurso de uma opção ética pelos pobres, para a construção prática aqui e agora do Reino de Deus" (DUSSEL, 1997, p. 203)⁵⁰. O fato sem precedentes no caso da Nicarágua, afirma Girardi (1983), é que pela primeira vez os cristãos estão comprometidos com um projeto revolucionário real e vitorioso em nome de sua fé. A Teologia até aquele momento tinha sido elaborada pensando numa revolução possível ou imaginária.

As comunidades eclesiais de base (CEB's) foram a solução encontrada pela hierarquia católica para compensar a carência de sacerdotes. Elas nasceram no nordeste brasileiro e se espalharam pelo continente latino-americano abraçando em pouco tempo o pensamento libertador da Teologia da Libertação. Calcula-se que em 1978 haveria aproximadamente umas 200

⁴⁸ Assim apelidado pela poetisa chilena, Gabriela Mistral, Premio Nobel de Literatura em 1945, nas suas colunas publicadas pelo jornal *El Mercurio*.

⁴⁹ DUSSEL, Enrique. Teología de la Liberación. Transformaciones de los supuestos epistemológicos. **Theologica Xaveriana** Nº. 47, 1997, p. 203-214.

⁵⁰ Mais detalhes sobre os conceitos da Teologia da Libertação podem ser encontrados na dissertação de mestrado em História Social na FFLCH - USP defendida em 2009 por Fabio Clauz Morlina: Teologia da Libertação na Nicarágua Sandinista.

mil comunidades e que a média de membros em cada uma delas seria de umas 50 pessoas, o que somaria a quantidade nada desprezível de dez milhões de cristãos/os (DUEÑAS, 2013).

Na Nicarágua as CEB's foram organizadas por volta de 1966, por um sacerdote espanhol, com a participação das freiras das ordens Maryknoll, Assunção, Teresianas e Sagrado Coração de Jesus. O objetivo no início era estimular a convivência das famílias a partir dos estudos da Bíblia. No entanto, as viagens dos casais a outros países como o Panamá, onde existia uma forte conscientização social na comunidade de San Miguelito, a partir dos estudos bíblicos, impulsionou a formação de muitas delas nos bairros de Manágua e resto do país.

Foi por volta desses anos que a FSLN começou a prestar atenção no fenômeno. Fonseca e Borge contribuíram para a aproximação entre sandinistas e cristãos, iniciando longas conversas sobre a situação do país com religiosos, ícones do catolicismo progressista na Nicarágua, como os irmãos Ernesto e Fernando Cardenal.

O sacerdote trapista, teólogo e poeta, Ernesto Cardenal⁵¹, engajou-se em atividades antissomozistas na década de 1950. Em seu poema *Hora Zero*, publicado em 1960, falando de Somoza, Moncada, Stimson⁵², e do exército de Sandino, escreveu:

*"He is a bandido", decía Somoza, "a bandolero".
Y Sandino nunca tuvo propiedades.
Que traducido al español quiere decir:
Somoza le llamaba a Sandino bandolero.
Y Sandino nunca tuvo propiedades.
Y Moncada le llamaba bandido en los banquetes
y Sandino en las montañas no tenía sal
y sus hombres tiritando de frío en las montañas,
y la casa de su suegro la tenía hipotecada
para libertar a Nicaragua, mientras en la Casa Presidencial
Moncada tenía hipotecada a Nicaragua.
"Claro que no es" -dice el Ministro Americano
riendo- "pero le llamamos bandolero en sentido técnico".*

*¿Qué es aquella luz allá lejos? ¿Es una estrella?
Es la luz de Sandino en la montaña negra.
Allá están él y sus hombres junto a la fogata roja.*

⁵¹ Autor do *Evangelio en Solentiname* e outros livros, ministro da Cultura durante a Revolução Sandinista, candidato ao Prêmio Nobel de Literatura em 2005. Em 4 de fevereiro de 1984, o papa João Paulo II suspendeu a *divinis*, o exercício do sacerdócio, de E. Cardenal, de seu irmão Fernando Cardenal, Miguel D'Escoto e Edgard Parrales, por negarem-se a deixar os ministérios sandinistas que ocupavam. Só com o papado de Francisco, em 2014, restabeleceu-se o exercício.

⁵² A Guerra Constitucionalista dos liberais contra a usurpação do poder dos conservadores era liderada pelo general Moncada. O governo norte-americano, em apoio aos conservadores, ocuparam a Nicarágua. Quando os conservadores estavam ganhando a guerra, os Estados Unidos enviaram Stimson para negociar a paz. Todos os generais liberais se renderam, menos um: Sandino.

Em 1966, Ernesto Cardenal fundou a comunidade cristã de Solentiname, no arquipélago do lago Cocibolca, na Nicarágua. Eis como Dueñas⁵³ descreve o projeto de Solentiname no contexto da luta contra a ditadura,

É nesta encruzilhada da pobreza, ditadura, subversão, religião opressora e cristianismo libertador que deve ser enquadrada a iniciativa Solentiname. Consistia num pequeno projeto de renovação eclesial da comunidade que, ao longo de seus 11 anos de existência, foi evoluindo de monacal para secular, de espiritual para social, de camponesa para artística, de clerical para contracultural, e de tudo isso para revolucionária, até integrar-se às fileiras da FS-LN e ser protagonista da primeira operação armada que abriu o ciclo final da insurreição, custando consequentemente a destruição da comunidade, prévia fuga ao exílio de todos os seus membros.

O projeto, apesar de pequeno, ganhou uma grande repercussão nacional e internacional pela sua originalidade e pela figura mítica de Ernesto Cardenal. Recebeu muitos visitantes de vários países do mundo, hippies e revolucionários que pretendiam levar uma vida mais pura e espiritual.

As CEB's como espaços de sociabilidade comunitária criaram laços de afetividade entre seus membros que se articulavam não só para as reuniões e cerimônias litúrgicas, mas numa rede de solidariedade mútua e com outras comunidades. A comunidade camponesa de Solentiname foi impulsionada por Cardenal a desenvolver a arte da pintura, um gênero primitivista que chegou a render dividendos e melhorar seu nível de vida. Também foi introduzida a música nas celebrações litúrgicas, e com a colaboração de renomados músicos gravou-se a "Missa camponesa", símbolo da ilha.

Em 1970, Cardenal visitou Cuba e relatou sua experiência sobre a revolução nesse país, no livro *Em Cuba*. Depois de vários encontros com Fonseca e Borge, declarou: "falei para Fonseca que eu estava de acordo com tudo, que eles fizessem a luta armada. Mas eu, como sacerdote, sentia que não podia matar. Enviei inclusive a biografia de Ghandi a Carlos, para que ele entendesse também minha posição [...]" (RANDALL, 1983, p. 56).

Em 1974, depois do assalto à casa de Chema Castillo, escreveu o poema *Canto Nacional*, dedicado à FSLN. No ano seguinte, encontrou de novo Fonseca e Borge, que, depois de longas conversas, relataram os atrozes massacres dos camponeses na montanha, cujo objetivo era exterminá-los para acabar com a guerrilha. O sacerdote foi, então, enviado a Roma, ao Tribunal Bertrand Russell, para denunciar as violações. "Dá para dizer que, desde então,

⁵³ DUEÑAS GARCÍA DE POLAVIEJA, Ignacio. Iglesia y revolución en Nicaragua através de los testimonios orales: la experiencia de Solentiname. **Entelequia. Revista Interdisciplinar**, 1a. edición, dezembro 2013. Disponível em: <http://www.eumed.net/entelequia/en.lib.php?a=b016>. Acesso em: 11 maio, 2016.

tornei-me militante da Frente Sandinista, porque já realizava uma missão em obediência à Frente" (RANDALL, 1983, p. 56).

Na primeira ofensiva insurrecional da FSLN, em 1977, jovens da comunidade participaram do ataque ao quartel de São Carlos, próximo à comunidade de Solentiname, coordenado pela FSLN. Em resposta, Solentiname foi arrasada pela GN e E. Cardenal condenado, à revelia, a muitos anos de prisão.

O pastor batista, José Miguel Torres⁵⁴, narra os três momentos da história da participação dos cristãos no processo revolucionário nicaraguense. Em primeiro lugar, a Revolução Cubana acordou os cristãos e os povos da América Latina para a possibilidade de uma transformação de caráter estrutural, política e econômica, nos países latino-americanos, muitos deles com governos ditatoriais de longa data. No momento do foco guerrilheiro, grupos de pessoas que vinham da Juventude Universitária Católica (JUC) acompanharam e participaram dessa etapa de radicalização.

Um segundo momento aconteceu com a Conferência de Medellín⁵⁵, Colômbia, na década de 1970, gerando a participação massiva dos cristãos nas paróquias, que contavam, de alguma maneira, com a proteção, legitimação e suporte dos bispos do continente que também desejavam mudanças.

O terceiro momento foi durante o processo revolucionário, quando milhares de cristãos participaram das organizações populares em defesa da revolução (BALTODANO, 2010, Tomo 1).

Fernando Cardenal, padre jesuíta⁵⁶, comenta que, na Conferência de Medellín, pela primeira vez, invertia-se a lógica da Igreja: não era a doutrina que seria aplicada à realidade, mas a situação da região que começava a ser examinada. A Conferência gerou dois documentos, o *Documento de Justiça* e o *Documento de Paz*, que fazem referência à situação da América Latina como uma situação de injustiça "que clama aos céus, [...] que é um pecado". Isso cria as bases para uma profunda tomada de consciência dos cristãos. Surge "a espiritualidade

⁵⁴ Presidente da Juventude Batista, é afastado do cargo em 1970, por suas posições políticas. Com sacerdotes católicos, trabalha na Pastoral Juvenil, que assume a Teologia da Libertação como doutrina, e estimula os jovens ao compromisso com a luta armada revolucionária. Foi fundador do Eixo Ecumênico Movimento Estudantil Cristão – Comissão Evangélica Latino-Americana de Educação Cristã (MEC-CELADEC) nos anos 1980.

⁵⁵ II Assembleia Geral do Episcopado Latino-americano é celebrada na Colômbia, logo após o Concílio Vaticano II, e cria uma nova teologia e espiritualidade.

⁵⁶ Engajou-se na FSLN em 1973 e foi um dos principais impulsionadores do Movimento Cristão Revolucionário. Em 1976, apresentou no Congresso dos Estados Unidos a denúncia de violação dos direitos humanos por parte da ditadura somozista na Nicarágua. Em 1977, tornou-se parte do Grupo dos Doze, personalidades destacadas do mundo empresarial, religioso, intelectual que divulgavam as posições da FSLN em âmbito nacional e internacional. Dirigiu a Cruzada Nacional de Alfabetização, foi vice-coordenador da Juventude Sandinista 19 de Julho e Ministro da Educação durante o governo sandinista.

de Medellín, que significa acompanhar o povo em seu processo de libertação integral" (BALTO-DANO, 2010, Tomo 1, p. 348). Na Nicarágua, isso será traduzido no acompanhamento do povo em seu processo revolucionário sandinista.

Como acontece essa confluência? E como os cristãos chegam a aceitar a luta armada, um dos pontos mais conflitantes entre marxistas e cristãos? Torres (RANDALL, 1983) explica que a preocupação com a revolução no interior dos setores protestantes nasceu por volta do ano de 1965. Cerca de cem jovens batistas ficaram tocados pelo testemunho da Frente Sandinista e com a morte diária de jovens na montanha. "O evangelho diz que ninguém tem maior amor pelo próximo do que quem dá a vida por seu irmão, por seu povo. E quem dava a vida, na verdade, eram os jovens membros da FSLN" (RANDALL, 1983, p. 131-2).

A convergência dos batistas com os católicos deu-se por volta dos anos 1970. Torres assegura que "o bom samaritano é o paradigma" para justificar a participação na luta armada. Lembra que F. Cardenal naquele tempo dizia: "o que aconteceria se o bom samaritano tivesse chegado ao momento em que ladrões estão atacando o caminhante? A ética o impulsionaria a lutar contra os atacantes, contra os ladrões, contra os opressores. Portanto, era essa a teologia que nos dava uma pauta para a ação, para o compromisso, para o envolvimento" (BALTO-DANO, 2010, Tomo 1, p. 350-1). Fernando Cardenal completa dizendo que encontrou na Encíclica *Populorum Progressio* um trecho que dizia que a guerra sempre é danosa, porém, quando se trata de uma situação de violação profunda dos direitos humanos, quando se tentaram todos os métodos pacíficos e não há solução, a insurreição do povo é justificada. Tudo havia sido tentado, comenta F. Cardenal: greves, passeatas, jejuns, ocupações das igrejas, denúncias das violações dos direitos humanos. Até a Igreja tradicional, na etapa final, justificou a luta insurrecional.

E do lado da FSLN, como isso acontecia? De acordo com Girardi (1986), para os líderes da FSLN, foi ficando cada vez mais claro que o tema do amor no cristianismo estava sendo ativado pela Teologia da Libertação, e que se manifestava na opção preferencial pelos pobres. Essa percepção permitiu à FSLN começar a compreender a possibilidade de um encontro mais profundo com os cristãos, ou seja, de estabelecer uma aliança estratégica e uma convergência política e cultural. Por outro lado, uma revolução popular, como apregoava a FSLN, tinha que ser massiva e não se limitar às minorias radicalizadas. "[...] Uma revolução popular tinha que contar com o apoio da consciência cristã. Na Nicarágua, uma revolução percebida como anticristã seria percebida, por esta razão, como antipopular" (GIRARDI, 1986, p. 243).

F. Cardenal (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 352) e E. Cardenal tiveram um encontro com Fonseca no início dos anos 1970, quando Fonseca disse:

Existem duas formas de fazer uma revolução na Nicarágua. Uma seria a forma ortodoxa histórica, promovendo o ateísmo do povo para fazer a revolução. Mas nós queremos uma revolução popular, da qual participe todo o povo, e não dá para tirar a fé do povo porque, além de ser impossível, é absurdo, e seria uma profunda violação dos direitos humanos, religiosos e espirituais. Então, não se trata dos cristãos se tornarem ateus, mas dos cristãos tornarem-se revolucionários e, para isso, precisamos de vocês.

F. Cardenal (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 353) conclui que a religião na Nicarágua não foi o ópio do povo,

foi *chichicaste*⁵⁷. Impulsionou-nos, empurrou-nos, acordou-nos para descobrir a miséria em que vivia a população [...] e o nosso papel como cristãos. [...] A Revolução Popular Sandinista é a primeira revolução na história da humanidade que não se fez apesar dos cristãos ou contra os cristãos, mas com os cristãos, com sua aberta participação [...].

Reconhecidamente, foi Ricardo Morales um dos sandinistas que mais contribuíram à aproximação com os cristãos revolucionários. Membro do Diretório Nacional da FSLN, seu último encontro, antes de ser preso e morto pela GN, foi com os jovens do movimento cristão que participavam de uma reunião latino-americana, em setembro de 1973.

A participação dos cristãos trouxe novas redes de apoio para a FSLN. Luis Carrión⁵⁸ descreve a situação em 1974, quando vários ativistas desse movimento haviam se engajado na FSLN.

Nesses anos, o trabalho da FSLN já estava consolidado na UNAN; mas, nos bairros de Manágua, existia muito pouca organização. [...] Tivemos que utilizar todos os vínculos com as organizações de base cristãs e as comunidades eclesiais de base. A Teologia da Libertação era muito forte, e era forte a politização das pessoas organizadas nessas comunidades. Por essa razão, resultou muito fácil, foi realmente natural. Além disso, a mística de sacrifício da Frente Sandinista era muito próxima à mística de sacrifício cristão, e está claro que, atrás disso, existiam fatores que favoreciam esta conscientização: o desgaste de tantos anos da ditadura e a crise deslanchada depois do terremoto [de 1972, que destruiu 75% do centro da capital Manágua].

⁵⁷ Urtiga.

⁵⁸ Um dos fundadores do Movimento Cristão Revolucionário, liderou com Jaime Wheelock a primeira divisão da FSLN, em 1975. Tornou-se membro do Diretório Nacional da FSLN a partir da assinatura da unidade das três tendências.

Um novo enquadramento interpretativo nasceu da confluência do sandinismo com o cristianismo revolucionário, mas ele foi evocado depois de 1979, quando os cristãos participavam na defesa da revolução:

¡ENTRE CRISTIANISMO Y REVOLUCIÓN NO HAY CONTRADICCIÓN!

Sergio Ramírez, membro da Junta de Governo, proclamava, no primeiro aniversário da Revolução Sandinista, em 1980, que o "sandinismo e o cristianismo eram dois aspectos vitais e complementários da vida nicaraguense" (HODGES, 1987, p. 262).

Qual era o ideal do *novo homem* da revolução nicaraguense? Na comemoração do 47º do aniversário do assassinato de Sandino, em 21 de fevereiro de 1981, Borge, membro do Diretório Nacional da FSLN, discursou na cerimônia de entrega das "carteirinhas" aos militantes da II Promoção da FSLN, sintetizando (Barricada, 22/02/1981) os valores do *novo homem* invocado pela FSLN:

E o que é neste momento o desenvolvimento revolucionário, o que chamamos sacrifício? Sacrifício quer dizer guerra aos hábitos negativos, ao egoísmo. O privilégio [de ser militante] é o privilégio do esquecimento de si mesmo e a entrega sem limites aos interesses da Pátria e à ressurreição dos oprimidos. Morrer pela Pátria e pela Revolução já é um privilégio enorme. [...] É subir alguns degraus no tamanho de Sandino e de Carlos [...]. Nossa maior honra é nascer todos os dias para a Revolução, como Carlos Fonseca, como Silvio Mayorga, e sermos militantes com os mesmos princípios daqueles homens extraordinários que deram suas vidas e fizeram possível nossa vitória. [...] Se é difícil reconstruir o país, ainda mais difícil é reconstruir os homens. [...] A fortaleza política é ideológica. São as armas que têm o maior volume de fogo para aniquilar a fraqueza. [...] Todo o nosso povo deve crescer política e ideologicamente, desenvolver sua moral revolucionária. Só, então, o amanhecer, definitivamente e para sempre, terá deixado de ser uma tentação.

Esses valores morais de "disposição ao sacrifício pela pátria", "honra de morrer pela pátria e pelos oprimidos", "alegria do sacrifício", "combate ao egoísmo e à fraqueza", "dar a vida pelos mais pobres" "fortalecimento da moral revolucionária" foram motivos importantes para a adesão dos ativistas da FSLN, o que se analisará no próximo capítulo.

2.5 CONCLUSÕES

Este capítulo tratou de duas dimensões cruciais para a emergência do ativismo de alto risco: a configuração de uma liderança e de enquadramentos interpretativos (*frames*) orientadores da mobilização. Observa-se que Fonseca reunia, em sua carreira política, os dois atributos da liderança, o *task-oriented* ou líder de ação, e o *people-oriented* ou líder carismático. Como líder de ação, organizou e reuniu recursos humanos e materiais para desenvolver inúmeras atividades, entre elas: as guerrilhas; o estudo de outras experiências guerrilheiras, como a de Sandino, do M-26-7, do Vietnã, e de outros movimentos internacionais; o lançamento do *Ideário Sandinista*, para motivar os jovens a aderir ao sandinismo; a elaboração de todos os documentos do movimento, como manifestos e proclamas, programa e estatutos, defesa nos tribunais e outros documentos confeccionados nas prisões, em condições difíceis de clandestinidade e perseguição, ou no exílio. Foi em Cuba que aprofundou seus estudos sobre Sandino e a luta insurrecional, formando núcleos de estudo com ativistas que por lá passavam sobre: a estratégia e a tática militar da insurreição; as condições econômicas e sociais da Nicarágua; os problemas de organização, como aponta Wheelock (FONSECA, 1985).

Como líder carismático, Fonseca foi querido, admirado e envolvido numa áurea mística que a clandestinidade, as prisões, as deportações, os resgates e o exílio ajudaram a ampliar. Sob sua liderança, formou-se um movimento que escapou do aniquilamento várias vezes, apenas por sua persistência e de seus seguidores. As divergências políticas e de poder no interior da FSLN, no último tramo da luta, que Fonseca tentou solucionar antes de sua morte, finalmente foram superadas com a formação de um Diretório Nacional conjunto, uma direção colegiada que mostrou que o "comandante Carlos" tinha deixado um legado como "chefe da Revolução Popular Sandinista" de unidade e fraternidade.

No processo de construção do enquadramento sandinismo, difundiram-se dois enquadramentos interpretativos que guiariam a mobilização: o legado de Sandino, um gênero de nacionalismo e de anti-imperialismo, alimentado pelo o marxismo-leninismo, e a doutrina do *novo homem*, herdada do M-26-7.

A difusão desses enquadramentos ocorreu através de redes de relações políticas cultivadas pelos ativistas, especialmente uma estreita relação dos ativistas nicaraguenses com os atores do novo poder cubano, e por sua interpretação da conjuntura local, assim como pela atribuição de similaridade entre a situação política cubana e a nicaraguense, e pela emulação do exemplo cubano.

Usando os dois enquadramentos, o líder da FSLN fez um diagnóstico da situação que apontava para um quadro de injustiça, provocado por agentes concretos: a opressão da dinastia somozista e sua Guarda Nacional, que permaneceu no poder por mais de 40 anos, sustentada pelo governo norte-americano; e a estratégia identificada para vencer, ou seja, a construção de um movimento revolucionário que pudesse liderar a derrubada da dinastia, inspirado pela ação, valores morais e símbolos nacionalistas e anti-imperialistas de Sandino e do marxismo revolucionário de Che Guevara. A meta era a tomada do poder e a concretização de mudanças políticas, sociais e econômicas no país. Enquadrava a realidade "lá fora" na frase *¡Patria Libre o Morir!* E como símbolo, a bandeira rubro-negra, com a inscrição FSLN.

3 PERFIL E RECRUTAMENTO DAS(OS) ATIVISTAS DA FRENTE SANDINISTA

Nos capítulos anteriores, discutiram-se as oportunidades políticas para o ativismo de alto risco, o perfil da liderança que as operava e os enquadramentos que atraíram ativistas para a mobilização. Este capítulo buscará entender o processo de recrutamento de ativistas para esse tipo peculiar de ativismo. Também será traçado o perfil sociopolítico dos indivíduos que decidem se engajar no ativismo de alto risco.

Foi a impossibilidade de participar na política nacional por vias legais que levou os jovens opositores à dinastia dos Somoza a fundar a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) na clandestinidade, adotando um repertório violento de confronto político. Esse movimento surgiu durante o ciclo de confronto 1958-1963, e consolidou-se no início da década de 1970 como o principal opositor radical da ditadura somozista. Sua identidade sandinista, definida como antissomozista, anti-imperialista e revolucionária, foi ganhando adeptos até 1979, quando alcançou seu objetivo de conquistar o poder, inaugurando a Revolução Popular Sandinista. Nesse sentido, a FSLN pode ser classificada como um movimento social revolucionário (TILLY, 1993), já que teve como objetivo tomar o controle do Estado.

Na literatura do confronto político, movimentos com essas características são definidos como de *alto risco* pelos perigos antecipados de tipo social, físico, legal e financeiro aos que são expostas as pessoas que nele se engajam, assim como de *alto custo*, em referência ao tempo gasto e à energia despendida no ativismo (McADAM, 1986). Para demonstrar esse ponto, são reconstruídos os fatores individuais e estruturais do recrutamento da FSLN, de modo a demonstrar que o modelo microestrutural típico de movimentos de alto risco está presente neste caso. Por outro lado, argumenta-se que as conjunturas políticas também incidem no processo de recrutamento/engajamento, e que só o acompanhamento do processo ao longo do tempo permite compreender e explicar as razões do aumento ou diminuição dos adeptos.

3.1 PERFIL DAS(OS) ATIVISTAS ENTREVISTADAS(OS)

Antes de entender as razões para o engajamento na FSLN, é preciso reconstruir o perfil geral das e dos militantes que participaram do ativismo de alto risco desse movimento,

aferindo suas semelhanças e diferenças em comparação com participantes de outros movimentos revolucionários latino-americanos.

Para isso, foram analisadas três variáveis a partir do perfil de 121 pessoas entrevistadas pela comandante guerrilheira da FSLN, Mónica Baltodano, em seu programa de rádio *Entre todos*, depois compiladas no livro *Memórias da luta sandinista*:

1. Idade, em anos, mensurada no pico da mobilização (1979);
2. Sexo;
3. Nível de escolaridade, medido em anos de estudo, segundo a escala: primário (6 anos de estudo); secundário (de 7 a 11 anos de estudo); superior (12 anos ou mais anos de estudo).

"Os líderes da guerrilha tendem a ser homens jovens quando comparados aos líderes políticos nacionais", afirma Wickam-Crowley (1992, p. 20), em seu estudo sobre a guerrilha rural latino-americana desde 1956. Ele toma como referência a idade dos participantes no pico do embate contra as forças do governo, em vez de no momento de entrada no movimento, e identifica a média de idade dos líderes guerrilheiros de Cuba (28), Venezuela (30), Guatemala (25-26), Colômbia (40), Peru (32) e Bolívia (34).

As(os) ativistas nicaraguenses entrevistadas(os) por Baltodano apresentam uma média de idade de 26-27 anos; e a das altas lideranças da FSLN (comandantes da revolução e comandantes guerrilheiras e guerrilheiros) é de 29-30 anos. A média de idade das(os) guerrilheiras(os) nicaraguenses, portanto, está entre as mais baixas, só perdendo para os guatemaltecos. Os movimentos guerrilheiros dos países acima tiveram o pico dos embates entre 1958 e 1967, enquanto que a FSLN só contou com seu embate final em 1979. Isso mostra que, por um lado, as pessoas se engajaram muito cedo; por outro, que são poucos os sobreviventes dos que foram recrutados nos primórdios do movimento.

A Tabela 1 mostra a distribuição das e dos ativistas entrevistados por Mónica Baltodano, por faixa etária. No ano do triunfo da Revolução Sandinista, um pouco mais de 77% estavam na faixa etária entre 18 e 39 anos.

Muitos autores foram surpreendidos com a extrema juventude dos participantes da revolução nicaraguense. O perfil que Vilas (1985) construiu – e que chamou de *sujeito social* da Revolução Sandinista –, faz referência a jovens mulheres e homens, que se engajaram no movimento no período da insurreição. Tomando uma amostra de 640 casos de combatentes

mortos, Vilas revela que 71% tinham entre 15 e 24 anos, uma proporção três vezes mais alta do que o peso dessa mesma faixa etária na pirâmide demográfica nicaraguense (20%). Já no universo de pessoas analisado nesta dissertação, a proporção de jovens nessa faixa etária é de 44%, o que permite inferir que é preciso diferenciar os ativistas que haviam sido recrutados fundamentalmente na década de 1970, e que fariam parte da liderança da guerra, dos combatentes que se uniram à insurreição na situação revolucionária de 1978-1979.

A Tabela 1 também mostra que um pouco mais de 28% das pessoas entrevistadas no trabalho de Baltodano eram mulheres, confirmando a ideia – muito disseminada entre os analistas da revolução nicaraguense –, de que a participação feminina com protagonismo (e não só em atividades de apoio), ou a "participação orgânica" das mulheres (RANDALL, 1982, p. 6), foi um diferencial desse movimento.

Tabela 1 - Faixa etária e sexo da(o) entrevistada(o), em 1979, ano da Revolução Sandinista

Idade			Total	
	M	F	N°	%
Menor que 18 anos	8	5	13	12,7
Entre 18 e 24 anos	24	9	33	32,4
Entre 25 e 39 anos	33	13	46	45,1
Acima de 39 anos	8	2	10	9,8
Total	73	29	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

Seguindo as carreiras militantes das 29 mulheres entrevistadas, é possível dizer que 18 lideraram colunas de combatentes e ocuparam os quartéis e demais instalações militares. Três delas, inclusive, foram chefes do Estado Maior durante a insurreição em diferentes cidades. Algumas estavam presas no período da insurreição final e só foram libertadas na troca de reféns do Assalto ao Palácio Nacional, em 1978. Elas permaneceram no exterior durante a guerra, participando de atividades de promoção da solidariedade internacional, por disposição da FSLN. Outras só saíram das prisões com a renúncia de Anastasio Somoza Debayle e a dissolução da GN.

Moulinex (1985) comenta que a participação das mulheres na revolução nicaraguense foi provavelmente maior do que em qualquer outra revolução recente, com exceção da do Vietnã. As mulheres representavam aproximadamente 30% das forças de combate da FSLN. No pico da mobilização, em 1979, a organização de mulheres fundada pela FSLN, a Associação de Mulheres Frente à Problemática Nacional (AMPRONAC), contava com mais de 8 mil membros.

Contrariamente, Vilas (1985) encontrou um predomínio absoluto masculino (93,4%) entre os combatentes mortos, o que contrasta, afirma o autor, com a citada participação da mulher na luta revolucionária, e sobretudo na insurreição final. Ele atribui essa significativa diferença a modalidades diversas de participação que não ficaram registradas no tipo de informação por ele analisada. E conclui que, mais que no combate direto, a participação da mulher na fase insurrecional parece ter se concentrado em tarefas de apoio: correio, casas de segurança (aparelhos), abastecimento de alimentos e medicamentos, ocultação e transporte de armas. Da mesma forma que existe uma diferença de idade entre os líderes da revolução e os participantes na etapa final, uma das explicações possíveis para a ausência das mulheres entre os combatentes que Vilas analisou poderia ser que as líderes foram recrutadas bem antes da etapa final do combate.

Wickam-Crowley (1992), por sua vez, em seu estudo sobre a guerrilha rural latino-americana, aponta que a atividade guerrilheira desde tempos imemoriais foi um esforço masculino, destacando que a participação feminina na região teve início nos anos 1960, variando de zero a vinte por cento entre os líderes das guerrilhas rurais. Nessa década, ele não encontrou em nenhum dos países estudados predomínio das mulheres em termos de número ou poder dentro dos movimentos, como também não se deparou com nenhum caso de camponesas que se juntaram à guerrilha regular. Além disso, as poucas mulheres que participaram das guerrilhas rurais cumpriam tarefas de apoio aos feridos, transporte de armas, sustentação de redes de apoio, tendo tido pouca atividade nos combates. Ele encontrou no movimento guerrilheiro cubano mulheres que ficaram conhecidas por seu envolvimento ativo, mas foram muito poucas. Já na década 1970-1980, de acordo com o autor, as mulheres formavam entre um quarto e um terço dos combatentes guerrilheiros da Nicarágua e de El Salvador, respectivamente. Os resultados da análise desta dissertação confirmam esses achados.

No recrutamento individual de ativistas e na participação nos movimentos de alto risco, faz diferença a questão de gênero? McAdam (1992) interessou-se por determinar como o gênero mediou a participação na campanha 1964 *Mississippi Freedom Summer*, nos Estados Unidos. O autor encontrou duas fontes de diferenças significativas entre homens e mulheres que interessam a esta pesquisa: no recrutamento; e em suas experiências durante a campanha.

Sobre o recrutamento individual, McAdam mostrou que as candidatas tendiam a participar menos nessa campanha, e que elas estavam desproporcionalmente concentradas nas fileiras das pessoas rejeitadas, ou das que, apesar de terem sido aceitas, não conseguiram participar do projeto. As voluntárias que fizeram parte da campanha parecem ter superado as

barreiras colocadas pelos recrutadores homens, mostrando um perfil exemplar de participação nas organizações dos direitos civis e nos grupos de ativistas nas universidades.

As duas principais formas de discriminação que experimentaram as voluntárias se concentraram na política sexual e na atribuição de tarefas. A razão para essas diferenças, afirma o autor, é uma forte combinação do tradicional duplo padrão regulador do comportamento sexual entre homens e mulheres nos anos 1960, nos Estados Unidos, com o tabu referente ao contato entre mulheres brancas e homens negros. O duplo padrão sexual levou ao extremo de expulsar da campanha mulheres que violaram a "etiqueta social e pública", enquanto isso não aconteceu com nenhum homem. Na questão da atribuição de tarefas, as mulheres foram massivamente designadas como professoras, trabalhadoras de escritório ou encarregadas do centro da comunidade, sem acesso praticamente ao trabalho de registro dos votantes negros, um dos mais importantes e nobres da campanha. Tudo isso, lembra McAdam (1992), reflete não apenas uma divisão sexual do trabalho, mas, a diminuição de oportunidades para as voluntárias, reproduzindo os papéis tradicionais de homens e mulheres na sociedade.

Uma política similar de restrição ao recrutamento das mulheres foi encontrada na primeira década de vida da FSLN. Apenas cinco entrevistadas por Baltodano engajaram-se nesse período, e há um único caso de participação na guerrilha rural e outro de participação na suplência do Diretório Nacional. Baltodano destaca que "a participação nos anos 60, exigia coragem e consciência da necessidade de acabar com o papel de subordinação que a cultura patriarcal tinha reservado às mulheres" (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 237).

Gladys Báez, 25, humilde costureira deixou seus dois pequenos filhos com a mãe semi-inválida para ir à montanha. Ela lembra que seus companheiros de guerrilha sabiam que ela não iria lá para cozinhar e lavar, e considerava que, como militante, ela tinha direitos e deveres iguais a eles. Mas, a aceitação para alguns não foi fácil. Por outro lado, direitos e deveres iguais significava empreender longas caminhadas com uma mochila nas costas, sempre muito pesada, na qual eram carregados remédios, redes, utensílios para comer e sobreviver, um pouco de roupa, etc. E disso, ela não podia se queixar. Em sua entrevista, Báez (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 234) fala de sua responsabilidade como mulher no interior do movimento:

Eu levava na minha cabeça o desafio de que dependeria de mim a participação das mulheres na montanha. Se eu pudesse dar conta das exigências, haveria maior participação. [...] Durante uma madrugada, recebemos a ordem de deixar o acampamento. [...] Quando estava tudo arrumado, formamos uma fila. Carlos Fonseca e Silvio Mayorga [fundadores da FSLN] falaram

que, se alguém quisesse desistir por não acreditar no triunfo [da revolução], ou se tivesse problemas familiares, fraquezas ou medo, o que era normal, desse um passo a frente. Houve um grande silêncio e imaginei que todos deveriam estar pensando em mim. Passou o tempo estipulado e vi as lágrimas de emoção saindo dos olhos de Carlos. Quando a formação foi desfeita, todos começaram a brincar: a Adelita (codinome de Gladys) era quem ia embora! [...] Carlos então disse: nós estávamos olhando a reação de cada um e sabem o que aconteceu? Ninguém foi embora porque ela não foi embora.

O comentário mostra que, na guerrilha, era reproduzida a cultura patriarcal que predominava na sociedade. Os homens não podiam perder em coragem e valentia para uma mulher. O caso de Doris Tijerino, 26, estudante, também é ilustrativo. Foi a primeira mulher membro suplente do Diretório Nacional da FSLN na década de 1960 e, para ela: o "machismo ficou claro quando tiraram meu cargo do Diretório Nacional porque o número de integrantes era muito grande, mas não pediram o cargo de nenhum homem" (BALDODANO, 2012, Tomo 1, p. 243). As mulheres lutaram muito contra o machismo no interior da FSLN e contaram com o apoio de muitos homens, alguns no discurso, outros na prática, completa Tijerino.

Zimmermann (2012, p. 194) salienta que "a tarefa de manter limpos 'os aparelhos', de alimentar e servir de enfermeiras aos fugitivos cabia invariavelmente às mulheres". Mas houve sandinistas homens, como Carlos Fonseca, que se incomodavam com essa divisão de tarefas com base no gênero. As responsabilidades militares, entretanto, eram tratadas de forma equitativa e homens e mulheres recebiam o mesmo tipo de treinamento.

Mesmo assim, comenta Zimmermann, (p. 195) "uma série de pressões e convenções contraditórias afetavam as relações entre homens e mulheres na clandestinidade". O ideal da família patriarcal, com a ilusão do lar como o lugar para a esposa e mãe, estava profundamente enraizado na cultura popular, mesmo quando só as famílias das classes alta e média podiam se adequar a esse modelo, pois a maioria das famílias da classe trabalhadora e camponesa era encabeçada por mulheres.

Sofia Montenegro, em seu estudo sobre a cultura sexual na Nicarágua, confirma que "pelo menos um quarto dos lares nicaraguenses são encabeçados por uma mulher sem cônjuge; e sobre ela incide toda a responsabilidade econômica" (MONTENEGRO, 2000, p. 39)⁵⁹. A autora explica que a crise do modelo agroexportador na Nicarágua dos anos 1970 provocou o desemprego temporal ou permanente dos homens, e as mulheres assumiram o sustento de suas famílias, por meio do comércio e do setor de serviços.

⁵⁹ MONTENEGRO, Sofia. **La cultura sexual en Nicaragua**. Centro de Investigaciones de la Comunicación (CINCO), 2000.

A partir do início dos anos 1970, as mulheres iniciaram sua participação na FSLN em maior número, e foram paulatinamente ganhando algumas posições de poder. Em seu livro, Baltodano dedica várias páginas à participação feminina, elencando uma longa lista de ativistas que morreram, e outras que sobreviveram. Ainda assim, a participação das mulheres foi timidamente reconhecida pela FSLN quando foram concedidos títulos honoríficos às(aos) mais destacadas(os) combatentes em defesa do triunfo da revolução. Baltodano (2010, Tomo 1, p. 213), que recebeu o título honorífico de comandante guerrilheira, julga assim essa decisão:

O grau de Comandante Guerrilheiro foi concedido sob critérios muito machistas, sendo outorgado a apenas três mulheres. Posso citar várias companheiras que tinham iguais ou mais méritos que os homens que receberam esse reconhecimento. A mesma coisa aconteceu com o título de Comandante da Revolução, concedido a nove homens e a nenhuma mulher. Se analisarmos as trajetórias, contribuições históricas, combativas e datas de incorporação, mulheres como Gladys Báez, Doris Tijerino e outras deveriam, com certeza, ter recebido o título de Comandante da Revolução. Cometeu-se uma injustiça, derivada de uma concepção machista.

As mulheres também enfrentavam problemas adicionais aos enfrentados pelos homens por causa da repressão da GN. Além de sofrerem torturas como os homens, elas foram violentadas sexualmente, especialmente nas zonas rurais e nas prisões.

Tijerino, como mencionou-se no primeiro capítulo, foi um dos casos mais conhecidos de denúncia de abuso feita a um juiz, que mobilizou muitos setores da oposição aos Somoza, como o movimento estudantil, o movimento cristão e a imprensa, que deslancharam uma campanha por sua liberdade.

O caso de Rosa Argentina Ortíz, 24, estudante, porém, foi menos conhecido, ainda que igualmente humilhante. Em 1975, ela participou da guerrilha em um período de intensa repressão. Ortiz (BALTODANO, 2010, Tomo 3, p. 60) relata sua experiência:

Naquele dia houve três combates. No último, infelizmente, fiquei perdida porque não escutei a ordem de retirada. Fiquei sozinha na montanha. Andei durante dois dias até dar de frente com a Guarda [Nacional]. Trocamos tiros e fiquei ferida na cabeça. Ainda consciente, prenderam-me. Foi terrível porque a Guarda sempre tinha medo: sabia da superioridade do guerrilheiro, não por suas armas, mas por sua consciência. Os guardas tinham medo de chegar até mim porque imaginavam que eu não estivesse sozinha, e a primeira coisa que fizeram foi mandar um cão. Perdi a consciência, e quando acordei, estava no quartel de Rio Branco. E foi aí que começaram as torturas [...].

Ortiz fica em silêncio e Baltodano continua:

[...] ela foi ferida e presa, e assim, ferida, foi terrivelmente torturada, brutalmente violentada com uma tortura conhecida como "La piñata". Dependurada e amarrada pelas mãos e pelos pés, nua, era balançada, tocada e violentada por eles.

Se isso acontecia com as mulheres estudantes da cidade, os relatos e denúncias da repressão das camponesas do Norte são desconcertantes. Amada Pineda, camponesa, presa em 9 de maio de 1974 por uma patrulha da GN, não quis revelar o paradeiro do marido, líder sindical. Foi violentada repetidamente por 11 guardas, durante sete dias, na frente de outros prisioneiros, enquanto batiam nela e a torturavam. Foi solta no 15º dia e dois dias depois fez a denúncia na Oficina de Leis e Relações Públicas da GN, o que comoveu a população e revelou a terrível situação na zona rural (BALTODANO, 2010, Tomo 3).

Algumas mulheres presas em Manágua, entre 1976 e 1978, como Baltodano, Ortiz e Tijerino (pela segunda vez), enfrentaram o desafio de divulgar permanentemente as condições desumanas em que permaneciam – como o isolamento nas celas, a falta de banho de sol, de visitas íntimas, quando esses direitos eram reconhecidos para os homens. Baltodano relata que sua mãe levava seu filho de dois anos à prisão, mas ela nunca conseguiu beijar o menino, pois o contato físico era impossível pela distância de aproximadamente um metro entre elas e as visitas (BALTODANO, 2010, Tomo 3).

Esses relatos são o testemunho de que a participação no movimento sandinista era mediada pela questão de gênero, especialmente quando se tratava da repressão. Ser mulher ativista significava a possibilidade de ser presa e sofrer humilhações sexuais e condições carcerárias desumanas. Mesmo assim, o número de entrevistadas recrutadas na década de 1970 multiplicou por quatro, passando de 5 a 23, sendo que os homens apenas duplicaram. Esse crescimento é consistente com o achado de Wickam-Crowley (1992).

Além da idade e do gênero, outra dimensão importante do perfil das e dos ativistas é o nível de escolaridade. Quase 15% tinham nível superior, predominando professores, jornalistas e religiosos. Estudantes universitários que interromperam seus estudos para dedicar seu tempo exclusivamente às atividades político-militares da FSLN configuram mais da metade das e dos entrevistados, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2 - Nível de escolaridade da(o) entrevistada(o) filiado à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

	N°	%
Não alfabetizado	1	1,0
Primário (1ª a 6ª série) completo ou incompleto	5	4,9
Secundário (1º a 5º ano) incompleto	21	20,6
Secundário (1º a 5º ano) completo	3	2,9
Ensino superior incompleto	54	52,9
Ensino superior completo	14	13,7
Sem informação	4	3,9
Total	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

Wickam-Crowley (1992) explica que um levantamento das lideranças revolucionárias em diferentes partes do mundo, feito por Alvin Gouldner (1979)⁶⁰, confirma que, no topo das organizações e movimentos, se encontram intelectuais com alto nível de escolaridade. A informação sobre a liderança dos movimentos guerrilheiros na América Latina revela, com poucas exceções, que esse grupo é formado por membros das classes médias e altas urbanas, e das elites rurais. Em todos esses agrupamentos predominam universitários. As profissões liberais, como médicos, advogados, arquitetos e engenheiros, estão sobre-representadas na liderança, assim como estudantes, professores do ensino fundamental e universitários.

Dada a seletividade das universidades latino-americanas naquela época, comenta Wickam-Crowley, é razoavelmente seguro supor que o *status* de estudante é indicativo de pertencimento às classes média e alta. Vários líderes guerrilheiros, como os irmãos Fidel e Raúl Castro, de Cuba, e Douglas Bravo, da Venezuela, são filhos de fazendeiros, com alto nível de escolaridade.

Os estudantes foram a mina de ouro dos quadros dos movimentos guerrilheiros na América Latina. Wickam-Crowley mostra, no Apêndice B de seu livro, uma lista de 25 líderes sandinistas, mortos e sobreviventes, com a qual tenta confirmar seu argumento. Deles, 17 eram estudantes universitários, cinco profissionais (um jornalista, um sociólogo, um escritor, um físico, uma advogada) e três religiosos.

A análise da alta liderança da FSLN (comandantes da revolução e comandantes guerrilheiros e guerrilheiros), revela que, de um total de 23 pessoas entrevistadas por Baltodano, 21 eram, no momento do engajamento, estudantes universitários que não tinham concluído seus

⁶⁰ GOULDNER, Alvin W. *The Future of Intellectuals and the Rise of the New Class*. New York: Continuum, 1979, p. 53-57.

estudos, e 2 eram jornalistas. Um quadro similar aparece quando se observa o total das 46 pessoas que ganharam o título honorífico de comandantes.

A diferença entre as listas de Wickam-Crowley (1992) e a apresentada neste estudo radica em que, além de incluir ativistas mortos, a última também compreende membros do corpo político que tiveram um papel muito relevante, mas não fizeram parte da liderança da organização sandinista. Por exemplo, Fernando Cardenal, Ernesto Cardenal e Miguel D'Escoto (religiosos) e Sergio Ramírez (escritor) desempenharam um papel político importantíssimo. Todos eles ocuparam altos cargos no governo sandinista. No entanto, em termos partidários eram apenas militantes destacados, e estavam subordinados às decisões do Diretório Nacional, formado pelos nove comandantes da revolução. Resumidamente, ao triunfo da Revolução Sandinista, o primeiro escalão da FSLN estava formado majoritariamente por estudantes universitários que não tinham concluído seus estudos, os profissionais nesse universo representavam um pouco menos de 15%.

Wickham-Crowley também mostra que houve um incremento de 221% no número geral de universitários na Nicarágua entre 1955 e 1965, passando de 948 a 3.042 estudantes. Só a Venezuela, o Peru e a Colômbia superam o país centro-americano na América Latina e Caribe. É possível que a bonança econômica gerada pelo ciclo de produção do algodão tenha possibilitado o acesso das classes médias mais baixas – ou até alguns membros das classes urbanas empobrecidas – aos ensinos médio e superior, e que, dessa posição, tenham pulado para o ativismo. As biografias de vários militantes, mortos e vivos, autorizam essa afirmação. É o caso do próprio líder Fonseca, e também de outros ativistas⁶¹.

Por último, os estudiosos das guerrilhas na América Latina não mencionam os estudantes secundaristas como um contingente numeroso. Um pouco mais de 23% dos ativistas da FSLN pertenciam a essa categoria. Isso porque, na década de 1960, a principal fonte de recrutamento foi a universidade. A partir de 1974, além dos universitários, a Frente Estudiantil Universitária (FER) atraiu os secundaristas para as campanhas pela liberdade dos presos políticos, contra o aumento dos preços e em apoio às lutas sindicais dos professores.

A FSLN tinha especial interesse no recrutamento de estudantes do ensino médio por várias razões que o líder Fonseca detalha em sua carta aos estudantes (FONSECA, 1985). Em 1968, de acordo com Fonseca, a Nicarágua tinha 20 mil estudantes secundaristas e 5 mil universitários, sendo que os primeiros equivaliam a 1% da população. Comparativamente aos estudantes universitários, os secundaristas tinham posições mais baixas na escala social, e a

⁶¹ Das(os) entrevistadas(os) por Baltodano, Henry Ruiz, do Diretório Nacional; e Leticia Herrera, Omar Cabezas, comandantes guerrilheiros. Dos que morreram, Leonel Rugama e Juan José Quezada.

maioria via-se obrigada, por problemas econômicos, a abandonar os estudos. Essa era a primeira razão que Fonseca destacava para querer integrá-los no movimento. A segunda era sua importância numérica e a repercussão nacional de suas mobilizações, já que o ativismo universitário estava concentrado em três cidades. Por fim, Fonseca argumentava que, mobilizando os secundaristas, o futuro revolucionário do movimento estudantil universitário estaria mais garantido.

Além dos ativistas, que se engajaram diretamente, cabe apontar o papel que jogou a rede de colaboradores, dando suporte às atividades da FSLN. Essa rede era composta de pessoas que davam alguma contribuição ao movimento – sejam recursos econômicos, remédios ou mantimentos, acolhida e proteção de guerrilheiros em suas casas, transporte de guerrilheiros, armas e equipamentos em seus carros, cessão de propriedades no campo para treinamento militar, guarda de recursos financeiros recuperados e armas em lugares secretos. "Essa categoria não representava um *status* inferior ao de militante ou combatente, havia colaboradores com compromisso e coragem maiores que os de alguns militantes" (BALTODANO, 2012, Tomo 4, p. 276).

Baltodano explica que os colaboradores que cediam suas casas como moradia dos combatentes eram muito apreciados, pois, além de terem sua intimidade familiar invadida por pessoas estranhas, arriscavam também suas vidas e de suas famílias. Os clandestinos andavam armados e, se descobertos, poderiam trocar tiros com a GN num lugar que certamente haveria crianças e outras pessoas queridas. Igualmente arriscado era transportar clandestinos armados.

Entre os colaboradores, havia médicos que curavam doenças ou ferimentos de guerra dos militantes – alguns de alto risco, que precisavam de intervenções cirúrgicas praticadas em condições difíceis. Também armeiros, que reparavam as armas da GN e de guerrilheiros. Ricos e pobres, valentes e medrosos, velhos e jovens. A repressão não fazia distinção entre militantes e colaboradores, e muitos foram torturados, assassinados e processados (BALTODANO, 2012, Tomo 4, p. 277).

A linha de fronteira entre militantes e colaboradores não era precisa. Em alguns casos, como o de Yico Sánchez, eles começavam como colaboradores e depois se tornavam militantes, comenta Baltodano (2012, Tomo 4, p. 68). Proprietário da fazenda de gado *El Panamá*, e com um histórico de participação no Movimento 11 de Novembro do ciclo de confronto 1958-1963, Sánchez colocou sua fazenda à disposição do movimento, transformando-a em centro de treinamento militar e local para as reuniões do Diretório Nacional da FSLN durante vários anos. Essas atividades foram realizadas com tanto sigilo, que ele conseguia fazer

negócios de compra e venda de gado e manter relações comerciais com membros da GN na própria fazenda, que "era muito visitada, o que era parte da sua cobertura" (p. 75).

Seu filho, assassinado em 1977, membro do movimento cristão e depois guerrilheiro na montanha, foi quem o aproximou da FSLN. Mas, sabendo que o pai queria participar mais e mais – e conhecendo os riscos que corria tendo uma família numerosa –, dizia: "não pai, não se mete nisso, deixe comigo". Yico ficou preso um ano, em 1975, e foi obrigado a exilar-se a partir de agosto de 1978.

Dos 19 colaboradores e colaboradoras entrevistadas, 13 eram homens, e seis mulheres. A média de idade era de 34,7 anos, uma faixa etária superior à dos ativistas. Suas ocupações eram: compositor, poetisa, religioso, jornalista, radialista, professor universitário, empresários, camponeses. A escolaridade variava entre 9 e 16 anos de estudo.

Em síntese, é possível dizer que as ativistas e os ativistas entrevistados por Baltodano fazem parte da liderança da FSLN, que derrubou o regime somozista. Com uma média de idade de 26-27 anos no momento do triunfo da revolução, caracterizam-se como lideranças muito jovens entre os movimentos guerrilheiros do campo latino-americano. A origem de 52,9% deles eram as universidades e de 20,6%, os colégios secundários.

Quase um terço do total de militantes eram mulheres. O gênero marcou diferença tanto no recrutamento como nas atividades no interior da organização. Muitas vezes elas eram encarregadas de tarefas auxiliares, porém, nos treinamentos militares, havia uma relação de igualdade entre homens e mulheres. Na década de 1970, elas foram se incorporando a um ritmo superior aos homens, e formaram um contingente com tarefas de liderança nas atividades políticas e militares. Nas *performances* de 1974 e 1978, os Assaltos à casa de Chema Castillo e ao Palácio Nacional, tiveram a participação importante, embora em número bem menor que os homens.

Conhecer os fatores individuais do engajamento – motivos e disponibilidade biográfica – dos ativistas da FSLN é a finalidade do próximo subitem.

3.2 O MODELO DE RECRUTAMENTO NOS MOVIMENTOS DE ALTO RISCO E OS MOTIVOS PARA O ENGAJAMENTO

A partir da visão geral sobre o perfil dos participantes do ativismo de alto risco da FSLN, trata-se agora de explicar os motivos pelos quais esses ativistas se decidiram por tal tipo de engajamento.

As teorias que analisam o recrutamento nos movimentos de alto risco/alto custo, propõem um modelo microestrutural de análise, que será a base para a interpretação do recrutamento dos ativistas da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Todas elas partem da mesma base teórica aqui mobilizada, a Teoria do Confronto Político, que tem em McAdam um de seus principais expoentes.

A campanha *1964 Mississippi Freedom Summer*, de apoio aos direitos civis dos negros, no Sul dos Estados Unidos, serviu como base empírica para a elaboração do modelo teórico de McAdam (1986). Ele parte da premissa de que incursões em formas seguras de ativismo aumentam a integração das pessoas às redes de ativistas, criam afinidade ideológica com o movimento, compromisso com uma ideia militante, bem como receptividade a formas mais custosas de participação. Esse recrutamento gradual – do tipo integração e ressocialização –, é suscetível a promover o ativismo de alto-risco/custo.

McAdam (1986) estabelece uma diferença clara entre ativismo de baixo risco/custo e ativismo de alto risco/custo. Custo, afirma, refere-se aos gastos de tempo, dinheiro e energia despendidos por uma pessoa para envolver-se em qualquer forma de ativismo. Risco é muito diferente de custo: relaciona-se aos perigos antecipados, sejam legais, sociais, físicos, financeiros, entre outros, para engajar-se em um determinado tipo de atividade. Para esclarecer a diferença, ele usa o exemplo do ato de assinar uma petição, cujo custo é sempre baixo, mas o risco pode ser grande, dependendo do contexto. Pelo contrário, participar do movimento dos sem-teto ou sem-terra tem um custo elevado, mas em determinadas situações pode estar livre de risco (McADAM, 1986)⁶².

As fontes de recrutamento são outro dos pontos analisados pelo autor. A maioria dos movimentos sociais desenvolve-se no seio de organizações sociais existentes. Essas organizações recrutam indivíduos e fornecem aos oponentes diversos recursos, como líderes reconhecidos, meios de comunicação, redes confiáveis necessárias ao lançamento ou à continuidade

⁶² O autor está fazendo referência aos movimentos dos sem-teto e sem-terra norte-americanos.

da ação coletiva (McADAM, 2005). Ativistas individuais têm sido também identificados como fontes de recrutamento. A questão é saber se os laços interpessoais são mais significativos do que as organizações formais. Nesse sentido, é preciso compreender, de acordo com McAdam (1986), se o tipo de laços interpessoais, “fracos” ou “fortes” (Granovetter, 1973)⁶³, interfere nas diferentes formas de engajamento dos indivíduos.

Os fatores motivacionais de engajamento nos movimentos sociais de alto risco e alto custo são de duas ordens: estruturais e individuais, destaca McAdam (1986). Os fatores individuais, como uma forte identificação ideológica com os valores do movimento e a disponibilidade biográfica – pessoas livres de compromissos familiares e responsabilidades de emprego –, predis põem o indivíduo à participação. Já um passado de ativismo e integração em redes de apoio, atua como um fator motivacional estrutural, estimulando os indivíduos a engajarem-se.

O perfil característico dos participantes do ativismo de alto custo/risco é: (a) ter um histórico de ativismo; (b) estar profundamente comprometido com a ideologia e os objetivos do movimento; (c) estar integrado em redes de ativistas; e (d) estar relativamente livre de constrangimentos pessoais que tornariam a participação especialmente arriscada.

Adicionalmente, três outros trabalhos fornecem subsídios analíticos para tratar o caso nicaraguense como ativismo de alto risco. Gregory L. Wiltfang e Doug McAdam (1991) aplicam o modelo aos ativistas do *Sanctuary*, um movimento de raízes religiosas, com ênfase na Teologia da Libertação, que desafiava a política praticada pelo Serviço de Imigração e Naturalização (INS) do governo dos Estados Unidos da América (EUA). Na década de 1980, milhares de salvadorenhos e guatemaltecos sem documentos foram deportados quando entravam de forma clandestina naquele país, fugindo do conflito e da devastação da guerra civil em seus países de origem. Os ativistas do *Sanctuary*, desafiando o governo, ajudavam os centro-americanos a atravessar a fronteira, oferecendo albergue, alimentos, roupas, aulas de inglês e emprego, violando as leis norte-americanas de imigração.

Outro trabalho específico sobre o caso nicaraguense traz contribuições analíticas. Trata-se do estudo de Nepstad e Smith (1999) sobre a mobilização de cidadãos norte-americanos em uma campanha de alto risco/custo, a *Nicaragua Exchange*, que era convocada pelo governo da Nicarágua. Os norte-americanos eram chamados a ajudar na colheita do café, que estava ameaçada pelos “contras”. O programa enviou mais de mil membros das brigadas à Nicarágua, por períodos de duas semanas a um mês, e incentivava que eles, no retorno aos Estados

⁶³ GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6 (May, 1973), p. 1.360-1.380.

Unidos, participassem em campanhas de mídia para conseguir adeptos contra a política dos EUA na Nicarágua.

Por fim, o trabalho de Jocelyn S. Viterna (2006) apresenta uma contribuição especial, dada a aplicação do modelo microestrutural de recrutamento ao estudo de um movimento guerrilheiro de alto risco, e em um contexto centro-americano altamente repressivo.

Na década de 1980, milhares de mulheres salvadorenhas juntaram-se à Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN), um exército guerrilheiro revolucionário que combatia o opressivo Estado de El Salvador. Essas mulheres desafiaram tradições patriarcais, abandonaram suas casas e famílias e tornaram-se membros militantes da insurgente guerrilha rural. Mediante a análise dos vários caminhos adotados por essas mulheres nos acampamentos da guerrilha, Viterna refina as explicações existentes sobre a participação das mulheres revolucionárias, e sugere que elas podem ter implicações importantes para os processos em nível macro de democratização e transformações dos direitos de gênero e das relações entre homens e mulheres.

Os três trabalhos estudam movimentos relacionados com a temática centro-americana da década de 1980 e aplicaram o modelo de recrutamento de McAdam. Dessa forma, as variáveis escolhidas por eles para testar o modelo, assim como seus resultados, oferecem subsídios para o estudo da FSLN.

Além desses fatores, há que se considerar a percepção da situação vivida como uma motivação para a mobilização. Aminzade e McAdam (2001) fazem referência ao conceito de "libertação cognitiva" (MCADAM, 1982) como elemento necessário para a mobilização inicial de um movimento social ou de uma revolução. A transformação da consciência de um segmento significativo da população ultrajada depende de que a situação seja percebida como injusta e também passível de mudança, mediante a ação do grupo. Cada uma dessas crenças pareceria ter um referente emocional importante: a raiva, no caso da injustiça percebida, e a esperança, em referência à perspectiva de mudança.

A construção dessa percepção da injustiça foi reconstruída no segundo capítulo desta dissertação, no qual se tratou o processo de construção dos enquadramentos interpretativos da FSLN. O sandinismo condensou a situação de injustiça que vivia a população nicaraguense – pobreza, analfabetismo, mortalidade infantil, desigualdade, corrupção, repressão, falta de liberdade de expressão, organização e participação, em resumo: de opressão – e apontou os culpados: a dinastia somozista e o governo norte-americano. Assim, vinculou a ocupação norte-americana da Nicarágua, a luta de Sandino contra a ocupação e a fundação da Guarda Na-

cional (GN) à chefatura de Somoza García. Denunciou o apoio norte-americano à continuidade da família Somoza no poder por mais de quarenta anos. E apontou a solução: seguir os passos do herói Sandino, que combateu a ocupação para concluir sua missão: formar uma organização armada revolucionária, unir os setores antissomozistas e anti-imperialistas, derrubar a dinastia somozista e estabelecer o poder popular sandinista.

Esses enquadramentos aparecem nos relatos dos ativistas. Um pouco mais da metade do universo de militantes entrevistados por Baltodano respondeu à indagação sobre quais os motivos que os levaram a se unir à FSLN. As respostas mais ouvidas foram: "lutar contra as injustiças", "por uma causa justa", "contra a tirania", "acabar com a ditadura somozista, alcançar a democracia e o bem-estar da população", "acabar com a pobreza", "compromisso com o povo", "opção pelos pobres", "mudança estrutural", "viver mais de acordo com os princípios cristãos", "convencimento de que a luta armada era a única alternativa para derrubar os Somoza", "seguir o exemplo dos jovens, que davam suas vidas pela libertação da Nicarágua", "contra a repressão".

Alguns declararam terem sido influenciados por eventos que presenciaram, como assassinatos perpetrados pela GN, violações dos direitos humanos (mulheres violentadas, condições degradantes dos presos políticos), ou ainda o arremesso das cinzas de um antigo membro da GN na cratera de um vulcão, por ter sido acusado de colaborar com a FSLN. Os depoimentos abaixo ilustram alguns desses motivos:

William Chacón (BALTODANO, 2012, p. 480) foi recrutado na Universidade Nacional da Nicarágua UNAN, aos 25 anos de idade, em 1972, quando era estudante de Medicina. Ativista da Frente Estudiantil Revolucionária (FER) desde os 22 anos, ele narra sua percepção da injustiça:

Minhas motivações surgem quando eu era criança. Já tinha simpatia pelas lutas em prol da justiça. Sentia que existia muita injustiça no país. Doía ver tanto desprezo e humilhação dos setores economicamente mais fortes desse país, da burguesia, para com as pessoas pobres. Então eu dizia; bom, as coisas devem ser mudadas. Tem que existir mais equilíbrio. As relações têm que ser mais respeitadas entre os cidadãos e a situação de iniquidade deve mudar, na cidade e no campo.

Dora María Téllez (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 364), recrutada na UNAN, em 1974, quando era estudante de Medicina, aos 19 anos. No ano seguinte, passou à clandestinidade. Antes de seu recrutamento, participava do movimento estudantil.

Entrei na FSLN e na luta revolucionária por várias razões. A ditadura tinha características intoleráveis para pessoas com alguma sensibilidade: a repressão política, a corrupção, a coerção contra toda tentativa de organização e mobilização social, a concentração do poder político, o nepotismo e uma pobreza terrível.

Nas políticas de recrutamento da FSLN, os recrutadores estavam sempre de olho nos bons alunos e nas boas alunas, porque tirar boas notas era uma virtude muito apreciada, não só pela FSLN, mas também no meio estudantil. Isso contribuía ao prestígio da FSLN, cujos ativistas eram vistos como pessoas sérias.

José Mendieta, estudante de Medicina, recrutado em 1975, aos 19 anos, era um bom aluno. Antes de participar da FER, fazia parte de um grupo cristão. À pergunta da entrevistadora de como ele explicaria a construção da mística que impulsionou sua militância sandinista, Mendieta (BALTODANO, 2010, Tomo 3, p. 442) responde:

A consciência me chegou pelo esforço coletivo e histórico dos nicaraguenses. Além de outras coisas, creio que foi a prática daqueles que formaram os primeiros contingentes, não sua prédica, nem os estudos teóricos, às vezes longe da realidade. [...] Os combatentes da Frente Sandinista, especialmente aqueles que deram suas vidas e não pediram nada, não ambicionaram nada.

Baltodano perguntou como ele sintetizaria os valores que inspiraram a luta sandinista, e Mendieta respondeu: "prédica sustentada com a ação. No interior da FSLN houve prédicas sobre o comportamento pessoal, que eram aplicadas de maneira natural na vida cotidiana, o que fortalecia a coesão grupal". E Baltodano (2010, Tomo 3, p. 448) confirma:

A militância sandinista era construída no dia a dia, com cada companheiro e companheira que, convencidos da urgência e justeza da luta, assumiam uma série de valores e princípios que foram configurando a mística, a inteireza, a coragem e a entrega de qualquer sandinista. A pedagogia do exemplo jogou um papel crucial.

"A causa da justiça", "seguir o exemplo", "entregar a vida", "dar o exemplo", "o espírito de sacrifício" são citados frequentemente por ativistas e colaboradores. Ativistas cristãos e não cristãos sublinham os mesmos valores, como sintetiza Torres (2003, p. 30),

Quando me lembro desses anos, nos quais cada um de nós carregava uma mochila cheia de ideais, não posso deixar de sentir uma nostalgia profunda. Que força mais poderosa é o ideal de justiça. Saber que podíamos morrer na luta e que outros retomariam nossas bandeiras nos dava um sentimento de transcendência, de perenidade, de eternidade, de convicção de que as nossas vidas não acabariam em vão. Se não fosse porque os heróis tornaram carne e

sangue qualquer ideia ou pensamento, dispostos a se doar, não chegariam a ter essa força capaz de arrastar, atrás deles, milhares e milhões de homens e mulheres.

Lutar pelos ideais traz recompensas aos militantes. Gaxie (2015) aponta os incentivos simbólicos da militância, dizendo que as(os) ativistas sentem frequentemente satisfações que ajudam a sustentar – e inclusive a reforçar – suas disposições para continuar investindo na militância. Assim, as sensações de atuar e de não permanecer na passividade, de poder transformar a realidade, e de fazer história podem fornecer razões para viver.

Também ocorre que a dedicação, o tempo entregue, os esforços realizados, os sacrifícios, os riscos assumidos e a renúncia aos prazeres da vida "cotidiana" geram sensações de calma, serenidade ou plenitude, incluindo satisfações de ordem moral ou um sentimento de superioridade ética. Della Porta (1988) ainda menciona em seu estudo sobre a participação em organizações clandestinas italianas de alto risco, que os incentivos simbólicos nesses espaços diminuem a importância dos incentivos econômicos.

Wiltfang e McAdam (1991) destacam que, no caso do *Sanctuary*, vários grupos religiosos contribuíram para a base ideológica do movimento; o evangelho social e a Teologia da Libertação foram os fundamentos dos principais enquadramentos interpretativos. Os resultados encontrados, por outro lado, demonstram uma forte ligação entre a socialização do indivíduo para o papel de ativista e as medidas de risco.

Observa-se quadro similar no caso dos ativistas do movimento *Nicaragua Exchange*, cujos motivos para viajar à Nicarágua em apoio ao governo nicaraguense foram agrupados por Nepstad e Smith (1996) em categorias pessoais, políticas e mistas. Não importando a categoria dos motivos dos candidatos, 80% dos entrevistados atestaram a força de seu compromisso com a causa no momento de sua inscrição ao movimento (NESPSTAD e SMITH, 1999, p. 34).

McAdam (1986) verificou que a participação em casos de ativismo de alto risco parece depender de uma identificação pessoal intensa com o movimento, como demonstram os depoimentos dos entrevistados. Contudo, se ter uma profunda identificação com os objetivos do movimento é condição necessária, não é suficiente. No caso da campanha *1964 Mississippi Freedom Summer* "[...] todos os aspirantes, participantes e não participantes, revelaram-se altamente comprometidos e apoiadores articulados das metas e valores" da campanha (MCADAM, 1986, p.73).

Tomando como parâmetro o modelo de McAdam (1986) e McAdam e Paulsen (1991), Viterna (2006) apontou que esse modelo não dá conta de explicar o recrutamento das

guerrilheiras da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN). Os motivos para o engajamento dos três perfis de militantes são diferentes: as *guerrilheiras politizadas* foram levadas à participação na guerrilha por suas crenças fortes nas causas políticas da FMLN; as *guerrilheiras relutantes* foram empurradas para os acampamentos da guerrilha porque a repressão deixou-as sem outras opções; e as *guerrilheiras recrutadas*, que viviam em campos de refugiados ou em comunidades repovoadas, foram especificamente visadas por recrutadores da FMLN, e foram persuadidas a juntar-se ao movimento, citando dois motivos comuns: o desejo de ter uma aventura na guerrilha e o desejo de retribuir ao FMLN, que ajudou a organizar os campos de refugiados e as comunidades repovoadas. A autora argumenta que existem múltiplas causas conjunturais para a mobilização, mesmo entre indivíduos incorporados dentro de uma identidade produzida em redes similares e em contextos estruturais.

Assim, de um lado McAdam (1986), Nepstad e Smith (1996), Wiltfang e McAdam (1991) argumentam que uma forte identificação com os objetivos do movimento é condição necessária para o engajamento em um movimento de alto risco. De outro, as conclusões do estudo de Viterna (2006) contestam essa afirmação, defendendo que o contexto de repressão e de guerra marca a diferença.

É preciso ponderar que a pesquisa de Viterna (2006) tem um forte apelo para o presente estudo, em virtude da similitude dos contextos estruturais. A Nicarágua e El Salvador são países centro-americanos com problemas econômicos, políticos e sociais similares. Os movimentos FSLN e FMLN tinham objetivos comuns, a tomada do poder, e o mesmo tipo de repertório. Mas, parecem existir diferenças importantes entre os dois casos. Por um lado, a guerrilha rural nicaraguense nunca foi massiva, nem teve territórios livres ou grandes acampamentos guerrilheiros, campos de refugiados ou comunidades repovoadas, como aconteceu em El Salvador. O embate decisivo com as forças somozistas foi do tipo insurrecional e ocorreu nas principais cidades, onde a repressão indiscriminada gerou o envolvimento massivo da população, como mostram os depoimentos dos participantes na revolução nicaraguense. Se os contextos são diferentes, a repressão causou a mesma reação da população: envolver-se porque não havia outra saída.

A população objeto da pesquisa de Viterna (2006) são guerrilheiras de base, enquanto que os e as entrevistadas de Baltodano (2010; 2012) são homens e mulheres da liderança da FSLN, que comandaram os embates com a GN e já vinham participando na FSLN bem antes dos enfrentamentos finais. Isso também poderia marcar uma diferença nos motivos para o engajamento.

Dois dos tipos de recrutamento que Viterna aponta, *guerrilheiras relutantes* e *guerrilheiras recrutadas*, têm íntima relação com os contextos situacionais: as primeiras se alistaram por falta de opção diante da repressão; as segundas foram alvo dos ativistas da FMLN nos campos de refugiados ou nas cidades repovoadas, daí a motivação de retribuição, que elas apontam nas entrevistas.

Não foi possível identificar nos depoimentos das pessoas entrevistadas por Baltodano (2010; 2012) motivos parecidos aos mencionados por esses dois tipos de guerrilheiras. Ao contrário, o caso nicaraguense mostra que os ativistas foram sendo socializados no dia a dia do movimento estudantil e cristão, ou nas relações anteriores a seu recrutamento com a família e amigos, e sugerem uma forte identificação com os valores e objetivos do movimento.

Esse é o caso de Marina Torres, que desde muito jovem participou nos grupos cristãos que se reuniam para estudar temas da *Bíblia* relacionados à realidade nacional e à justiça social. Ela foi recrutada em 1974, aos 19 anos, quando cursava o primeiro ano de universidade e trabalhava como professora primária.

Minhas motivações eram totalmente cristãs. Sou filha de um pastor evangélico. Meu pai, José Miguel Torres, foi pastor da Igreja por 55 anos, e ele nos inculcou profundamente valores de salvação, libertação. [...] Ensinou-nos a sermos respeitosos da dignidade das pessoas, a falar a verdade e a lutar pela justiça. [...] Essas foram as bases fundamentais. Custei muito a passar à ação militar, porque creio muito no respeito à vida.

Outros três fatores – disponibilidade biográfica, laços com organizações e relacionais prévios ao engajamento – jogam um papel fundamental no recrutamento nos movimentos de alto risco, de acordo com o modelo de McAdam (1986). Por isso, examinar-se-á sua aplicação ao caso nicaraguense.

O conceito de disponibilidade biográfica diz respeito à "ausência de impedimentos pessoais que possam incrementar os custos e riscos da participação no movimento, como um emprego de tempo integral, casamento e responsabilidades familiares" (MCADAM, 1986, p. 70). O autor sugere um vínculo entre ativismo e ausência dessas limitações biográficas. Em seu modelo, a disponibilidade está correlacionada positivamente com a idade: quanto mais jovem a pessoa é, maior é probabilidade de não ter limitações pessoais.

A partir do conceito proposto por McAdam, é possível aferir a disponibilidade biográfica das(os) entrevistadas(os) por meio de duas categorias:

1. Idade, medida em anos no momento do engajamento;
2. Flexibilidade de tempo.

A extrema juventude das(os) participantes ao momento de selar seu compromisso com a FSLN está refletida nos dados da Tabela 3. Mais de 84% tinham entre 16 e 24 anos – uma proporção quatro vezes mais alta do que a proporção dessa mesma faixa etária na pirâmide geográfica (19%), tomando como referência o ano de 1970.

Tabela 3 - Faixa etária da(o) entrevistada(o) no momento da sua filiação à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

	N°	%
Menor que 18 anos	34	33,3
Entre 18 e 24 anos	52	51,0
Entre 25 e 39 anos	16	15,7
Total	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

De acordo com o modelo de recrutamento microestrutural, a juventude dos participantes está relacionada diretamente à ausência de compromissos de maternidade ou paternidade. Sobre essa variável não há dados disponíveis para 18,6% das(os) entrevistadas(os). Por meio de outras fontes⁶⁴, foi possível confirmar que 71,6% não eram pais ou mães no momento do engajamento, e que 9,8% (seis homens e quatro mulheres) tinham entre um e quatro filhos.

Apenas uma das entrevistadas, Gladys Báez, costureira, faz menção ao fato de ter deixado os dois filhos com a mãe semi-inválida para ir à guerrilha (o pai das crianças era alcoólatra). Antes de ir, ela encontrou Carlos Fonseca, que lhe perguntou se ela não achava que estava sendo irresponsável com os filhos. Ela respondeu: "Creio que não, porque sempre estou cuidando deles. Além disso, minha mãe é a avó do bairro e aos meus filhos pode faltar comida se estão comigo, mas nunca se estiverem com minha mãe" (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 231).

Gladys foi criada pela mãe, como muitas mulheres nicaraguenses que também criam seus filhos sozinhas. Os dados de Montenegro (2000), acima comentados, confirmam que, em um quarto dos lares nicaraguenses, as mulheres são chefes de família. Gloria Carrión, coordenadora geral da Associação de Mulheres Luisa Amanda Espinoza, declara que "a mulher nicaraguense é, dentro do lar, tanto o pilar ideológico e emotivo, como econômico: sobretudo nos

⁶⁴ Amigos e amigas das pessoas entrevistadas.

setores populares" (RANDALL, 1982, p. 43). Nenhum dos homens entrevistados fez considerações sobre o constrangimento de deixar os filhos ao entrar na FSLN.

Decerto, ser mulher e ficar grávida na clandestinidade requer também comprometimento para não abandonar a organização. Nas entrevistas, há relatos de algumas mulheres que tiveram seus filhos em situação de clandestinidade. Uma delas é a própria autora, Baltodano. Em entrevista concedida em 2003, ela relata que teve seu filho em 1976 e "a experiência mais traumática da minha vida guerrilheira foi a separação do meu filho. Foi a única vez que me perguntei se valia a pena seguir nessa forma de luta clandestina. [...] Passei quase um mês chorando depois que tomei a decisão de que ele ficasse com minha mãe. [...] É a parte mais difícil da mulher que fica comprometida: a separação dos filhos" (KOROL, 2003).

Quxabel Cárdenas, estudante universitária, também ficou grávida na clandestinidade e teve que dar uma pausa na militância, em fevereiro de 1978, em pleno ciclo de confronto, para sua filha nascer. Não faz referência na entrevista a seus sentimentos, só menciona que 25 dias depois de ela ter nascido, reintegrou-se à FSLN para dar treinamentos militares, o que lhe trouxe problemas de saúde, com os que lidava até o momento da entrevista.

Outro problema mencionado por alguns dos entrevistados foi a situação de pobreza familiar e a obrigação de colaborar com os pais. Essa responsabilidade era uma barreira para o ativismo. Um deles declara que, estando ligado ao movimento, "[...], fui vendo que era possível combinar o trabalho revolucionário com as responsabilidades com a minha família – que era muito pobre. Até que chegou um momento em que vi que não era mais possível. [...] Sabia que era mais importante a grande família que a pequena família" (ARIAS, 1985, p. 63). Outro, relembra as dúvidas: "meus pais sempre se esforçaram para criar os filhos. Para mim, era difícil tomar um rumo que poderia ser de sofrimento para eles" (BALTODANO, 2012, Tomo 4, p. 564).

É evidente que ser muito jovem e estar livre de compromissos familiares de qualquer natureza, seja ser casado, ter filhos ou ser arrimo de família, facilita o compromisso com o ativismo em organizações clandestinas como a FSLN. Contudo, os depoimentos acima mostram que as barreiras biográficas foram transpostas por muitos ativistas no momento de tomar decisões em relação a seu engajamento. Assim, se é verdade que para a maioria dos ativistas a disponibilidade biográfica é um fator explicativo para o engajamento, não se pode dizer que é uma dimensão que explique o engajamento de todos eles.

Além da idade, o modelo de McAdam (1986) apresenta a variável flexibilidade de tempo como categoria que predispõe para o engajamento. Estudantes e aposentados teriam

mais possibilidades de engajar-se nos movimentos de alto risco do que indivíduos com trabalho de tempo integral.

Aqui, é importante ter em conta a diferença entre os Estados Unidos e a Nicarágua em termos de mercado de trabalho, que é abismal. O mercado de trabalho nicaraguense tem altíssimas taxas de informalidade e instabilidade. A categoria *trabalho por conta própria*, por exemplo, não necessariamente predispõe à participação, e um terço da população economicamente ativa na Nicarágua, na década de 70, a ela pertencia, por falta de emprego formal, como Vilas (1985) pontuou.

A Tabela 4 mostra que 65,7% dos ativistas da FSLN eram estudantes. Como se vê, eles são a maioria absoluta dos ativistas, confirmando uma observação que sempre é reiterada em estudos de mobilização. Os religiosos (2%) têm uma profissão afim com as causas sociais, como sugerem Wiltfang e McAdam (1991), apontando que algumas estruturas do mundo profissional parecem permitir alguma regularidade de participação no ativismo, enquanto outras estruturas restringem a participação. No caso do movimento *Sanctuary*, o fato de ser um movimento com bases religiosas permitiu que muitos religiosos participassem das atividades de apoio aos centro-americanos não documentados, sem precisar deixar seus empregos.

No caso aqui investigado, como se vê na tabela abaixo, a flexibilidade de tempo variava conforme as categorias *trabalhadores por conta própria* (fundamentalmente camponeses e artesãos), *empregados com vínculo* (professores e jornalistas), *trabalha e estuda* (estudantes universitários que trabalhavam, trabalhadores agrícolas/camponeses que estudavam no primário):

Tabela 4 - Flexibilidade de tempo da(o) entrevistada(o) filiada(o) à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

	Nº	%
Empregados com vínculo	10	9,8
Trabalhadores por conta própria	6	5,9
Estudantes	67	65,7
Religiosos	2	2,0
Trabalha e estuda	7	6,9
Sem informação	10	9,8
Total	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

Os trabalhadores dessas três categorias participaram nas atividades da FLSN, apesar de seus vínculos. Suas carreiras militantes foram muito diferentes: a) deixaram suas profissões

e passaram à vida clandestina, pela necessidade de quadros que tinha o movimento, ou por perseguição; b) ficaram na legalidade, realizando atividades públicas e clandestinas e só se envolveram nas atividades militares na insurreição; c) ficaram nas atividades políticas e nunca se envolveram em atividades militares; d) ficaram na prisão.

Provavelmente, perceber que sua participação contribuía com o movimento ajudou essas pessoas a superar suas barreiras biográficas. Os resultados do estudo de Passy e Giugni (2001) mostram que as percepções subjetivas têm um papel importante na disponibilidade biográfica. Seus achados sugerem que os potenciais participantes de um movimento só se envolvem mais fortemente, dedicando tempo às atividades políticas, quando sentem que seu engajamento faz diferença, ou seja, em combinação com outros fatores motivacionais, nomeadamente o interesse.

A análise dos achados de Nepstad e Smith (1999) sobre o movimento *Nicaragua Exchange* não confirma que as medidas de disponibilidade biográfica utilizadas por McAdam – flexibilidade de tempo de trabalho, idade e renda – tenham influenciado na decisão das(os) voluntárias(os) participarem na campanha. Aquelas(es) cujas ocupações eram as mais exigentes e tinham menos flexibilidade de tempo foram as(os) mais propensas(os) a tornar-se membros das brigadas, e os que não estavam trabalhando, como estudantes e aposentados, de quem se esperaria que tivessem maior disponibilidade biográfica, foram as(os) mais tenderam a abandonar a campanha.

Os autores ponderam que uma possível explicação para a emergência da consciência política dos membros das brigadas tenha sido o efeito da coorte da geração dos anos 1960-1970: os estudantes ativistas dos anos 1960 são, nos anos 1980, ativistas de alto risco. Essa explicação, afirmam, é consistente com o que McAdam (1988) encontrou no caso dos voluntários do *Freedom Summer*, que se tornaram líderes dos movimentos de mulheres, em favor da liberdade de expressão, e contra a guerra. A experiência da campanha de alto risco solidificou suas convicções e eles mantiveram um alto grau de envolvimento com a política progressista, mesmo décadas depois.

Outra explicação possível, afirmam os autores, é que eles possuíam competências e habilidades para superar essa falta de disponibilidade biográfica, o que se coaduna com o encontrado por Wiltfang e McAdam (1991) no movimento *Sanctuary*, no qual paternidade e emprego de tempo integral foram positivamente correlacionados com ativismo de alto risco/alto custo. Provavelmente, dizem os autores, a capacidade de organização e de gestão dos ativistas do *Sanctuary* permitiu-lhes superar as restrições de indisponibilidade biográfica.

Viterna (2006) utiliza a variável maternidade, integralidade da família e idade para medir as barreiras biográficas das mulheres guerrilheiras de El Salvador. Integralidade da família significa viver numa família completa, seja com o pai e a mãe, ou com o cônjuge, pessoas que tentariam impedir o engajamento das mulheres na guerrilha. Os resultados confirmam que as características biográficas das *guerrilheiras politizadas* não foram fundamentais para a sua mobilização. Biograficamente, as *guerrilheiras relutantes* eram diversas. Ao que parece, a situação de crise motivou todas as categorias biográficas de mulheres (mais velhas e mais jovens, mães e não mães) nos acampamentos da guerrilha. As *guerrilheiras recrutadas* eram jovens, não tinham filhos, e a maioria tinha famílias incompletas. Essas biografias certamente sugerem poucos obstáculos à participação.

No caso da Nicarágua, as biografias de um pouco menos de 70% das e dos ativistas entrevistados(os) tinham predisposição para o engajamento. Mais de 22%, entretanto, conseguiram transpor as barreiras biográficas, seja pela capacidade de gestão, seja pela percepção individual da importância do seu engajamento para a missão que o movimento se propunha. O caso de El Salvador mostra que os padrões de recrutamento são mais complexos e dependem muitas vezes dos contextos em que as pessoas se encontram, mais ainda no meio de uma guerra.

3.3 LAÇOS SOCIAIS E CONTEXTOS DE RECRUTAMENTO

McAdam e Paulsen (1993) aprofundaram o modelo microestrutural de recrutamento de McAdam (1986), examinando melhor os fatores estruturais: os laços sociais interpessoais e a filiação anterior dos ativistas em organizações, a partir de novos dados coletados entre os candidatas(os) ao projeto *1964 Mississippi Freedom Summer*. Conhecer alguém que já está envolvido num movimento social é um dos fatores mais fortes de predição da adesão. Pertencer a uma organização, por sua vez, é uma boa maneira de conhecer pessoas, e a probabilidade de ser puxado para dentro das atividades do movimento social aumenta por meio do contato com os outros.

A tendência das(os) pesquisador(as)es é estudar apenas os laços que unem ativistas a outras(os) ativistas, esquecendo o conceito de multiplicidade dos laços sociais (MCADAM e PAULSEN, 1993). Qualquer pessoa está inserida em muitos relacionamentos e qualquer decisão importante provavelmente vai ser mediada por um subconjunto significativo dessas rela-

ções. Isso é aplicável à participação no ativismo em geral e ao ativismo de alto risco em particular, levantando a questão crítica de como o indivíduo vai levar em conta os conselhos que recebe.

O conceito da multiplicidade dos laços sociais leva a outra questão: a noção de relevância da identidade. É a centralidade e importância das relações com os outros que servem para estabelecer e sustentar a importância das diversas identidades. Quando aplicada ao processo de recrutamento, a decisão de aderir a um movimento será mediada pela relevância da identidade evocada pelo movimento e pelo apoio que o ativista recebe (ou não) das pessoas que normalmente servem para manter ou reforçar a identidade em questão (MCADAM E PAULSEN, 1993).

Tomando como base os dados empíricos da campanha *Freedom Summer*, McAdam e Paulsen (1993) definiram, em primeiro lugar, todos os grupos e indivíduos que receberam apoio para participar da campanha (seja de pais, amigos, professores, organizações de direitos humanos, grupos religiosos, outros voluntários). Depois, examinaram as dimensões dos laços estabelecidos com cada um desses grupos e indivíduos: se laços fortes ou fracos, e a relevância dos laços. O estudo revelou a relação positiva significativa entre laços fortes e participação, e a ausência de qualquer relação entre laços fracos e envolvimento. Também sugere que, no nível micro, os laços são menos importantes como canais de informação e fundamentais como fontes de influência social. Quanto mais forte o laço, mais forte a influência exercida sobre o ativista em potencial.

Para mensurar a relevância dos laços, as(os) candidatas(os) ao projeto foram indagadas(os) sobre as razões que as(os) levaram a participar da campanha. Elas(es) alinharam-se às ideias de comunidades/identidades específicas, confirmando também que estavam afiliadas(os) a essas organizações. A concordância com as ideias e a afiliação permitiram criar a variável contexto de recrutamento (professores, comunidade religiosa, socialistas/esquerdistas, liberais, democratas, movimento pelos direitos civis), que serviu para atrair as pessoas para o projeto.

A conclusão é que nem a incorporação organizacional, nem fortes laços com outras(os) voluntárias(os) são variáveis fundamentais para o envolvimento no ativismo de alto risco. Em vez disso, é a forte identificação subjetiva com uma identidade particular, reforçada por laços organizacionais ou individuais, que encoraja particularmente a participação.

O modelo de McAdam e Paulsen (1993, p. 647) sugere que a decisão final de participar em um movimento depende da confluência de quatro mecanismos:

(1) a ocorrência de uma tentativa de recrutamento específico, (2) a ligação bem-sucedida entre movimento e identidade, (3) o apoio para essa vinculação de pessoas que normalmente servem para sustentar a identidade em questão, e (4) a ausência de forte oposição de outros de quem dependem outras identidades relevantes.

O modelo de McAdam e Paulsen (1993) é aplicado a seguir à relação entre os laços sociais e o ativismo na FSLN. Como os autores trabalharam com dados empíricos de participantes e não participantes, este trabalho apenas checará se os fatores mencionados estão presentes no ativismo das(os) sandinistas, a partir dos depoimentos dados a Baltodano.

Com base nesse modelo, argumenta-se, a seguir, que os laços organizacionais das(os) prováveis ativistas da FSLN reforçaram sua identidade antissomozista e tiveram uma função de socialização nos enquadramentos interpretativos do sandinismo. Será utilizado o conceito contexto de recrutamento (MCADAM e PAULSEN, 1993) para capturar as principais comunidades/identidades que serviram de base de recrutamento da FSLN.

Diferentemente da campanha de alto risco *1964 Mississippi Freedom Summer*, inserida num contexto legal de atividades políticas num país democrático, a FSLN, como movimento clandestino numa ditadura, promoveu na mais importante dessas comunidades/identidades, o movimento estudantil, o fortalecimento da identidade antissomozista e a socialização dos valores sandinistas. Em outras palavras, as organizações clandestinas dependiam de fortes laços de confiança entre recrutadores e recrutados, o que diminui suas possibilidades de recrutamento. Portanto, é fundamental para sustentar e ampliar sua base, que os recrutadores tenham um papel aguerrido nesses contextos.

De acordo com Passy e Giugni (2001), os laços formais (participação em organizações sociais ou políticas) e informais (parentesco e amizade) têm uma função de socialização. A inserção prévia dos indivíduos nessas redes coloca-os em uma estrutura interativa, que lhes permite definir e redefinir seu enquadramento interpretativo do mundo social. Como resultado, ganham consciência política em relação a um tema particular. Eles sugerem pensar a socialização como um papel cultural das redes, enquanto que o recrutamento pode ser visto como seu papel estrutural. A primeira intervém no começo do processo e tem lugar no longo prazo; o segundo, tem lugar no final do processo, criando um contato entre o participante em perspectiva e o movimento.

A inserção dos ativistas da FSLN nos *contextos de recrutamento* da FSLN é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5 - Laços organizacionais prévios à filiação na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

	Nº	%
Movimento estudantil	36	35,3
Movimento religioso	23	22,5
Partido político/movimento político/armado	18	17,6
Movimento sindical	3	2,9
Nenhum laço organizacional	20	19,6
Sem informação	3	2,9
Total	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

A universidade é um local social onde as pessoas estão provavelmente mais dispostas a adotar teorias e comportamentos revolucionários do que as pessoas de outros locais sociais (WICKAM-CROWLEY, 1992). Uma de suas características é sua autonomia de funcionamento em relação ao conjunto da sociedade.

O modelo latino-americano de autonomia universitária, inaugurado em Córdoba, na Argentina, em 1918, foi adotado por muitas universidades latino-americanas, incluindo a universidade pública nicaraguense.

Depois de uma campanha dos estudantes e professores, a UNAN tornou-se autônoma, em 1958, mediante um decreto de Luis Somoza. Esse fator estrutural jogou a favor da organização dos estudantes: espaço de democratização da vida estudantil, liberdade de cátedra, participação dos estudantes na junta universitária, inviolabilidade do *campus* e segurança frente à repressão da GN. Há vários relatos dos ativistas que, quando eram perseguidos na clandestinidade pela GN, corriam aos recintos universitários procurando proteção.

Os movimentos estudantis universitário e secundarista⁶⁵ constituem o contexto de recrutamento mais importante para a FSLN. Mais de um terço das(os) entrevistadas(os) foram recrutadas(os) nesses movimentos, a partir de 1968. A organização na qual mais ativistas participaram foi a Frente Estudantil Revolucionária (FER). Fundada em 1962 por estudantes de esquerda das duas únicas universidades do país, a UNAN e a Universidade Centro-americana (UCA)⁶⁶, a FER era conhecida dos estudantes porque concorria todo ano às eleições universi-

⁶⁵ Inclui as organizações: 1) a Frente Estudantil Revolucionária (FER); 2) o Movimento de Estudantes da Secundária (MES), que em algumas regiões era chamado de Associação de Estudantes da Secundária (AES); 3) alguns mencionam a Organização de Estudantes de Secundária (OES) do Colégio Centroamérica, colégio privado; 4) o Centro Estudantil Ramírez Goyena (CERG), instituto público.

⁶⁶ Ver primeiro capítulo.

tárias. Em algumas ocasiões perdeu por poucos votos para a democracia-cristã, sua principal concorrente na década de 1960.

No II Congresso dos Estudantes, em 1963, a FER mostrou um claro alinhamento com a FSLN, e vários de seus membros foram eleitos dirigentes do Centro de Estudantes Universitários da UCA (CEUCA). Também nesse congresso, a FER promoveu a organização dos estudantes nos colégios e institutos de secundária, escolas normais e institutos de comércio (BALODANO, 2010, Tomo 1). Naqueles anos, já existia a FER no Instituto Nacional Ramírez Goyena, um dos mais prestigiados colégios do país, conhecido pela participação de seus estudantes na agenda dos movimentos sociais.

As disputas eleitorais para chegar à presidência do Centro Universitário da Universidade Nacional (CUUN) eram para valer e envolviam plataformas disputadas com as outras forças políticas. Nas universidades, existiam outras forças organizadas, como os democrata-cristãos e os socialistas – antissomozistas com um discurso bem menos radical –, e as forças liberais somozistas como a Frente Estudantil Liberal (FEL). Os documentos do IV Congresso dos Estudantes, em 1969, falavam em defesa da autonomia universitária, propunham a violência organizada como único método de conseguir a independência do país, e posicionavam-se contra a oligarquia, a ditadura e o imperialismo, em claro apoio ao programa da FSLN.

A participação na FER permitia aos ativistas redefinir o enquadramento interpretativo de seu mundo social, familiarizando-se com o enquadramento do sandinismo. As(os) ativistas recrutadas(os) na FER rememoram o clima do final da década de 1960 no mundo e na América Latina. Os movimentos latino-americanos em alta, a guerra do Vietnã, as mobilizações de maio 68, o Realismo Mágico latino-americano e, na Sociologia, a Teoria da Dependência, eram lidas e discutidas nas cafeterias das universidades. Por outro lado, a FER mudou a comunicação com as(os) estudantes, e a arte passou a ter um papel importantíssimo. A poesia, o teatro e a música levavam os enquadramentos sandinistas das atividades estudantis aos movimentos populares (BALODANO, 2010, Tomo 1).

Os nicaraguenses de famílias ricas, que foram estudar na Europa, participaram nas universidades dos movimentos de apoio às lutas do Terceiro Mundo, e assim foram socializados nos valores anti-imperialistas. Estando ainda na Europa, foram à procura de contatos com a FSLN e a ela⁶⁷ se alinharam. Outro grupo foi recrutado na Universidade Patrice Lumum-

⁶⁷ Universidade de Berlin: Eduardo Contreras, Enrique Schmidt, Jacobo Marcos e René Vivas (BALODANO, 2010, Tomo 1, p. 647). Vivas foi entrevistado por Baltodano (2010, Tomo 1).

ba⁶⁸, em Moscou, por um antigo estudante desse centro. Um dos recrutados era da juventude do PSN, outros tinham famílias próximas ao PSN, e outros ganharam bolsas pelas boas notas nos estudos.

O segundo contexto de recrutamento mais importante foi o movimento religioso⁶⁹, com 22,5% das(os) ativistas recrutadas(os) nesse espaço. Foram incluídas nesse contexto as pessoas que iniciaram seu ativismo nos movimentos cristãos, mesmo que depois tenham tido laços com o movimento estudantil dos colégios ou universidades. A quase totalidade dos recrutamentos entre cristãos ocorreu entre 1970 e 1977, e o maior número de recrutadas(os) veio do Movimento Cristão Revolucionário (MCR)⁷⁰.

O terceiro contexto de recrutamento está relacionado à participação em partidos políticos e movimentos políticos e armados, e é bastante heterogêneo. Ao todo, 17,6% das(os) entrevistadas(os) tinham laços prévios com partidos e movimentos, como mostra a Tabela 5. Trata-se de um contexto bastante heterogêneo. Estão incluídos: 1) o Partido Socialista Nicaraguense (PSN) e o Partido Conservador; 2) os movimentos políticos de resistência civil e os movimentos armados do ciclo de confronto 1958-1963; 3) os partidos de esquerda no exterior.

Dada a heterogeneidade do contexto, os recrutamentos tiveram padrões muito diversos em comparação com o movimento estudantil e cristão. Ao PSN, estavam afiliadas(os) as(os) fundadoras(es) da FSLN e ativistas recrutadas(os) na década de 1960, os quais romperam seus vínculos a partir do triunfo da Revolução Cubana, visualizando outro caminho para a revolução nicaraguense. Também eram do PSN alguns membros dos grêmios de sapateiros e alfaiates, além de camponeses, que se organizaram na luta por direitos sociais e terra. Ativistas dos movimentos armados e de resistência civil do ciclo de confronto 1958-1963, como comentou-se no primeiro capítulo, participaram de vários movimentos políticos e armados, até aproximarem-se das guerrilhas da FSLN. As bases do Partido Conservador estavam espalhadas fundamentalmente no campo. Os sandinistas perceberam que eram naturalmente contra o regime somozista e foram à caça deles.

⁶⁸ Universidade Patrice Lumumba: Henry Ruiz, Denis Romero, José Valdivia, Juan José Quezada, Leticia Herrera, Pedro Aráuz, René Tejada. Ruiz, Herrera e Valdivia, únicos sobreviventes, foram entrevistados por Baltodano (2010, Tomo 1-3).

⁶⁹ Inclui: 1) o Movimento Cristão Revolucionário (MCR); 2) o Movimento Estudantil Cristão (MEC); 3) os Delegados da Palavra de Deus; 4) a Juventude Universitária Católica (JUC); 5) a Ação Católica (AC); Juventude Franciscana (JUFRA).

⁷⁰ Para mais detalhes sobre o enquadramento cristão revolucionário e a aproximação de cristãos à Frente Sandinista, ver o segundo capítulo.

Finalmente, ativistas estrangeiras(os) vieram do exterior para participar, por meio das redes de contato da FSLN nos seus países⁷¹.

A Tabela 5 mostra que, entre as(os) entrevistadas(os), poucas(os) foram recrutadas(os) no contexto de recrutamento do movimento sindical. A eles poderiam somar-se alguns das(os) ativistas do PSN, que também tinham vínculos com a organização sindical. É provável que o movimento sindical esteja sub-representado no conjunto das entrevistas. Contudo, é conhecido que o nível de organização associativa na Nicarágua sempre foi muito pequeno, quando comparado com os outros países da América Central.

I Puig (2002) afirma que o nascimento e a ativação das organizações de massas foi, em grande parte, resultado da ação das(os) militantes sandinistas, com o objetivo de articular grupos de apoio geral à luta armada. Assim surgiram, em 1977-1978, a Associação dos Trabalhadores do Campo (ATC), os Comitês de Defesa Civil (CDC), a Associação de Mulheres Frente à Problemática Nacional (AMPRONAC), ao contrário do que aconteceu em El Salvador, onde a rede associativa de caráter popular tinha uma longa tradição e nunca foi incondicionalmente subordinada às orientações dos guerrilheiros.

Sindicatos e federações de professores precederam as organizações mencionadas por I Puig, mas a repressão foi tão violenta, que terminaram destruídos, como foi o caso da Federação Sindical dos Professores da Nicarágua (FSMN). Dois das(os) entrevistadas(os) de Baltodano foram recrutadas(os) nesse contexto sindical, em 1972 e 1974, respectivamente. Ambos explicam que a promulgação do Código do Trabalho na Nicarágua só ocorreu em 1950, quando foram organizados os sindicatos de artesãos, motoristas e professores, entre outros. Somoza García promulgou o Código para contar com o apoio das(os) trabalhadoras(es) à sua reeleição, e sempre tentou cooptar essas organizações – o que, em parte, conseguiu.

Entre 1969 e 1971, é importante destacar que foi organizada a primeira grande campanha da Federação dos Professores, chamada *A Dignificação do Magistério*. Mal havia começado, a sede da Federação foi invadida por forças paramilitares somozistas, sob o pretexto de que havia armas e explosivos. Somoza Debayle mandou funcionários da prefeitura de Manágua bater nos professores, para que a GN ficasse resguardada. Diante da ofensiva do governo, os líderes sindicais, em coordenação com a FER, levaram o comando geral da greve ao CUUN. Essa campanha teve grande impacto na população de todo o território nacional, estendendo-se aos bairros que se solidarizaram com os professores. Foi mencionada por muitas(os) estudantes entrevistadas(os) por Baltodano como a primeira mobilização de que parti-

⁷¹ Víctor Tirado, do México e Quxabel Cárdenas, de Honduras.

ciparam os colégios e universidades. Em resposta à mobilização, foram expulsas(os) por Somoza Debayle, entre 1969-1971, mais de 600 professores, que só conseguiram sua reintegração ao sistema educacional depois do triunfo da revolução; outros foram transferidos a locais longínquos.

A partir de 1976, as três tendências políticas da FSLN iniciaram um trabalho de reorganização das e dos docentes, congregando os três níveis de professores – de educação primária, secundária e universidade. Em 1978, realizou-se o I Seminário, que juntou todas as organizações de professores e professoras, aprovando os estatutos do que seria, após o triunfo da revolução, a Associação Nacional dos Educadores da Nicarágua (ANDEN).

O relato abaixo serve como exemplo do que foi a história das organizações sindicais na Nicarágua, e de sua complexa relação com a repressão – que às vezes constituiu uma oportunidade para as mobilizações, e outras representou a decapitação dos movimentos. No caso das(os) professores, a repressão desmobilizou a Federação e transformou a luta sindical num movimento clandestino, como relata o professor Alejandrino Perera (BALODANO, 2010, Tomo 1, p. 338-9):

[...] o somozismo foi feroz: mandou embora muitos professores, destruiu a Federação, confiscou as sedes, confiscou as contas. [...] Nós analisamos que a forma sindical não tinha lugar na Nicarágua sob a ditadura de Somoza [...] e fomos formando células em diversos institutos. [...] Éramos vários grupos de professores organizados, mas já nas células da FSLN.

Finalmente, cerca de 20% das pessoas entrevistadas não tiveram laços organizacionais prévios declarados nas entrevistas, como mostra a Tabela 4. O recrutamento ocorreu por meio de laços interpessoais fortes (amigos, parentes ou colegas). Um terço dessa(es) ativistas declararam que membros de suas famílias eram militantes ou colaboradores da FSLN. Outros, foram recrutados por amigos e passaram diretamente às atividades de conspiração, sem participar de outros partidos ou movimentos, como foi o caso de Glauco Robelo. Sua família era reconhecidamente antissomozista na cidade de León e ele vivia rodeado de ativistas, em casa e no bairro. Foi recrutado em 1972, aos 15 anos, por um dos membros do Diretório da FSLN que seu pai hospedava. Ele e os primos revezavam-se para levar comida ao tio, que ficou dez anos preso, e perdeu vários familiares em diferentes lugares: na guerrilha de Pancasán, metralhado na rua, em enfrentamentos com a GN. Robelo (BALODANO, 2010, Tomo 3, p. 283) narra seu processo de socialização no ativismo da FSLN:

Minha empatia pela Frente veio primeiro por meio de um primo, que morreu em Pancasán. [Um amigo] me falou sobre a Frente e pediu que o ajudasse a

vigiar qualquer coisa estranha que eu visse no quarteirão. [...] Começamos a checar as horas em que passavam as patrulhas [da GN]. [...] Comecei a levar papeizinhos de um "tio grande" que estava na minha casa. Havia um monte de "tios novos" fechados o dia todo, lendo. E resultou que um dos tios era Pedro Aráuz. Ele me disse que não falasse nada a meu pai, que era um segredo entre ele e mim. Eu levava e trazia papeizinhos de Subtiava, do famoso Magnus Bervis, dono de *O Forte*, sua casa, onde escondia um arsenal de armas. [...] Depois, *Federico* [Pedro Aráuz] [...] treinou-me para armar e desarmar [armas], [...] seguindo as medidas de segurança [...]. Eu era muito jovem, mas via a pobreza da Frente Sandinista, então Pedro mandou que eu fizesse contato com vários políticos conservadores, várias pessoas que meu pai lhe indicava, e consegui colaboradores econômicos. Posteriormente, ele tomou meu juramento como militante da Frente [...].

O juramento que Robelo menciona foi escrito por Carlos Fonseca. Constava do artigo 6º dos estatutos da FSLN, e era tomado pelos recrutadores dos recrutados, na hora do convite e do aceite. Foi criado porque "era necessário oficializar símbolos, juramento, direitos e deveres, afirmar as práticas da crítica e da autocritica, adotar uma estrutura orgânica", aponta Tomás Borge (BORGE, 1989, p. 245). O juramento assim dizia:

Con mi pensamiento y mi corazón puestos en el inmortal ejemplo patriótico de Augusto César Sandino y de Ernesto Che Guevara; ante el recuerdo de todos los héroes y mártires, por la liberación de Nicaragua, América Latina y la humanidad entera; ante la historia, pongo mi mano sobre la bandera roja y negra que significa Patria Libre o Morir. Juro defender con las armas en la mano el decoro nacional y combatir por la redención de los oprimidos y de los explotados de Nicaragua y del mundo. Si cumplo este juramento, la liberación de Nicaragua será mi premio; si traiciono este juramento, la muerte oprobiosa y la ignominia serán mi castigo.

Hugo Torres (TORRES, 2005, p. 40) foi recrutado para a FER por um amigo, e depois para a FSLN, por outro amigo, ambos da universidade. Esse último deu as senhas para encontrar com um terceiro, um dos chefes da resistência urbana:

Mesmo que Pedro [Aráuz] não tenha feito eu recitar o juramento a que estavam conscientemente obrigados os novos militantes, deixou claro para mim – depois de dar-me de forma fraterna as boas-vindas à Frente – quais seriam no futuro meus deveres e responsabilidades. Embora eu ache que não deixava transparecer, estava experimentando emoções muito fortes: alegria, orgulho e um pouco de nervosismo.

Passy e Giugni (2001) argumentam que é mais provável que ocorra um forte envolvimento em um ativismo de alto risco quando as pessoas são recrutadas por outras com quem mantêm laços fortes. Já della Porta (1998) pontua que o recrutamento na clandestinidade "de-

pende de fortes laços de confiança entre os recrutadores e os recrutados, daí que as possibilidades de recrutamento para as organizações clandestinas são sempre limitadas" (p. 5).

Na FSLN, mesmo aqueles que tiveram laços organizacionais prévios, foram recrutados por pessoas com quem tinham laços interpessoais fortes. Mais de três quartos das pessoas entrevistadas por Baltodano (2010; 2012) mencionam que seu recrutamento foi efetivado por amigos ou familiares. Encontraram amigos nas organizações estudantis, cristãs, partidos e movimentos políticos e sindicais. A Tabela 6 mostra os dados.

Tabela 6 - Laços interpessoais prévios à filiação na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

	Nº	%
Laços fortes (amigos, parentes, colegas)	79	77,5
Desconhecidos	3	2,9
Aproximou-se por conta própria	6	5,9
Sem informação	14	13,7
Total	102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

Também ocorreram recrutamentos de ativistas que se aproximaram por conta própria mas, no início, eles não foram bem-vindos. Modesto Rojas, do bairro indígena de Subtiava, foi recrutado em 1978, aos 39 anos. Piloto militar da Força Aérea Nicaraguense (FAN), retirou-se em 1965 porque suas atividades anticorrupção incomodavam a corporação.

Rojas explica que entrou na GN porque queria ser piloto de aeronaves. Sendo de uma família pobre, a única alternativa era a Academia Militar. O pai, tenaz antissomozista, opôs-se no início, mas, diante da persistência do filho, terminou aceitando. Depois que deixou a FAN, ele entrou na UNAN para estudar Engenharia Civil e tentou contato com a FER, mas não se cristalizou como militante, por desconfiança dos estudantes.

Quando seus companheiros de estudos se envolveram na FER, ele começou a colaborar com as três tendências da FSLN. Rojas recebeu, em 1978, a proposta de filiação à FSLN-GPP (Guerra Popular Prolongada) e foi apresentado a William Ramírez "Aureliano", que pediu para ele estar pronto para quando a FSLN tivesse um avião. Rojas (BALTODANO, 2010, Tomo 3, p. 385) narra:

Eu estava sempre esperando, esperando, esperando, e pensava: “nunca vai chegar minha vez”. No dia 15 de junho de 1979, de manhãzinha, bateram na porta de casa. [O rapaz me chamou para acompanhá-lo, iria conversar com "Aureliano"]. Entendi o que era. Só fui falar com meus filhos, minha mulher

e disse: vou embora. [Eles perguntavam para onde, fazer o quê?]. Só peguei minha pasta, que estava pronta fazia meses com os mapas da América Central, com tudo o que precisava para voar, e fui. [...] Então, William me disse: Vai embora! – Para onde? Vamos te dar uns telefones na Costa Rica. Quando você chegar lá, liga, e alguém vai encontrar com você. – Como eu vou? [...] Esse é um problema seu. Rouba um avião! Falou William Ramírez.

Por incrível que possa parecer, no dia seguinte, Rojas roubou um avião bimotor de uma instituição governamental, num pequeno aeroporto de Manágua. Ele chegou a São José, capital da Costa Rica, e entrou em contato com a FSLN, que comprou uma aeronave. Rojas foi pioneiro de um grupo de pilotos nas arriscadas viagens de abastecimento de armas e munições aos combatentes de Manágua e outras localidades do país, em pistas improvisadas. Na volta, transportavam feridos para a Costa Rica.

Segundo o comentário da autora das entrevistas: "as missões [...] foram fundamentais na luta contra a ditadura. É claro que a Guarda sempre foi superior em armamento e munições. A nossa foi uma guerra irregular. Sem os voos desses ousados pilotos, as coisas teriam sido muito mais difíceis" (BALODANO, 2010, Tomo 3, p. 393).

Esses depoimentos confirmam os achados de della Porta (1988), que apontam que os altos riscos envolvidos no recrutamento em organizações clandestinas podem exigir uma maior ênfase nos laços interpessoais do que em outros tipos de grupos. Além disso, o compromisso nessas organizações vai exigindo gradualmente um maior grau de investimento na participação política.

A identidade antissomozista dos ativistas da FSLN foi reforçada pelos laços organizacionais e individuais prévios ao engajamento. Os laços organizacionais foram capturados por meio de quatro contextos de recrutamento ou comunidades/identidades: movimento estudantil, movimento religioso, partidos/movimentos políticos/armados e movimento sindical.

Mais da metade das pessoas recrutadas foram socializadas no ativismo e nos enquadramentos sandinistas em dois contextos: movimento estudantil e movimento religioso. Especificamente a Frente Estudantil Revolucionária, o Movimento dos Estudantes Secundaristas/Associação dos Estudantes Secundaristas e o Movimento Cristão Revolucionário funcionaram como redes de promoção de consciência política, por meio de campanhas de mobilização relacionadas a temas de interesse dos estudantes, assim como da agenda nacional promovida pela FSLN.

Mais de três quartos dos ativistas da FSLN foram recrutados por pessoas com quem mantinham laços fortes, como amigos e familiares, confirmando a importância desses laços

nas organizações clandestinas, tal como sugere a literatura. Mas os recrutamentos não foram homogêneos. Diferentes conjunturas políticas foram modelando o volume dos recrutamentos e o ritmo das carreiras militantes.

3.4 OS CONTEXTOS DE RECRUTAMENTO E A CONJUNTURA POLÍTICA

Embora no plano micro possa-se pensar nas motivações individuais para o engajamento, nem sempre ele é homogêneo, dependendo das conjunturas sociais, políticas, econômicas ou históricas. Há diferenças no volume de adesão à FSLN, que são explicáveis pelas conjunturas políticas. O objetivo deste subitem é relacionar as diferentes fases da mobilização com o seu volume de recrutamento e a interação com o governo.

Com base nas estratégias, uso e combinação de diferentes repertórios, políticas de recrutamento e efeitos da repressão sobre o movimento, foram definidas cinco fases da Frente Sandinista, nas quais houve incidência distinta de número de recrutados, como se vê abaixo:

Tabela 7 - Filiação da(o) entrevistada(o) à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Nicarágua

Fases	Fases da FSLN	Relação entre governo e oposição	Recrutados	
			Nº	%
1961-1967	Fundação: as guerrilhas rurais	Repressão às guerrilhas, anistia, volta à repressão	13	12,7
1968-1970	Redefinição das estratégias: das guerrilhas rurais às cidades	Governo de Somoza Debayle, repressão nas cidades	14	13,7
1971-1974	Recuo defensivo e a adesão de bases urbanas e rurais	Pacto com a oposição moderada, alta corrupção, enriquecimento	31	30,4
1975-1977	Divisão: aliança com oposição moderada e ofensiva militar	Estado de sítio, contrainsurgência, oposição moderada revoltada	36	35,3
1978-1979	Ciclo de confronto: a chamada à insurreição e à Revolução	Assassinato de líder oposição, alto nível de repressão, isolamento	8	7,8
Total			102	100,0

Fonte: Elaboração própria, a partir da análise das entrevistas de *Memórias da luta sandinista*, 2015.

Em cada uma dessas fases do processo político, certos contextos de recrutamento foram mais significativos do que outros, ao disponibilizar laços organizacionais e enquadramentos interpretativos que impulsionaram indivíduos a se decidirem pelo engajamento político.

Fase 1: As guerrilhas rurais (1961-1967)

A primeira fase do processo político no qual se deu engajamento de alto risco foi a de constituição das guerrilhas rurais, ao longo da década de 1960.

Com a FSLN sob a direção de Carlos Fonseca, entrou em cena no movimento uma nova geração de jovens, que foi se organizando para disputar a liderança da oposição ao regime somozista. A escolha de um repertório violento de confronto e a construção do enquadramento sandinista são as marcas dessa nova oposição.

A Frente Sandinista organizou nesse período duas guerrilhas na montanha, Raití-Bocay (1963) e Pancasán (1967). Sua duração foi curta, aproximadamente 6 meses cada uma, por causa da falta de adesão dos camponeses e do quase aniquilamento de seus integrantes pela repressão da Guarda Nacional. Na prática, esse período não resultou em grandes avanços em termos de recrutamentos⁷².

Entre as duas guerrilhas, a FSLN aliou-se ao PSN e lançou-se a ações cívicas de organização das comunidades pobres e dos sindicatos, assim como à publicação de um jornal. O balanço realizado pelo líder Fonseca sobre esse período, entretanto, considerou o resultado pouco frutífero para os objetivos da FSLN: a atividade cívica praticamente não aumentou o recrutamento de ativistas para engrossar as fileiras da guerrilha.

Do lado do governo, o lançamento da candidatura à presidência de René Schick, amigo da família Somoza, em 1962, reacendeu a esperança de mudança com base num pleito eleitoral e provocou a desmobilização do ciclo de confronto 1958-1963. Schick concedeu a-nistia aos opositores, mas as decisões mais importantes continuavam sendo tomadas pelos irmãos Somoza.

A candidatura de Anastacio Somoza à presidência, em 1966, gerou uma nova mobilização da oposição moderada, que se congregou em torno da União Nacional Opositora (UNO), lançando como candidato Fernando Aguero. A campanha eleitoral recebeu o apoio do jornal *La Prensa*, de Pedro Joaquín Chamorro, ganhando muitos adeptos e liderando os antis-somozistas do país.

A manifestação de fechamento da campanha juntou milhares de pessoas nas ruas, sendo reprimida pela Guarda Nacional e deixando pelo menos duzentos manifestantes mortos e mais de mil feridos. A UNO não conseguiu capitalizar os resultados em seu favor porque as

⁷² Mais informação no primeiro capítulo.

lideranças se refugiaram durante o massacre num hotel próximo, o que as desmoralizou frente a opinião pública. Somoza, em pleito fraudulento, ganhou as eleições para o mandato 1967-1972.

O principal contexto de recrutamento da FSLN nesse período de guerrilhas foram os movimentos armados e a resistência civil do ciclo de confronto 1958-1963, as bases do PSN. O caso de Víctor Guillén "Eulalio" ilustra bem esse tipo de recrutamento. Camponês do Norte, tentou encontrar uma solução ao despojo massivo de terras pelos fazendeiros ocorrido em 1964, indo à procura do Sindicato dos Ofícios Vários (artesãos), na cidade de Matagalpa, organizado pelo PSN. Por indicação do partido, o grupo fundou vários sindicatos nas comarcas, mas nada conseguiu com a luta sindical.

"Eulalio" relata que o fracasso sindical e a oportunidade de conhecer o ativista sandinista, "Pablo Úbeda", o empurraram para as filas da FSLN: "Pensávamos que se não podíamos ganhar a luta civicamente, então tínhamos que passar às armas para ganhar a terra, porque esse era o objetivo" (BALDODANO, 2010, Tomo 1, p. 257). Foi assim que ele começou seu treinamento militar para se engajar na guerrilha de Pancasán, cujos líderes – Carlos Fonseca, Silvio Mayorga, Tomás Borge, José Benito Escobar e "Pablo Úbeda", entre outros – haviam integrado movimentos armados e de resistência civil durante o ciclo de confronto. Antes, os três primeiros eram ativistas do PSN e o abandonaram para fundar a FLSN.

A maior razão de discordância dos jovens com esse partido centrou-se na questão da luta armada, como pontua Henry Ruiz "Modesto". Recrutado em Moscou, em 1967, aos 24 anos, quando era bolsista da Universidade Patrice Lumumba, "Modesto" havia iniciado seu ativismo na juventude do PSN, incentivado por seus tios, que eram líderes sindicais. Ele (BALDODANO, Tomo 1, p. 576) expressa os motivos para juntar-se à Frente Sandinista:

Em Moscou comecei a argumentar que, na Nicarágua, havia um debate no seio do Partido [Socialista] e da Juventude [Socialista] sobre a necessidade de passar à luta armada. [...] Eu tinha ido me convencendo, aos poucos, assim como ia se convencendo um setor da juventude, de que Somoza só poderia ser derrubado a tiros, que não existiam espaços democráticos. [...] Fizemos uma célula clandestina para analisar as possibilidades da luta armada, de fortalecer nossas relações com a Frente [Sandinista].

No início de janeiro de 1968, com a ajuda da embaixada cubana, "Modesto" viajou clandestino a Havana com um grupo de estudantes recrutados em Moscou, para receber treinamento militar. Depois de uma acidentada viagem de quase três anos, que envolveu sua prisão e deportação, conseguiu entrar na Nicarágua, em 1971, e foi diretamente para a montanha, como chefe da guerrilha, onde permaneceu até 1978.

Jovens recrutados no mesmo período alegam que seu processo de engajamento iniciou com a rejeição da repressão da GN contra oponentes desarmados, bem como com a proximidade de amigas(os) antissomozistas. Jacinto Suárez (BALODANO, 2010, Tomo 1, p. 216-7), recrutado aos 16 anos, em 1963, conta que:

À idade de 13 anos, em 1960, vi como Julio Oscar Romero López foi assassinado. Vi, e vivi. [...] Para não enfrentar a população com a GN, colocaram paramilitares, que começaram a bater nas pessoas. Muitos correram, mas Oscar, por causa do seu impedimento físico da poliomielite, estava no final. Como as pessoas estavam se defendendo com pedras, começaram os tiros contra os manifestantes e o alvo foi Oscar, que morreu na hora. [...] Imediatamente depois, [alguns dias] ocorreu o assassinato de Ajax Delgado [membro da Juventude Patriótica Nicaraguense]. [Aconteceram] protestos todos os dias em frente à Igreja Santo Antônio e uma missa do nono dia [da morte] de Ajax. [...] Fui me integrando, a partir de uma consciência antissomozista, a uma rejeição profunda pelo sistema político imperante. Depois veio uma segunda etapa, a defesa da Revolução Cubana. [...] De maneira natural, caímos nas filas da Frente Sandinista no momento do pico da luta social.

Suárez destaca que os quadros desses anos eram artesãos e operários⁷³, e que o recrutamento dos estudantes e setores médios da população ocorreu depois da década de 1970 (BALODANO, 2010, Tomo 1). Um processo parecido, de identificação antissomozista a partir das crueldades da repressão, aconteceu com a costureira Gladys Báez, que se lembra de seu espanto ao ver o cadáver de Cornelio Silva⁷⁴ sendo levado de quartel em quartel pela GN, e sendo chutado na frente das pessoas "com ódio visceral" (p. 218). A partir daí, ela não interrompeu mais seu ativismo, formando o sindicato dos sapateiros e barbeiros, ponte para entrar no PSN. O discurso dos dirigentes desse partido sobre a FSLN, no entanto, não colaborava para que a costureira tivesse uma boa imagem dos ativistas do movimento: era um bando de "loucos, desocupados, aventureiros, pequeno-burgueses, irracionais" (BALODANO, 2010, Tomo 1 p. 219), e a figura de Sandino estava longe de ser louvada.

Gladys teve seu primeiro contato com um ativista da FSLN em Moscou, em 1963, quando assistia a um congresso de mulheres, em representação do PSN. No congresso, a representante das mulheres cubanas falou de Sandino como de um grande herói latino-americano, assim como o fez um ativista da FSLN, o que a estimulou a repensar sua posição. A costureira foi definitivamente recrutada em 1965, e tornou-se, em 1967, a primeira mulher a participar de uma guerrilha da FSLN, aproveitando o apoio da mãe para deixar com ela os dois filhos pequenos. O jogo dos laços que favorecem ou dificultam o engajamento na FSLN

⁷³ Carlos Reyna, sapateiro; Rigoberto Cruz Pablo Úbeda, sapateiro; José Benito Escobar, soldador da construção.

⁷⁴ Um dos participantes do *ajusticiamiento* [execução] de Somoza García, em 1956, assassinado em Manágua, em 1960, e levado pela GN a sua cidade natal, Juigalpa, onde morava Gladys Báez.

aparece aqui claramente. O PSN era um contexto de recrutamento que não favorecia a passagem para a FSLN, mas a relação próxima com ativistas sandinistas, provavelmente, empurrou Gladys ao ativismo nas suas fileiras.

Na primeira fase do processo político, quando a FSLN dava seus primeiros passos, o principal contexto de recrutamento foram os partidos e os movimentos armados. Nessa etapa, a guerrilha rural foi se tornando a *performance* política principal, enquanto a cidade cumpria seu papel de apoio, por meio de ações armadas de *recuperação* de recursos financeiros de bancos e empresas e do recrutamento de adeptos que pudessem, no futuro, engrossar suas fileiras.

Fase 2: Da guerrilha rural às cidades (1968-1970)

Entre 1968 e 1970, foram definidos o programa e os estatutos da FSLN. Reafirmou-se o repertório violento e a luta armada como *performance* central da derrubada da ditadura. Nas cidades, privilegiou-se a mobilização dos estudantes universitários e secundaristas, intelectuais e comunidades pobres. Alguns ativistas estavam no exterior, outros na clandestinidade e vários presos – inclusive o líder Fonseca, preso na Costa Rica – o que tornou urgente, para a sobrevivência do movimento, a ampliação do recrutamento.

O principal contexto de recrutamento deslocou-se dos partidos políticos e movimentos armados para o movimento estudantil. A última derrota guerrilheira obrigou as lideranças da FSLN a repensar suas estratégias. Consideraram que a luta armada não poderia vingar sem a conexão com um vigoroso movimento popular, que fosse sendo preparado para os embates contra a ditadura, começando pelo movimento estudantil.

Depois do chamado do líder Carlos Fonseca aos estudantes (FONSECA, 1985), em 1968, a FER preparou-se melhor para as eleições de presidente do Centro Universitário da Universidade Nacional (CUUN), que ganhou da Frente Democrata-Cristã, com um candidato de peso puxado da clandestinidade para a legalidades. O controle do CUUN era muito importante porque abria espaços no conjunto da sociedade, e desde 1964, estava controlado pelos adversários.

A partir de 1969, a FER transformou-se em um trampolim de ativistas para a FSLN, como relata Omar Cabezas, dirigente da FER na UNAN-León (CABEZAS, 1985, p. 15):

Fui motivado por várias coisas a entrar [na FSLN]. Primeiro, meu pai era de família opositora, militava no Partido Conservador. [...] Depois, a proximidade de Juan José Quezada. Quando jovem, na universidade, comecei a ouvir [...] e comecei a gostar [...] e participar das manifestações e assembleias, sem estar alinhado com nenhuma organização política estudantil. Por um lado, me senti atraído porque era contra a ditadura, contra Somoza, contra a Guarda. Por outro, tinha a questão classista. Eu estava muito consciente de que vinha de uma família proletária, e quando se falava de injustiça e pobreza, eu me lembrava do meu bairro, que era pobre. [...] A Frente Estudantil Revolucionária (FER) tinha uma linha classista. [...] O paradoxo é que fui recrutado por Juan José Quezada para a Frente, e logo depois fui recrutado por Edgard Munguía para a FER, sem saber que Juan José já tinha me recrutado.

Quando foi convidado por Juan José a "assumir um compromisso maior com o povo e com a organização", ele (CABEZAS, 1985, p. 15) pensou:

Nossa senhora! [...] Sabia que algum dia isso aconteceria porque já tinha ouvido dizer muitas vezes, principalmente entre os social-cristãos, os professores, os pais que falavam para seus filhos, [...] que não deveriam se meter em política porque a política só deixa prisões e cemitérios, [...] que não entrassem em contato com os da FER nem com os do CUUN porque eram simpatizantes de Fidel Castro e, além disso, eram comunistas, [...] que só mandavam as pessoas morrer na montanha como babacas, que o jovem recrutado para o CUUN era logo mandado à FER e, daí para a Frente, e daí para a montanha.

Mas, imediatamente ponderou que, sendo Juan José um amigo muito próximo a quem admirava, ele não podia participar de uma organização que fosse tão ruim. Cabezas foi assaltado pelo medo de morrer, e imaginou que logo teria que colocar bombas e depois ir à montanha. Mas, não podia parecer um medroso na frente de Juan José. Mais pela confiança nele do que por convicção, aceitou. Cabezas estava convencido de que queria lutar contra a ditadura, mas tinha temor ou dúvida de arcar com um compromisso até as últimas consequências. Cabezas (1985, p. 25) descreve seus sentimentos,

Sabe como eu me senti então? Como uma criança, que é levada pela primeira vez à escola. Justamente esse dia é como se finalizasse a felicidade da criança, porque você já começa a ter responsabilidades. Quando você entra na Frente, ocorre algo parecido, em outros níveis. Não em relação à felicidade. Mas se você é coerente e se, como dizia Che, a organização em que você entra é revolucionária, e se a revolução é verdadeira, você vai até a vitória ou à morte.

O relato mostra alguns mecanismos (MCADAM, 2005) que podem influenciar na decisão de participar em um movimento, e o jogo da multiplicidade dos laços. A identidade

antissomozista foi reforçada com a entrada de Cabezas na universidade, onde tomou gosto pelo envolvimento nas assembleias e manifestações. Depois, identificou-se com a FER por sua linha "classista", isto é, seu discurso a favor dos trabalhadores e dos pobres – e não com os social-cristãos, por exemplo, que também eram antissomozistas. Os laços pessoais fortes com o amigo Juan José, a confiança e admiração por ele tornaram-se fundamentais para assumir o compromisso. Por último, o laço de família não parecia constituir uma barreira forte, pois seu pai militava na oposição ao regime. Cabezas não explicita na entrevista se sofreu ou não algum tipo de restrição do pai que, apesar de antissomozista, era da oposição moderada e não corria os riscos de ser a oposição radical. No caso da família Cabezas, todos os quatro irmãos engajaram-se na FSLN; infelizmente, só o entrevistado sobreviveu.

A clandestinidade e o perigo de ser preso e torturado, obrigavam a ter o mínimo de informação sobre o movimento. A máxima era "não pergunte, não permita que lhe perguntem, não conte, não permita que lhe contem" (TORRES, 2005, p. 310).

De acordo com vários ativistas, as tarefas compartimentadas permitiam o sonho e o autoengano. A propaganda revolucionária nos muros das ruas ou os assaltos noticiados pela rádio estimulavam a pensar que a Frente era "uma organização poderosa", e a "guardar um resquício de esperança, de forma que a aventura, ou o desafio, fosse mais leve, menos perigoso" (CABEZAS, 1985, p. 27).

Outro ativista engajado no mesmo ano, René Núñez, explica que, naquele tempo, a pressa da FER por recrutar ativistas era tão grande, que existia uma "promoção de quadros. [...] Alguém que demonstrasse atividade prática e, ao mesmo tempo, a aceitação da orientação política, era quem assumia as responsabilidades" (ARIAS, 1985, p. 53). E a vida virava um turbilhão: um quadro era um *faz-tudo*: dirigente político, organizador, motorista, correio, contato, instrutor militar. Também pintava os muros das ruas no aniversário de Che, de Sandino ou de companheiros mortos, mesmo sabendo que poderia ser preso, porque era fundamental a propaganda revolucionária. Os muros apareciam pintados com o slogan *¡Patria Libre o Morir!*, as siglas FSLN, a figura de Sandino, ou *¡Muera Somoza!*

Os depoimentos mostram que a FER e a FSLN se confundiam numa estrutura única. As pessoas que se aproximavam da FER rapidamente mergulhavam nas atividades clandestinas. Ganhar as eleições do CUUN, em 1969, com uma campanha em que o candidato identificou-se abertamente com a FSLN e sua linha política representou um salto qualitativo em termos de crescimento e recursos para o movimento, avaliam os ativistas.

McAdam (2005) aponta que a tomada de consciência de uma oportunidade não basta para deslanchar um movimento, são necessários recursos e pessoas para prover de uma base organizacional e social. Como comenta Cabezas (1985), em primeiro lugar, no CUUN havia um espaço para reuniões, máquinas de escrever, fotocopiadoras, mimeógrafos e dinheiro, elementos fundamentais para fazer os trabalhos do CUUN, da FER e da FSLN. Até então, a FER era sustentada com recursos dos ativistas, além de pequenos roubos de material de escritório das dependências administrativas da universidade para fazer cartazes, faixas, pintar as paredes.

Bayardo Arce vinculou-se à FER, em 1969, e foi vice-presidente do CUUN nessa primeira gestão. Relata que, a partir dessa data, a orientação era "fazer uma FER clandestina, [...] dando a cara por meio do CUUN, [...] e que fosse organizada de forma compartimentada" (ARIAS, 1985, p. 63-4). Surgiu, então, a distinção entre *quadro público* e *quadro clandestino* da FER. O primeiro podia ser candidato, praticar a oratória falando aos estudantes, organizar as *performances* como manifestações públicas, ocupações de igrejas e colégios, greves, entre outras; o segundo não aparecia publicamente como membro da FER, mas discutia as estratégias e dava as orientações.

Outros dedicavam todo seu tempo à organização e ao recrutamento nas comunidades pobres, inserindo-se ou criando organizações sociais que permitiam a ligação com o povo. Foi assim que começaram as primeiras vinculações com o Movimento Cristão, visto como um setor progressista. E foram surgindo organizações culturais, artísticas, esportivas, grupos de estudantes de Medicina ou Direito que faziam atendimento à população das comunidades, grupos que alfabetizavam, construíam latrinas, entre outros.

Outras vezes combinavam as atividades legais com as clandestinas como "conseguir moradias para os companheiros clandestinos, para reuniões, para depósito, para caixas de correio; conseguir carros, oficinas mecânicas, levantar informações dos *orejas* (informantes), espiar casas das amantes dos guardas (GN)" (CABEZAS, 1985, p. 26).

Sendo o movimento estudantil de León a principal estrutura da FSLN nesses anos, aos ativistas eram atribuídas tarefas difíceis, que não podiam deixar de ser cumpridas. Em 1970, receberam a orientação: "*Conseguir casas, Patria Libre o Morir*" (CABEZAS, 1985, p. 47), cujo enquadramento era sinônimo de mandatório.

Uma *gôndola* (grupo de ativistas) procedente do exterior iria entrar no país e precisava de lugares para morar temporariamente. Cabezas foi atrás das redes de conhecidos do Partido Liberal Independente (PLI) para colaborar, que se recusaram. De indicação em indicação, ele finalmente chegou a um indígena da comunidade de Subtiava (bairro de León), o marce-

neiro Magnus Bervis, que aceitou colaborar. A partir desse encontro, a família Bervis foi recrutada e ficou constituída a primeira célula da FSLN num bairro de León, aflorando uma rede de ativistas na comunidade, como Cabezas pontua (CABEZAS, 1985, p. 52):

O trabalho em Subtiava começou a se propagar como pólvora, silenciosamente, na sombra. E nós começamos a lançar Sandino em Subtiava. Eles tiveram um cacique, o mais representativo: Adiac. Nós lançamos Sandino como continuador de Adiac [...] e Sandino com o Manifesto Comunista. Você percebe? Começou a correr, de casa em casa, de índio em índio, a ideia de Adiac... Sandino... luta de classes... Vanguarda... FSLN.

Eis um exemplo de como a comunidade de Subtiava foi se socializando no enquadramento sandinista e como o nome de Sandino ressoou na cultura indígena, cujo principal referente era Adiac. Pela casa dos Bervis, apelidada de *o Forte*, passaram os principais quadros da FSLN. As(os) ativistas de Subtiava eram preparadas(os) com palestras políticas e treinadas(os) para pronunciar discursos e redigir comunicados, com o objetivo de lançar-se à conquista política de Subtiava, até então base política de um deputado somozista. Ao mesmo tempo, a FER iniciou projetos de alfabetização, saúde, esportes (ARIAS, 1985; CABEZAS, 1985). Alicia Bervis lembra que, no início, desconfiava, das(os) militantes, mas depois eles se tornaram como seus irmãos e pais. "No início, conscientizavam-nos muito, fizeram palestras, depois ensinaram-nos a armar e desarmar (armas)" (ARIAS, 1985, p.73). Ela serviu de correio, e costurava até de madrugada as camisas dos guerrilheiros da montanha, que não podiam ser compradas prontas porque a GN poderia descobrir.

Entre 1969 e 1970, camponeses remanescentes da guerrilha de Pancasán insistiram na guerrilha de Zinica-El Bijao. Ativistas da FSLN uniram-se a eles, procurando recrutar adeptos entre as bases antissomozistas do Partido Conservador. Baltodano (2010, Tomo 2, p. 48) destaca a modalidade familiar do recrutamento: "[...] Nessas regiões [do Norte], quando as pessoas se incorporavam à causa sandinista, normalmente o faziam com quase toda a família, porque era impossível hospedar-nos nas suas casas sem a cumplicidade dos parentes".

Víctor Urbina "Juancito" (BALTODANO, 2010, Tomo 2, p. 17), camponês, foi recrutado em 1970, com o pai e vários membros da família, quando tinha 18 anos:

Incorporei-me à luta guerrilheira quando entrei em contato com o comandante Víctor Tirado López, Filemón Rivera e Jacinto Hernández [guerrilheiros de Pancasán]. Conhecemos-nos por meio da Ação Católica (AC), pois o presidente da comarca de Kuskawás [...] era opositor ao regime, era do Partido Conservador. Quando eles chegaram – como meu pai também era do Partido Conservador – entraram em contato com ele e vimos que não era uma má organização, já que estava o Presidente da AC. Falamos: esta é uma boa luta

para nós. Meu pai, inclusive, era membro do Diretório da AC [...]. Nós éramos seis irmãos e convidaram-nos a participar porque não havia outra forma de acabar com o regime dos Somoza. Então, começamos a colaborar um pouco. [...] A região estava queimada, éramos perseguidos pela Guarda, Comecei, então, a participar plenamente e, com um sobrinho, [...] fomos para a clandestinidade.

"Juancito" era *baqueano* (guia) dos guerrilheiros, saindo às noites pelas comarcas, à procura dos membros do Partido Conservador, opositores ao regime. Por causa do envolvimento familiar com a guerrilha, a GN incendiou a casa de sua mãe e matou, em diferentes datas e lugares, vários membros de sua família. O pai morreu anos mais tarde, no mesmo combate em que morreu o líder Fonseca. Mas, a nova tentativa guerrilheira foi esmagada pela GN, e Anastacio Somoza, diante do desafio da FSLN, desenvolveu duas campanhas repressivas, focadas nas(os) ativistas do movimento e em sua base social na montanha. Uma operação "limpeza" matou mais de 300 camponeses, acusados de apoiar a FSLN (LOZADA, 1985). Nas cidades, a GN perseguiu, prendeu e infiltrou informantes entre os quadros da FSLN.

No embate, Somoza fazia questão de divulgar seus triunfos contra o sandinocomunismo, transmitindo, em algumas ocasiões, cenas da repressão ao vivo na TV, provocando na população variados sentimentos de medo, ira e admiração.

Com a repressão, abriu-se a oportunidade do movimento ganhar divulgação, apesar de estar reduzido à sua mínima expressão, como revelam os testemunhos das(os) entrevistadas(os). Em 1970, "a FSLN estava reduzida a um conjunto de quadros políticos e militantes presos, um dirigente nacional clandestino livre em condições bem difíceis, um quadro intermediário clandestino livre e cinco ou seis militantes na legalidade" (ARIAS, 1985, p. 69).

Fase 3: Recuo defensivo e adesão das bases urbanas e rurais (1971-1974)

Em 1971, em resposta à repressão, a FSLN resolveu entrar num período que denominou de *acumulação de forças em silêncio*. Era um recuo defensivo no plano militar. A orientação era não oferecer combate, a não ser em casos de extrema necessidade. O objetivo era realizar um trabalho político-organizativo de fortalecimento do movimento, a partir do: desenvolvimento das *organizações intermediárias* – pontes entre o movimento de massas e o movimento revolucionário –, como a FER; estabelecimento de vínculos com setores potenci-

almente revolucionários, como os movimentos cristãos inspirados na Teologia da Libertação; fortalecimento das redes de apoio nas comunidades pobres.

No mesmo ano, Somoza retirou-se da presidência da República, conservando o cargo de diretor chefe da GN. Ele pactuou com Aguero, do Partido Conservador, e antigo candidato da oposição, a formação de um triunvirato, que governaria de 1971 a 1974. Ao final desse período, Somoza poderia candidatar-se à reeleição.

Retornava o antigo costume dos pactos das elites com Somoza, e Aguero foi duramente criticado por Pedro Joaquín Chamorro, que reunia dois recursos importantes: "o gênio político" e a "mídia" (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 401). Chamorro estampou uma manchete no jornal *La Prensa*, em março de 1971, apelidando o pacto Aguero-Somoza de "Kupia Kumi", que na língua indígena misquita significa Nicarágua "um só coração", em referência a uma dança que estava sendo apresentada pelos misquitos por aqueles dias, no único teatro de Manágua. "Kupia Kumi" adquiriu na linguagem do nicaraguense a conotação depreciativa para pacto espúrio.

Com efeito, Somoza entregou o poder à Junta de Governo. Meses depois, um terremoto destruiu grande parte da capital, Manágua. Imediatamente, Somoza anulou a Junta de Governo e autoproclamou-se chefe do Comitê de Emergência.

Uma situação de grave injustiça apareceu e ficou evidente para a população: Somoza e a GN apropriaram-se da Ajuda Internacional doada aos flagelados e a reconstrução da cidade tornou-se um grande negócio de sua família e amigos, enquanto as famílias afetadas pelo terremoto ficaram desamparadas, migrando a outras cidades. A corrupção e malversação da Ajuda Internacional foram calculadas em 250 milhões de dólares.

Foi um período de forte acumulação de riqueza para a família Somoza. As elites entenderam que também houve *concorrência desleal*, já que Somoza aproveitou para centralizar ainda mais o poder e desrespeitar as regras do jogo capitalista, vigentes desde a Segunda Guerra.

A aliança das elites com a ditadura somozista sofreu sua primeira fissura⁷⁵. A oposição moderada, liderada por Pedro Joaquín Chamorro, fundou a União Democrática de Libertação (UDEL), uma aliança de diferentes agrupamentos políticos antissomozistas, que aglutinavam setores das classes altas, médias e populares. Na campanha eleitoral de 1974, a UDEL lançou o slogan: "Não temos por quem votar", desqualificando Somoza como candidato a presidente.

⁷⁵ Na Introdução desta dissertação apresentou-se uma análise dos mecanismos que colaboraram para a queda do regime político somozista, de acordo com a Teoria do Confronto Político.

O proceder de Somoza deixou evidente a natureza da ditadura. Em contrapartida, esses anos foram muito frutíferos para a FSLN em termos de recrutamento – 30,4% das pessoas entrevistadas por Baltodano foram recrutadas no período, sendo que um pouco mais da metade desse percentual estava composto por mulheres. Os contextos de recrutamento mais importantes nesse período foram o movimento estudantil e o movimento cristão.

Em 1974, parte das(os) estudantes recrutadas(os) na FER/FSLN na fase anterior (1968-1970) passou à clandestinidade, cumprindo-se a estratégia do movimento de transferir estudantes para a guerrilha rural. Uma preocupação dos ativistas era deixar seus substitutos, os *relevos*, para dar continuidade às ações.

Irving Dávila faz parte da segunda leva de ativistas líderes do movimento estudantil. Chegou à UNAN-León, em 1973, cheio de rebeldia e questionamentos, e encontrou um movimento em condições muito diferentes das do primeiro grupo. Participou da campanha pela liberdade dos presos políticos, foi eleito membro do Diretório da Associação dos Estudantes de Direito e, depois de alguns anos de experiência, foi eleito presidente do CUUN da UNAN-León. Era um *quadro público* da FSLN (BALDODANO, Tomo 1, p. 314-5).

[Quando chegamos à universidade], nos vimos empurrados pelo exemplo de todos os que tinham ido [à clandestinidade]. Ficamos animados, cheios de coragem, e assumimos nossas responsabilidades. [...] Encontramos um movimento estudantil forte, que tinha uma ação concreta no interior da universidade na luta pela defesa dos interesses dos estudantes. Mas que, além disso, estava profundamente voltado para a rua, para os bairros, para as comunidades. [...] Nos sentimos como peixes na água. [...] Não foi um choque ficar pensando que se tratava de uma organização clandestina ou não clandestina. Evidentemente tínhamos medo, [...] mas o nível de consciência que havíamos adquirido para superar esse medo era muito mais forte e [...] todos os dias voltávamos às ruas, porque sabíamos que havia uma causa nobre, justa, e um partido ou organização político-militar de militantes, com uma profunda mística, cujo exemplo devíamos seguir.

O medo ao qual Dávila faz referência tinha fundamento. Naqueles anos, as lideranças estudantis corriam perigo. A GN já havia metralhado pelo menos um líder na rua. Apesar do temor, a socialização no ativismo era mais rápida, e a clandestinidade e a luta armada eram mais facilmente aceitas. Della Porta (1998) comenta que encontrou nas organizações clandestinas da Europa e dos Estados Unidos, que se radicalizavam, as atitudes e comportamentos necessários para convencer os ativistas de que a "luta armada" era "natural". Muitos foram para a clandestinidade de maneira tão suave que não perceberam que estavam fazendo uma escolha importante.

Estudantes que passavam à clandestinidade tinham rumos diferentes, e quem decidia esses destinos eram as lideranças do movimento. Alguns iam à montanha, outros rumavam ao campo (regiões rurais mais próximas das cidades), outros ficavam nas cidades.

No dizer de várias(os) entrevistadas(os) "a montanha era um mito para a cidade, a montanha era um símbolo". Cabezas (1985, p. 81) aponta que representava "descobrir [...] para sempre, conhecer as interioridades. [...] Eu tinha trabalhado durante quase seis anos, dia e noite, sem Natais, nem Semanas Santas, sem descansar, em função da montanha, em função da FSLN, desse mistério. [...] Ir à montanha era fazer parte de um grupo seletivo de combatentes, dos melhores. [...] Eu conheceria pessoalmente esses homens famosos, os guerrilheiros, pessoas como Che. [...] Estaria no coração da Frente Sandinista, no mais oculto, no mais virgem da Frente, no mais secreto, no que exige mais cuidado, a Frente de Carlos Fonseca [...]".

Hugo Torres também foi destinado à montanha. Sua carreira militante foi singular porque, além de participar da guerrilha, ele fez parte dos dois comandos sandinistas que executaram as *performances* de 1974 e 1978: o assalto à casa de Chema Castillo e o assalto ao Palácio Nacional.

Torres descreve os sentimentos provocados por sua passagem à clandestinidade. Seu nome, a partir daquele momento, "ficaria guardado, confiscado pelas exigências da vida conspirativa", passando a ser chamado por outros nomes ou por números e ter inventada qualquer nacionalidade ou profissão. Entrava no mundo das sombras e dos disfarces, dos sussurros, das senhas, da linguagem codificada, dos saltos e sobressaltos (TORRES, 2005, p. 47). Deixava para trás "a família, os estudos, o trabalho, os amigos, os amores, tudo. O cotidiano passava a ser o perigo, a conspiração, o cumprimento das medidas de segurança. Ambas as vidas não eram compatíveis; uma significava a renúncia da outra" (TORRES, 2005, p. 70). Torres deixava o mundo dos estudantes, (TORRES, 2005, p. 48), assim definido por ele:

Vivíamos na Era de Aquário e dos protestos e revoluções. Allende e a Unidade Popular tinham triunfado no Chile e a música de Violeta Parra, de Quilapayún, Víctor Jara, o Inti Illimani, era escutada no nosso movimento estudantil sempre. [...] 'A imaginação ao poder' é uma frase cunhada no fim dos anos 70. [...]. Essa imaginação, que transformaria os jovens em furacão, em torrente não contida ou incêndio, nos fez vencer barreiras, saltar obstáculos que pareciam intransponíveis, incluindo o maior de todos: o medo à prisão, à tortura e à morte.

Torres lembra-se das músicas que se ouviam nas universidades. Poderoso elemento cultural, ao lado do teatro e da poesia, impulsionou os jovens a participar da revolução nicaraguense. Teve uma função de socialização nos enquadramentos sandinistas, confirmada por

Marlene Álvarez, do grupo musical *Pancasán*. Ela foi recrutada, em 1974, na UNAN-Manágua. Era amiga de Arlen Siú, jovem do Movimento Cristão que havia adquirido notoriedade compondo e cantando a música testimonial (de protesto) nos festivais e atividades dos estudantes e que morreu um ano mais tarde, aos 20 anos, combatendo, quando cobria a retirada de seus companheiros num acampamento guerrilheiro descoberto pela GN. Sua morte teve um grande impacto entre os jovens estudantes. Álvarez conta que, no dia seguinte à morte da amiga, o presidente do CUUN passou por ela e, observando sua tristeza, disse: "agora chegou sua vez de levantar esse violão, você não vai deixar ele no chão, vai"? Ela respondeu: "Não, não" (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 442).

E foi assim que ela se juntou a dois jovens músicos para formar o grupo musical *Pancasán*. No início, cantavam música de protestos da América do Sul, que produziam "arrepios" nos jovens ativistas da época, porque eles se sentiam "parte de um movimento mundial de luta contra a exploração". A "ascensão de Salvador Allende ao poder tinha provocado na América Latina um *boom* de música de protesto", diz seu colega, o compositor da banda, Martín Fonseca (BALTODANO, 2010, Tomo 1, p. 431). O grupo passou a compor e cantar músicas de sua autoria que discorriam sobre a intervenção norte-americana, Sandino, a história do país, a repressão, entre outros temas. Nunca faltava música nas atividades "para convocar, para aglutinar" (BALTODANO, Tomo 1, p. 432).

Num primeiro momento, o âmbito era a universidade. "Mas na medida em que fomos participando das ocupações nos bairros, nos acampamentos dos trabalhadores da construção, nas fazendas [...], depois de cantar, imediatamente chegavam as Brigadas Especiais contra Ataques Terroristas (BECAT)⁷⁶ com a GN e aparecia a repressão" (BALTODANO, Tomo 1, p. 438), como se os violões fossem armas.

Em 1978, o grupo foi para a clandestinidade. Aparecia, cantava e sumia, e também participava das atividades conspirativas. Muitas pessoas entrevistadas mencionam as músicas do grupo *Pancasán* e as composições dos irmãos Carlos e Luis Enrique Mejía Godoy com muita emoção, lembrando que eram cantadas nos átrios das igrejas, ao redor das fogueiras dos bairros e lembradas no isolamento da guerrilha e das prisões.

Mejía Godoy relembra que García Laviana, sacerdote espanhol que morreu em combate na Frente Sul, disse um dia: "Luis Enrique, não largue nunca o violão, porque ele também dispara" (BALTODANO, Tomo 1, p. 478). Um ouvinte do programa de rádio *Entre todos*, de Baltodano, no dia em que era entrevistado o compositor (BALTODANO, 2010, Tomo

⁷⁶ Unidades urbanas contra o terrorismo, que circulavam nos bairros com quatro guardas fortemente armados: dois olhando para frente e dois olhando para trás. Também eram conhecidos como "caras viradas".

1, p. 476-7), ligou para dizer que conheceu Sandino através de sua música, quando ainda era criança. Outro ouvinte apontou:

Na presença desse grande compositor nicaraguense, quero reconhecer o canto como uma férrea arma de luta contra a injustiça no nosso país. [...] Não existiu revolução sem o fenômeno musical. [...] Nenhuma revolução foi tão prolífera em música como a nossa. [...] O canto é uma reflexão profundamente filosófica, que tem a virtude de chegar ao espírito, ao sentimento e, logicamente, impulsiona a ação.

O contexto de recrutamento do movimento cristão deu à FSLN um bom reforço em termos de número de ativistas, que já contavam com redes nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB) nos bairros das cidades de Manágua, León, Estelí, Solentiname, entre outras⁷⁷.

Luis Carrión é um dos principais ativistas cristãos recrutados pela FSLN, aos 20 anos, em 1972. Conheceu, quando frequentava a escola secundária, o contexto dramático da pobreza, participando das atividades de solidariedade cristã nos bairros pobres. Como membro de uma família burguesa, foi estudar nos Estados Unidos. Quando voltou de férias, a efervescência social no país lhe mostrou que estavam ocorrendo fatos históricos muito importantes e que era necessário se comprometer. Resolveu voltar para o país definitivamente, entrar na UNAN, e formar, com um grupo de estudantes cristãos, o Movimento Cristão Revolucionário (MCR), empenhado na conscientização política dos moradores das periferias. Carrión (BALTODANO, Tomo 3, p. 402) relembra a reunião de recrutamento com os membros da FSLN:

No Movimento Cristão já tínhamos chegado à conclusão de que a situação não tinha uma solução pacífica e de que a questão da luta armada era inevitável. Nessa reunião, [com membros da FSLN] rapidamente entramos em acordo. Solicitaram-nos que fizéssemos alguma coisa pelos presos políticos. Foi quando se planejou o jejum e a ocupação da Catedral, no dia 22 de dezembro de 1972 [dia em que um terremoto sacudiu Manágua]. Depois do terremoto, se reforçou o caráter individual da participação e da militância. [...] Na prática, o Movimento [MCR] começou a atuar em congruência, em harmonia com as necessidades políticas [da FSLN]. No final, todo mundo terminou na Frente.

Duas questões destacam-se no relato de Carrión. Em primeiro lugar, o ponto mais sensível para os cristãos era a luta armada. O contexto de recrutamento cristão, com as Comunidades Eclesiais de Base, teve a função de socializar os futuros ativistas da FSLN na aceitação da luta armada, por meio da reflexão sobre a situação do país e do fortalecimento do

⁷⁷ Entre eles, Fernando Cardenal, J. Miguel Torres, Luis Carrión, Salvador Mayorga (entrevistados por BALTODANO, 2010; 2012; RANDALL, 1983); Álvaro Baltodano, Ángel Barraón, Antonio Sanjinéz, David Chavarría, Ernesto Cardenal, Joaquín Cuadra, Marta I. Cranshaw, Roberto Gutiérrez, W. Agudelo e membros da comunidade de Solentiname (entrevistados por RANDALL, 1983).

compromisso político. Desse contexto, surgem futuros dirigentes da Frente Sandinista, como Carrión, e muitos ativistas do movimento popular, além de uma imensa rede de apoio, casas de segurança e colaborações de todo tipo (BALODANO, 2010, Tomo 1).

Em segundo lugar, a FSLN nunca aceitou a lógica de uma aliança política com o movimento cristão⁷⁸, e destacou que o compromisso era individual. Por essa razão, os enquadramentos interpretativos antes do triunfo da revolução não revelam nenhum traço dos enquadramentos do movimento cristão. O MCR continuou funcionando nos bairros, com o incentivo da FSLN, e cada um de seus membros foi engajando-se individualmente.

No período da Revolução Sandinista, o comprometimento dos cristãos com a defesa da revolução frente aos ataques da *contra* foi de fundamental importância para a FSLN, devido a que não só o governo norte-americano de Reagan atacava, mas, também o Vaticano punia os sacerdotes ministros do sandinismo e condenava a Teologia da Libertação.

F. Cardenal salienta que uma das características do movimento cristão era a coerência entre palavra e ação, expressa na busca de um novo estilo de vida para os jovens da burguesia, que abandonaram suas casas e passaram a morar nas comunidades pobres, renunciando às comodidades de sua classe. Isso dava muita força à sua mensagem (BALODANO, 2010, Tomo 1).

Outra consequência da participação desses jovens cristãos, filhos da burguesia conservadora tradicional é pontuada por Vilas (1992, p. 421): "Fatores de linhagem estiveram presentes na aceitação de uma fórmula revolucionária por parte de grupos conservadores tradicionais". A repressão do somozismo contra os filhos da burguesia conservadora, militantes ou colaboradores sandinistas "incrementou o potencial de conflito de seus pais com um governo que não apenas os excluía dos bons negócios, mas tornava seus filhos vítimas". Dessa forma, as bases da aliança da FSLN com a burguesia estavam sentadas, e eram muito mais significativas do que as alianças políticas gerais, porque aí incidiam fatores de linhagem.

Além dos estudantes da UNAN e da UCA, uma pequena rede de estudantes da Universidade Patrício Lumumba, em Moscou, foi recrutada por um destacado ativista, Oscar Turcios, que tinha sido estudante desse centro. Outro grupo, da Universidade de Berlim, aproximou-se por conta própria e não foi fácil convencer os dirigentes da FSLN de suas boas intenções, desconfiados das infiltrações inimigas. Finalmente conseguiram receber treinamento militar na Palestina e voltaram à Nicarágua, para engrossar as fileiras da FSLN.

⁷⁸ Mais informações na entrevista de Bayardo Arce (BALODANO, Tomo 1, p. 508).

Outra fonte de vários recrutamentos foi a rede de artesãos fabricantes de sapatos da cidade de Estelí, o *Taller El Zapatón*, propriedade de Ramón Altamirano, conhecido lutador antissomozista e ativista da Frente Revolucionária Sandino (FRS) entre 1959-1960.

Estelí é uma cidade do Norte, que fica próxima às regiões montanhosas da Nicarágua. Pela casa de Altamirano passaram várias gerações de ativistas indo para a montanha. Em sua oficina, os jovens trabalhavam e debatiam, como relata Francisco Rivera: "[...] de posto a posto [de trabalho] analisavam a situação política, falavam da repressão da guarda, da ditadura e da injustiça [...]. Ao local chegava um médico, Dávila Bolaños, que "se proclamava marxista-leninista e ateu, sem temor", fazia um bate-papo com os sapateiros várias vezes por semana, explicando de maneira bonita e simples a luta de classes" (RAMÍREZ, 1989, p. 38).

Rivera diz-se devedor dessa rede. Mais conhecido como *El Zorro*, foi recrutado aos 16 anos, em 1971. Participou durante vários anos da guerrilha na montanha e, na etapa final, liderou as três insurreições na cidade de Estelí, quando ainda não havia completado 24 anos. *El Zorro* (RAMÍREZ, 1989, p. 47) conta que ele seguiu os passos de seu irmão mais velho, Filemón Rivera, sapateiro também, morto em combate guerrilheiro, em 1975:

Desde criança segui os passos de Filemón, ajudando-o nas atividades da forma que eu podia, levando recados orais e escritos, chamando para a reunião dos sapateiros, organizando festas em benefício (do sindicato dos sapateiros), indo com ele nas manifestações. Portanto, integrar as filas guerrilheiras da Frente Sandinista não nasceu em mim de repente, da noite para o dia. Isso foi amadurecendo durante todos esses anos em que tive o exemplo de meu irmão. Eu estava consciente de que, se ele tinha se insurgido contra alguma coisa, era contra a repressão e a injustiça – e eu queria segui-lo nesse caminho. A repressão e a injustiça não eram novidade para mim, eu as vivia e padecia.

O recuo defensivo que a FSLN preconizava não significava desistir do repertório violento. A guerrilha rural voltou como *performance* na montanha, integrada por um grupo de camponeses recrutados nas guerrilhas anteriores e alguns jovens citadinos, chefiados por Henry Ruiz "Modesto" – dessa vez com o objetivo de desenvolver redes de apoio, preparando os camponeses para as ações militares quando o período de *acumulação de forças em silêncio* acabasse.

Esse período foi rompido em dezembro de 1974, com uma *performance* executada sob o comando sandinista *Juan José Quezada*, que ficou conhecida como o assalto à casa de Chema Castillo⁷⁹.

⁷⁹ Mais informações no primeiro capítulo.

Fase 4: Divisão da FSLN em três Tendências/Ofensiva militar (1975-1977)

A quarta fase do processo político iniciou-se na metade da década de 1975, com o recrudescimento da repressão. Depois do assalto à casa de Chema Castillo, Somoza decretou a lei marcial⁸⁰, o estado de sítio e a censura à imprensa. Formou um conselho de guerra extraordinário, que condenou 110 ativistas da FSLN, acusados de terrorismo, a maioria à revelia.

A operação Águia IV, de contrainsurgência – e da qual participaram os exércitos centro-americanos por meio do Conselho de Defesa Centro-americano (CONDECA) –, realizou uma “operação limpeza” nas zonas montanhosas, matando mais de três mil camponeses.

Foi o período das denúncias nacionais e internacionais contra a violação de direitos humanos, com o apoio de bispos, padres, organizações religiosas e populares, partidos políticos, personalidades e organizações sindicais.

Os religiosos F. Cardenal e Miguel D'Escoto, secretário do Conselho Mundial das Igrejas, denunciaram no Congresso norte-americano a campanha de extermínio dos camponeses na montanha, a pedido da FSLN. A partir desse ano, a imprensa internacional começou a publicar de forma sistemática artigos e reportagens desfavoráveis à ditadura. Contudo, o governo estadunidense e o Congresso não cortaram a ajuda militar a Somoza.

Entre fevereiro de 1975 e novembro de 1976, afloraram as contradições no interior da FSLN e cristalizou-se a divisão do movimento em três tendências: Guerra Popular Prolongada (FSLN-GPP); Tendência Proletária (FSLN-TP) e Terceirista ou Insurrecionalista (FSLN-TT). Em novembro de 1976, Carlos Fonseca foi morto em combate com as forças da GN na montanha, depois de voltar à Nicarágua do longo exílio em Cuba com a missão de unir as tendências.

A morte do grande mito impactou profundamente os ativistas. Entretanto, as tendências da FSLN implementaram suas estratégias e continuaram recrutando adeptos. Nesse período, engajaram-se 35,3% das pessoas entrevistadas por Baltodano, o maior percentual de todas as fases. Também o destaque é para o engajamento de mulheres, cerca de metade do total. As entrevistas deixam transparecer que as pessoas foram se alinhando às tendências, de acordo com relações pessoais, e não por concepções políticas, o que sugere que derrubar Somoza era o elemento fundamental do recrutamento.

⁸⁰ Sistema de leis que tem efeito quando uma autoridade toma o controle da administração ordinária da justiça e de todo o Estado.

Os guerrilheiros da FSLN-GPP, que estavam isolados no alto da montanha, ficaram sabendo tardiamente da divisão, pois estavam paralisados e cercados pela repressão. A FSLN-TP dedicou-se à organização da Associação de Mulheres diante da Problemática Nacional (AMPRONAC), da Associação de Trabalhadores do Campo (ATC) e dos trabalhadores das empresas.

Já a FSLN-TT traçou um plano de alianças antissomozistas, formando o conhecido Grupo dos Doze⁸¹, "que deu um rosto político à FSLN" (BALTODANO, 2010, Tomo 3, p. 429). O Grupo dos Doze estava integrado por pessoas ilustres, que não estavam na clandestinidade, e que representavam o pensamento político da FSLN. Sua função era opor-se à continuidade de Somoza na presidência e propor a FSLN como interlocutor necessário. Foi assim que entraram em contato com os presidentes do Panamá, Costa Rica, Venezuela e México, interlocutores muito importantes para o desfecho da contenda, pois ofereceram apoio político e de recursos. Ao mesmo tempo, a FSLN-TT lançou um plano de ações militares, atacando quartéis da GN em diferentes localidades "cujo papel principal era político, ou seja, multiplicar a resistência à ditadura e fazer com que o povo percebesse que era possível ganhar" (BALTODANO, 2010, Tomo 3, p. 429). Os ataques aos quartéis das cidades do Norte do país aos poucos juntaram, na prática, as unidades guerrilheiras da FSLN-GPP às novas unidades da FSLN-TT, formando a Frente Norte *Carlos Fonseca*.

Os *contextos de recrutamento* do movimento estudantil e do movimento cristão também predominaram nesse período. A diferença com o período precedente é que, na medida em que os opositores radicais foram ganhando volume e passaram à ofensiva, o regime foi endurecendo, e os jovens secundaristas foram se envolvendo no processo político de forma massiva. Pelos menos dez das pessoas entrevistadas por Baltodano iniciaram seu ativismo no Movimento de Estudantes de Secundária/Associação de Estudantes de Secundária (MES/AES).

América Libertad Vidaurre pertence à última leva de estudantes ativistas engajados na FSLN antes do período revolucionário. Foi recrutada em 1976, época da divisão da FSLN, num colégio de Manágua, por um amigo estudante universitário da Tendência Proletária. O testemunho dela "é representativo dos sentimentos e ações de milhares de jovens que se enga-

⁸¹ Grupo formado por empresários, intelectuais, religiosos e pessoas ilustres, sem filiação partidária conhecida. Seus integrantes: Sergio Ramírez (escritor e acadêmico, coordenador do grupo), Arturo Cruz (economista e funcionário do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Washington), Casimiro Sotelo (arquiteto), Carlos Gutiérrez (médico), Carlos Tunnerman (ex-reitor da Universidade Nacional-UNAN), Emilio Baltodano (empresário), Ernesto Castillo (advogado), Felipe Mántica (empresário e acionista do grupo Banco de América), Fernando Cardenal (padre jesuíta), Joaquín Cuadra (advogado, político conservador e acionista do grupo Banco de América), Miguel D'Escoto (padre Maryknoll), Ricardo Coronel (engenheiro agrônomo).

jaram nesses anos finais, num processo massivo, carregado de improvisação, criatividade, coragem e ousadia, que foi determinante para a vitória [...]" (BALODANO, 2010, Tomo 2, p. 256). Vidaurre fala dos motivos para seu ingresso na FSLN:

Tinha 14 anos quando me engajei na Frente Sandinista. Minha motivação era a herança de meu pai, que me deu meu nome em homenagem à Revolução Cubana. Meu pai dizia: "América livre", e minha irmã chama Patria. As duas formávamos o lema de Sandino: *Patria y Libertad*. Quando o tirano [Somoza García] foi *ajusticiado*, em 1956, meu pai foi preso e cruelmente torturado pela Guarda Nacional de Somoza. [...] Meu engajamento também foi a expressão de minha rebeldia interna [criada pelo padrasto somozista, que a maltratava].

Foi na participação da luta armada nos Comitês Operários Revolucionários (COR) e nas Brigadas de Combate da Tendência Proletária que sua rebeldia foi rapidamente canalizada. Em 1978, ela foi presa pela primeira vez, "queimada" pelas atividades e por seu fenótipo, diferente do das nicaraguenses (branca, cabelos castanhos).

América comenta que, quando saiu da prisão, comprometeu-se ainda mais do que antes porque "quando o inimigo começa a bater, a gente fica mais engajada" (BALODANO, 2010, Tomo 2, p. 259). Sua atividade era, então, atacar os jipes BECAT com bombas de contato, que eles mesmos fabricavam. Depois, ingressou na força de elite dos comandos que atacavam determinados alvos, como *ajusticiar* somozistas reconhecidos, queimar propriedades somozistas, entre outras.

Em janeiro de 1979, quando ela e três colegas se dirigiam a atacar uma patrulha da GN, o carro em que circulavam foi metralhado, matando os três. Ferida e presa, escapou da morte pela publicação, no jornal *La Prensa*, da ordem de seu assassinato, que alguém gravou e enviou ao jornal. Na prisão, foi torturada, e aí permaneceu até 19 de julho de 1979.

Sergio Lira foi recrutado no final de 1976 pela FSLN-GPP quando estudava no último ano de direito na UNAN-León, aos 22 anos. Passou à clandestinidade muito rapidamente, no início de 1977, porque a GN matou seu superior (responsável) na Frente Sandinista. Sua atividade foi organizar os jovens, que desejavam fazer parte da FSLN por causa do recrudescimento da repressão. "O povo dizia que era proibido ser jovem, porque todo jovem era suspeito de ser guerrilheiro ou membro da Frente Sandinista" (BALODANO, 2010, Tomo 2, p. 410).

Os estudantes secundaristas e universitários comprometiam-se em massa com a luta política e armada, fazendo parte dos Comitês de Ação Popular (CAP) – unidades operativas de caráter público, que faziam de tudo: distribuíam propaganda, organizavam manifestações, ocupavam as igrejas, pichavam os muros. Apenas os melhores passavam às unidades de com-

bate porque não havia armas para todos; os chefes das unidades tinham apenas revólveres, e não armas de guerra. Diante da impotência para poder atacar a GN, os jovens ocupavam várias igrejas ao mesmo tempo, como forma de protesto. Era costume que os moradores dos bairros apoiassem as ocupações, levando alimentos. Em janeiro de 1979, contrariamente à tradição, a GN entrou pela primeira vez em uma igreja, torturou e matou cinco jovens dos CAP desarmados, de 14 a 24 anos.

Os relatos de Vidaurre e Lira revelam o processo dinâmico de inserção em atividades clandestinas e o enfrentamento de situações delicadas de condução do movimento de massas. Como pontua Baltodano, a partir dos ataques sandinistas à GN, em outubro de 1977, todas as Tendências passaram às ações ofensivas e adotaram formas de organização militar, com diferentes níveis de preparação e modelos operacionais, de acordo com suas próprias experiências.

A organização nos bairros, nos trabalhos, nos colégios e nas universidades tinha sua expressão legal nas reivindicações sociais, mas também contava com uma expressão militar (BALTODANO, 2010, Tomo 2). À proporção que foi crescendo a onda repressiva desatada pelo regime somozista, setores mais numerosos de jovens foram se incorporando ao último tramo da luta.

Fase 5: Ciclo de confronto: chamada à insurreição e à Revolução (1978-1979)

Em janeiro de 1978, teve início um novo ciclo de confronto, que teve como estopim o assassinato do jornalista Pedro Joaquín Chamorro, produzindo na população um misto de alarme e ultraje. Ao longo desta dissertação, mencionaram-se suas atividades contra a dinastia somozista. De família conservadora de muito prestígio, Chamorro iniciou seu ativismo como parte da oposição dos estudantes à primeira reeleição de Somoza, conhecida como a *Geração de 1944*. O militante foi preso em várias ocasiões e participou no desembarque armado de Olama e Mollejones, em 1959. Seu papel como editor do jornal *La Prensa*, o maior e mais respeitado jornal de oposição, foi decisivo para desgastar a dinastia da família Somoza.

Jornalista com muito talento político, foi assassinado, de acordo com Ernesto Aburto, antigo colaborador do jornal, porque "o movimento de massas estava em alta, de maneira quase incontrolável [...] e qualquer arranjo que os norte-americanos buscassem para a saída de

Somoza tinha que passar, necessariamente, pela maior figura política desse momento nesse país [...]" (BALODANO, 2010, Tomo 1, p. 406).

De acordo com o escritor e coordenador do *Grupo dos Doze*, Sergio Ramírez (RAMÍREZ, 1999, p. 164-5), semanas antes de sua morte, Chamorro enviou a ele, seu último livro, com a dedicatória "Ao Sergio, do provável número treze. Com um abraço, PJCh". O jornalista fazia referência à ordem de prisão dos *Doze*, decretada por Somoza, e sabia que seria o preso número treze. Em fevereiro desse ano, estava marcado um encontro de Chamorro com Ramírez e Daniel Ortega, da FSLN-TT, no México.

"O assassinato de Chamorro acendeu a Nicarágua como ele nunca tinha conseguido fazer quando era vivo e deu um novo rumo à luta. O povo, indignado, queimou Plasmáféresis, a empresa de Somoza que comprava sangue dos miseráveis e outras empresas da família [...]" (RAMÍREZ, 1999, p. 169), denunciadas como criminosas por Chamorro no *La Prensa*.

As passeatas persistiram por três dias e, no mês seguinte, depois de uma missa em sua memória, reprimida pela GN, o bairro de artesãos indígenas de Monimbó, em Masaya, deu início ao primeiro movimento insurrecional, que se estenderia por mais um mês.

Começaram a aparecer máscaras das celebrações indígenas, que ocultavam os rostos e as bombas de contato inventadas pelos ativistas naqueles dias para resistir à repressão. Um morador do bairro de Monimbó sintetizou o pensamento dos nicaraguenses: "esse homem, reconhecido nacional e internacionalmente, foi morto; mostra que Somoza vai começar a matar todo mundo e não haverá quem dê o troco" (IES, 1982, p. 85).

Depois do assassinato, a oposição moderada convocou uma greve nacional do setor empresarial, que demandava a renúncia do ditador. A resposta de Somoza foi "não vou embora, nem vão me mandar embora", e decretou o estado de emergência. A Conferência Episcopal apoiou a greve e lançou um documento histórico titulado *Não podemos calar*.

O ciclo de confronto entrou em pleno movimento, com pequenos intervalos de pausa para ganhar força, alcançando seu pico em junho e julho de 1979. Um dos eventos mais desgastantes para a ditadura foi a ação da FSLN, conhecida como o assalto ao Palácio Nacional (sede do Congresso), ocorrida em agosto de 1978⁸².

A reunificação da Frente Sandinista ocorreu em março de 1979, no meio da insurreição popular, formando-se um Diretório Nacional conjunto de nove pessoas, três de cada tendência política. Como mostra a Tabela 7, foram poucas as pessoas recrutadas nesse período, menos de 8%, e a maioria tinha origem no movimento estudantil secundarista. A explicação

⁸² Mais informações no primeiro capítulo.

para o baixo volume de recrutadas(os) é que as lideranças e ativistas de nível intermediário entrevistad(as)os haviam se engajado nas etapas anteriores.

Foram as bases da insurreição que entraram em ação durante o ciclo de confronto, em resposta à repressão indiscriminada promovida por Somoza, bombardeando cidades, fazendo *operações limpeza*, matando, principalmente, jovens acusados de pertencer à FSLN.

O ciclo de confronto coincidiu com a eleição do democrata Jimmy Carter à presidência dos Estados Unidos. Todas as negociações feitas pela oposição moderada com os Estados Unidos e a Organização dos Estados Americanos (OEA) para tirar Somoza do poder fracassaram. Já era impossível deter a insurreição de milhares de pessoas com armas nas mãos.

Somoza abandonou o país no dia 17 de julho de 1979. A GN ficou sabendo que seu diretor chefe tinha ido embora e foi se rendendo de forma desorganizada, batendo em retirada e abandonando no caminho uniformes, botas e armas. Desintegrou-se. E foi inaugurado o período da Revolução Popular Sandinista.

Este subitem mostrou como as diferentes estratégias utilizadas para a derrubada da ditadura, em função das respostas as autoridades às ações de confronto, foram incidindo no recrutamento deslocando-o de um contexto a outro.

3.5 CONCLUSÕES

Este capítulo abordou o perfil social e as motivações dos ativistas de alto risco e a relação entre contextos de engajamento e conjunturas políticas. A partir da combinação da análise de dados quantitativos e qualitativos, obtidos via entrevistas, tentou-se saber se os fatores individuais e estruturais apontados pelo modelo de McAdam (1986) e McAdam e Paulsen (1993) são válidos para os ativistas da FSLN.

De acordo com o modelo elaborado por McAdam (1986) os fatores motivacionais de engajamento nos movimentos sociais de alto risco e alto custo são de duas ordens, individuais e estruturais. Os fatores individuais, como uma forte identificação ideológica com os valores do movimento e a disponibilidade biográfica – pessoas livres de compromissos familiares e de responsabilidades de emprego – predispõem o indivíduo à participação. Os fatores estruturais, como a incorporação organizacional e fortes laços com outro(s) voluntário(s), não pre-nunciam o ativismo de alto risco. Em vez disso, é a forte identificação subjetiva com uma

identidade particular, reforçada por laços organizacionais ou individuais, que encoraja a participação (MCADAM e PAULSEN, 1993).

De acordo com esse levantamento, os fatores individuais que predis põem as pessoas para o engajamento estão presentes nos ativistas da FSLN. Em primeiro lugar, os motivos declarados por mais da metade deles estão identificados com as ideias e valores do movimento. Os enquadramentos interpretativos construídos pelos líderes da FSLN afirmavam que a grave situação social, econômica e política dos nicaraguenses era resultado da permanência, por mais de quarenta anos, de um regime injusto e opressor, com o apoio do governo norte-americano. E apontavam como solução seguir os passos do herói Sandino, que combateu a ocupação norte-americana, se engajando em um movimento armado revolucionário antissomozista e anti-imperialista para derrubar o regime somozista e estabelecer o poder popular sandinista.

Os motivos poderiam ser resumidos nas frases: “acabar com a tirania somozista e alcançar o bem-estar da população”; “viver de acordo com os princípios cristãos de opção pelos pobres”; “a luta armada é a única alternativa para derrubar os Somoza”; “seguir o exemplo dos jovens, que davam suas vidas pela libertação da Nicarágua”.

A "mística", o "sacrifício" e o "exemplo" são citados como valores altamente estimados pelos ativistas, assim como a "coerência" entre valores e prática. Na confluência de ideias e valores, sandinistas e cristãos superaram quaisquer diferenças em prol da formação de um forte movimento antissomozista e anti-imperialista.

As variáveis utilizadas – idade do engajamento e disponibilidade de tempo – confirmam a disponibilidade biográfica dos ativistas. Mais de 84% estavam na faixa etária de 16 a 24 anos no momento do seu engajamento, uma proporção quatro vezes mais alta do que a mesma faixa etária na pirâmide demográfica (19%), tomando como referência o ano de 1970. A variável disponibilidade de tempo mostra que mais de 67% eram estudantes e 2% religiosos, profissão afim com as causas sociais.

Os laços sociais, de acordo com McAdam e Paulsen (1993), tanto podem inibir como promover o ativismo de alto risco, sendo que os laços sociais fortes são de grande importância para a mobilização de alto risco, mais do que os laços sociais fracos.

Para conhecer os laços sociais das e dos entrevistados prévios ao engajamento, foram identificadas nas entrevistas as organizações sociais e políticas nas quais eles se engajaram, agrupando-as em quatro contextos de recrutamento, isto é, comunidades/identidades que po-

diam facilitar ou inibir o ativismo de alto risco: movimento estudantil; movimento religioso; partidos/movimentos políticos/armados; e movimento sindical.

Observou-se nas narrativas das e dos entrevistados que os processos de recrutamento/engajamento sofriam o impacto das conjunturas políticas. Para entender quais foram esses impactos, foram agrupados, de acordo com as diferentes fases do movimento (guerrilhas rurais, mudança de estratégias, recuo militar, divisão da FSLN, ofensiva, ciclo de confronto e revolução), que estão em relação direta com as respostas do governo aos seus desafios. De acordo com essas respostas, ficou evidente que a FSLN foi mudando suas estratégias, seus repertórios de confronto e sua política de recrutamento ao longo do tempo.

Na primeira fase de fundação da FSLN e das guerrilhas rurais, o contexto principal foram os partidos políticos de oposição e os movimentos armados e de resistência civil do ciclo de confronto. O PSN e o Partido Conservador eram partidos tradicionais de oposição e cumpriram o papel de fortalecer a identidade antissomozista e a socialização no papel de ativista. Já os movimentos armados e de resistência civil congregaram as novas gerações de oposicionistas juntando-as com ativistas remanescentes da guerrilha de Sandino, membros expulsos da Guarda Nacional, entre outros. Esses movimentos bem mais radicais que os partidos políticos facilitaram ainda mais a passagem dos ativistas para a FSLN.

Na segunda fase, após o fracasso das tentativas guerrilheiras face ao isolamento e a repressão, a FSLN voltou-se para as cidades e para as(os) estudantes, professoras(es) e intelectuais. Além do favorecimento da identidade antissomozista e socialização nos enquadramentos sandinistas, praticamente o movimento estudantil funcionou como um trampolim de passagem às atividades da FSLN. No interior do movimento estudantil, certamente a FER, foi a organização que, alinhada inteiramente com a FSLN, serviu de ponte para a passagem rápida e direta para o ativismo no movimento clandestino. À medida que as pessoas avançavam nas carreiras militantes na FER, tornava-se mais natural aceitar a ideia de passar à clandestinidade e, para muitos, alcançar o ideal de ser guerrilheiro na montanha.

O recrutamento no movimento estudantil permanecerá em todas as fases como principal contexto. As organizações dos estudantes secundaristas MES/AES também tiveram o papel da FER, de servir de ponte com a FSLN, com a vantagem de que organizaram estudantes não só nas cidades em que havia universidades, mas em todo o país. Os estudantes mais experientes da FER percorriam os centros de estudos secundaristas, orientando as campanhas. O movimento estudantil secundarista tornou-se mais relevante na quarta fase, com a divisão em Tendências e a ofensiva militar.

Os resultados confirmam a vital importância dos laços interpessoais ou informais. Mais de três quartos dos ativistas da FSLN foram recrutados por pessoas com quem mantinham laços fortes, como amigos e familiares. Esses laços tiveram um papel basilar no fortalecimento da identidade antissomozista e na socialização dos enquadramentos sandinistas. Nas organizações clandestinas, as pessoas precisam ter confiança no recrutador, já que é identificado com um mundo de segredos, senhas e sussurros, e de atividades compartimentadas. O recrutamento, em geral, é feito por pessoas com laços fortes, como amigos e familiares.

Os dois períodos de maior recrutamento ocorreram na fase de recuo militar, quando a ordem era apenas se defender das investidas do governo (1971-1974), com 30,4% das(os) recrutadas(os); e na fase de divisão da FSLN e início da ofensiva militar (1975-1977), com 35,3%. Combinando a guerrilha rural e a mobilização urbana de massas, e valendo-se de *performances* violentas e desafiadoras combinadas com *performances* não violentas, a FSLN foi construindo sua rede de ativistas, que aprenderam a desafiar o poderoso aparato militar do somozismo, sem terem tido concorrentes opositores, sejam moderados ou radicais.

Nesses dois períodos, prevaleceram os contextos de recrutamento movimento estudantil e movimento cristão. No primeiro intervalo (1971-1974), a estratégia foi recompor-se dos golpes da repressão e reconstruir a organização. Centrando sua política de recrutamento nos movimentos estudantil e cristão, com campanhas voltadas tanto para as reivindicações dos estudantes como para a agenda nacional – liberdade dos presos políticos, apoio à luta dos professores ou dos agentes de saúde, contra o aumento dos preços dos alimentos – estabeleceu-se um grupo guerrilheiro na montanha para recrutar as bases camponesas.

O movimento religioso, além de fortalecer a identidade antissomozista, cumpriu o papel de promover os enquadramentos sandinistas sobretudo no que diz respeito ao repertório de confronto violento de confronto para derrubar a ditadura. Contribuiu à inovação de *performances* com as ocupações pacíficas das igrejas e colégios e os jejuns, as missas e ofícios religiosos etc. para protestar contra a violação dos direitos humanos dos presos políticos ou dos camponeses. Também esses contextos foram importantes para alcançar as comunidades pobres das cidades e promover a unidade entre estudantes e seus moradores.

A maioria dos ativistas cristãos tinha duplicidade de laços: com o movimento religioso e o movimento estudantil. Como o recrutamento foi individual, os ativistas cristãos foram incorporados em diferentes tarefas, dependendo das necessidades do movimento sandinista.

No segundo intervalo (1975-1977), três fatores negativos combinaram-se: a divisão das fileiras da FSLN, a morte do líder Carlos Fonseca e a repressão (lei marcial, estado de

sítio, censura à imprensa, cerco à guerrilha na montanha). Nenhum dos fatores negativos parece ter incidido no crescimento da FSLN.

A explicação para esse processo pode ser encontrada na mudança de oportunidades políticas, abertas pela FSLN com uma nova *performance política*, o ataque à casa de Chema Castillo, que revelou a vulnerabilidade do regime somozista. Por outro lado, o fracionamento que tomou conta do movimento – em torno das estratégias militares para derrubada da ditadura – não atingiu a convicção das três tendências de que a ação principal deveria ser abatê-la e continuaram desenvolvendo atividades que se tornariam complementárias.

4 CONCLUSÃO

Esta dissertação buscou demonstrar que o ativismo sandinista que teve lugar na Nicarágua, entre os anos de 1961 a 1979, se caracteriza como um ativismo de alto risco e alto custo. Como foi apresentado, mobilizados a partir de laços sociais prévios – pessoais e/ou organizacionais –, os ativistas da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) engajaram-se com o antissomozismo, sendo atraídos para o ativismo e nele socializados mediante o uso de enquadramentos interpretativos adotados pelo sandinismo. Ainda que haja sido identificada uma grande heterogeneidade no engajamento das e dos ativistas ao longo dos anos, pode-se afirmar que o compromisso desses militantes com o movimento foi facilitado pela extrema juventude dos participantes e por sua disponibilidade de tempo para a mobilização.

Durante 18 anos, a Frente Sandinista foi variando, de acordo com as diferentes conjunturas políticas, o que implicou a emergência de distintas formas e contextos de recrutamento. Para entender as formas e contextos de recrutamento do movimento, foi necessário percorrer a trajetória da Frente Sandinista, desde sua fundação e até o triunfo da revolução nicaraguense. Assim, mergulhou-se na conjuntura de criação desse movimento, refletindo-se por que, desde sua emergência, o repertório de confronto eleito pelos ativistas foi o violento, bem como sobre as guinadas nas estratégias políticas, o sentido político e cultural do sandinismo, e de como ele foi construído.

O primeiro capítulo apresentou os antecedentes políticos do ativismo de alto risco nicaraguense. Reconstruiu-se a tradição da cultura política no país, caracterizada pela resolução violenta dos conflitos entre as elites, pela existência dos dois partidos políticos, Conservador e Liberal, assim como pela insistência em chamar os Estados Unidos para mediar as disputas políticas internas. Esse país atendia aos chamados realizados, apoiando ora a um ou outro partido, a depender da conveniência de seus interesses.

Essa dinâmica produziu a ocupação militar do país, entre 1912 e 1934, provocando a mobilização de operários e camponeses liderados por Augusto C. Sandino, cujo objetivo foi expulsar os *marines* do país. Por isso, Sandino liderou uma guerrilha contra a ocupação norte-americana, que se estendeu por quase sete anos, entre 1927 e 1934.

Esse processo resultou na saída dos Estados Unidos do país, que deixaram alguém de sua confiança no poder, o general Anastacio Somoza García, à frente da Guarda Nacional (GN). Sandino fez um acordo de paz com o presidente Juan Bautista Sacasa, mas, por ordem

de Somoza, junto com dois generais do Exército Defensor da Soberania Nacional (ESDN), foi fuzilado. Controlando o poder militar, Somoza deu um golpe no governo de Sacasa, assegurando para si o poder político e inaugurando uma dinastia que durou 43 anos.

Os primeiros vinte anos do regime foram tranquilos para a família Somoza. A década de 1950, no entanto, trouxe novidades: um grupo de jovens opositores assassinou Somoza García, abrindo oportunidades para a mobilização política dos exilados congregados nos países vizinhos. Apesar da repressão desatada por pelos filhos de Somoza, que o sucederam no poder, a primeira guerrilha contra o governo foi organizada pelo octogenário general Raudales e o coronel García, ambos do exército de Sandino.

É possível pensar, portanto, que esses grupos passaram por um processo de *abeyance*⁸³ ou inatividade temporária. Ao perceberem as novas oportunidades de ação, dispuseram-se imediatamente a participar. A vitória do Movimento 26 de Julho (M-26-7), de Fidel Castro e Che Guevara, em Cuba, em 1959, animou mais ainda as redes de ativistas, que passaram rapidamente à ação. Os partidos da oposição moderada, em menor escala, também participaram das ações armadas.

Pelo menos dez movimentos armados e sete movimentos de resistência civil foram contabilizados no primeiro ciclo de confronto que antecedeu a Frente Sandinista, com duração de 1958 a 1963. A disparidade do poder militar dos ativistas com o da Guarda Nacional e a falta de apoio da população levaram à derrota inicial.

Surgiu, então, uma nova configuração de oportunidades e ameaças, que permitiu o aparecimento de um novo tipo de oposição, constituído de uma geração mais jovem, mais radical, que se identificava com a Revolução Cubana, com a campanha nacionalista e anti-imperialista de Sandino, e com um programa de liberdades democráticas.

Nessa mudança geracional do perfil dos mobilizados, constituiu-se também uma nova liderança. Os jovens ativistas mobilizados no ciclo de confronto encontraram um líder observador e estudioso da experiência nacional e da luta de outros povos contra regimes opressores, audaz e persistente e convicto da vitória. Era Carlos Fonseca que, com "paciente impaciência" (BORGE, 1989), foi guiando o grupo na construção do movimento sandinista, cujas influências mais substantivas foram o ESDN de Sandino e o M-26-7 de Fidel e Che.

⁸³ TAYLOR, Verta. The Women's Movement in Abeyance. *American Sociological Review*, v. 54, n. 5 (October, 1989), p. 761-775. *Abeyance*: processo pelo qual movimentos sociais mantêm atividade durante picos de diferentes ciclos de confronto.

Formou-se, então, a FSLN, que elegeu no repertório de confronto disponível uma *performance* política violenta, a luta armada, que já havia sido utilizada por Sandino e pelo M-26-7 durante suas campanhas vitoriosas. A escolha da FSLN por essa estratégia explica-se pelo contexto mais de ameaças do que de oportunidades para a ação política pública. As derrotas das guerrilhas nos anos 1960 e o quase aniquilamento do movimento levaram os líderes da FSLN a compreender que apenas com o uso de um repertório violento poderiam ganhar a guerra contra os Somoza. Essa configuração política deu condições para a emergência de um ativismo de alto risco, apoiado por um ativismo de *performances* não violentas.

O segundo capítulo tratou de duas dimensões cruciais para a emergência do ativismo de alto risco: a configuração de uma liderança e de enquadramentos interpretativos (*frames*) orientadores da mobilização. Argumentou-se que, como líder de ação (*task-oriented*), Carlos Fonseca mobilizou recursos humanos e materiais necessários para pôr e manter em funcionamento o movimento sandinista. Para suas ações, apoiou-se na leitura minuciosa de outras experiências guerrilheiras, analisando o repertório mobilizado pelas autoridades, cuidando de não deixar sem resposta qualquer ação do governo, e exigindo dos ativistas atenção, unidade e permanente exame dos erros e fragilidades.

Como líder carismático (*people-oriented*) ele foi – e ainda é – um mito na Nicarágua. O jornalista colombiano Álvaro Osorio⁸⁴ testemunhou esse fascínio na comemoração do quarto aniversário da revolução, em 1981, na cidade de León. Mais de 100 mil pessoas amontoavam-se, cantando canções antiamericanas, com milhares de bandeiras da Nicarágua e da Frente Sandinista e dois painéis gigantescos com os rostos de Carlos Fonseca e Sandino. O mestre de cerimônias anunciou: "'Preside este ato o comandante Carlos Fonseca'. [...] Os jornalistas olhavam, procurando o fundador da Frente Sandinista. Apenas uma cadeira vazia ao lado de Tomás Borge. Para os nicaraguenses Fonseca não morreu".

Fonseca foi o responsável pela construção do sandinismo, que guiaria a mobilização da FSLN, a partir de dois enquadramentos interpretativos, o nacionalismo anti-imperialista, de Sandino, e o *marxismo revolucionário*, da Revolução Cubana. A difusão do segundo enquadramento aconteceu por meio de redes de relações políticas cultivadas pelos ativistas, especialmente por uma estreita relação entre militantes nicaraguenses e atores do novo poder cubano, assim como pela interpretação de que a conjuntura local era similar à de Cuba e que, portanto, era possível emular o exemplo cubano. O enquadramento do nacionalismo anti-imperialista difundiu-se pela via dos cubanos e de membros do exército de Sandino (que se

⁸⁴ OSORIO MEJÍA, Álvaro. **León era un mar de banderas**. <http://www.semana.com/mundo/articulo/leon-era-un-mar-de-banderas/3441-3>

ocultavam nos países vizinhos e foram procurados por Fonseca), bem como pela leitura dos livros proibidos por Somoza, que haviam sido produzidos por estudiosos estrangeiros sobre a guerrilha de Sandino.

Usando os dois enquadramentos, Fonseca fez um diagnóstico da situação, que apontava para um quadro de injustiça, provocado por agentes concretos: a dinastia somozista e sua Guarda Nacional, e o governo norte-americano.

A estratégia identificada por ele para vencer foi a construção de um movimento revolucionário que pudesse liderar a derrubada da dinastia, inspirado pela ação, valores morais e símbolos nacionalistas e anti-imperialistas de Sandino e do novo marxismo de Che Guevara. A meta era a tomada do poder e a concretização de mudanças políticas, sociais e econômicas no país. Enquadrava a realidade "lá fora" na frase *¡Patria Libre o Morir!* E como símbolo, usava a bandeira rubro-negra, com a inscrição FSLN.

Um terceiro enquadramento juntou-se aos dois anteriores no período revolucionário: o cristão revolucionário. Carlos Fonseca repetia que a FSLN venceria com um amplo movimento antissomozista. Suas aproximações e do também fundador da FSLN, Tomás Borge, com os sacerdotes cristãos que estavam ancorados na Teologia da Libertação iniciou um debate que resultou no recrutamento individual dos ativistas do movimento cristão pela FSLN. O enquadramento interpretativo está condensado no slogan *¡Entre cristianismo y revolución no hay contradicción!*

No terceiro capítulo, reconstruiu-se o perfil das(os) ativistas da FSLN, com base na análise de 121 entrevistas elaboradas por Mónica Baltodano (2010; 2012) e compiladas no livro *Memórias da luta sandinista*. A análise das carreiras das(os) militantes permitiu identificar que se tratava de um grupo de liderança da FSLN. Das(os) entrevistadas(os), mais de 20% receberam o título de *Comandante da Revolução*, *Comandante Guerrilheira* ou *Comandante Guerrilheiro*, por sua destacada participação no combate à ditadura do regime somozista.

A média de idade quando do triunfo da Revolução Sandinista foi de 26-27 anos, uma das lideranças mais jovens entre os movimentos guerrilheiros rurais latino-americanos. Estudantes universitários (52,9%) e estudantes secundaristas (20,6%) somaram cerca de três quartos do total de ativistas entrevistadas(os).

Nos movimentos guerrilheiros rurais latino-americanos, de acordo com Wickam-Crowley (1992), predominaram pessoas com diploma superior e estudantes universitários. No caso nicaraguense, prevaleceram os estudantes universitários na guerrilha rural, e um misto de universitárias(os) e secundaristas nas cidades. O maior volume de recrutamento das(os) se-

cundaristas ocorreu entre 1976 e 1978, quando as cidades foram se tornando cenário principal do confronto com a ditadura.

Os estudos acadêmicos mencionam que 30% das pessoas combatentes eram mulheres (WICKAM-CROWLEY, 1992; CHINCHILLA, 1990; MOULINEX, 1985; RANDALL, 1982), mas não há, nesses estudos, dados empíricos que confirmem essas afirmações. A análise das entrevistas de Baltodano permitiu identificar que quase um terço do total dos ativistas eram mulheres, confirmando as afirmações sobre a alta participação feminina no combate sandinista à ditadura. As primeiras ativistas foram recrutadas na década de 1960, passando, na década de 1970, a ter um ritmo de crescimento maior do que o dos homens no interior da FSLN.

Entre os fatores individuais que facilitam o engajamento das e dos ativistas na FSLN estão as medidas de disponibilidade biográfica – pessoas livres de compromissos familiares e responsabilidades de emprego. No caso nicaraguense, o contexto estudantil mencionado acima está relacionado positivamente com faixas de idade baixas e alta disponibilidade de tempo. O resultado revela que mais de 84% das pessoas estava na faixa etária de 16 a 24 anos no momento do engajamento, o que demonstra a extrema juventude do grupo. A ocupação de "estudante" da maioria (62%) e a faixa etária muito jovem predispueram as pessoas para o engajamento.

Outro fator individual para o engajamento é sua forte identificação com as ideias e valores do movimento. Os motivos citados pelos(as) ativistas para entrar no movimento mostram uma concordância geral com os enquadramentos interpretativos construídos pelos líderes da FSLN. E poderiam ser resumidos na frase: "acabar com a tirania somozista e alcançar o bem-estar da população". O "sacrifício" e o "exemplo" foram citados como valores altamente estimados pelos ativistas, assim como a "coerência" entre valores e prática. Esses valores estavam entre os principais promovidos pelo movimento sandinista, ao mesmo tempo em que se coadunavam com os valores dos cristãos revolucionários ligados à Teologia da Libertação.

Os fatores estruturais que predispõem para o engajamento nos movimentos de alto risco e alto custo são os laços sociais que, segundo McAdam e Paulsen (1993) podem tanto inibir como promovê-lo. No caso aqui estudado, os laços sociais fortes – familiares e amigos – são de grande importância para a mobilização de alto risco: 77,5% das pessoas entrevistadas foram recrutadas por recrutadoras(es) com quem mantinham laços fortes, o que corrobora o modelo de recrutamento de McAdam.

O autor ainda afirma que outro tipo de laços, o engajamento prévio em organizações sociais, facilita o recrutamento, pois essas organizações vão paulatinamente socializando os

indivíduos na carreira de ativista, facilitando o enquadramento e reenquadramento do mundo social em que vivem.

Em consonância com essa perspectiva, foram reconstruídos neste estudo os contextos de recrutamento – comunidades/identidades que poderiam facilitar ou inibir o ativismo de alto risco – que deram origem ao ativismo sandinista. Tais contextos foram classificados em quatro categorias, conforme o nicho principal no qual se deu o engajamento: movimento estudantil; movimento religioso; partidos/movimentos políticos/armados; e movimento sindical.

Dois desses contextos empurraram os ativistas ao compromisso com o movimento clandestino FSLN: o movimento estudantil e o movimento religioso, que capturaram 57,8% das pessoas engajadas. Outro contexto importante foi o dos partidos e movimentos políticos, mais efetivo na primeira década do movimento, já que a maioria de seus fundadores e primeiros ativistas saíram desse contexto. Apesar de sua heterogeneidade – partidos e movimentos com diferentes enquadramentos e repertórios de confronto –, eles mobilizaram 17,6% das(os) ativistas.

O contexto movimento sindical capturou um número pequeno de ativistas (2%). A explicação é que, devido à repressão, o movimento sindical nicaraguense desenvolveu-se com muitas dificuldades. Só no tramo final, entre 1978-1979, foram organizadas associações de mulheres e de trabalhadores do campo, obedecendo a iniciativas sandinistas que serviram de apoio à estratégia da insurreição contra a ditadura.

Esta pesquisa tem também achados empíricos que permitem questionar argumentos sobre o ativismo de alto risco tal qual aparece na literatura internacional. Na análise de McAdam e Paulsen (1993), o conceito de contextos de recrutamento foi construído a partir do alinhamento dos ativistas da campanha pelos direitos civis às ideias de determinados partidos ou comunidades no interior das universidades norte-americanas e sua participação prévia nesses contextos. Eles aparecem como espaços sociais e políticos preexistentes que empurram ou não os ativistas à participação. O caso da Nicarágua mostra uma cena distinta. Ao longo do processo de recrutamento, a FSLN participou diretamente na construção de alguns desses contextos, como foi o caso do movimento estudantil, no qual os ativistas circulavam do espaço clandestino ao espaço político público recrutando militantes e influenciando diretamente as campanhas pelos direitos humanos ou de defesa da autonomia universitária. Esse contexto sofreu a influência direta do movimento de alto risco, tornando-se sua fonte principal de recrutamento.

Pode ser observada uma relação similar entre a FSLN e o contexto de recrutamento dos cristãos revolucionários. As comunidades eclesiais de base (CEB's), localizadas nos bair-

ros das principais cidades, passaram a ser influenciadas pelos enquadramentos sandinistas, chegando a ser a segunda fonte de recrutamento de ativistas. Ao mesmo tempo, a FSLN foi considerando que a participação dos cristãos seria vital para o triunfo da revolução.

O modelo de McAdam também não leva em conta o impacto, em termos de volume e forma, das conjunturas políticas nos processos de recrutamento/engajamento. Para entender quais foram esses impactos, este estudo fez um esforço para dividir o movimento em cinco fases, correlacionando-as com as estratégias de ação política e os repertórios do confronto adotadas em resposta à repressão das autoridades. As fases são: 1ª) Fundação: guerrilhas rurais (1961-1967); 2ª) Redefinição das estratégias: das guerrilhas rurais às cidades (1968-1970); 3ª) Recuo defensivo e a adesão de bases urbanas e rurais (1971-1974); 4ª) Divisão da FSLN em três Tendências, aliança com oposição moderada e ofensiva militar (1975-1977); 5ª) Ciclo de confronto: a chamada à insurreição e à Revolução (1978-1979).

Os dois períodos de maior recrutamento das pessoas entrevistadas foram a segunda (30,4%) e terceira (35,3%) fases. Nelas, houve uma combinação do repertório violento com um repertório não violento: as guerrilhas nas montanhas com a formação de redes de camponeses de abastecimento e informação; e as *performances* violentas pontuais nas cidades, combinadas com as agendas reivindicatórias e conectadas à política nacional do movimento estudantil e religioso e das comunidades pobres nas cidades.

Essa combinação de repertórios – violento e não violento – revela uma relação forte entre o movimento clandestino e o movimento social que atuava no espaço político público, interessante de ser explorada. Della Porta (1988; 2013), em seus estudos sobre os movimentos clandestinos europeus, encontrou uma relação extremamente frágil entre esses dois movimentos mostrando que, à medida que os movimentos insistiam na via armada sem conexão com a vida pública, se isolavam cada vez mais até ficarem reduzidos a seitas.

Um dos períodos de maior volume de engajamento coincidiu com a fase de divisão da FSLN (1975-1977) em três Tendências, fato que poderia ter minado seu poder de recrutamento. A explicação para esse processo pode ser encontrada na mudança de oportunidades políticas, abertas pela FSLN com uma nova *performance* política, o ataque à casa de Chema Castillo. Esse evento revelou à população a vulnerabilidade do regime somozista, que acabou por ceder a todas as demandas na quebra de braço com a FSLN.

Por outro lado, o fracionamento que tomou conta do movimento – em torno das estratégias militares para derrubada da ditadura – não atingiu a convicção das tendências de que

a ação principal deveria ser abatê-la e continuaram desenvolvendo atividades que se tornariam complementárias.

Assim, os Insurrecionalistas deram ênfase à mobilização para a insurreição nas cidades, à aliança com setores da oposição moderada e à busca de apoio internacional; os Proletários dedicaram-se à organização das associações civis e sindicais, além do tradicional movimento estudantil e religioso; os partidários da Guerra Popular Prolongada deram continuidade à guerrilha nos acampamentos mais próximos das cidades, ao mesmo tempo em que organizavam as comunidades pobres e o movimento estudantil. Identificadas com o discurso antisomozista e vendo a FSLN como único ator político no cenário nacional capaz de enfrentar o *status quo*, muitas pessoas animaram-se a entrar na briga.

Como um todo, a dissertação, portanto, acompanhou o processo político de configuração de um caso de ativismo de alto risco, desde a sua gênese até o momento de sua dissolução, em função da concretização de seu objetivo máximo, a revolução.

Cabe ainda apontar como este caso, embora possa ser parcialmente explicado por meio da mobilização dos conceitos apresentados pela Teoria do Confronto Político, traz também problemas para as explicações anteriores inspiradas nessa abordagem. Isso porque McAdam, principal expoente dessa teoria, desenvolveu-a para tratar do ativismo de alto risco em um contexto democrático, a campanha *1964 Mississippi Freedom Summer* nos Estados Unidos, situação, portanto, muito diferente da existente no contexto nicaraguense. O recrutamento dos norte-americanos, por outro lado, foi realizado durante uma campanha de curta duração, e não ao longo de vários anos, como no caso da FSLN, que atravessou conjunturas muito diferentes.

O modelo de McAdam não considera a violência do Estado, e no caso dos países com regimes ditatoriais, essa variável deve ser levada em conta na equação do ativismo de alto risco. O elemento já havia sido levantado por Viterna (2006), no caso de El Salvador, onde a repressão apresentou variações ao longo dos 11 anos de atividades da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN): no início, foi indiscriminada, experimentando uma leve queda, até aumentar nos últimos anos, dessa vez mais dirigida aos ativistas. O argumento dela é que esses diferentes contextos estão relacionados aos caminhos que as mulheres seguiram para seu engajamento na FMLN.

No caso da Nicarágua, a repressão também variou ao longo do tempo, intensificando-se sobretudo em dois momentos: de 1967 a 1970, e de 1975 a 1979. Em 1967, com o governo de Anastacio Somoza Debayle, a coerção aumentou sensivelmente, especialmente após a guerrilha de Pancasán, quando Somoza organizou campanhas de extermínio na montanha,

queimando as casas e colheitas dos camponeses, e fazendo-os desaparecer. Nas cidades, Somoza reprimiu os ativistas, como mostram as *performances* daqueles que enfrentaram 300 guardas, tanques e aviões antes de serem assassinados. Isso quase fez desaparecer a FSLN, não fosse a persistência de um grupo de ativistas que sobreviveram e acreditaram na vitória, como mostram os depoimentos das pessoas entrevistadas.

A segunda onda repressiva pegou o ativismo de alto risco da FSLN mais fortalecido, produto de suas vinculações com os movimentos estudantil e cristão na fase de *acumulação de forças em silêncio*, como mostrou esta dissertação. Após a *performance* do assalto à casa de Chema Castillo, em 1975, a repressão passou a atingir toda a população, com o decreto do estado de sítio e cerceamento à liberdade de expressão, o que aumentou a oposição ao Somoza Debayle. As campanhas de extermínio dos camponeses promovidas pelo ditador foram denunciadas por religiosos, organismos de direitos humanos e até pelo *Times*, causando escândalo internacional. Nesse período, o recrutamento das(os) entrevistadas(os) apresentou o maior crescimento.

A escalada repressiva não cessou mais e o estado de sítio foi levantado por insistência do governo Carter e de sua política dos direitos humanos. Foi o assassinato do jornalista Pedro Joaquín Chamorro, no entanto, o evento que mais jogou a favor da FSLN, pois ele era o único ator que havia se mostrado como capaz de disputar o poder com o regime somozista.

Esse fato desencadeou um período de insurreição, que culminou com o triunfo de uma Revolução Popular Sandinista e com a derrubada de uma das ditaduras mais longas e sangrentas do continente latino-americano.

Uma das contribuições mais importantes desta pesquisa é mostrar, com base nos dados empíricos coletados nas entrevistas, qual o modelo de recrutamento que a Frente Sandinista colocou em prática, assim como qual o perfil das(os) entrevistadas(os). Sabia-se, por exemplo, que estudantes e jovens cristãos foram atraídos pelos enquadramentos sandinistas, mas os dados revelam o tamanho da adesão. Igualmente, a pesquisa exhibe qual a dimensão da participação das mulheres no grupo de liderança da FSLN (cerca de 30%).

Indo além dos dados, cabe destacar aqui a riqueza dos depoimentos dos ativistas da Frente Sandinista, que manifestaram seus sentimentos de amizade e admiração por seus recrutadores, e como esses sentimentos os "chamavam a cumprir o dever", enfrentando e superando as barreiras do medo das torturas e da morte. Também ressaltam que a FSLN tornou-se ao longo do tempo o único movimento admirado pela sua capacidade de enfrentamento ao regime somozista e pela disposição ao sacrifício de seus ativistas. Muitos cristãos refletiam sobre

essa disposição, incidindo na sua decisão de participar até as últimas consequências, em nome da fé. Finalmente, a figura central do líder Carlos Fonseca, com seus atributos reais ou sobrenaturais, exercia certamente uma influência positiva em termos de engajamento. Todas/os que o conheceram sentiram-se privilegiados de dividir com ele alguns momentos.

Isto nos leva a pensar na complexidade e na conjunção de fatores que propiciam o engajamento e permanência numa organização de alto risco por muitos anos, no caso da Nicarágua, na clandestinidade. Os laços de amizade e solidariedade criados entre os ativistas, tão fortes quanto os familiares, permitem a construção de uma nova comunidade, e o fortalecimento cotidiano dos valores, crenças e ideias comuns.

Para aprofundar o conhecimento sobre os movimentos de alto risco, e sobre a Frente Sandinista, em particular, esta pesquisa sugere o estudo do banco de dados das(os) militantes da II Promoção, que inclui aproximadamente 1500 pessoas, que foram recrutadas até nove meses antes do triunfo da revolução nicaraguense. De acordo com a comandante guerrilheira Mónica Baltodano⁸⁵, que participou do processo de seleção das pessoas que iriam receber o carnê de reconhecimento pela sua participação, é o banco de dados mais importante sobre os militantes da FSLN.

⁸⁵ Entrevista concedida em 18/02/2014.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Revista Sociologia & Antropologia**, v. 2, n. 3, p. 21-41, 2012.

AMINZADE, Ronald; MCADAM, Doug. Emotions and Contentions Politics. In: Aminzade, Ronald et al. (Eds.). **Silence and Voice in the study of contentious politics**. Cambridge University Press, 2001.

ARIAS, Pilar. **Nicaragua: revolución**. 4ª ed. México: Siglo XXI, 1985.

BACCHETTA, Víctor L. El desmoronamiento político de un ejército. La Guardia Nacional Somocista. **Nueva Sociedad**, n. 81, p. 19-35, 1986.

BALTODANO, Mónica. **Memorias de la lucha sandinista**. Managua: Fundación Rosa Luxemburgo, Tomos 1- 2 - 3, 2010.

_____. **Memorias de la lucha sandinista**. Managua: Fundación Rosa Luxemburgo, Tomo 4, 2012.

BATAILLON, Gilles. De Sandino aos Contras: Formas e práticas da guerra na Nicarágua. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 5, n. 2, 2011.

BELAUSTEGUIGOITIA, Ramón. **Con Sandino en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985.

BENNANI-CHRAÏBI Mounia; FILLIEULE Olivier. Pour une sociologie des situations révolutionnaires. **Revue française de Science Politique**, v. 62, n. 5, p. 767-796, 2012.

BENFORD, Robert D. & SNOW, David A. Framing Processes and Social Movements: An Overview and Assessment. **Annual Review of Sociology**, v. 26, p. 611-639, 2000.

BLANDÓN, Miguel de Jesús. **Entre Sandino y Fonseca Amador**. 2ª ed. Managua: Impresiones y Troqueles, 1980.

BLANDÓN, Miguel de Jesús. Patriotas que no deben quedar en el olvido. **El Nuevo Diario**, 23/09/2007. Disponível em: <http://archivo.elnuevodiario.com.ni/nacional/220936-patriotas-que-no-deben-quedar-olvido/> Acesso em 11 Set. 2015.

BORGE MARTÍNEZ, Tomás. **Carlos, el amanecer ya no es una tentación**. Managua: Nueva Nicaragua, 1982.

_____. **El Axioma de la Esperanza**. Bilbao: Desclée de Brouwer, S. A. 1984.

_____. **La paciente impaciencia**. La Habana: Casas de las Américas, 1989.

CABEZAS, Omar. **La montaña es algo más que una inmensa estepa verde**. 3ª ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1985.

CARDENAL, Ernesto. Lo que fue Solentiname (Carta al pueblo de Nicaragua). **Nueva Sociedad**, n. 25, marzo-abril, p. 165-167, 1978.

CHABOT, Sean. Transnational diffusion and the African American reinvention of Gandhian repertoire. **Mobilization: An International Quarterly**, v. 5, n. 2, p. 201-216, 2000.

CHIHU, Amparán A; López Gallegos A. **El análisis de los marcos”en la obra de William Gamson**. Estudios Sociológicos (on line), 2004, XXII, (mayo-agosto), p. 435-460. Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59806507>. Acceso en: 13 oct. 2015.

CHINCHILLA, Norma. Revolutionary Popular Feminism in Nicaragua: Articulating Class, Gender, and National Sovereignty. **Gender and Society**, v. 4, n. 3, Special Issue: Women and Development in the Third World (Sep., 1990), p. 370-397 Published.

CHRISTIAN, Shirley. **Nicaragua Revolución en familia**. Rio de Janeiro: Record, 1985.

CUMMINS, Lejeune. **Don Quijote en burro**. Managua: Nueva Nicaragua, 1983.

DELLA PORTA, Donatella. Las motivaciones individuales en las organizaciones políticas clandestinas. In: Tejerina Montaña, Benjamin; Ibarra Guel, Pedro (Eds). **Los movimientos sociales: transformaciones políticas y cambio cultural**. Trotta, p. 219-242, 1998.

_____. Recruitment processes in clandestine political organizations: Italian left-wing terrorism. **International Social Movement Research**, v. 1, p. 155-169, 1988.

_____. Competitive escalation during protest cycles. **Clandestine Political Violence**. Cambridge: University Press, 2013.

DUNKERLEY, James. **Power in the Isthmus: A Political History of Modern Central America**. London, England and New York, NY: Verso Press, 1988.

FILLEULE, Olivier. Post scriptum: Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue française de Science Politique**, v. 51, n. 1, p. 199-215, 2001.

_____. **Le désengagement militant**. Paris: Editions Belin, 2005. 319 p.

_____. Le désengagement d'organisations radicales. Approche par les processus et les configurations. **Lien social et Politiques**, n. 68, automne, 2012.

FONSECA, Carlos. **Bajo la bandera del Sandinismo**. Prefacio de Humberto Ortega Saavedra. 3ª ed. Managua: Nueva Nicaragua. IES, 1985. 424 p.

_____. **Viva Sandino**. Prefacio de Jaime Wheelock Román. 2ª ed. Managua: Nueva Nicaragua. IES, 1985. 199 p.

FORAN, John. A theory of Third World revolutions: Iran, Nicaragua and, El Salvador compared. **Critical Sociology** v.19, n. 2, p. 3-27, 1992.

_____; GOODWIN, Jeff. Revolutionary outcomes in Iran and Nicaragua: Coalition fragmentation, war, and the limits of social transformation. **Theory and Society** v. 22, n. 2, p. 209-247, 1993.

GAMSON, William A. **Talking Politics**. New York: Cambridge University Press, 1992.

GAXIE, Daniel. Retribuciones de la militancia y paradojas de la acción colectiva. **Intersticios. Revista sociológica de pensamiento crítico**, v. 9 (2), p. 131-153, 2015.

GIRARDI, Giulio. **Sandinismo, marxismo, cristianismo en la nueva Nicaragua**. Centro Ecueménico Antonio Valdivieso. México: Ediciones Nuevomar, S. A. de C.V., 1986.

_____, Giulio. **Fe en la revolución, revolución en la cultura**. Managua: Nueva Nicaragua - Monimbó. 1983.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GOLDSTONE, Jack A. The Comparative and Historical Study of Revolutions. **Annual Review of Sociology**, v. 8, p. 187-207, 1982

GOODWIN, Jeff. Revolutionary Movements in Central America: A Comparative Analysis. In HALL, John. **The state**. Psychology Press, 1993.

_____. Toward a fourth generation of Revolutionary Theory. **Annual Review Political Science**, v. 4, p. 139-87, 2001.

_____. **No other way out**: States and revolutionary movements, 1945-1991. Cambridge University Press, 2001.

GOULD, Roger V. Why do networks matter? Rationalist and Structuralist Interpretations. In: Diani, Mario; McAdam, Doug. **Social Movements and Networks. Relational approaches to collective action**. Oxford: 2003, p. 233-257.

GUEVARA, Che. Proyecciones sociales del Ejército Rebelde. 1959. **Marxists Internet Archive**. <https://www.marxists.org/espanol/guevara/59-proye.htm>. Acesso em: 13 Ago. 2015.

_____. La guerra de guerrillas. 1961. **Livrodot.com**. Disponível em: http://dspace.usalca.cl:8888/bibliotecas/librodot/guerra_guerrillas.pdf. Acesso em: 15 Ago. 2015.

_____. Crear dos, tres...muchos Vietnam. Mensaje a los pueblos del mundo a través de la Tricontinental. 1967. **Marxists Internet Archive**. Disponível em: https://www.marxists.org/espanol/guevara/04_67.htm. Acesso em: 13 Ago. 2015.

HARNECKER, Marta. **El papel de la vanguardia**. Entrevista a Jaime Wheelock - miembro de la Dirección Nacional del FSLN - sobre la historia del FSLN. Disponível em: <http://www.rebellion.org/docs/90185.pdf>. Acesso em: 05 Ago. 2015.

HERNÁNDEZ NAVARRO, Luis. Rodolfo Romero, el internacionalista. **Opinión**, México, 19 de julio de 2012. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2012/07/19/opinion/044a1soc>. Acesso em: 26 Jul. 2015.

HODGES, Donald C. **Intellectual foundations of the Nicaraguan revolution**. University of Texas Press, 1986.

INSTITUTO DE ESTUDIOS DEL SANDINISMO (IES). **¡Y se armó la runga...!** Testimonios de la insurrección popular sandinista en Masaya. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.

I PUIG, Salvador Martí. La Izquierda Revolucionaria en Centroamérica: el FSLN desde su fundación a la Insurrección Popular. **Working Papers**, n. 203 Institut de Ciències Polítiques i Socials Universitat Autònoma de Barcelona, 2002.

_____.; CLOSE, David W. **Nicaragua y el FSLN (1979-2009): ¿Qué queda de la revolución?** Editions Bellaterra, 2009.

JASPER, James. Ritual and emotions at Diablo Canyon: Sustaining activist's identities. In: **The Art of Moral Protest. Culture, Biography, and Creativity in Social Movements**. Chicago, University of Chicago Press, p. 183-209, 1997.

KINLOCH TIJERINO, Frances. **Historia de Nicaragua**. Managua: IHNCA-UCA, 2005.

KOROL, Claudia. Mónica Baltodano, comandante guerrillera sandinista. **Pañuelos en rebeldía**, 2003. Disponível em:
http://www.panuelosenrebeldia.com.ar/index2.php?option=com_content&task=view&id=265&pop=1&page=0&Itemid=59. Acesso em: 04 ago. 2015.

KURZMAN, Charles. Structural Opportunity and Perceived Opportunity in Social-Movements Theory: The Iranian Revolution of 1979. **American Sociological Revue**, v. 61, February, p. 153-170, 1996.

_____. The poststructuralist consensus in social movement theory. In: Goodwin, Jeff; Jasper James (eds.). **Rethinking Social Movements: Structure, Meaning, and Emotion**. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2004.

LÓPEZ BERNAL, Carlos Gregorio. Alberto Masferrer, Augusto César Sandino: Antiimperialismo, espiritualismo y utopía en la década de 1920. **Revista Complutense de Historia de América**, v. 35, p. 87-108, 2009.

LOVEMAN, Mara. High Risk Collective Action: Defending Human Rights in Chile, Uruguay, and Argentina. **American Journal of Sociology**, v. 104, n. 2, September 1998, p. 477-525.

LOWY, Michael. **"Ni calco ni copia": Che Guevara en búsqueda de un nuevo socialismo**. Disponível em: http://www.pucsp.br/neils/downloads/v9_artigo_lowy.pdf. Acesso em: 27 set. 2015

LOZANO, Lucrecia. **De Sandino al triunfo de la Revolución**. 1a. ed. México: Siglo XXI Editores, 1985.

MCADAM, Doug. Recruitment to High-Risk Activism: The Case of Freedom Summer. **American Journal of Sociology**, v. 92, n. 1 (Jul.), p. 64-90, 1986.

_____. Gender as a Mediator of the Activist Experience: The Case of Freedom Summer. **American Journal of Sociology**, v. 97, n. 5 (Mar.), p. 1211-1240, 1992.

_____. 'Initiator' and 'Spin-off' movements: Diffusion processes in protest cycles. **Repertoires and cycles of collective action**, p. 217-39, 1995.

_____. Pour dépasser l'analyse structurale de l'engagement militant. In: Fillieule, O. (org.) **Le désengagement militant**. Paris: Editions Belin, 2005.

_____; PAULSEN, Ronnelle. Specifying the Relationship Between Social Ties and Activism. **American Journal of Sociology**, v. 99, n. 3 (Nov.), p. 640-667, 1993.

_____; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Dynamics of Contention**. Cambridge University Press, 2001.

_____. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, 76, p. 11-48, 2009.

MEDINA, Fabián. Memorias de la lucha sandinista. **Entrevista a Mónica Baltodano**. Disponible em: <http://www.sinpermiso.info/textos/index.php?id=4726>. Acesso em: 04 ago. 2015.

MOLYNEUX, Maxine. Mobilization without Emancipation? Women's Interests, the State, and Revolution in Nicaragua. **Feminist Studies** v. 11, n. 2 (Summer) p. 227-254, 1985.

MORALES AVILÉS, Ricardo. **No paramos de andar jamás**. 2ª ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1983.

NEPSTAD, Sharon Erickson; CHRISTIAN Smith. Rethinking recruitment to high-risk/cost activism: The case of Nicaragua Exchange. **Mobilization: An International Quarterly**, v. 4, n. 1, 1999, p. 25-40.

ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. **50 anos de luta sandinista**. São Paulo: Editora Quilombo, 1980.

- _____. **La epopeya de la insurrección**. 2ª ed. Managua: Lea Grupo Editorial, 2010.
- PARSA, Misagh. **States, ideologies, and social revolutions: A comparative analysis of Iran, Nicaragua, and the Philippines**. Cambridge University Press, 2000.
- PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Social Networks and Individual Perceptions: Explaining Differential Participation in Social Movements. **Sociological Forum**, Vol. 16, No. 1. (Mar., 2001), p. 123-153.
- PÉREZ VALLE, Eduardo. **Nicaragua desde el mirador de nuestra historia**. Disponível em: <http://eduardoperezvalle.blogspot.com.br/2014/11/doris-tijerino-haslam-el-saludo-con-la.html>. Acesso em: 05 nov. 2015.
- RAMÍREZ, Sergio. **El pensamiento vivo de Sandino**. Managua: Nueva Nicaragua, 1981.
- _____. **Adiós muchachos**. Una memoria de la revolución sandinista. San José: Santillana, 1999.
- _____. **La marca del Zorro: Hazañas contadas por el comandante Francisco Rivera Quintero a Sergio Ramírez**. 2a. ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1999.
- RAMOS, Helena. Entrevista a Doris Tijerino. **Revista 7 días**.
- RANDALL, Margaret. **Cristianos en la revolución**. Managua: Nueva Nicaragua, 1983.
- _____. **Estamos todas despiertas**. São Paulo: Global Editora, 1982.
- READ, Jean-Pierre. Emotions in context: Revolutionary accelerators, hope, moral outrage, and other emotions in the making of Nicaragua's revolution. **Theory and Society**, v. 33, p. 653–703, 2004.
- REIF, Linda. Women in Latin American Guerrilla Movements: A Comparative Perspective. **Comparative Politics**, v. 18, n. 2 (Jan.), p. 147-169, 1986.
- RODRIGUES, Lygia. **A revolução sandinista e a questão nacional na Nicarágua**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). 189 f. Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.
- ROMÁN, José. **Maldito país**. Managua: Ediciones El Pez y la Serpiente, 1979.

RYAN, Phil. Structure, Agency, and the Nicaraguan Revolution. **Theory and Society**, v. 29, n. 2 (Apr.), p. 187-213, 2000.

SADDI, Rafael. **O Ascetismo Revolucionário do Movimento 26 de Julho: o *sacrifício* e o *corpo* na Revolução Cubana (1952-1958)**. 209 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SELSER, Gregorio. **Sandino, General de hombres libres**. Managua: Aldilá editor, 2004.

SNOW, David et al. Frame Alignment Processes, Micromobilization, and Movement Participation. **American Sociological Review**, v. 51, n. 4. (Aug., 1986), p. 464-481.

SNOW, David; BENFORD, Robert D. Master Frames and Cycles of Protest. In: Morris, Aldon; McClurg Mueller, Carol (eds.). **Frontiers in Social Movement Theory**. Yale University Press, 1992.

_____. Ideology, frame resonance and participant mobilization. **International Social Movement Research**, v. 1, 1988.

TARROW, Sidney. Cycles of collective action: Between moments of madness and the repertoire of contention. **Repertoires and cycles of collective action**, p. 89-115, 1995.

_____. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Tradução de Ana Maria Sallum. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 319 p.

TILLY, Charles. **From mobilization to revolution**. New York: McGraw-Hill, 1978. 349 p.

_____. Violence as politics. **The politics of collective violence**. Cambridge: University Press, 2003.

TIRADO LÓPEZ, Víctor. **Nicaragua: una nueva democracia en el Tercer Mundo**. Managua: Editorial Vanguardia, 1986.

TORRES ESPINOZA, Edelberto. **Sandino y sus pares**. Managua: Nueva Nicaragua, 1983.

TORRES, Hugo. **Rumbo norte. Historia de un sobreviviente**. Managua: Editorial Hispamer, 2a. ed., 2003.

TORRES-RIVAS, Edelberto. Centroamérica. Revoluciones sin cambio revolucionario. **Nueva Sociedad** n. 150 Julio-Agosto, p. 84-89, 1997.

_____. **La piel de Centroamérica:** (una visión epidérmica de setenta y cinco años de su historia). Flacso, 2007.

_____. **Centroamérica: entre revoluciones y democracia.** México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

VILAS, Carlos M. **Perfiles de la revolución sandinista.** La Habana: Casa de las Américas, 1984.

_____. El Sujeto Social de la Insurrección Popular: La Revolución Sandinista. **Latin American Research Review**, v. 20, n. 1, p. 119-147, 1985.

VITERNA, Jocelyn. Pulled, pushed, and persuaded: Explaining Woman's mobilization into the Salvadorian guerrilla army. **American Journal of Sociology**, v. 112, n. 1 (July), p. 1-45, 2006.

WHEELLOCK ROMÁN, Jaime. **Diciembre victorioso.** 7ª ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1982. 110 p.

_____. **Imperialismo y dictadura.** Managua: Nueva Nicaragua, 1985. 240 p.

_____. **El gran desafío.** 2ª ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1985. Entrevista por Martha Harnecker. 2ª ed. Managua: Nueva Nicaragua, 1985. 133 p.

WICKHAM-CROWLEY, Timothy P. **Guerrillas and revolution in Latin America:** A comparative study of insurgents and regimes since 1956. Princeton University Press, 1992.

WILTFANG, Gregory L; MCADAM, Doug. The Costs and Risks of Social Activism: A Study of Sanctuary Movement Activism. **Social Forces**, v. 69, n. 4, 1991, p. 987-1010.

WOOD, Elizabeth. The emotional benefits of insurgency in El Salvador. In: Goodwin, Jeff; Jasper James; Poletta, Francesca (eds.). **Passionate Politics. Emotions and Social Movements.** Chicago: University of Chicago Press, 2001.

WRIGHT, Thomas C. **Latin America in the Era of the Cuban Revolution**. Greenwood Publishing Group, 2001. Disponível em: <http://site.ebrary.com/id/10017986?ppg=181>. Acesso em: 06 fev. 2015.

ZWERMANN, Gilda; STEINHOFF, Patricia; PORTA, Donatella. Disappearing social movements: Clandestinity in the cycle of New Left protest in the US, Japan, Germany, and Italy. **Mobilization: An International Quarterly**, v. 5, n. 1, p. 85-104, 2000.

ZIMMERMANN, Matilde. **A revolução nicaraguense**. São Paulo: UNESP, 2006.

_____. **Carlos Fonseca e a revolução nicaraguense**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.